



SHADOW & RUIN

USA TODAY BESTSELLING AUTHOR

AUDREY GREY



Avisos

A PRESENTE TRADUÇÃO FOI EFETUADA DE MODO A PROPORCIONAR AO LEITOR O ACESSO À OBRA, INCENTIVANDO POSTERIORMENTE A AQUISIÇÃO.

O GRUPO NÃO TEM O OBJETIVO DE OBTER LUCROS, SEJA DIRETA OU INDIRETAMENTE.

SELECIONAMOS LIVROS QUE ESTÃO SEM PREVISÃO DE PUBLICAÇÃO NO BRASIL, ASSIM, AFIM DE PRESERVAR DIREITOS AUTORAIS E CONTRATUAIS DE AUTORES E EDITORAS, O GRUPO PODERÁ RETIRAR SEM AVISO PRÉVIO E SUSPENDER O ACESSO AOS LIVROS QUE SERÃO LANÇADOS POR EDITORAS.

PREZE PELO GRUPO, NÃO DISTRIBUA LIVROS FEITOS POR NÓS EM BLOGS, PÁGINAS DO FACEBOOK E CANAIS ABERTOS COMO OS DO TELEGRAM.

NÃO MENCIONE NOSSAS TRADUÇÕES EM REDES ABERTAS, TAIS COMO: TIK TOK E INSTAGRAM.

NUNCA FALE SOBRE LIVROS QUE FORAM FEITOS POR NÓS PARA AUTORES (AS), DIGAM QUE LERAM NO IDIOMA ORIGINAL.

PRESTIGIE SEMPRE QUE PUDER OS AUTORES COMPRANDO SEUS LIVROS, AFINAL ELES DEPENDEM DISSO NÃO É MESMO?



DORINGS



SHADOW FALL

ORDEM DE LEITURA



SUMARIO

SINOPSE

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24



Capitulo 25

Capitulo 26

Capitulo 27

Capitulo 28

Capitulo 29

Capitulo 30

Capitulo 31

Capitulo 32

Capitulo 33

Capitulo 34

Capitulo 35

Capitulo 36

Capitulo 37

Capitulo 38



SINOPSE

Meu nome é Maia Graystone: soldada, comandante do exército rebelde... e o pior pesadelo do imperador.

Depois de passar de traidora desprezada a líder do exército rebelde da noite para o dia, agora sou a garota mais poderosa do império.

Mas o poder sempre tem um preço.

Minha mãe questiona minha posição a cada passo, meus inimigos esperam o momento certo para atacar e o fardo da liderança ameaça meu relacionamento com Riser.

Quando o imperador sequestra alguém que amo, enfrento o impossível, entrar sorrateiramente em Hyperion, seu palácio altamente guardado no céu.

Eu sobrevivi aos Julgamentos das Sombras. Eu sobrevivi às violentas Cortes de Sangue. Mas sobreviver a esta missão final significa decidir de uma vez por todas em quem confiar, o príncipe dourado do meu passado ou o soldado das trevas do meu futuro.

Com a ira de Pandora a apenas alguns dias de distância, vou entrar em um último jogo distorcido de traição, segredos e engano.

O vencedor leva tudo... que os jogos comecem.



CAPITULO 1



A espada de aço brilha enquanto se curva em direção ao meu pescoço. O objetivo é arrancar minha cabeça dos ombros, mas um milhão de sinapses reconstruídas acendem meus nervos e eu me abaixo por instinto, para longe da borda afiada que promete uma morte rápida. Um galho da árvore mais próxima arranha minha bochecha, mas quase não sinto.

A lâmina assobia logo acima em um sibilo curto de víbora.

Ssss.

O som envia um arrepio de adrenalina percorrendo minha pele, seguido por uma onda de náusea ardente. Caio contra o tronco grosso de um cipreste. As folhas gastas do verão estremecem de cima quando Bramble pula em alarme.

Agarrando o punho da minha espada, avanço para golpear meu oponente. Um grunhido escapa de meus lábios ressecados. O suor escorre em meus olhos, transformando a floresta em uma parede borrada de marrom e verde.

Eu pisco e minha espada morde o ar vazio. *Inferno.*

Eu mal paro a espada antes que ela acerte o tronco manchado de um carvalho. Bramble, agarrando-se a um galho fino logo acima, grita enquanto se

afasta de meus balanços violentos. Quando ele chega ao galho superior, longe do meu alcance, suas antenas giram em torno de seu corpo elegante, sondando o ar. Procurando por ela.

Onde ela está?

Sombras brincam no labirinto de troncos cobertos de musgo ao meu redor enquanto eu vasculho a floresta, minha respiração ofegante pesada. As folhas dançam ao nosso redor como estrelas cadentes.

Lá. Uma figura salta das sombras, um fantasma em uma capa esmeralda. Ela não poderia ser mais imponente se fosse um cervo gigante com chifres de nove pontas, uma besta com presas destinada a me matar.

Meu coração dança lateralmente contra minhas costelas.

— Se isso fosse real, você já estaria morta.

Minha mãe sorri para mim, seu sorriso mais nítido do que qualquer arma. Um rubor vermelho se instala em suas maçãs do rosto salientes, seu cabelo, da mesma cor dos troncos das árvores, enrolado em um coque agora solto. Algumas gavinhas crespas formam uma coroa sobre sua cabeça.

Contra minha vontade, procuro em seus olhos calor, seu rosto em busca de orgulho. Mas sua expressão é fria, seus lábios curvados para baixo nos cantos.

Ela é desprovida de qualquer emoção, exceto desdém.

— Você está deixando seu flanco esquerdo exposto. — Acrescenta ela. — E você ainda mostra seus movimentos quando está cansada.

Assim como fui ensinada, puxo o ar constante, até mesmo respiro pelo nariz, enquanto minha mãe me olha com crueldade. Não ajuda que ela esteja certa. Tudo o que tenho que fazer é olhar para minha túnica, onde sua espada rasgou o tecido para confirmar suas palavras.



Ela inclina a cabeça. — Eu pensei que você tinha sido reconstruída com técnicas avançadas de esgrima?

— Eu fui.

— Hmm.

Eu odeio a decepção em sua voz, o tom de zombaria. — Terminamos?

Ela dá um breve aceno de cabeça. — Por enquanto.

Há quanto tempo estamos praticando? Um minuto? Uma hora? Parece dez horas. Um dia. Uma vida inteira, uma vida que não temos.

Sentindo que a luta acabou, Bramble desce até a metade do tronco grosso da árvore e dá um bote no meu ombro. Embora ele seja aproximadamente do tamanho de uma tartaruga de aquário, ele é mais leve do que parece, e o impacto parece ser atingido por uma pinha.

Enquanto ele se aninha em meu pescoço, suas pernas finas se torcem em minha trança e eu puxo a corda de cabelo em meu outro ombro.

Ele gorjeia uma vez e se acalma, sua presença familiar me acalmando.

— Você tem essa coisa bem treinada. — Minha mãe diz, olhando com curiosidade para Bramble.

— Ele não é uma coisa. — Emendo, tentando e falhando em esconder meu aborrecimento. — E eu não o treinei.

— De fato.

A luz do sol salpica a mancha oval de suor que escurece suas costas enquanto ela se vira e pega um odre. Ela joga para mim sem uma palavra. Depois de beber apenas o suficiente para satisfazer minha sede, mas não o suficiente para me pesar e me deixar preguiçosa, eu o jogo de volta. Mesmo que eu queira beber até esvaziar.



— Por que você não gosta da ideia do conselho? — Pergunto, limpando minha boca na manga da minha camisa para cobrir o puxão doloroso dos meus lábios.

— Minha opinião significa tanto para você? — Ela levanta uma sobrancelha graciosa da cor de mel velho. — Eu não me lembro que isso importasse antes.

Você quer dizer quando eu tinha seis anos? Eu quero dizer.

Em vez disso, encolho os ombros, sentindo a dor de sua desaprovação. A maioria dos Adormecidos que formavam o exército de dez mil homens que ocupava a encosta circundante vinha das cidades mais próximas.

A primeira coisa que fiz depois de deixar a fortaleza dos Fienianos e me separar de Nicolai foi criar um conselho cheio de representantes eleitos de cada cidade.

— Você realmente deseja abrir este precedente? — Seus lábios se contraem nos cantos como se ela estivesse reprimindo um sorriso. — Uma vez que você dá o poder, é como água por uma peneira e você nunca vai recuperá-lo.

— Talvez eu não queira poder, mas se você estivesse por perto, você saberia isso sobre mim.

— Todo mundo quer poder. — Ela diz, ignorando minha farpa no final. — Em nosso mundo, poder é igual a sobrevivência.

Tento engolir, mas minha língua seca fica presa no fundo da garganta.

— Bem, eu não desisti. Eu ainda tenho um cargo importante no conselho.

— Um de três.

Riser, Caspian e eu formamos uma espécie de triunvirato. Ainda é uma ideia tosca e, de acordo com minha mãe, uma péssima.

— Quero que as massas se sintam incluídas, que queiram lutar.



— Não seja ingênua. Ninguém quer lutar.

— Você sabe o que eu quero dizer. — Me encolho com o quão petulante minha voz soa. Totalmente incompetente. — Além disso, não me sinto confiante para tomar todas as decisões quando há líderes mais experientes disponíveis com o dobro da minha idade.

— A experiência não torna um líder excelente.

Um suspiro sai de meus lábios. — Então o que o faz?

— A capacidade de tomar decisões difíceis e nunca questionar a si mesmo, por exemplo. Mas o mais importante é que um grande líder aceita a crença de que ele, e somente ele, é o único que pode liderar.

— Bem, isso basicamente me dá um desconto.

— Quer goste ou não, Maia, você é a cara desta guerra. — Minha mãe empurra uma mecha errante de cabelo atrás da orelha e limpa o olhar impaciente de seus olhos.

Desde que estamos juntas, eu a peguei tentando. Tentando ser mais compreensiva. Tentando ser mais calorosa. Tentando ouvir em vez de pedir. Para ser afetuosa quando normalmente seria rude.

Para ser mais maternal.

Estou tentando também. E, no entanto, dificilmente podemos olhar uma para a outra sem discutir cada pequena coisa.

— Se você gosta tanto de opiniões... — Ela começa cuidadosamente. — Então você deve saber que seu plano tem algumas falhas.

— Qual plano?

— De ficar no acampamento outro dia.

Desenho um oito no ar com minha espada, observando os raios quentes de sol escorrendo pela lâmina chanfrada. — Todos os planos têm falhas.



— Não podemos esperar para atacar o castelo. Os rebeldes já se aproximam. Batedores foram capturados perto da borda oeste da floresta.

— Sim, e as informações daqueles batedores apontam para Nicolai esperando mais dois dias para atacar.

— Eles estão mentindo. — Sua voz é monótona, mas seus olhos castanhos brilham com o fogo da certeza que me falta, o tipo que vem da experiência. — Nicolai queria que eles fossem levados para plantar informações falsas.

Embainho minha lâmina no coldre de couro posicionado contra a base da árvore e rolo meus ombros, tomando cuidado para não perturbar Bramble. Ultimamente, ele é sensível ao meu humor e gestos e até suspirar muito alto o deixa preocupado.

Uma leve brisa farfalha no ar, trazendo o cheiro de floresta queimada de dar água nos olhos. A fumaça escurece a paisagem acima, escurecendo o céu prematuramente, embora ainda haja pelo menos meia hora até o anoitecer, e o a Queda da Sombra acabou duas horas atrás.

Como se de repente os quatro cavaleiros do apocalipse estivessem soltos, o mundo entrou em erupção no caos nos últimos dois dias. As tempestades violentas devastam as terras. Tempestades surgem do nada, tornados se desenvolvendo aparentemente do nada e consumindo trechos gigantes de floresta. Os oceanos subiram, engolindo cidades inteiras. Os animais fugiram, deixando nosso acampamento faminto, sem nem mesmo o luxo de caçar pequenos animais para o jantar.

— Eu entendo que você está tentando alimentar e vestir essas pessoas antes de atacarmos, e isso é admirável, Maia. — Meu nome sai desajeitadamente de seus lábios, como se ela não conseguisse lembrar exatamente como dizê-lo. — Mas não podemos nos alimentar, muito menos o exército. O castelo terá depósitos de alimentos, se tivermos sorte.



Flexiono minhas mãos ao lado do corpo e me concentro novamente em minha mãe. Ela está limpando sua espada com uma meticulosidade graciosa que nunca irei possuir. O mesmo que sua confiança e equilíbrio.

Todas as características que ignoraram minha genética e, obviamente, não ocorreram durante minha reconstrução.

— A maioria dos homens em nosso acampamento veio das minas e moinhos. — Relembro. — Eles precisam de treinamento antes de serem enviados para lutar contra os centuriões do imperador. E aqueles que não podem lutar têm um dia inteiro de marcha para os abrigos sob as montanhas. Sem outro dia... a maioria não vai conseguir.

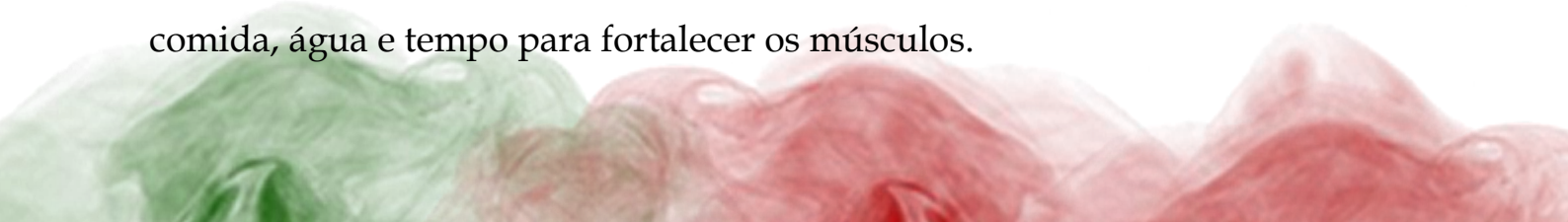
Nosso exército é apenas um ardil, algo para distrair o Imperador enquanto nos esgueiramos para dentro do castelo e encontramos o Mercurian. Mas eles ainda precisam ter uma chance.

— Verdade. — Ela faz uma pausa, mas posso sentir seu argumento ganhando vida na ponta da língua. — E, no entanto, não temos um dia. Nicolai atacará em breve, e se ele capturar o Mercurian, então todas essas pessoas certamente morrerão.

— Riser tem seus melhores rebeldes posicionados em vários pontos do acampamento. No momento em que eles se mobilizarem, saberemos.

Forço meu rosto a parecer mais confiante do que me sinto. Talvez ela esteja certa. Eu deveria dar a ordem de travar uma batalha esta noite contra o imperador. Se Nicolai chegar lá primeiro, ele pode acidentalmente explodir o Mercurian durante o ataque, ou não tão acidentalmente, conhecendo Nicolai.

Uma imagem dos rostos magros e pálidos de meu exército vem à mente. A maioria estava em sono criogênico dentro de suas cápsulas há meses e agora mal consegue andar meio metro sem descansar. Eles precisam de comida, água e tempo para fortalecer os músculos.



Todas as coisas que temos em falta.

— Só mais um dia. — Insisto. — Deixe-os acumular força o suficiente para segurar uma arma, pelo menos. — Coloco meu cinto da espada e me viro para ir embora, odiando a sensação de estar pedindo permissão. — Atacaremos amanhã ao anoitecer. Vou informar o Príncipe Laevus e o Príncipe Thornbrook.

À menção dos príncipes, um vislumbre de diversão enrugou os cantos de seus olhos, e seu olhar passa rapidamente sobre a floresta.

— Príncipe Thornbrook? Não tenho certeza se o título combina com ele.

Eu sigo seu olhar, esperando ver Riser emergir da densa camada de sombras escuras que de repente cobriram as árvores e se estabeleceram no espaço ao nosso redor. Ele está lá fora me observando. Me protegendo.

Ele nunca disse isso, mas posso senti-lo. — Discordo. Nem todos os príncipes usam roupas finas e sabem fazer reverências.

— Não é isso que eu quero dizer. Há uma escuridão nele, Maia. Algo que só viver dentro daquela prisão miserável poderia criar, e esse tipo de coisa, você não pode removê-la, não pode reconstruí-la fora dele.

Minha trança cai contra minhas omoplatas enquanto eu balanço minha cabeça.

— Eu não estou preocupada.

— Você deveria estar. — Um sorriso tenso levanta suas bochechas. — As pessoas te seguem porque você é familiar. Eles estavam dentro da sua cabeça, eles sabem que você os protegerá, do seu jeito. Mas ele também estava lá. Lembre-se disso. Eles sabem o que ele é. Eles viram sua selvageria e nunca seguirão uma imperatriz casada com tal pessoa.

— Casada? Nós nem mesmo...



— Todos, menos você aparentemente, sabem exatamente o quanto aquele menino te ama. Assistimos ao desenrolar da sua história de amor, contra todas as probabilidades.

Suas palavras despertam minha raiva. — Então você estava assistindo? — Posso dizer pela maneira como seu rosto fica imóvel, que é verdade. — Como foi isso? Ser espectadora enquanto a filha que você abandonou lutava? Assistindo-me ser abusada, torturada, quase assassinada? Deve matá-la que alguém como Riser tenha feito mais por mim do que você jamais fez.

Seus olhos se estreitam, a pele fina nos cantos se juntando. — Quais são suas intenções para o Príncipe Thornbrook?

Pisco para ela, incapaz de esconder minha surpresa com a nova direção da conversa.

— Intenções?

Ela pisca para mim, conseguindo fazer o gesto parecer menos idiota e mais real.

— Assim que tivermos o Mercurian e assumirmos o controle da terra, você precisará de uma aliança com o Príncipe Caspian. Caso contrário, os monarquistas nunca irão segui-la, mesmo se você impedir Pandora.

— Aliança? Por que você não pode dizer isso? Você precisa que eu case com Caspian para que possa controlar seu poder. Mas e se eu não o amar?

— Amor? — Ela cospe a palavra. — O amor é uma cascata fugaz de hormônios. Um truque da mente.

— Sério? — Aperto e abro minhas mãos. — É por isso que você se casou com papai? Um truque?

Um músculo lateja em sua têmpora. — Você é compatível com Caspian, Maia. Isso não é um truque. O amor vai desaparecer, mas a compatibilidade nesse nível garante uma parceria forte e feliz.



Meus lábios se abrem, mas não consigo pensar em nada para dizer.

— Olhe... — Ela continua. — Este... esse menino selvagem que a segue como um cachorrinho selvagem só vai lhe causar sofrimento e dor. Ele não tem nada a oferecer a você, exceto a miséria.

— Exceto lealdade. — Brinco, sentindo uma profunda sensação de satisfação quando ela praticamente recua com a palavra. Se eu concluísse meu pensamento, diria: *Sabe, a única coisa com a qual você tem tantos problemas.*

Mas estou cansada de brigar com minha mãe, mesmo se estiver certa.

— A lealdade não vai ganhar essa guerra. — Sua voz carrega uma gentileza rara que me assusta, e a corda com nós que estava enrolada em minha barriga desde que minha mãe chegou de repente se estica.

Me viro para sair. — Acho que vou ser a juíza disso.

— Maia. — O tom vulnerável em seu tom me faz parar. — Diga a Max... diga a Max que gostaria de vê-lo.

Um breve aceno de cabeça é minha única resposta.

Assim como nas últimas cinco vezes que perguntei em seu nome, ele provavelmente vai me ignorar.

Sou forçada a lidar com minha mãe por razões logísticas e estratégicas. Ele não. E se foi difícil para ele me perdoar por deixá-lo, perdoar a mulher que ele cresceu pensando que era uma traidora que nos abandonou e matou nosso pai é quase impossível.

— Espere. — Minha mãe diz, sua voz estranhamente sem fôlego. — Escudos levantados, punhais lançados, cabeça erguida.

Luto contra a vontade de revirar os olhos. Minha mãe e eu jogávamos bobagens quando eu era mais jovem. Sempre que uma de nós precisava ir embora, em vez de nos despedirmos, ambas repetíamos essa frase.

Mas estou muito velha para jogar mais.



Ignorando-a, começo a correr pelo caminho desbotado em direção ao acampamento, minhas botas farfalhando contra agulhas de pinheiro e folhas secas espalhadas pelo chão. Um caroço gigante se aloja na minha garganta.

Estar perto de minha mãe por mais de cinco minutos sempre me deixa nervosa. Como se o próprio ar ao redor dela permeasse com uma substância química tóxica que meu corpo não pudesse controlar.

Não tenho certeza do que esperava naquela noite chuvosa em que ela se aproximou da fortaleza rebelde. Parte de mim tinha certeza de que eu a mataria. Mas a outra parte esperava... o que?

Reconciliação? Um retorno, senão ao amor, ao relacionamento de má vontade que tínhamos antes?

Não lutas noturnas de espada em que ela me destrói física e mentalmente, ou reuniões em que ela praticamente revira os olhos para tudo que eu digo. Assim como quando eu tinha seis anos, sinto que ela está julgando tudo o que faço. Cada decisão. Cada movimento ou palavra que faço. Até seu silêncio parece carregado de escárnio.

É exaustivo.

Sinto falta de Brogue. Sinto tanto a falta dele que meu peito dói quando penso nele, o que é o tempo todo. Principalmente quando treino.

Conforme eu subo a crista e o vale se abre abaixo, eu solto uma respiração tensa. Fumaça cinza sai das fogueiras fumegantes. Uma colcha de tendas improvisadas, remendada com espartilhos de osso de baleias e montes de saias alegres, transborda o vale e se derrama montanha acima.

Meu estômago se revira quando o cheiro metálico de carne de cavalo atinge meu nariz, misturando-se com o cheiro forte de peixe de um rio próximo. Bramble parece sentir o cheiro em seus sensores também, porque ele



se move nervosamente no meu ombro, suas pernas de metal como pontas de alfinetes agulhando meu ombro.

Quando minha mãe escapou do castelo, ela roubou mais de trinta cavalos. Trinta espécimes bonitos e nobres criados durante séculos por Ouros para serem os corcéis mais régios e mais rápidos já criados.

Agora eles estão alimentando nosso exército. Uma mistura de gratidão e perda me preenche com o pensamento de todas aquelas criaturas lindas sendo massacradas para nos alimentar.

Ironicamente, essa foi uma decisão com a qual minha mãe e eu concordamos, e imagino que tenha doído mais para ela do que para mim. Cavalos são sua paixão, mas ela desistiu de boa vontade de sua amada égua, Luz, para ser abatida.

Então, novamente, ela me entregou voluntariamente também. E agora ela está disposta a me oferecer a Caspian em uma bandeja de prata sem pensar duas vezes. Como se eu fosse uma moeda de troca para alavancar, não sua filha.

Virando de lado, desço a encosta da montanha. Se devo acreditar em minha mãe, ela não desistiu de mim. Estava tudo nos planos dos meus pais. Manter Max e eu longe do Imperador até que ela pudesse me colocar na Ilha com uma identidade falsa.

Exceto que, após a morte do meu pai, Brogue deveria nos agarrar antes de escaparmos e nos levar para algum lugar seguro. Meu guarda-costas, meu amigo e protetor falhou e passou o resto da vida tentando nos encontrar.

Então, o plano dos meus pais demorou mais do que planejaram.

Um sorriso tenso encontra meu queixo. *Veja, mesmo ela não é perfeita.*



Um barulho chama minha atenção para a densa parede de bétulas cinzentas à minha direita. O canto dos pássaros perfura o ar. Uma vez. Duas vezes. Semelhante ao canto triste de uma pomba matinal.

Um trinado de excitação passa por mim e antes que eu perceba, estou correndo de volta na outra direção, a exaustão do dia passando.

Garoto do Fosso.



CAPITULO 2



O crepúsculo chega assim que vejo Riser, como se os dois estivessem conectados de alguma forma. Ele está empoleirado no galho mais baixo de uma árvore em uma postura casual que quase mascara sua natureza predatória, curvado sobre os joelhos, o diário de sua mãe aberto e segurado cuidadosamente em suas mãos.

Esta não é a primeira vez que o pego perdido nas palavras de sua mãe, e me pergunto o que elas dizem. Ela fala sobre o pai dele, o Imperador? Ou seu tio, o infame líder rebelde morto há muito tempo, Ezra Croft?

Ou talvez ela simplesmente fale sobre se apaixonar por um príncipe longe de seu alcance e, eventualmente, engravidar de seu filho.

Lentamente, Riser levanta os olhos das páginas. Não há surpresa em seu olhar enquanto ele me bebe da mesma maneira que eu o faço.

Estremeço quando a intensidade envia uma onda de arrepios caindo sobre minha carne.

Antes de alcançá-lo, faço uma pausa, a hesitação certamente está escrita em meu rosto.



Na maior parte do tempo, posso conter o mal-estar que sua selvageria evoca, o medo instintivo e primitivo que ocasionalmente me atinge ao seu redor. Saber o que ele pode fazer...

Ele nunca me machucaria. Eu sei disso no fundo da minha alma. No entanto, às vezes sua agilidade predatória, o potencial para a violência escorrendo de seu corpo como radiação, toma conta do meu cérebro e eu hesito.

Nessa fração de segundo de tempo, me pergunto se minha mãe está certa. Se houver uma selvageria nele que eu nunca poderei domar. Isso vai me deixar machucada e quebrada...

Ele embolsa o diário e cai no chão como um gato de pés velozes, mal fazendo barulho. Bramble dá um oi antes de descer correndo pelo meu braço e se lançar aos pés de Riser. Ele faz uma dancinha estranha que acabei reconhecendo como uma saudação, depois se dirige para a floresta para inspecionar a flora em busca de alimentos.

O olhar ilegível de Riser desliza de Bramble de volta para mim.

— Venha aqui.

Suas palavras são suaves, quase perdidas no suspiro da floresta. Mas o comando é claro como o dia.

Cumpro um passo. E outro. Quando estou perto o suficiente para sentir o calor fluindo de sua túnica escura e colete de couro, ele estende a mão para mim.

Lentamente. Protetivamente. Como se ele sentisse minha agitação.

No segundo que seus braços deslizam em volta da minha cintura, minhas preocupações se dissipam. Ele cheira a couro e pinho e outra coisa totalmente exclusiva dele.



Encontro seus olhos. Um machucado, azul e sombreado nesta luz. O outro um tom de verde brilhante que combina com as agulhas de pinheiro salpicando seu cabelo muito preto. Ele é curto nas laterais e apenas o suficiente na parte superior para formar um pico bagunçado. O penteado de alguma forma o faz parecer malandro e jovem.

Ainda estou me acostumando.

— Você está bem? — Seu hálito aquece meus lábios, o cheiro de chicória e mel. Eu aceno, mas as palavras de minha mãe sobre uma aliança com Caspian ecoam em minha mente, tingindo minhas bochechas de culpa.

Se ele soubesse que ela sugeria seu meio-irmão, a única pessoa que ele parecia odiar mais do que todo o resto...

Seus braços se apertaram em volta da minha cintura, seu olhar penetrante parecendo esculpir através da minha expressão cuidadosa e em meus pensamentos.

— Maia?

— Bem. — Pego meu lábio inferior entre os dentes.

Ele leva a mão à minha boca, a ponta calosa de seu polegar puxando suavemente meu lábio preso até que desliza dos meus dentes.

— Tem certeza?

Ele sabe o quanto minha mãe ganha de mim, mas não estou pronta para discutir isso. Reviro meus olhos.

— Você não pode me deixar internalizar minhas emoções como uma pessoa normal?

Uma risada escapou de seus lábios, um som sensual que me lembra que não tenho ideia de quem Riser realmente é. Às vezes, Garoto do Fosso. Às vezes, o príncipe Thornbrook. E às vezes algo totalmente diferente... como uma sombra mudando e tremulando para que você nunca possa dizer a forma dela.



— Eu vou, se você quiser. — Congelo enquanto ele me puxa para ele. Sua boca roça a minha, mordendo o lábio inferior que mordi antes. — Ainda assim, não posso deixar de pensar que se você tivesse confiado em mim há uma semana o suficiente para me dizer quem você era, que eles a apagaram da minha mente, você nunca teria que sofrer do jeito que sofreu nas Cortes de Sangue.

Endureço quando a dor por ele me esquecer vem correndo de volta. Achei que ele tivesse escolhido me apagar...

— Não vamos falar sobre isso.

Ele se afasta ligeiramente. — Ou você pode confiar em mim o suficiente para me dizer o que há de errado.

Meus braços escorregam para trás de seu pescoço, fazendo chover pedaços de casca de árvore em seus ombros. Por um momento, me perco em seu calor. Sua proteção. Superada por quão bom isso é.

— Deixe-me adivinhar... — Ele murmura. — Sua mãe acha que você está tomando decisões ruins.

História da minha vida. Minhas mãos começam a suar, meu coração martela tão forte que acho que ele vai ouvir.

— Uau, é como se você a conhecesse.

Uma risada. — Eu vejo o jeito que ela monta você. A maneira como ela adivinha cada decisão que você toma. — Sua respiração sopra para trás mechas do meu cabelo enquanto ele exala. — Também vejo a maneira como ela me olha.

Claro que sim. Riser não perde nada. Mas não quero falar sobre isso, não agora, e pego seu lábio inferior entre os dentes.

Um grunhido escapa de sua garganta. Quando eu libero seu lábio, ele se afasta do meu beijo.



— Ela só quer o que é melhor para você.

Solto uma risada amarga, lembrando-me da maneira zombeteira como ela falava sobre ele. Ela não merece seu respeito.

— Eu raramente vejo você... — Murmuro, tentando mudar de assunto. — Você realmente quer passar os dois segundos falando disso?

Desta vez, sua risada ressoa baixo em seu peito. Posso dizer pela maneira como sua respiração sai em ofegos irregulares, a forma como os músculos de seu pescoço e costas ficam rígidos, que ele se sente da mesma forma.

— Sem falar. Entendi.

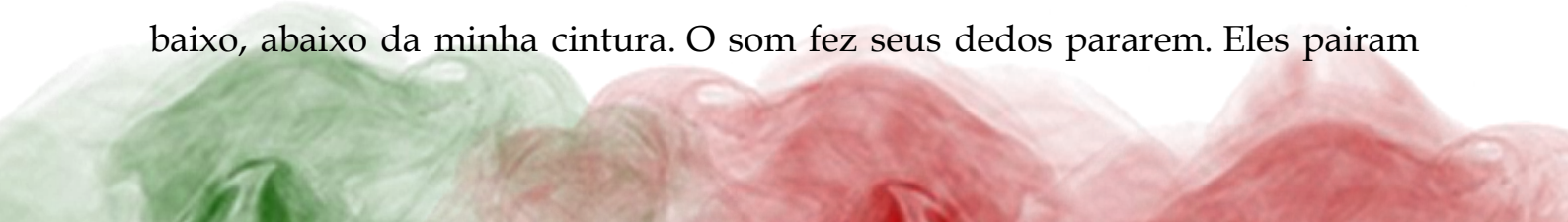
Suas mãos deslizam para baixo para cobrir minhas costas, pressionando-me contra ele. O calor se espalha pelo meu pescoço enquanto ele abaixa a cabeça e traça seus lábios sobre o ápice sensível da minha clavícula, seu cabelo fazendo cócegas na minha mandíbula.

Seus dedos enfiam nas costas da minha camisa e então as pontas ásperas e quentes de seus dedos estão pulando ao longo da minha espinha, como se ele estivesse contando cada osso. Criando pequenos círculos de prazer nas minhas costas. Minhas omoplatas. Meus quadris.

Como um cego tentando me moldar em sua mente, ele mapeia minha carne enquanto suas mãos deslizam ao redor do meu estômago e pressionam. Em seguida, sua boca desce sobre a minha, com mais força desta vez, e eu combino sua intensidade quando uma corda de fogo se estica na minha barriga.

Eu quero queimar qualquer pensamento sobre minha mãe. De todas as responsabilidades que me esperam lá embaixo. Eu quero me perder para a única pessoa no mundo em que confio.

Um gemido sai dos meus lábios enquanto suas mãos deslizam para baixo, abaixo da minha cintura. O som fez seus dedos pararem. Eles pairam



sobre minha carne por um longo momento, e então ele suspira, sua respiração agitando os cabelos ao redor do meu rosto, e remove suas mãos para descansar em ambos os lados do meu rosto.

Os beijos ficam mais suaves depois disso, mais controlados. Como se houvesse uma linha que ele ainda não quisesse cruzar.

Estou desapontada, mas me acomodo nele, apreciando a suavidade de seu toque.

Passamos os próximos minutos assim. E quando volto à realidade, noto que a escuridão caiu, o ar já está alguns graus mais frio.

O fato de que eu poderia me perder completamente em uma pessoa...

— Devemos voltar para o acampamento. — Digo, minha voz grossa e rouca. — Mas... está escuro.

Ótima observação, Maia.

Mas agora que estou de volta à realidade, minha mente está sendo puxada para uma centena de direções diferentes. Tenho inúmeras coisas para fazer antes de amanhã. Os suprimentos devem ser verificados. Preciso me encontrar com Lash para discutir a doença que infecta a borda externa do acampamento, e Teagan estará esperando para repassar nossa estratégia depois de entrarmos no Castelo Laevus.

Além disso, Max tem que estar preparado para a possibilidade de um ataque mais cedo, já que ele é literalmente o mapa para o Mercurian.

Depois, há o fato desagradável de que as pessoas vão para a floresta depois do anoitecer para as coisas de costume. Recolher lenha. Coletar água. Aliviar-se. E mais do que alguns nunca voltaram.

Nicolai cumpriu sua promessa de nos tratar como inimigos, e os rebeldes estão nos matando.



Riser, que está me observando em silêncio, arqueia uma sobrancelha preta.

— Maia, você realmente acha que não está segura agora? Comigo?

Meu olhar cai sobre o conjunto de adagas brilhando em várias partes do corpo, uma adaga de dois gumes enfiada em sua bota, uma faca de caça para cortar madeira e esfolar a caça, exposta em uma bainha de couro de bezerro na cintura; uma espada curta aparecendo de seu lugar atrás de suas omoplatas.

— É por isso que você continua me seguindo sempre que estou na floresta? Para me manter segura?

Um pequeno choque de surpresa percorre seu rosto. Ele não sabia que eu tinha notado.

— Encontrei corpos espalhados pela floresta... — Admite. — Todos os membros do nosso exército.

— Quem está matando-os?

Ele levanta um ombro. — Rebeldes. Drones monarquistas. A arquiduquesa. Necrófagos. O que quero dizer é que a floresta não é segura para ninguém.

— Exceto você?

Um sorriso surge em seu rosto, arrogante e infantil ao mesmo tempo.

— Exceto eu. E você, Maia. Você está segura. Enquanto eu estiver vivo, essa é a minha promessa para você.

A respiração fica presa na minha garganta, todas as palavras que eu poderia dizer em resposta presas logo abaixo do meu esterno. É assim que se parece o amor? Uma mistura insuportável de alegria e paixão e outra coisa, não exatamente medo... mas perto.

Lembro-me do que minha mãe disse sobre o amor. São os hormônios. Um truque.



No entanto, isso parece mais real do que qualquer coisa que já experimentei...

Recuo, de repente certa de que o céu vai se abrir e engolir Riser. Que a escuridão que basicamente tirou tudo de bom da minha vida irá de repente notar e reivindicar isso também.

Não pense nisso.

Mas não consigo evitar. As regras pelas quais tenho vivido por tanto tempo, não me importar. Não esperar. Não amar, são impossíveis agora. Riser está me pedindo para quebrar todas elas e isso me apavora.

— Maia. — Sua voz me atrai de volta. Meus pensamentos devem aparecer no meu rosto porque ele me libera, permitindo mais alguns centímetros entre nós. — Eu tenho mais informações dos rebeldes.

Levanto minhas sobrancelhas. — Já?

— Surpresa? — A diversão tinge sua voz.

— Talvez. — Provoco. Exceto eu não estou. Nesse curto período, desde que deixamos a propriedade abandonada de Ezra Croft, Riser conseguiu estabelecer uma intrincada rede de vigias e espiões leais a ele. É realmente impressionante, não que eu diga isso a ele. — E preocupada. — Continuo. — Você precisa ser cuidadoso.

— Sempre.

Ele parece prestes a dizer mais, mas as samambaias à nossa esquerda farfalham e Bramble aparece, o delicado luar prateado deslizando em suas costas convexas. Ele sobe pela minha perna, emitindo uma série de sons agudos que significam que ele coletou algo bom.

— Se vanglorie. — Sussurro, acariciando suas costas enquanto ele toma seu lugar no meu ombro, o metal de seu corpo frio e cheio de terra com cheiro de argila.

Mais gorjeios orgulhosos se seguem, e eu afago sua cabeça, arrulhando sobre o quão bom menino ele é até que ele se aninha no meu pescoço.

Rivet adicionou um compartimento de cache para ele recentemente, junto com alguns outros truques legais, e a pequena luz verde na base de seu pescoço brilha, significando que o compartimento está cheio.

Afastando-se da árvore, Riser desliza seus dedos nos meus, tamborilando contra as costas da minha mão, uma energia frenética pulsando em sua carne.

— Devíamos voltar ao acampamento. Por mais que eu queira fazer isso para sempre, tenho que verificar as comunicações dos meus espiões no acampamento base. Vou te contar o que descobri no caminho.

Aceno, escondendo minha decepção. Com Bramble iluminando o caminho com um de seus sensores, descemos a encosta da montanha e Riser descarrega o que ele descobriu. Uma enxurrada de atividades dentro das paredes rebeldes. O treinamento se intensificou. A comida melhorou. Carrinhos com suprimentos para um cerco estão sendo preparados.

O mais condenatório de tudo, de acordo com uma das fontes de Riser, ele ouviu o general de confiança de Nicolai dizendo à namorada que ele estava prestes a partir.

— Então... — Digo, tentando manter minha voz firme. — Eles estão se mobilizando.

Os olhos de Riser estão cautelosos enquanto ele acena com a cabeça.

— Existe a possibilidade de que ainda tenhamos alguns dias, mas existe a possibilidade de eles marcharem esta noite.

— Se eles partissem esta noite, quanto tempo até que alcançassem as muralhas do castelo?

— Até a aurora.



Belisco a ponta do meu nariz. A escuridão caiu, e as fogueiras no vale abaixo parecem estrelas de fogo piscando em um céu sombrio.

— Não podemos ir esta noite. As pessoas não estão prontas. Elas precisam de mais uma noite de comida e sono. Outro dia de preparação.

Riser novamente acena com a cabeça, lentamente. Quaisquer que sejam seus pensamentos sobre o assunto, ele não os está dizendo abertamente.

— Você acha que é uma má ideia? — Normalmente eu não precisaria da aprovação de Riser, ou questionaria minhas decisões, mas minha mãe está me irritando. Desmantelando minha confiança do jeito que alguém derruba uma árvore: metodicamente, com golpes duros e medidos dados repetidamente.

— Não é uma má ideia, Maia. — Mesmo à luz da meia-lua, posso ver a pele rígida ao redor de seus olhos suavizar, sua mancha escura de sobrancelhas relaxando. — Você está pensando nas pessoas. É exatamente por isso que elas confiam em você. Por que elas seguem você e olham para você com esperança.

O fogo corre sobre minhas bochechas enquanto eu o examino. — Não, elas não fazem.

Bramble emite um sinal sonoro concordando com Riser em meu ouvido, mas eu o ignoro.

— Elas fazem. — Seus olhos se aguçam. — Mas isso é guerra. Pessoas vão morrer.

Meus ombros ficam tensos. — Então, você está dizendo que acha que estou tomando a decisão errada?

— Não. Nesta situação, não há decisão certa. Eu só quero que você se prepare para o que está por vir. Você não pode salvar todas elas, e não importa a opção que você decida, um grande número de pessoas no acampamento vai morrer.



— Eu sei disso. Eu só... Eu quero dar uma chance a elas. Não posso mandá-las para a batalha sem um conhecimento básico das armas que empunham ou sem comida para lutar. Elas serão massacradas antes de chegarem ao castelo.

— Nosso estoque de armas está baixo. — Ele aponta, sem ser rude. — A maioria nem carrega uma espada.

Tiro uma pedra do tamanho do meu punho e a vejo cair no caminho sinuoso. Grilos cantam ao nosso redor, fazendo com que Bramble imite o som em uma bela e suave canção. A floresta se transformou em uma paisagem rochosa coberta com grama alta, o brilho do luar colorindo a folhagem de azul.

— Vamos fazer uma votação. — Minha voz sai mais difícil do que pretendo, fazendo Bramble parar de cantar a música de seu povo. — Chame a primeira reunião esta noite. Informaremos ao conselho o que você descobriu e decidimos se atacaremos esta noite ou amanhã à noite.

— Há algo mais. — Ele coça o pescoço e olha para o céu, sua mandíbula afiada capturando sombras ao longo da borda. — Minhas fontes dizem que Nicolai tem treinado alguns rebeldes para voar em naves estelares.

Pisco, com certeza eu ouvi mal. — Você quer naves espaciais? Eles têm alguma dessas sobrando?

Não me lembro de ter visto naves espaciais no Castelo Bloodwyn, mas elas podem estar escondidas em algum lugar, prontas para uso durante o ataque.

— Naves estelares. — Ele passa a mão pelo cabelo, despenteando a massa de tinta ainda mais do que o normal e fazendo com que uma agulha de pinheiro caia para se prender na fita preta que amarra seu colete. — Eles estão usando simuladores, não naves de verdade.



As naves estelares têm a capacidade de voar acima de nossa atmosfera até Hyperion, a cidade no céu.

— Por que eles fariam isso?

Seus ombros se erguem em um encolher de ombros cuidadoso.

— Muitos motivos, embora nenhum que faça sentido.

— O Castelo Bloodwyn terá centenas de naves estelares. Assumindo que pelo menos metade será danificada na batalha e mais será usada para escapar, é provável que não haja aeronaves suficientes para levar até mesmo um décimo dos Rebeldes para Hyperion. E as naves estelares não estão equipadas com armas, pelo menos, que eu saiba. Assim, eles não as usariam para caçar os realistas em fuga do céu.

— Nem seriam capazes de usar as naves para violar Hyperion e assumi-lo. Não com esse pequeno número. — O rosto de Riser está ilegível, mas ele já deve ter pensado a mesma coisa. — É por isso que é preocupante. Não faz sentido.

— Não para nós. — Esclareço.

Minhas mãos se enrolam até ficarem duras como pedras. *Quem sabe o que faz sentido para um louco como Nicolai?*

Obviamente sentindo minha frustração, Riser para e me atrai para ele. Por um momento, uma respiração, me permito afundar em seu peito novamente. Bramble ronrona entre nós como um gato de metal sem pelos com tendências.

— Em alguns dias, tudo isso vai acabar. — Murmura Riser. — E não há ninguém mais neste mundo abandonado pelos deuses que eu confio para nos levar até lá do que você, Cavadora.



Mas a brisa aumentou, levantando poeira e punhados de grama morta que rolam pelas pedras e penhascos. Meu cabelo se ergue para cobrir meus olhos. Através das listras vermelhas, arrisco um olhar para Pandora.

Eu fiz questão de não notar o poço de fogo. Para não a deixar me intimidar. Mas o tamanho de Pandora me faz engasgar. Ela está inchada. Maior do que nunca. Contorcendo-se com sombras e chamas. Uma coroa de fogo circunda o centro negro como uma coroa cruel, uma promessa de nossa destruição iminente.

É um lembrete. O que quer que nós, humanos, façamos aqui, quaisquer que sejam as pequenas batalhas que travamos uns contra os outros, nada disso importa. Ela está decidida a nossa destruição total.

E eu sou a única que pode impedi-la.



CAPITULO 3



Do alto da montanha, o acampamento parece organizado e limpo. Mas de perto, é o oposto. Os corpos se sentam ou deitam onde podem. Alguns caíram uns sobre os outros. Alguns se enrolaram na terra lamacenta, encharcados pela tempestade anterior e destruídos por calafrios. Os sortudos são saudáveis o suficiente para construir abrigos improvisados.

A brisa sopra através do acampamento, fazendo com que as tendas de tecido tremulem e dancem com o vento, e as tendas de metal corrugado gemem.

Uma névoa espessa e úmida se agarra à terra lamacenta, girando em torno de minhas botas enquanto eu caminho.

Riser se enfia no centro de comando, uma tenda de quatro colunas montada com galhos de salgueiro e uma colcha roubada. Lá dentro estão os rádios que ele usa para se comunicar com seus espiões.

Mais fundo no acampamento, o fedor de lixo me atinge. As pessoas estão com medo de entrar na floresta agora, o que significa que elas fazem suas necessidades dentro dos limites do acampamento. Não é exatamente higiênico. Faço uma nota mental para abordar isso mais tarde.

Não vou muito longe antes de Lash me encontrar. Uma capa puída cai em cascata sobre seu corpo magro, incapaz de mascarar os ossos afiados por baixo. Eu consigo dizer que é ele antes que a luz da lua caia em seu rosto por sua forma de mancar arrastando.

Sua boca está puxada em uma linha sombria. — Amor, estamos com problemas.

— Que tipo de problema? — Mal desacelero ao passar por um círculo de pessoas reunidas em torno de uma fogueira. Elas me encaram enquanto eu passo, e eu me encolho em suas expressões esperançosas quando elas me reconhecem.

— Há merda em todo lugar.

— Eu sei. — Torço meu nariz. — Muito ciente, eu prometo.

— Elas não podem continuar fazendo isso. Está poluindo o rio e espalhando doenças. Sou apenas um, e mais pessoas adoecem diariamente.

— E os curandeiros de outros distritos?

— Muito fracos ou doentes para ajudar. — Ele esfrega a nuca enquanto conversamos, seu ombro direito baixando enquanto ele luta para alcançar.

Porque ele tem uma perna manca, Maia. Como você pôde esquecer? Envergonhada com a minha insensibilidade, finalmente desacelero para um ritmo vagaroso.

— Vou fazer um anúncio. Bom o bastante?

Ele inspira e expira com força. Sombras roxas escuras se acumulam sob seus olhos, as cavidades sob suas bochechas profundas crateras que falam de noites longas e quase nenhuma comida. A barba por fazer protege a metade inferior de sua mandíbula.

— Já vi campos inteiros morrerem de disenteria e coisas piores. Conserte, ok?



— Eu vou. — Minha voz parece mais confiante do que eu sinto.

Como posso controlar uma força tão grande? Uma parte insensível de mim sabe que depois da marcha será mais administrável, mas coloco essa ideia de lado.

Uma forma espreita entre duas cabanas de madeira e se aproxima. Alta e graciosa, Teagan poderia passar por uma general com seus lábios severos e olhar feroz. A ponta da cauda de uma capa carmesim belisca seus calcanhares.

Max e Rivet a seguem. Eles poderiam ser gêmeos com suas roupas de soldado: couraças de couro tingido de carmesim, arreios de ombro pesados com adagas e espadas curtas, bainhas de cintura carregando espadas largas combinando. Ambos usam capas vermelhas muito longas sujas de lama no final, um contraste gritante com a imaculada de Teagan.

Dou um sorriso cansado para Max antes de me virar para Teagan.

Ao contrário de Lash, que parece exausto e perto do fim da linha, ela demonstra compostura.

— Você não parece abatida, querida?

Dou uma risada fraca. — Obrigada. Eu estou apenas... cansada. Quem diria que ser responsável por um exército de pessoas era tão difícil?

— Ou... anti-higiênico. — Seu nariz se curva ligeiramente para cima.

Max e Rivet riem. Por um momento, fico com ciúme da proximidade deles, do vínculo que compartilham. Então eu sacudo isso. Pelo menos ele tem alguém com quem podem conversar.

— Exatamente. — Diz Lash, dando um soco no ombro de Teagan. Ambos ignoram Max e Rivet. — Maia está falhando no trabalho.

— A última vez que verifiquei... — Estalo, me odiando assim que o faço. — Eu não estava no controle de onde as pessoas se aliviam.



Ele e Teagan trocam olhares e, em seguida, Teagan tira algo do bolso da camisa. A luz da lua reflete no elegante frasco de prata em sua mão.

— Você gostaria de um pouco, querida?

— Por favor. — Não noto o emblema rebelde até que ela o joga para mim, o escorpião enrolado em uma fênix agonizante erguida sob meu polegar.

Derramo a bebida sem nem perguntar o que tem dentro. Teagan não decepciona, o conhaque deixa um rastro na minha garganta e na minha barriga.

Tusso e puxo outro longo bocado, a dor queimando o estresse do dia. — Isso é... bom.

Lash estende a mão. — O que eu sou, um bastardo Dândi? Vamos, senhoras. Passem para cá.

Acenando com o frasco para fora do alcance de Lash, eu o atiro para Teagan.

— Mesmo? — Lash geme. — Isso é simplesmente cruel, Graystone.

Revirando os olhos, Teagan bate o frasco contra o peito de Lash, com força.

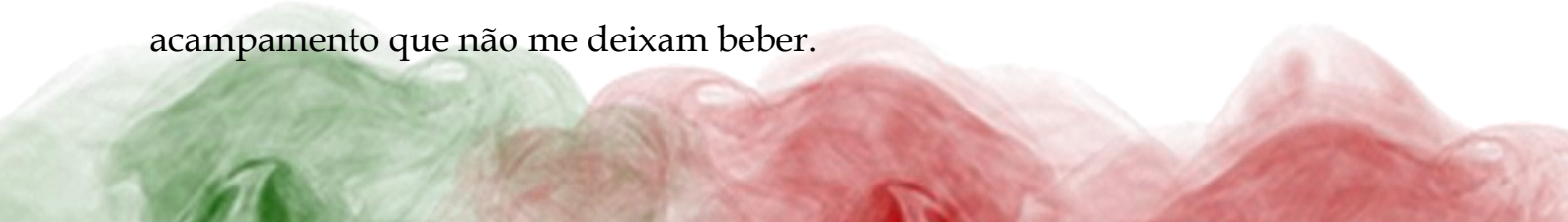
— Um gole. Entendeu? Se eu pegar de volta meio vazio, você vai pagar com aquelas pedrinhas que você chama de bens de homem.

Lash faz uma careta enquanto eu seguro minha risada. — Tão mesquinha. Vocês duas.

Depois de uma bebida generosa, ele devolve. Max e Rivet disputam o frasco. Lash faz menção de entregá-lo e então, aparentemente lembrando que Max ainda não tem dezesseis anos, olha para mim.

— Não, Lash! — Teagan e eu pedimos.

— Não é justo. — Max murmura. — Vocês são as únicas no acampamento que não me deixam beber.



— Mamãe quer falar com você, e se você tiver álcool no hálito quando o fizer, deuses ajudem a todos nós.

— Não vai acontecer. Nunca. Problema resolvido.

Levanto uma sobrancelha e mudo de tática. — Você não deveria estar de plantão, Max? Você também, Rivet.

Rivet assente, acotovelando Max com força. — Você está certa. Nós estamos. — Ela começa a correr para me alcançar, então estamos ombro a ombro e lança um olhar orgulhoso para Bramble. — Então você gostou do que eu fiz com o seu robô?

— Sim. O armazenamento extra é útil.

Ela sorri, e eu pego Max balançando a cabeça na minha visão periférica.

— E quanto aos lasers? Ou as capacidades de choque elétrico? Ele já usou isso?

Rio, me perguntando se eu deveria ficar preocupada por ter uma arma no meu ombro. — Não, Rivet. Ainda não. — Ela franze a testa e eu acrescento: — Mas isso vai ser útil muito em breve, tenho certeza.

O conhaque explodiu em meu estômago vazio e em meu corpo, e meus braços estão quentes e soltos, meu peito leve. Mais um gole e estarei tonta, então recuso o gesto de Teagan por mais, sorrindo enquanto Lash lhe lança um olhar magoado por não lhe oferecer o mesmo.

O momento alegre passa e Teagan guarda o frasco. Passamos os próximos minutos repassando o plano para entrar no castelo. Com o imperador distraído pela primeira onda de batalha, uma pequena tripulação incluindo Rivet, Teagan, Caspian, Riser, Max e eu irão se infiltrar no castelo através do túnel.

A esperança é que, uma vez lá dentro, o dispositivo de mapa dentro de Max seja ativado e nos conduza de lá.



Talvez seja o licor, mas agora essa esperança parece frágil, na melhor das hipóteses.



CAPITULO 4



Apenas minha mãe torna um encontro tão dramático. Uma longa mesa se estende até o fundo do desfiladeiro, cheia de travessas de nozes, frutas vermelhas e pão velho, só os deuses sabem onde minha mãe encontrou uma mesa de jantar de verdade na floresta. Tochas plantadas em um grande círculo ao nosso redor emitem chamas crepitantes que enviam salpicos dourados de luz sobre as paredes rochosas de aço cinza do cânion.

Soldados se alinham na rocha, principalmente rebeldes como Max e Rivet, mas também alguns dos Adormecidos mais saudáveis. A luz do fogo dança sobre as cabeças das lanças que seguram.

Todos eles olham para a ninharia de comida na mesa, e eu me vejo fazendo o mesmo enquanto deslizo para o assento da cabeça, uma armadilha de farpas frágil com uma perna quebrada. Caspian já está sentado à minha esquerda. Cabelos lisos e dourados, carregados de suor e dias na floresta, caem sobre sua testa. Seus olhos são da cor de conhaque sob esta luz, e eles me observam com curiosidade descarada enquanto os outros tomam seus lugares.

— Dama Graystone. — Diz ele, o sussurro de um sorriso enrugando seus olhos.

— Príncipe Caspian. Espero que a floresta esteja te tratando bem.

Minha piada persuade o resto de seu sorriso, mostrando seus dentes brancos. Algo estremece sob minhas costelas. Uma borboleta invisível de emoção que prefiro não nomear.

A sensação é gentil, previsível, segura. Basicamente, o oposto de como me sinto com Riser.

Da minha periferia, vejo Riser franzindo a testa com minha interação com seu meio-irmão, mas ele se recusa a se sentar antes de fazer uma rápida reconstituição da garganta, varrendo as sombras e verificando os soldados, enviando alguns mais para dentro da floresta para se alargar o perímetro.

Quando ele finalmente se junta à minha direita, ele lança um olhar rápido e selvagem para Caspian. Os músculos da mandíbula de Riser, escondidos sob uma fina camada de restolho, tencionam, e ele lentamente desvia o olhar, um sorriso afetando seus lábios.

Eu me encolho. A raiva crescendo entre eles parece uma coisa viva, respirando. Uma besta que estou constantemente tentando matar.

Antes de deixarmos o acampamento dos rebeldes, pensei que poderia haver uma chance de Riser e Caspian crescerem e se tolerarem, se não gostarem.

Mas algo sobre este acampamento, ou talvez a batalha iminente, trouxe à tona o ódio amargo que fervia entre eles. Agora estou constantemente no limite, tentando evitar que um provoque o outro.

Normalmente eu falho, e agora não é exceção. A fúria crua queima as bochechas de Caspian, avermelhadas com muito sol e pouco sono.

O príncipe monárquico se inclina para trás em sua cadeira com as mãos enfiadas atrás de sua cabeça dourada, e eu silenciosamente amaldiçoo enquanto seus lábios se curvam em um sorriso cruel.

— Paranoico, Thornbrook?



Riser nem mesmo olha para Caspian enquanto ele responde.

— Farei o que for preciso para manter Maia segura. Pode dizer o mesmo?

— Segura, de quê? — Caspian provoca, girando a cabeça para fazer uma varredura sobre os penhascos, o longo trecho de terreno rochoso e irregular que leva à floresta. — Sombras?

— Do que se esconde dentro das sombras, Príncipe. — Riser estende a mão em direção à escuridão, coberta de névoa prateada e árvores. — Mas se você não acredita em mim, fique à vontade para dispensar seu grande séquito de guardas quando viajarmos pela floresta mais tarde.

Merda. Como os dois príncipes são bem conhecidos, e porque muitos dos rebeldes ficariam igualmente felizes em assistir Caspian ser enforcado, ordenei guardas para eles. Riser, é claro, recusou. Mas atrás de Caspian estão quatro guardas sonolentos, parecendo entediados e não muito animados com sua carga.

Tudo que eu preciso é Caspian mandar seus guardas embora para que eu precise me preocupar com outra coisa.

Felizmente Caspian ignora a farpa de Riser e volta a encará-lo. Bramble circula nervosamente no meu ombro, suas perninhas fazendo cócegas na minha pele enquanto ele avalia a situação. Talvez sejam as novas modificações de Rivet, mas ele se tornou incrivelmente sensível a captar a tensão entre humanos.

— Está tudo bem, amigo. — Murmuro, seu corpo elegante é frio contra minha bochecha enquanto eu o acaricio.

De trás da minha cadeira, uma risada abafada chega até mim. Eu não preciso me virar para saber que Flame, chefe dos guardas rebeldes, está rindo da troca entre meio-irmãos. Alimentando a rivalidade deles como a chama que ela se auto intitulou.



Uma dor de cabeça belisca minhas têmporas. Virando-me para enfrentar as sombras nas minhas costas, eu lanço a ela um olhar suplicante.

Apenas deixe-os superar isso.

Ela está parada um pouco além do alcance da luz do fogo, os braços cruzados, a cabeça ligeiramente inclinada. Um lado de sua cabeça está raspado, o outro tingido de escarlate e esculpido em um intrincado padrão de tranças. Botas de couro altas abraçam suas pernas, e brincos gêmeos de escorpião seguem as curvas de suas orelhas delicadas.

Mesmo na penumbra, percebo o puxão de seus lábios enquanto ela ergue os ombros de ossos de pássaro antes de responder, tudo bem.

O silêncio cai pesado. Os sons da noite agitam o ar, grilos, uma coruja solitária em algum lugar ao longe, as tochas estalando. Afinal, talvez ainda haja um pouco de vida nesta floresta. Uma parte de mim está feliz que a coruja não tenha sido encontrada pelos caçadores e morta ainda, por mais sentimental que seja a emoção.

Minha mãe reclama do outro lado da mesa, seu rosto mergulhado em sombras. Bramble dá um grito perturbado com a presença dela e se enfia atrás do meu cabelo. Ela empurra o queixo para mim, um gesto rápido e sutil, fazendo-o se encolher ainda mais.

Oh-oh.

Eles estão esperando que eu fale.

Empurro para uma posição. Bramble grita sua surpresa e cai sobre a mesa, assustando mais do que alguns membros do conselho enquanto ele começa a coletar eficientemente as frutas da primeira bandeja em seu cache.

Abaixando meu sorriso, eu olho fixamente para a mesa.



Normalmente, minha garganta começa a fechar quando tenho que falar publicamente assim, mas estou com muita fome e cansada agora para me importar.

— O Príncipe Thornbrook descobriu novas informações sobre os movimentos dos Rebeldes. À luz disso, precisamos votar. Ficar mais uma noite para que os Adormecidos no acampamento possam descansar e atacar amanhã ao anoitecer, ou se mobilizar esta noite e marchar no Palácio de Laevus ao amanhecer.

Viu. Curto, doce e direto ao ponto.

Aceno para Riser enquanto me sento, ciente do silêncio completo após o meu anúncio. Os membros do conselho nomeados de vários distritos passaram de pasmos para Bramble a atenção extasiada, e eles trocam olhares nervosos. Metade são dos distritos Bronze, a outra metade dos distritos Prata que se saíram muito melhor quando foram acordados.

Os Adormecidos Prata tinham recursos próximos, comida, água potável e suprimentos.

O que significa que há uma chance de eles votarem pela saída esta noite.

Riser pressiona as mãos espalmadas sobre a mesa e eu coro, lembrando de como elas pressionaram da mesma forma na minha pele antes. Bramble corre até ele e esfrega seu corpo nos braços de Riser como um gato.

— Os rebeldes estão se mobilizando. — Diz Riser, sua voz cortando o silêncio e ecoando na face da rocha. — Enquanto conversamos, eles reúnem suprimentos e Swifters, até mesmo cavalos.

— Então eles estão atacando esta noite? — Uma mulher do distrito do lago ao norte pergunta, sua voz ofegante de nervosismo.



— Eles poderiam estar. Ou eles poderiam partir amanhã à noite. Nicolai vai atacar ao amanhecer, antes que o castelo tenha tempo de acordar, disso tenho certeza. Mas não sabemos em que noite.

— E seus batedores? — Minha mãe pergunta, deslizando o capuz para trás para revelar a parte superior de seu rosto. — Aqueles postados em torno dos rebeldes. Eles viram algum movimento, Príncipe?

Me encolho com a maneira como ela diz príncipe, a corrente de escárnio. Ou talvez esteja tudo na minha cabeça.

Riser não parece notar quando ele diz: — Perdemos contato com eles há trinta minutos.

Respiro fundo. — Por que você não me disse isso?

— Acabei de descobrir a conexão perdida depois que nos separamos. — Sua voz é monótona, sua expressão ilegível.

Expiro, tentando encaixar essa nova informação no que já sabemos. — Cressia. — Digo, dirigindo-me ao membro do conselho de Bronze que falou antes. — Se precisarmos marchar hoje à noite, seu povo estará pronto?

Ela junta as mãos sobre as nozes e frutas vermelhas em seu prato. Seus dedos estão manchados de roxo por tê-los enfiado sorrateiramente em sua boca antes, quando ela pensou que ninguém percebia. Agora eles ficam inquietos. Quando ela olha para mim, sua boca se pressiona em uma linha dolorosamente tensa.

Como se ela estivesse lutando com as palavras certas a dizer.

Finalmente, ela balança a cabeça e baixa o olhar para a mesa. — Não, me desculpe. Somos fracos, muitos de nós estão morrendo de fome. Se marcharmos esta noite, a maioria de nós... não faremos a caminhada montanhosa até o castelo.



— E outra noite de comida e descanso? — Pergunto baixinho. — Faria diferença?

— Outra noite, minha Imperatriz... — Me encolho com o título que os Adormecidos me deram. — E meu povo estará pronto.

Seus olhos imploram por misericórdia até que eu tenha que desviar meu olhar. Um punho invisível de pavor atinge meu diafragma, me fazendo esforçar para respirar. Partir esta noite provavelmente significa a morte de seu distrito. Eu também posso alinhá-los e executá-los agora.

— Está na hora. — Diz minha mãe. Eu posso sentir seu olhar todo o caminho até aqui. Assistindo para ver o que eu faço. Se eu sou digna.

A votação começa com os membros do conselho dos distritos de Adormecidos. Cada voto dos membros do conselho inferior conta como um ponto. Como esperado, os membros do conselho Prata votam para sair esta noite, enquanto os membros Bronze votam para ficar. Os Prata influenciam a votação de sete pontos contra cinco dos Bronze.

Minha mãe é a próxima. Como uma Ouro de alto escalão, seu voto conta como dois.

— Sair esta noite. — Diz ela, erguendo o rosto com a palma da mão para frente.

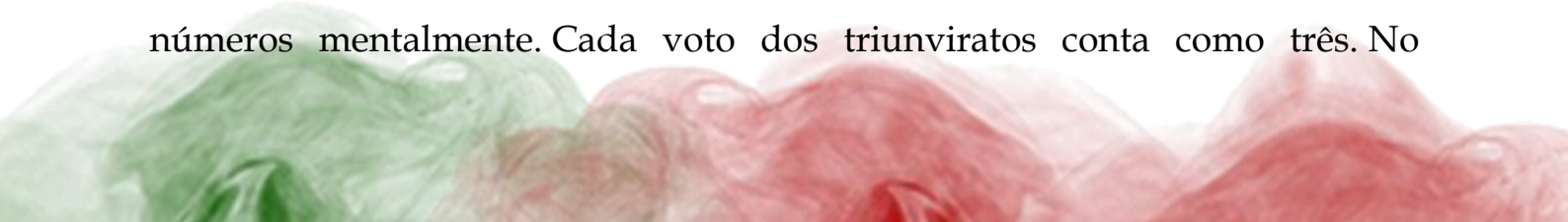
Portanto, agora há nove votos para sair esta noite.

Meus dentes rangem, mas limpo qualquer emoção do meu rosto. A mulher do conselho de Bronze nos observa com uma intensidade desesperada, quase selvagem. Afinal, estamos decidindo o destino de seu distrito.

Caspian levanta a palma da mão e olha para mim. — Ficar.

Meus ombros relaxam um pouco e eu vou em seguida. — Ficar.

É isso aí. Nós temos o voto. Eu olho para Riser enquanto conto os números mentalmente. Cada voto dos triunviratos conta como três. No



momento, os números são nove para partir esta noite e onze para ficar. Com o voto de Riser para ficar, teremos quatorze.

Riser olha para mim, seu rosto uma máscara de apatia. Por que ele está hesitando? Por um momento, seu rosto se suaviza enquanto ele segura meu olhar. Sua expressão é clara.

Me perdoe.

Não...

— Sair. — Ele nunca quebra meu olhar, nem sua voz soa arrependida.

Demora alguns segundos para perceber que ele não cometeu um erro. Ele pretendia ir contra mim. Abro a boca para questioná-lo, mas fico em silêncio. Bramble, percebendo a tensão, deixa Riser vir até mim, parando no meio da mesa, uma criança dividida entre os pais.

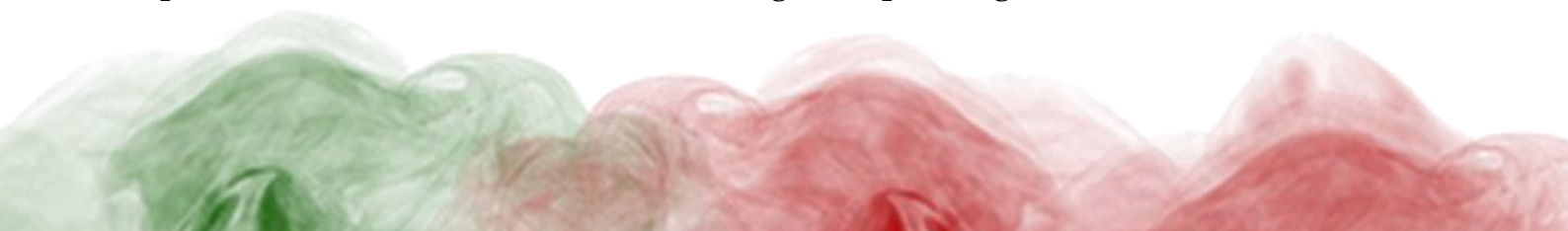
A traição se aloja profundamente em meu núcleo, meu peito aperta até que tenho que me esforçar em cada respiração, mas não posso deixar os outros membros do conselho verem como me sinto. Então estalo meu pescoço e finjo levar isso na esportiva.

Caspian balança a cabeça, obviamente desaprovando o voto de Riser.

Riser olha para ele, aquela fúria horrível crescendo entre eles novamente, ameaçando transbordar para a reunião.

— Então está resolvido. — Esperava que minha mãe soasse triunfante, mas há uma vivacidade de negócios em sua voz que torna isso ainda mais difícil de suportar. Os membros do conselho de Bronze lentamente se levantam. Seus ombros caem, seus rostos relaxam com o choque.

Eles parecem abatidos. Não consigo imaginar o que deve ser dito a um grupo de famílias magras que mal se agarram à vida que precisam marchar quilômetros incontáveis em terreno íngreme para a guerra.



De repente, vejo Riser ficar rígido em minha periferia. É quando percebo o que ele deve ter percebido. A floresta está parada. Absolutamente silenciosa.

O raspar da espada curta de Riser perfura o ar, fazendo outros membros gritarem. Todos os soldados ao nosso redor pegam suas armas, olhando em volta confusos. A prata se desfoca na mesa enquanto Bramble se lança sobre mim, refugiando-se em meu ombro.

Um assobio uivante reverbera pela garganta. Um segundo depois, uma linha brilhante forma um arco sobre o céu e fica cada vez maior...

Não vejo Riser se mover, mas suas mãos se conectam ao meu braço e ele está me empurrando para fora do caminho. O calor beija minha bochecha enquanto eu caio, Bramble guinchando em alarme. O fogo corta minha visão e me cega. Então há um baque surdo.

No momento em que a grama orvalhada encontra meus dedos, eu volto para cima com a espada na mão. Riser e Caspian formam suportes letais de cada lado, ambos segurando aço. Flame salta sobre a mesa, suas botas batendo nas travessas de comida com estrépito, sua capa escarlate chicoteando atrás dela.

Ela pisa em alguma coisa, mas antes de esmagá-la com sua bota de bico de aço, vejo o que passou por mim, uma única flecha flamejante se cravou na mesa de madeira. Presa sob a ponta da flecha de aço, há um pedaço de tecido laranja claro. Desbotado, manchado e puído.

A cor desperta uma memória nas profundezas do meu cérebro, evocando uma onda de emoção crua. E eu sei sem nem perguntar de quem é a flecha.

O Mestre das Marionetes.



CAPITULO 5



Se a intenção de Nicolai era me matar, aquela flecha não teria errado. É isso que digo a mim mesma, pelo menos, enquanto pego o remendo de tecido, um pedaço do meu velho macacão do Fosso, e me liberto da formação rígida de Riser e Caspian.

Círculo o desfiladeiro, chamando seu nome. — Nicolai! — Minha voz está irreconhecível, pois ecoa nas paredes do cânion.

Rochas caem do penhasco, chamando minha atenção acima. Na escuridão prateada, leva um momento para distinguir os rebeldes que estão atrás de nosso séquito de soldados acima. Grandes lâminas cintilam em suas gargantas.

Flame grunhe e gira sua besta para o rebelde no meio, segurando uma garota loira magra por trás.

Estendo minha mão. — Espere, Flame.

Com um rosnado, ela abaixa a arma, mesmo que apenas alguns centímetros.

— Por quê?

— Porque Nicolai quer conversar. — Levanto minha voz. — Não é, Mestre das Marionetes?

Sua risada flutua pelas árvores como uma canção fantasma, curvando-se e torcendo-se com a brisa, ecoando nas altas paredes do cânion. O som estranho levanta os cabelos dos meus braços e pescoço, um por um.

Um lampejo vermelho perto da borda da floresta. Giro para enfrentar a ameaça, capa vermelha, máscara metálica vermelha, bengala de escorpião.

Vinte rebeldes escoltam Nicolai, um halo de aço que reflete vaga-lumes de luz ao redor do líder dos Fienianos. Ele caminha lentamente, a cada movimento sugerindo a dor e o desconforto que deve sentir. Em algum lugar próximo estará o veículo que o transportou, de jeito nenhum no Inferno que ele marcharia a pé com seu exército.

— Eu pensei que o castelo era para lá. — Falo, empurrando meu braço para a esquerda.

— Eu pareço estar perdido? — Por baixo das qualidades robóticas da eletrolaringe de Nicolai, sua voz tem a qualidade escorregadia de que me lembro, só que agora está quebradiça de dor. Qualquer outro ser humano e eu poderia sentir pena, mas não de Nicolai. Não, até mesmo sua dor poderia ser um estratagema para distrair.

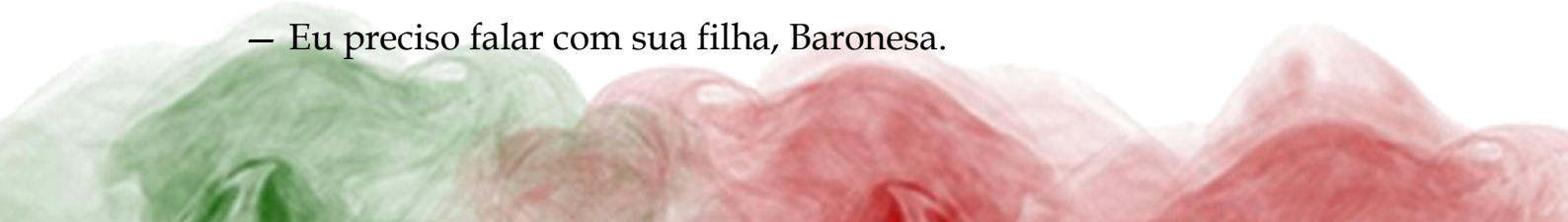
O que ele está tramando?

Quando eles chegam a seis metros, minha mãe dá um passo à frente. Por alguma razão estúpida, estou surpresa ao ver sua espada baixa e pronta ao seu lado. Refletindo a luz do fogo em sua bela borda de aço polido.

— Já é o suficiente, Nicolai. — Ela o informa. Sua mão esguia vira levemente para frente e para trás de excitação, fazendo o reflexo do fogo preso na lâmina parecer girar e dançar.

Ele lança um olhar impaciente para minha mãe antes de travar os olhos em seu aço.

— Eu preciso falar com sua filha, Baronesa.



— O inferno que você vai. — Ela responde, sua voz tão casual que quase perco o aviso. A violência implícita fervilhando sob a superfície.

Mas Nicolai não perde. Com um suspiro de mágoa, ele acena para seus guardas e se aproxima sozinho. Cada passo parece um esforço, a ponta de aço de sua bengala laqueada afundando profundamente no solo lamacento. Sua respiração saindo em jorros rápidos e gorgolejos antes que posso ouvir daqui.

A tensão engrossa o ar até que parece combustível, pronto para explodir em violência a qualquer segundo. Os olhares de nossos guardas saltam ao redor com olhos selvagens e brancos, e eu levanto a mão para firmá-los. A última coisa de que precisamos é um soldado nervoso puxando sua espada.

Quando Nicolai está à distância de um homem, alinho a ponta da minha espada com seu coração.

— Longe o suficiente, Mestre das Marionetes.

Bramble reforça minha ameaça com um staccato de gritos de advertência que quase rasgam meus tímpanos.

Nicolai observa Bramble por um longo momento, então lança um olhar zombeteiro para os soldados contra a parede.

— Você deve treiná-los melhor. Algumas chicotadas públicas e a execução ocasional geralmente resolvem o problema.

— Você veio até aqui para me dar conselhos?

A longa capa de Nicolai farfalha quando ele estende a mão enluvada, seus dedos grossos quase escondidos pela escuridão.

— Venha, vamos conversar.

— Diga a seus Fienianos para libertarem meus soldados e eu considerarei isso.

— Aí está a Maia que eu conheço. — Seu olhar prateado cai para a ponta da minha espada. — Toda fanfarronice e nenhuma mordida. Infelizmente,

você não tem muito com o que barganhar. Venha comigo ou eu levanto meu braço, levanto dois dedos mutilados, e meus guardas cortam a garganta dos soldados.

O suor alisa meu punho sobre o punho da espada. Posso sentir o olhar coletivo do conselho pinicando minha pele. Esperando para ver o que farei.

Inspire, expire. Agora fique firme, Maia.

— Continue. — Sorrio. — Então, meus amigos e eu vamos correr para ver quem te mata primeiro. Minha aposta é Riser, então, novamente, Flame tem o controle sobre você por trás. Bom, e eu o odeio mais, realmente, é uma disputa em quem terá o prazer de enfiar uma lâmina em seu coração.

Nicolai lança um olhar curioso para Caspian e depois para Riser, seu foco se fixando no último. Avaliando sua disposição. Talvez Nicolai presumisse que os rebeldes que o deixaram estariam cansados de sobreviver com pouca comida ou suprimentos.

Talvez estejam, e estou prestes a ter uma rebelião em minhas mãos.

Congelo quando Nicolai levanta a mão, observando seus dedos...

Ele fecha o punho e os rebeldes, acima de tudo, recuam ao comando, desaparecendo da linha do penhasco e libertando nossos soldados.

— Agora. — Diz Nicolai. — Eu joguei bem. Sua vez. Eu tenho uma proposta para você.

Não sou estúpida o suficiente para caminhar sozinha com ele pela floresta. Em vez disso, limpo um lugar para Nicolai na mesa. Os guardas ficam, e Riser e Caspian reivindicam posições de guarda nas minhas costas, enquanto Rivet e Max assumem as posições do outro lado.

Flame e minha mãe ficam perto dos soldados, mas perto o suficiente para ser útil se Nicolai tentar algo, cada um se recusando a largar sua arma. Nesta



posição, Nicolai seria suicida se tentasse qualquer coisa, mas isso não faz nada para dissuadir meu desconforto.

Como você prevê as ações de um louco?

Espero até que Nicolai se abaixe, lentamente, na cadeira, antes de me sentar em frente a ele. Sua respiração sai em ofegos barulhentos, e ele dá uma baforada em um dispositivo do tipo inalador antes de falar.

— Eu tinha... um discurso pronto. — Ele ofega. — Mas isso era... foi antes de eu ter que andar nesta floresta. — A luz do fogo cintila nos planos suaves da máscara cobrindo seu rosto, fazendo com que pareça flutuar contra a escuridão circundante. — Eles disseram que essas florestas são assombradas?

Estalo meu pescoço, tonta de fome e cansaço. Nesse ponto, até mesmo falar é uma tarefa que requer energia que eu não tenho, então simplesmente nível Nicolai com um olhar impaciente.

— Regimentos inteiros de Fienianos assassinados aqui. Eles realmente não disseram... a vocês? — Seus olhos claros brilham intensamente e febris. — Este solo foi regado com sangue...

— Você tem dois segundos para ir direto ao ponto, ou terminamos.

Lábios mutilados pressionam em uma carranca. — Meu exército avança no Castelo de Laevus no primeiro raio de luz.

— Eu imaginei. — Consigo esconder minha decepção.

— Não posso prometer que o que você está procurando vai ficar... intacto. Ou não vai cair nas minhas mãos, e não estou me sentindo particularmente generoso no momento.

Minha garganta sofre um espasmo quando engulo o seco que se transforma em uma tosse afetada. Minha mãe manda um soldado me servir um copo d'água do jarro de plástico no centro da mesa, mas eu aceno para ele sem quebrar o olhar de Nicolai.



— O que você está oferecendo?

— Em poucas horas, o Castelo Laevus vai estar no chão em pedaços ou, se você jogar bem, vou adiar a destruição do castelo até que você encontre este dispositivo.

A carne entre minhas omoplatas formiga e eu me endireito.

— A que preço?

Nicolai olha rapidamente para as mãos, como se não estivesse usando luvas e ainda tivesse unhas para examinar.

— Marche comigo. Seu exército não treinado de Adormecidos para preencher as fileiras dos meus rebeldes.

Suas palavras me deixam em silêncio. Na minha visão periférica, vejo minha mãe ficar rígida, sua coluna ereta. Os membros do conselho murmuram suas suspeitas óbvias sob sua respiração. Eles estavam dentro da minha cabeça durante os testes de sangue. Eles viram o que Nicolai fez comigo.

Flame balança a cabeça, um gesto tão sutil que pode significar qualquer coisa, antes de franzir os lábios e levantar o dedo médio em um gesto perfeitamente claro.

Jogando com calma, examino minhas unhas.

— Combinar nossas forças? Digamos que tenhamos sucesso. Então o que?

— Então... — Diz ele. — Dividimos a joia do regime monárquico ao meio.

— Bem desse jeito?

— Bem desse jeito.

Mentiroso. A palavra ressoa em meu crânio. — Nós escolheríamos os limites.

Ele encolhe os ombros como se tal sugestão não fosse importante, fazendo com que mais sinos de alarme soassem dentro da minha cabeça.



O que você está fazendo, Mestre das Marionetes?

Do canto do olho, vejo Riser sair das sombras e se aproximar, seus passos de espreita silenciosos e fantasmagóricos. De alguma forma, até as folhas parecem não quebrar sob seus pés.

— Nicolai, não sei o que você está querendo... — Diz Riser, sua voz baixa cortando o gemido do vento por entre as árvores. — Mas a resposta é não.

Que diabos Fieniano?

Sua declaração me atinge como um tapa na cara, e leva todo o meu foco para não reagir quando um pedaço de dor perfura meu peito. Ele deve saber que falar por mim me faz parecer fraca, algo que não posso ser agora.

Um sorriso oleoso se forma sob a borda delicada da máscara de Nicolai.

— Você tem um representante que fala por você agora, Maia? Achei que o Garoto do Fosso só era bom em trair seus mestres e pegar o que não lhe pertence, mas aparentemente sua lista de realizações inclui diplomacia também.

A referência de Nicolai ao Coletor de Armas Quentes roubado antes de partirmos não é uma surpresa, ele iria descobrir mais cedo ou mais tarde. Mas a mágoa em sua voz é.

Por que Nicolai levaria a partida de Riser para o lado pessoal?

Certamente ele tem uma série de soldados assassinos para tomar seu lugar, se as Cortes de Sangue fossem alguma indicação.

Caspian ri e dá a seu meio-irmão um sorriso zombeteiro.

— Esqueceu sua casa, Thornbrook? Por que você não volta para as sombras e deixa os adultos cuidarem disso?

Riser lentamente corta seus olhos incompatíveis para Caspian, como se o príncipe Ouro mal valesse a pena respirar.



— Duvido que você diga isso para mim sem seus guardas presentes, irmãozinho.

Me encolho com o silêncio letal de suas palavras. Bramble gorjeia baixinho em alarme. Este é o pior momento em que sua rivalidade pode explodir...

— E eu duvido que Maia vá mantê-lo por muito mais tempo, agora que o mundo está começando a ver o quão selvagem você é.

— Porque eu não estou assentindo e concordando com tudo o que ela diz como você, isso me torna um animal?

— Não. — Os olhos de Caspian ficam frios. — Você é um animal porque anda por aqui como se estivesse a um segundo de cortar a garganta de todo mundo. Porque você exala violência. — Caspian passa a mão pelo cabelo. — Como ela acha você atraente está além de mim.

Meu coração bate na minha garganta. Os membros do conselho trocam olhares calados enquanto Nicolai apenas sorri e sorri.

Não morda a isca, Riser...

— Certo. — Rosna Riser. — É disso que se trata. Só porque você tem mais dinheiro do que os deuses, e algum computador disse que você é compatível, você acha que ela vai cair em seus braços?

— Talvez não. Mas chegará o dia em que ela perceberá o que você é, e eu estarei aqui, Thornbrook. Esperando.

Eu mal consigo me mover. Quase não sugo o ar. Como isso saiu do controle tão rapidamente?

— Desculpe, Laevus. — O tom provocador de Riser faz meu estômago apertar. — Garotos príncipes bonitos simplesmente não são o tipo dela.

— Como você é? — Caspian cospe, seu tom polido se dissolvendo em ódio. — O bastardo de uma prostituta caolho?



Não, não, não...

— Sua família deixou minha mãe para morrer como um animal na prisão.

— As palavras de Riser são sussurros afiados, cada um uma adaga. — Ouse proferir outra respiração manchando sua memória e será a última respiração que você dará.

— Talvez. — Caspian ferve. — Meu pai a deixou apodrecendo como um animal... porque ela era um.

Eu sei, antes mesmo de Riser reagir, que Caspian foi longe demais. Ficou muito pessoal. Posso sentir o clima no ar mudar quando algo sombrio e mortal pisca dentro dos olhos de Riser, a sombra de uma fera desperta.

Riser alcança sua lâmina...



CAPITULO 6



— Suficiente! — Ordeno, estranhamente sem fôlego. Parte de mim está com medo de que Riser não dê ouvidos. Que a violência frenética que aprendeu na cova voltará rugindo. — Isso é o suficiente.

Um suspiro coletivo se eleva da mesa. Alguns dos membros do conselho se afastam de Riser, olhos arregalados e em pânico sob a delicada luz do fogo.

Riser fica imóvel, os dedos cerrados em torno do cabo da adaga que se projeta em sua cintura. Por um momento, ele não faz nada. Um por um, seus dedos se desenrolam de sua arma. Como se retirar cada um fosse doloroso.

Seus dedos se fecham em um punho com nós brancos e ele deixa cair a mão ao seu lado.

Finalmente, ele inala duas respirações e lentamente, lentamente a promessa de violência se dissipa de seu rosto.

O suficiente, pelo menos, para que eu possa respirar novamente.

Quando Riser encontra meu olhar, seu rosto está vazio, sem emoção, o soldado leal e sem mente, e então ele se vira para olhar fixamente para um Nicolai radiante.

O calor mancha minhas bochechas enquanto eu desvio meu olhar dele para seu meio-irmão.

Caspian nem se atreve a olhar para mim, seus olhos baixos e ombros rolados para frente. Pelo menos ele tem o bom senso de perceber a situação em que me colocou. Ou talvez ele se lembre da última briga deles, onde os dois quase morreram, e entenda o quão perto ele estava da morte agora.

— Aquilo foi... divertido. — O olhar de minha mãe, afiado como a lâmina que Riser alcançou, paira sobre mim. Ela me olha de cima a baixo, a sugestão de uma carranca preocupando seus lábios e destacando as rugas finas como uma aranha que reveste sua boca.

Ela está esperando que eu faça algo. Para puni-los por perderem a calma e nos fazer parecer fracos diante de um inimigo.

Solto um suspiro para evitar que meus dentes rangerem e me dirijo a Caspian.

— Príncipe Laevus, por favor, não faça mais comentários. Acho que já ouvimos o suficiente.

Um músculo se contrai sob a mandíbula de Caspian.

Lanço um olhar para Riser, mascarando a dor por suas ações com um sorriso tenso que certamente deixa minha mãe orgulhosa.

— Príncipe Thornbrook, acho que é hora de você avaliar o perímetro novamente para garantir que não haja mais surpresas.

Minhas palavras parecem erradas em todos os níveis. Estou basicamente dispensando-o e culpando-o por Nicolai se esgueirando por nossas defesas. Embora no fundo do meu coração eu saiba que não há ninguém com quem estou mais segura do que Riser. Ninguém em quem eu confie mais.

E ainda... ainda assim, ele quase desvendou o futuro do nosso mundo agora.

Um segundo depois e Riser teria matado Caspian.



Um segundo depois e qualquer futura aliança com os monarquistas teria sido contaminada para sempre. Eu teria que puni-lo, provavelmente executá-lo.

Como ele poderia não ver isso?

Como está, ele sozinho desmantelou o respeito conquistado com dificuldade que construí nos últimos dois dias com os Adormecidos, enquanto me fazia parecer fraca para Nicolai.

Eu odeio o olhar presunçoso que minha mãe usa, aquele que me lembra de seu aviso anterior. Quase tanto quanto odeio o lampejo de traição que passa pelo rosto de Riser. Nossos olhos se encontram, e eu me preparo para uma discussão.

Mas seja qual for o sentimento de Riser, ele o enterra sob uma máscara dura que nem eu consigo penetrar.

Uma respiração, um batimento cardíaco e ele desliza para as sombras para fazer seu trabalho. Me proteger. Assim que ele sai, a tensão no ar diminui até que eu possa respirar novamente sem lutar.

Nicolai estala a língua e poussa seu olhar inflexível em mim, seus olhos dançando com diversão cruel. Ele está aqui há menos de cinco minutos e já encontrou fissuras de dissidência em nossas fileiras. Expondo rachaduras e falhas fatais que prefiro manter escondidas.

— Como mencionei antes... — Diz Nicolai, sua voz eletrônica de alguma forma conseguindo soar suave e provocadora. — Pendure alguns soldados indisciplinados em uma árvore e o resto se torna obediente como cães de caça. Embora às vezes eu ache que... — Seu olhar desliza para onde Riser estava momentos antes. — Alguns não podem ser domesticados e precisam ser eliminados.



Eu me concentro em Nicolai, meu estômago dando nós, e me forço a esquecer Riser e Caspian. Encontrar um pouco de compostura. O suficiente para que eu possa fingir que dois príncipes quase não lutaram até a morte por mim.

— Por que essa oferta repentina? — Minha voz vacila, mas sigo em frente, imbuindo cada palavra com mais confiança do que a anterior. — Você tem um exército. Bem treinado.

— Os deuses se voltaram contra nós. — Um batimento cardíaco bate enquanto ele hesita. — No dia em que você saiu, fomos atingidos por um vírus trazido pelos Adormecidos. No dia seguinte, um relâmpago acendeu um incêndio que matou centenas de outras pessoas, mesmo quando uma enchente levou um grupo de rebeldes em busca de suprimentos a cinquenta quilômetros a leste.

É difícil sentir pena de Nicolai, mas meu coração dói pelos Fienianos. Mesmo que a maioria nunca tenha confiado em mim, é difícil não sentir uma camaradagem com eles depois de meu tempo lá.

— Não posso imaginar que isso tenha dizimado suas forças. — Aponto, mantendo qualquer simpatia fora da minha voz.

Uma risada baixa e rouca. — Os fienianos acreditam nos deuses antigos. E três incidentes infelizes em dois dias falam da ira dos deuses, a perda de seu favor. Não é exatamente fortuito antes da batalha.

A compreensão amanhece. — Eles estão desertando?

A única resposta que recebo é um piscar, o que considero significar sim.

— Quantos?

— O suficiente para exigir seu bando irregular de Adormecidos. Eles podem não ser treinados, mas precisamos de corpos no campo.



— A maioria dos meus Adormecidos está morrendo de fome. Eles mal conseguem segurar armas, e aqueles que podem não têm ideia do que fazer com elas.

— Ainda. — Ele passa o dedo indicador em torno de um buraco nodoso na mesa.

— Você não quer que o imperador saiba que seus soldados estão desertando, quer? — Rio, me sentindo um pouco mais perto de descobrir o jogo de Nicolai. — Ele teria uma ideia aproximada dos seus números, e se você aparecer com a metade...

O imperador perceberia sua fraqueza.

— O que aconteceu ao seu discurso sobre chicotadas e execuções?

— Questiono. Se os rebeldes estão realmente desertando em tal número, eles devem realmente querer partir.

Seus lábios mutilados se abrem em um sorriso torto.

— Oh, aqueles que pudemos encontrar pagaram o preço do sangue, junto com os espiões de Lorde Thornbrook... depois que terminamos de alimentá-los com informações.

Solto um suspiro, tentando firmar minha mente. Nicolai poderia realmente precisar da minha ajuda? Ou isso é um truque? Os espiões de Riser nunca mencionaram o incêndio ou deserções, mas se o que Nicolai está dizendo for verdade, suas informações foram cuidadosamente controladas e não confiáveis.

Se Nicolai está mentindo, não consigo ver o ângulo dele. Mesmo se marcharmos juntos, meus soldados ainda cairão sob meu comando.

A forma ágil de Riser se solidifica perto das árvores à minha esquerda. Terminada a tarefa, ele se inclina silenciosamente contra uma grande laje de rocha, com a cabeça inclinada para o lado. Me assistindo.

Estremeço, correndo minhas mãos pela pele arrepiada de meus braços.

— Preciso de uma hora para decidir. — Digo, ignorando os olhares chocados de basicamente todos, exceto Nicolai. Até Riser parece se endireitar com isso. — E... se eu aceitar o acordo, marcharemos amanhã à noite e você alimentará meu exército com carne e grãos de suas provisões.

Ele mal hesita antes de responder: — Você tem meia hora para decidir.

Meu olhar se fixa em Riser. Afastando as emoções que seu rosto desperta, mudo minha atenção de volta para Nicolai.

— O Príncipe Thornbrook dará nossa resposta em breve.

Minha voz não deixa espaço para discussão. Os lábios de Riser franzem, mas ele acena com a cabeça uma vez, uma mecha de cabelo escuro caindo sobre seu olho verde-musgo. Sob esta luz, e desta distância, seu olho azul parece negro como a ardósia que percorre as rochas na base dos penhascos.

Nicolai geme e fica de pé, dois rebeldes correndo para ajudá-lo. Enquanto ele bate com a bengala na terra rochosa, meu cérebro zumba com esse novo desenvolvimento, perguntas flutuando na superfície da minha mente como cadáveres.

Quais são as verdadeiras motivações de Nicolai?

Como isso o beneficia?

Mas só consigo pensar em como esse plano nos beneficia mais, conhecendo Nicolai, significa que isso é cem por cento uma armadilha.



CAPITULO 7



Meia hora não é tempo suficiente para tomar uma decisão tão importante.

— Como você pode pensar em confiar naquele rebelde? — Caspian pergunta, embora seu tom principesco usual esteja desgastado com a culpa por suas ações anteriores. Ele voltou a ocupar seu lugar à mesa, os braços cruzados e descansando à sua frente. Bolotas se espalham em torno de seus cotovelos.

O príncipe coroado, reduzido a comer nozes e frutas vermelhas.

Eu riria alto se não fosse pelas circunstâncias.

Uma olhada ao redor da mesa me diz que todos compartilham seus sentimentos. Minha mãe, Flame, Max, Rivet e Caspian. Os membros do conselho, que estão sentados com os olhos turvos, usando carrancas esculpidas profundamente em suas mandíbulas.

O único que não está sentado é Riser, que está a poucos metros de distância, com o rosto voltado para a floresta adormecida. Uma pontada de desconforto cresce por não ser capaz de chamar sua atenção.

— Eu não confio nele. — Respondo, voltando a me concentrar em Caspian. — Só um idiota faria. Mas não tenho certeza se temos escolha. Ele tem

comida e suprimentos e, se nos aliarmos a ele, podemos monitorar e controlar seus movimentos.

Flame, que passou os últimos cinco minutos transformando uma bolota em pó com a ponta de sua adaga com cabo de ouro, olha para mim sob as sobrancelhas baixas.

— Isso é exatamente o que um tolo diria.

Olho para ela. — Ok, Flame. O que você faria?

Ela encolhe os ombros. — Mande o Príncipe ali para cortar seus olhos. Então seu coração. Finalmente, suas bolas...

— Ok. — Interrompo. — Nós entendemos.

Max ri baixinho, e eu levanto minhas sobrancelhas para ele. *Não me faça sentir muito por ter deixado você se juntar a nós*, meu olhar diz.

— Por que Nicolai confiaria em Caspian? — Adiciono.

— Não esse príncipe. — Ela rebate, a palavra príncipe desta vez com escárnio. — Nosso príncipe.

Oh, ela quer dizer Riser. Às vezes esqueço.

— Então o Príncipe Thornbrook morreria.

— Talvez. Talvez não. — Ela sorri para Riser, que não parece nem um pouco ofendido por ela estar oferecendo sua vida. Na verdade, seu rosto é uma máscara de apatia.

— Isso não está acontecendo. E isso não resolveria nosso problema atual.

— Olho ao redor da mesa, limpando minha mente enquanto lentamente descanso em uma decisão. — Acho que devemos trabalhar com Nicolai, mas esperando que ele planeje nos trair no campo de batalha.

O silêncio desce. Os lábios da minha mãe puxam para o lado, e eu odeio o quão perto eu a observo. Como minha respiração engata enquanto espero para ver se ela concorda.



Caspian se inclina para trás em sua cadeira e exala.

— Como faríamos isso?

Passo os próximos cinco minutos traçando o plano. Porque foi montado tão rapidamente, teremos que refazer partes dele amanhã, mas quando termino de explicar meus pensamentos, percebo a carranca de minha mãe relaxar, as bordas de seus lábios se erguendo ligeiramente. Uma onda de esperança se expande dentro do meu peito.

O único que não mostra nenhuma reação é Riser. Depois que convocamos a reunião e todos se arrastam para fora de suas cadeiras a caminho do acampamento, encontro Riser e o puxo para o lado. A maioria das tochas se extinguiu, mas uma única chama goteja perto de nós, e eu me encontro me aproximando do beijo de calor que ela fornece.

Normalmente Riser teria me notado tremendo e me envolvido em seus braços. Mas agora, agora ele simplesmente olha além de mim para algo à distância.

— Diga a Nicolai que aceitamos. Mandarei soldados buscar os alimentos e suprimentos prometidos antes do meio-dia de amanhã, e ao anoitecer estaremos prontos para marchar. — Talvez seja meu cansaço ou a dor persistente mais cedo, mas minhas palavras saem curtas e defensivas. — E... informe-me quando terminar.

Então, eu saberei que você está seguro, quase digo... mas as palavras se alojam firmemente na minha garganta.

Engulo, mexendo com a gola da minha camisa. Falar com Riser nunca foi tão difícil. Minha boca se abre enquanto eu insisto com as palavras, algo, qualquer coisa para quebrar essa barreira fria entre nós.

Mas antes que eu pudesse respirar, ele faz uma saudação fingida e foge.



CAPITULO 8



De volta no acampamento, ando sonâmbula na tenda que Riser me ajudou a montar dois dias atrás e caio em um sono de pesadelo cheio de morte. Depois de algumas horas sofrendo com meus pesadelos, meus amigos morrendo de maneiras horríveis enquanto eu assisto, me arrasto de meus cobertores ásperos e prendo meu cabelo em uma trança surrada. Desde que dormi com minhas roupas ontem à noite, eu nem me incomodo em trocar.

Há muito o que fazer.

O amanhecer iminente ilumina as costuras da minha tenda e, quando me enfio debaixo da porta e desço a colina para acampar, um nascer do sol dourado-tangerina varre o vale. Uma brisa fresca agita os cantos das barracas alinhadas em fileiras bagunçadas e remexe o lixo.

Bramble surge da tenda e me segue, se espreguiçando e resmungando seu protesto.

Verifico a tenda de Riser primeiro. A dele fica logo abaixo da minha na colina, escondida por um bosque de amieiros perto de um rio estreito.

Vazia. A cama, uma coleção de cobertores dobrados, está arrumada, sem dormir.

Soltando um suspiro cansado, eu passo por uma fila de mulheres agarrando suas roupas nos varais que ziguezagueiam de tenda em tenda. A maioria das pessoas no acampamento tem apenas dois pares de roupas, seus trajes diurnos e tudo o que vestem para dormir, e lavam suas roupas diurnas todas as noites.

A enfermaria é um conjunto de tendas construídas juntas em um prado a duzentos metros do acampamento. A borda das montanhas forma uma parede protetora em suas costas, protegendo o acampamento dilapidado do sol da manhã.

Encontro Lash na última tenda, cuidando de uma menina doente com não mais de sete anos. Um suor febril cobre seu cabelo claro em volta do crânio, e uma tonalidade azul sombreia seus lábios. Mesmo depois que Lash fixa seu olhar vítreo em mim, leva um momento para o reconhecimento brilhar dentro de seus olhos cansados.

— Olá, amor. — Ele murmura, sua voz quase sumida das discussões constantes com seus pacientes e suas famílias.

— Você não dormiu nada, não é? — Pergunto, afastando uma mecha de cabelo rebelde.

— O sono é superestimado. — Ele força um sorriso torto que não alcança seus olhos. — Até que eles façam mais de mim, querida, eu realmente não tenho escolha.

— Eu não acho que o mundo poderia lidar mais com você.

Ele pisca. — Certo, Graystone.

Colocando a mão em seu ombro, eu o guio para o ar fresco. Os ossos sob sua carne parecem mais afiados do que o normal e eu me afasto muito rapidamente. A fumaça vem do leste. Bramble encontra uma rocha lisa com musgo e se acomoda em cima dela, aproveitando o momento para tomar sol.

— Você comeu? — Tento manter a preocupação longe do meu rosto.

— Guisado de bolota. Uma delicatessen destinada aos imperadores, garanto-lhe.

— Quando? — Insisto, meu próprio estômago roncando.

Ele coça o oco de sua bochecha. Uma linha de sujeira circunda suas unhas para combinar com os círculos escuros sob seus olhos. Nessa luz, seu cabelo tem o vermelho vibrante do nascer do sol, puxado para trás na nuca. O suor escurece suas têmporas até a ferrugem.

— Ok, estou levando você para comer.

Ele olha para trás, para a enfermaria.

— Mas...

— Não. Você precisa comer e se banhar.

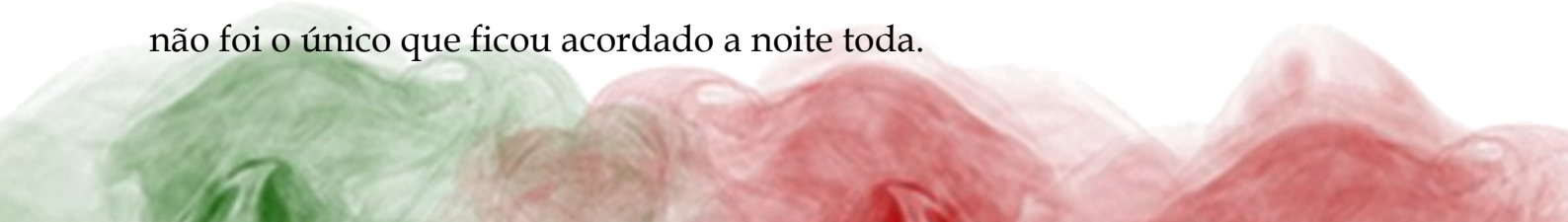
— Isso é uma oferta para me ajudar a me lavar? — Mas sua voz carece de seu charme usual e minha preocupação aumenta. — Porque se for, precisamos discutir sua quantidade de pretendentes principescos.

— Você ouviu sobre a noite passada?

— Amor, todo o acampamento ouviu sobre ontem à noite. Agora, não me importo de compartilhar, mas os outros...

Reviro os olhos e o arrasto em direção à fumaça pálida que escurece o céu do outro lado do acampamento. Quando nos aproximamos das fogueiras para cozinhar, filas de pessoas aparecem, cambaleando e meio adormecidas. Eu descubro o porquê um momento depois, quando vejo Teagan voando sobre o fogo, orientando os atendentes e ajudando a colocar um ensopado espesso em tigelas.

Um ninho de cabelos escuros repousa sobre sua cabeça, que cai baixo em seu pescoço longo, e seu corpo se curva e balança com a brisa. Parece que Lash não foi o único que ficou acordado a noite toda.



O primeiro lote de suprimentos de Nicolai deve ter sido entregue porque a lama escura fervendo dentro das panelas de ferro fundido tem um cheiro delicioso, uma promessa rica em gordura de comida de verdade engrossando o ar.

A maioria das pessoas na fila mal tem energia para ficar de pé. Caso contrário, Teagan já teria sido invadida, apesar dos três soldados ali para protegê-la.

Teagan empurra duas tigelas de ensopado em nossa direção, limpa as mãos no avental de toalha em volta da cintura e continua. Antes de sairmos, eu a agarro pelos ombros e a faço prometer que ela vai comer em breve.

Ela acena com a cabeça cansada, o melhor que vou conseguir, e então Lash e eu encontramos um pedaço de chão plano para pousar perto do rio.

Sem colheres à vista, nós dois viramos nossas tigelas até que estejam vazias. Mal percebo como a comida está quente até depois, quando minha língua encontra uma bolha crua no céu da boca.

A comida me deixa com sono, mas me forço a ficar de pé. Há um milhão de coisas a fazer, a mais importante das quais é encontrar Riser.

Corro uma manga sobre minha boca. — Você viu Riser esta manhã?

A comida deve ter deixado Lash sonolento também, porque ele mal tem energia para balançar a cabeça.

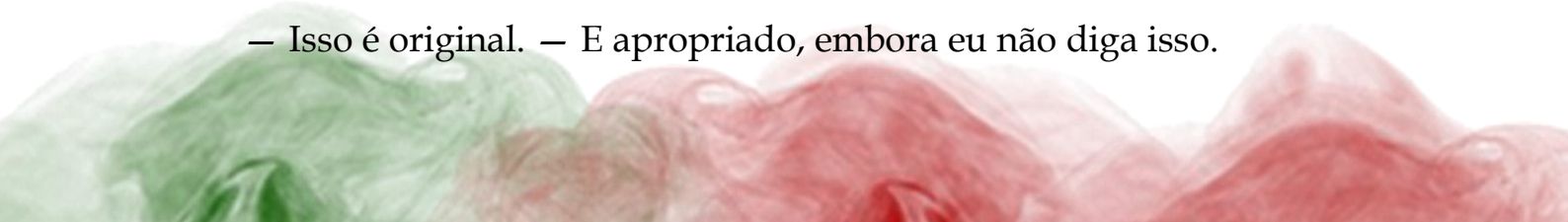
— Não. Mas estive na enfermaria a manhã toda. Por quê? Você perdeu o Príncipe Negro?

Levanto uma sobrancelha. — Príncipe Negro?

Ele cutuca algo com os dentes.

— Como o estão chamando. Ele é o Príncipe Negro e o outro é o Príncipe Dourado.

— Isso é original. — E apropriado, embora eu não diga isso.



Ele levanta um ombro em um encolher de ombros cansado. — Bem, a pergunta que você deveria fazer é: onde está toda a carne?

— O quê?

— Aquele ensopado deveria ter carne. Ouvi pacientes dizendo que viram o pessoal de Nicolai trazendo barris de carne para o acampamento, mas o que acabamos de comer foram batatas e nabos.

Ele tem razão. Especifiquei carne para Nicolai, e ele não colocaria nossa aliança em risco por causa de algo assim, quando tem carne de sobra. Com um aceno agradecido, volto para as fogueiras da cozinha. A multidão cresceu e tenho que abrir caminho através de um círculo profundo de cinco pessoas para encontrar Teagan pairando sobre uma tigela.

— O que aconteceu com a carne?

Ela mal levanta os olhos da panela que está mexendo. — Querida, recomendo que você não diga isso muito alto ou teremos algumas pessoas muito zangadas em alguns momentos.

Chego mais perto, o calor do fogo abaixo aquecendo meu braço e puxando o suor ao longo de minhas omoplatas.

— Nicolai trouxe, certo?

— Ele fez. — Seus olhos seguem atrás de mim para a floresta. — Então eu joguei fora.

— Por quê?

— Ordens de Riser. Uma pena também. Nós poderíamos ter realmente usado.

Pelo menos ele voltou para o acampamento. Limpo a mão na minha testa, juntando mais suor.

— Ele deu a você um motivo?



Ela faz uma pausa no meio da concha e olha para mim. — Não. Ele me pediu para confiar nele, e eu confiei. A única coisa que ele disse foi para eu destruir a carne em segredo e adicionar a carne de cavalo que sobrar.

— Por que ele faria isso? Por que ele não me contou?

Ela encolhe os ombros de forma cansada e finaliza. — Você terá que perguntar a ele quando o encontrar.

Certo. Exceto que é bastante claro que Riser não quer ser encontrado.

Principalmente por mim.

E está se tornando cada vez mais difícil inventar desculpas para explicar o motivo.



CAPITULO 9



Por mais confusa que tenha sido a revelação de Teagan, ela renova minha decisão de encontrar Riser. Minha busca me leva pelo acampamento, agora cheio de vida. Crianças carregam água do rio em baldes e fervem em fogueiras. Do outro lado do acampamento, Flame lidera um grupo de Adormecidos mais saudáveis encosta acima para treinar no terreno plano acima, suas espadas brilhando ao sol da manhã.

Os membros mais fracos estão enrolando suas tendas e empacotando seus poucos pertences para a longa marcha até os abrigos sob as montanhas.

Os Pratas que podem pagar empacotam suas coisas nas costas de versões tristes dos Swifterns enferrujados daqueles na fortaleza rebelde. Algumas naves de nuvem antigas repousam do outro lado do acampamento, sob um afloramento de rochas. Essas serão usados para transportar os suprimentos mais importantes.

Acima, o ar tremeluz e estremece. Só um pouco. O suficiente para que um humano notasse se estivessem olhando, mas para os drones acima, o acampamento abaixo parece ser outro vale desocupado cheio de pedras e grama na altura dos joelhos.

Os escudos malignos que minha mãe roubou dos realistas estão fazendo seu trabalho, pelo menos.

Pressiono mais fundo na multidão de pessoas. Depois de quase trinta minutos procurando sem sorte, eu forço Riser de meus pensamentos e começo os preparativos para esta noite. Verificando se as armas estão limpas e afiadas, garantindo que temos comida e água suficientes para a viagem, até mesmo certificando-me de que todos que vão lutar tenham sapatos adequados e suficientes.

Nem todo mundo vai lutar. Mais da metade do nosso acampamento é formado por enfermos, idosos e crianças. Assim que embarcarem em direção à Ilha, eles viajarão para o noroeste para os abrigos sob as montanhas. Esperançosamente, se tudo der certo, eles podem surgir em alguns dias.

Mas senão...

Eu me enterro no meu trabalho. Depois de algumas horas, meus ombros doem e uma camada de sujeira manchada de suor cobre meu rosto. Encho meu cantil na estação de água perto de um trecho de Susans amarelas de olhos pretos e, em seguida, caminho pelas encostas marcadas por pedras até a área de treinamento.

Uma boa brisa chicoteia meu cabelo para trás e esfria minhas bochechas enquanto eu subo a colina. Centenas de pessoas se espalharam pela campina, sombreadas pela montanha coberta de neve às suas costas. Seus coletes e capas vermelhos rodopiam enquanto lutam. Cintilações de luz dançam em seu aço, o som de metal contra metal enchendo o vale.

O pavor aumenta logo abaixo do meu esterno, uma pequena faísca de gelo que se espalha pelas minhas veias, meus ossos.



Já me acostumei com a ideia de que nunca mais poderei ouvir os sons da guerra sem reviver o ataque dos rebeldes à Ilha e, mesmo agora, o mero som de espadas batendo é suficiente para me detonar.

Minha boca fica seca, um rugido crescendo mais alto na minha cabeça enquanto eu respiro fundo. Lampejos do bombardeio invadem minha mente. Vejo centuriões atravessando civis com espadas já revestidas de vermelho. Vejo os feridos e mortos espalhados por um campo. Vejo o rosto pálido de Ophelia e seu olhar vago...

Fechando meus olhos, limpo os fantasmas da minha cabeça e me concentro nos soldados em treinamento espalhados em fileiras ordenadas. *Foco, Maia. Eles precisam de você.*

Quando tenho certeza de que tenho minha ansiedade sob controle, desço a colina, grata pela brisa leve que seca o suor que cobre minha pele.

Quando se tratava de nomear comandantes para os regimentos de nosso exército, de alguma forma tínhamos Adormecidos suficientes com experiência para preencher as funções. Minha mãe foi a escolha óbvia para general, um de seus diplomas é em ciências militares, e não há ninguém mais astuto e implacável quando se trata de guerra.

Flame também foi fácil de nomear como treinadora e quase sinto pena dos recrutas sob seu comando.

Como se fosse uma deusa, eu a vejo segurando a corte sob a sombra de um carvalho. Quadris largos. Empunhando um arco de metal quase tão grande quanto ela enquanto cinco novos recrutas a assistem encaixar a flecha. Ela puxa a corda do arco para trás, aperta os olhos, solta um suspiro e coloca a flecha no centro de um alvo cravado no tronco de uma árvore a oitenta metros de distância.



— Exibindo-se? — Chamo quando me aproximo. Bramble chega ao topo da colina atrás de mim e corre em direção aos soldados em treinamento, suas antenas brilhando.

Ela protege os olhos, seus lábios se abrindo em um sorriso relutante.

— Ser melhor do que todo mundo não é se exhibir. — Ela estende o arco. — Quer demonstrar?

Meus músculos se contraem. Parece que foi há anos que fui reconstruída para usar um arco e flecha, mas sei que ainda poderia acertar o alvo facilmente com meus olhos fechados. Que algumas lições gravadas em meu cérebro, como tirar uma vida ou atirar uma flecha em um alvo do tamanho do olho de um homem, nunca vão desaparecer.

— Outra hora. — Olho além dela para uma tempestade se formando à distância, nuvens cinza-azul cobrindo o topo da montanha como uma sombra sinistra.

— Max está lá embaixo. — Ela sacode a cabeça perto do outro lado dos recrutas. — Brincando com alguma pobre garota.

— Obrigada, mas... você viu Riser em algum lugar?

Ela levanta uma sobrancelha, mas é impossível dizer se ela está chocada ou apenas me provocando.

— Ele se perdeu?

— Não exatamente. Mas não o vi desde a... noite passada.

Um olhar conhecedor passa por seu rosto.

— Ah. Você quer dizer que você está lutando e ele não quer falar com você.

— Não. — *Certamente Riser, não está bravo comigo?* Mesmo se minhas ações o machucassem, ele não iria simplesmente me ignorar, especialmente



hoje. Chupo meu lábio inferior. — Eu não sei. Olha, apenas diga a ele que preciso falar com ele, ok?

Ela saúda antes de colocar outra flecha no alvo. Eu a vejo dividir a haste da primeira flecha bem no meio, estilhaços de madeira voando, antes de vagar pelas fileiras.

Max é fácil de encontrar. Ele é o único dançando e girando em torno de sua oponente, uma morena esguia da minha idade, cada movimento feito para mostrar suas habilidades. Enquanto eu observo, ele desarma a garota com um ataque de impulso de parada, arremessando a espada dela bem alto no ar antes de pegá-la com a mão esquerda.

Bufo e mergulho, arrancando a arma de sua mão.

— Muito floreado. Você está desperdiçando energia.

Ele se vira. — Uau, você soa como ela.

Ai. Max sabe que me comparar com nossa mãe é uma maneira fácil de me ferir, mas eu ignoro seu comentário e devolvo a espada à garota, tentando não se encolher enquanto ela foge, derrotada.

Volto meu foco para Max. — Cara realmente durão. Aquela garota literalmente acabou de acordar do sono criogênico três dias atrás. Ela provavelmente nunca segurou uma espada antes.

— Não é por isso que eu bati nela.

De alguma forma, consigo suprimir meu escárnio.

— Eu sei, eu sei. Somente... talvez não seja tão duro com os novos recrutas? Estamos aqui para treiná-los, não os humilhar para nunca mais tocarem em uma arma.

Um sorriso torto ilumina seu rosto.

— Ei, não posso evitar se sou tão bom.



Bato em seu braço. — Não fique convencido ou terei que colocá-lo no chão na frente de seus amigos.

— Quer testar isso? Eu tenho uma espada extra. — Ele bate no punho da espada que se projeta do cinto em sua cintura.

— Não, não há tempo.

Um lampejo prateado chama nossa atenção para Bramble. Ele está correndo pela grama em minha direção, orgulhosamente segurando as flechas que coletou no ar.

— Acho que seu robô está se tornando um clepto. — Max comenta.

— Eu acho que você está certo. — Franzo a testa para Bramble enquanto ele acena seu prêmio aos meus pés, esperando que os outros soldados não percebam suas flechas roubadas. — Eu culpo sua namorada.

— Ela não é minha namorada. — Mas a mancha vermelha em seu rosto diz o contrário.

Paro, um milhão de tarefas me chamando de volta ao acampamento. — Max, eu só... Eu quero dizer que estou, você... — Limpo minha garganta, procurando as palavras. — Estou orgulhosa de você.

Ele mexe com sua espada, girando em seus pés. — Sim, tanto faz. Obrigado.

— Certo. — O calor mancha minhas bochechas e eu limpo minha garganta novamente como uma idiota. Quero dizer mais um milhão de coisas, mas não sei como. — Suas coisas estão embaladas e prontas para ir?

Ele bufa. — Sim, mãe.

Eu mal evito estremecer desta vez. — Falando em mamãe... — Começo, cautelosamente, sentindo sua reação. — Você precisa falar com ela antes de sairmos.



— Não. — Seus olhos se endurecem como fendas, e quase posso sentir a parede que ele levanta enquanto muda sua atenção para a lâmina, girando a espada de um lado para o outro. — Nunca vai acontecer. Ok? Então pare de perguntar.

Estalo meu pescoço, inúmeras réplicas pesando na minha língua. Mas sei como ele está se sentindo e não posso fazer com que ele a veja. Não posso apagar os mil traumas que ela infligiu, ou os anos de abandono e angústia que se seguiram.

— Veja... apenas, você pode não ter outra chance depois disso. Qualquer coisa pode acontecer esta noite. Eu entendo que você não quer falar com ela, os deuses sabem que eu também não, mas... esta pode ser sua única chance.

Seus olhos nunca deixam o fio da espada quando ele diz: — Não posso, ok? — Meu coração dói com a dor em sua voz. — E não há nada que ela possa dizer para mudar o fato de que ela nos deixou. Apenas nos abandonou como se estivéssemos... — Sua voz falha, e ele bate a espada na bainha do cinto do ombro. — Olha, eu não quero falar sobre isso, ok?

— Ok.

Eu quero tocar seu ombro. Envolvê-lo em um abraço. De alguma forma, suavizar a raiva e a mágoa cerrando seu rosto em uma careta de dor. Dizer a ele que o amo. Mas ele está além do meu alcance, suas paredes são muito fortes após anos de reforço.

Ou talvez eu seja simplesmente covarde demais para tentar.

Então eu me afasto e lhe dou espaço, sabendo que não é justo pressioná-lo agora sobre o assunto, um pouco antes de nossa grande missão.

Mais tarde, digo a mim mesma. Sempre há mais tarde.



CAPITULO 10



Eu sou a primeira a chegar na tenda da minha mãe. Ao contrário do resto das engenhocas miscelânea do acampamento, é uma tenda de verdade, com janelas, uma área de dormir isolada, uma pequena cozinha e até mesmo algumas lanternas penduradas juntas perto do centro como um lustre.

Bramble me segue, correndo perto dos meus pés e fazendo barulhos de arrulhar com a grandeza da tenda.

Assim que a vejo empoleirada em sua cadeira barroca de veludo vermelho, adquirida deuses sabem onde, uma xícara de chá segura frouxamente em uma das mãos e papéis na outra, quero me virar e escapar. Ela usa uma capa de marfim semelhante à da Ilha, apenas com pelo preto de coelho que reveste esta. Uma blusa de gola alta e calças de couro escuro terminam em botas de montaria polidas de meia cana.

Em comparação, sinto-me uma pobre, uma impostora.

Ela levanta uma sobrancelha com a minha hesitação, ou talvez com Bramble circulando minhas pernas como um cachorrinho leal.

Levanto minha cabeça e me aproximo, deslizando para o assento ao lado dela enquanto Bramble se acomoda nas costas almofadadas.

— Móveis bonitos, muito confortáveis e práticos.

Uma risada. Ela olha de volta para seus papéis antes de dobrá-los na mesa lateral.

— Se você não fizer o seu papel, como os outros acreditarão que você pode liderá-los?

— Quem diria que ser um líder significa que sua bunda tem que estar confortável?

Ela estala a língua. — A prisão te ensinou uma conversa tão grosseira?

— Oh, você quer dizer a prisão onde você me deixou apodrecer?

Seu rosto está amargo, seus lábios se enrugando nos cantos...

Graças aos deuses que Caspian entra antes que ela possa responder, tirando nossa atenção uma da outra. Ela imediatamente se levanta para lhe oferecer chá, que ele recusa.

Assim que seu foco muda para mim, ele enfia as mãos nos bolsos da calça e franze a testa.

— Dama Graystone.

— Príncipe Laevus.

O silêncio segue. Passaram-se trinta segundos, um minuto.

Bem, isso não é estranho.

Minha mãe menciona algo sobre um mapa e, antes que eu possa protestar, ela nos deixa em paz. *Ótimo, mãe.* Como se deixar Caspian e eu sozinhos nos fizesse cair nos braços um do outro.

Além disso, não posso olhar para Caspian sem me lembrar da noite passada. Parte de mim está regamente chateada por ele ter agido dessa forma sob meu comando. Mas a outra parte se contorce só de pensar em como eles estavam lutando por mim.



O calor aquece minhas bochechas, e eu cruzo e descruzo minhas pernas, sem saber para onde olhar. Onde colocar minhas mãos sem parecer inquieta e envergonhada.

— Veja...

— Caspian...

Nós dois falamos ao mesmo tempo, e Caspian acena com a cabeça em minha direção, sempre um cavalheiro. — Você primeiro.

— Não, eu... continue.

— Ok. — Ele caminha em minha direção até estar a alguns metros de distância, perto o suficiente para ver as abotoaduras da fênix em suas mangas, o tom vibrante de champanhe em seus olhos. Quase não ouço o chilreio abafado atrás de mim.

— Sinto muito, Maia. Eu nunca deveria ter deixado ele me incitar a dizer essas coisas sobre você, e sei que a deixamos envergonhada na frente dos outros. Eu só quero que você saiba que não é quem eu sou. Eu não sou como ele.

Eu me levanto, principalmente porque com a altura de Caspian, é estranho sentar. Mas também há uma pequena parte de mim que quer confortá-lo. Não aguento vê-lo sofrendo, apesar da minha raiva por suas ações.

— Obrigada. Desculpas aceitas. — Hesito antes de acrescentar: — Você não o viu hoje, não é?

Seus olhos se apertam nos cantos.

— Não, provavelmente uma coisa boa, considerando.

— Certo. Eu só... ele nunca me reportou depois de levar minha mensagem a Nicolai.

Ele parece hesitar, mexendo em uma de suas abotoaduras.



— Maia... não acho que você deva confiar em Riser. Alguém como ele não tem um código, nem moral. No final do dia, você não tem ideia de onde ele estará.

— Ele é leal a mim. — Digo, meu tom afiado com cautela. — E não há ninguém em quem eu confie mais.

— Para confiar em alguém, você tem que entendê-lo. O que eles querem. O que os move. Quem eles são por dentro. Se você não puder responder a essas perguntas sobre Riser, você não pode confiar nele. Não totalmente.

A raiva pinica minhas bochechas, mesmo enquanto parte de mim procura as respostas para essas perguntas.

O que Riser deseja? O que o move? Vingança? Raiva? Ele ao menos sabe? Talvez sentindo minha hesitação, Caspian dá um passo à frente.

— Somos iguais, Maia.

Antes que eu possa reagir, seus dedos deslizam sobre os meus, curvando-se até que suas pontas pressionem a palma da minha mão. Os pés de Bramble batem nas costas da cadeira quando ele começa a andar de um lado para o outro, fazendo bipes estranhos.

Estou chocada demais para me afastar quando ele acrescenta: — A mesma coisa nos impele para frente. Queremos criar um mundo onde nosso povo possa viver livre da morte e da violência. Nós queremos paz. Você pode dizer o mesmo de Riser?

Eu o sinto antes de ouvi-lo. Uma sensação de punhais picando minha pele. Eu olho a tempo de ver as sombras da tenda se mexendo, e então uma voz masculina casual diz: — Se você está interessado em minhas motivações, príncipe, por que não me pergunta?

Ah não.



Ao som da voz de Riser, todo o corpo de Caspian fica rígido. Seus dedos apertam os meus com força, e eu ofego de surpresa.

O olhar de Riser se volta para nossas mãos. Entrelaçadas. Íntimas.

Ele pisca. Uma vez.

Então ele desvia os olhos para mim. O que quer que ele sinta, está escondido atrás de uma parede de pedra que não consigo penetrar. Nem mesmo quando eu tiro minha mão da de Caspian e dou um passo para trás. Nem quando procuro seu rosto com meus olhos, desejando que ele mostre um pingo de calor. Que explique onde ele esteve. Por que ele está agindo assim agora.

— Entrando furtivamente em tendas e se escondendo nas sombras?

— Provoca Caspian. — Por que não estou surpreso?

— Eu não me esgueirei para lugar nenhum. — Uma raiva silenciosa corta sua voz. — Você estava muito envolvido em sua discussão para me notar entrar. Nenhum guarda-costas hoje, Príncipe?

Não gosto da maneira como a conversa está mudando e meu coração salta descontroladamente quando me lembro de como tudo escalou rapidamente na noite passada.

— Eles estão lá fora. — Caspian responde, seu tom de provocação não fazendo nada para ajudar meu pulso acelerado. — Não que eu precise deles para lidar com você.

Antes que eu possa dizer uma palavra, Lash se abaixa sob a aba da tenda e vagueia para dentro. Seu mancar é mais pronunciado do que o normal, e seu corpo balança de um lado para o outro quando ele se junta a nós, alheio à tensão.

— Isso é chá? — Ele geme, caindo na cadeira da minha mãe. — Deuses e todas as coisas sagradas, diga que é.



Por um segundo muito longo, todos nós olhamos em silêncio para Lash, que ainda não tem ideia do que ele interrompeu.

Aproveitando a oportunidade, corro passando por Caspian para encontrar o bule na mesa no meio da tenda. Minha mão treme enquanto eu sirvo o chá, empurrando a xícara de chá alto o suficiente para que eu saiba que Riser nota. Provavelmente Caspian também. Mas Riser me ignora completamente, seu olhar grudado na parede onde um mapa dos territórios do norte mantidos pelos monarquistas está pendurado.

Caspian apenas me observa, a mão que segurou a minha ligeiramente erguida e aberta.

Teagan e Flame entram em seguida, bem quando estou entregando a Lash sua xícara de chá, a xícara de porcelana com borda dourada e com o selo de minha mãe, duas pombas. O aço goteja de seus corpos, coberto em vários tons de couro vermelho. Ambas usam escorpião em suas orelhas e seus cabelos espetados no estilo rebelde, as mechas vibrantes de vermelho e azul tornando difícil desviar o olhar.

Elas estão em uma conversa profunda, apenas olhando para nós enquanto Lash toma um gole de seu chá e geme de prazer.

Teagan pisca para mim, seus cílios longos tremulando sobre o escorpião pintado ao redor de seu olho esquerdo.

— Querida, vou querer o que ele tem.

Flame grunhe algo que eu acho que significa que ela também vai, antes de se ocupar em catalogar suas armas.

Max e Rivet são os últimos a entrar. Eles cantam alguma música rebelde que eu não conheço, mas soam familiares, de mãos dadas e quase bêbados. Exceto que de jeito nenhum eles teriam tocado em bebida antes de nossa missão.



Bêbado de guerra, minha mãe disse uma vez. A emoção que vem antes da batalha, geralmente para aqueles que nunca estiveram em uma batalha real. Minha boca se abre com a tatuagem de escorpião feita às pressas que escurece seu peito, logo acima do peitoral muito grande que ele usa.

Mamãe vai adorar isso, eu murmuro.

Ele sorri, um sorriso radiante que não consigo controlar. Não com nossa missão tão próxima. *Bom*, ele murmura em resposta.

Assim que Max e Rivet pegam xícaras de chá e se acomodam, sua energia selvagem se transforma em algo mais sombrio, o ar na tenda parece ficar pesado. A sombra do que está por vir em poucas horas escurece o clima, apesar do sol do final da tarde batendo por baixo das paredes de lona e surgindo pelas duas janelas.

Flame e Teagan aceitam minha oferta de chá. Depois que eu encho suas xícaras até a borda, elas ficam quietas ao redor da mesa com os mapas e os papéis, esperando minha mãe voltar. O vapor ondula com os raios de sol que penetram no interior, e me vejo ficando com sono enquanto observo os redemoinhos agitarem o ar.

Depois de alguns goles de chá, Lash puxa para dentro de si, seu olhar avermelhado em algo que eu não posso ver.

Nenhum de nós pode escapar da sensação sinistra de repente estrangulando a tenda.

Como se sentissem as atitudes do outro, Max e Rivet seguem o exemplo de Flame, verificando suas armas. Se não fosse pelos meus nervos, eu riria do canivete gigante que Max puxa, jogando-o na mesa e verificando o mecanismo de abertura. Observando-o agora, sua facilidade com a arma, é difícil lembrar que ele tem apenas quinze anos.



Quinze. Muito jovem para ser tão proficiente com uma lâmina, ou confortável. E definitivamente jovem demais para a guerra.

Eu roubo o fôlego e examino a tenda. Caspian e Riser conseguiram reivindicar lados opostos da tenda, e eu os pego se olhando a cada poucos segundos como inimigos forçados a dentro da mesma cela de prisão.

Pela primeira vez na vida, estou realmente feliz em ver minha mãe entrar em um lugar. Ela entra, a capa girando atrás dela, os olhos de aço com confiança. Um pergaminho com capa de couro agarrado em sua mão. Sem dizer uma palavra, ela abre o estojo, tira o mapa enrolado e o espalha sobre a mesa.

Seu olhar se fixa em Max, que de repente encontrou um interesse em suas unhas. Por um longo momento, ela simplesmente o encara. Ela parece prestes a dizer algo, lábios entreabertos, mas então ela inala profundamente e volta sua atenção para o mapa.

Algo sobre seus maneirismos, sua confiança afasta as sombras que pesam no ar. Mas então ela fala...

— Este é o mapa mais recente que tenho. — Há algo em sua voz. Não reverência, não exatamente. Mas perto, misturado com medo. — Eu teria recebido antes, mas o imperador o tinha trancado a sete chaves e eu acabei de recebê-lo esta manhã de um de meus espiões.

— Mapa de onde, exatamente? — Lash pergunta. Ele se levanta da cadeira e manca lentamente até a mesa, quase como se tivesse medo do mapa.

— A ilha.

A bile quente e azeda sobe pelo fundo da minha garganta.

Pela primeira vez desde que escapei da fortaleza Rebelde e planejei a missão, um choque de bolhas de pânico sob minhas costelas quando sou forçada a lembrar o lugar infernal onde quase morri. Onde fui feita para jogar

jogos mortais para divertir os Ouros. Onde minha amiga morreu e eu fiquei presa, sem saber se Riser estava bem. Se algum dos meus amigos sobreviveu.

Onde fui drogada, interrogada e torturada até aceitar a morte de bom grado.

E agora, contra toda razão, vamos voltar ao lugar que assombra meus pesadelos.



CAPITULO 11



O problema de marchar para uma ilha é, bem... marchar para uma ilha. Porque as ilhas são cercadas por água.

Minha mãe traça um dedo sobre o lago azul cobalto em torno da Ilha Esmeralda.

— Aqui. — Ela diz, tocando em um ponto ao norte da parede. — A seca deste ano significa que o lago é raso o suficiente para atravessar. Apenas um pouco. — Ela franze a testa para a água, o terreno, em seguida, desliza a ponta de seu dedo bem cuidado para circundar o castelo. — Devemos estar protegidos principalmente da vista até a costa. Vou enviar uma equipe à frente para cuidar de todos os vigias e ativar nossos drones assassinos assim que estivermos ao alcance.

— Quantos estão marchando sobre o castelo? — Lash pergunta.

— Pouco mais de três mil, mais os dois mil de Nicolai. — Ela olha para mim, então deixa seu olhar deslizar para Riser. — Você estava certa, Maia. Nicolai planeja nos trair.

— Como você sabe?

— Lorde Thornbrook, gostaria de explicar melhor?



Riser desliza para frente e os outros se afastam, permitindo a ele acesso ao mapa. Nossos olhos se encontram, brevemente, mas não consigo extrair nada deles.

— Quando levei a mensagem para Nicolai ontem à noite, ele me fez uma proposta. — Novamente seus olhos se voltam para mim. — E eu aceitei.

Minha boca fica aberta. — Por que ele acreditaria que você nos trairia?

Seus lábios se contraem em um sorriso.

— Porque sou obviamente infeliz e subestimado, e não se esqueça, um psicopata violento em quem não se pode confiar.

— Que diabos você está jogando? — Caspian rosna.

O sorriso de Riser se alarga e meu coração dói com o quão bonito ele é. — Graças a você, irmãozinho, Nicolai acreditou que eu iria me transformar. Que por causa da nossa rixa e da dispensa de Maia, eu estava pronto para trair todos vocês.

Enrolo meus braços em meu peito. — Suas ações, tudo que você disse. Foi um truque?

Ele passa a mão pelo cabelo, agarrando as pontas.

— Assim que Nicolai apareceu, eu sabia que ele lhe ofereceria uma aliança e que seria uma armadilha. Então eu fiz minha parte. Isso é tudo.

Apesar de saber que ele fez o que tinha que fazer, suas ações ainda doem. Lembro-me da briga dele e de Caspian, a maneira como os membros do conselho me encararam com decepção.

— Você deveria ter me contado. — Digo, desejando imediatamente não ter dito nada. Um rubor aquece minhas bochechas. Isso é quase pior.

Agora pareço apenas incompetente, como se estivesse um passo atrás. Um peão em seu plano.



— Eu não poderia. — Suas mãos pressionam a mesa, uma mecha de cabelo negro escorrendo pela testa. — Ele tem espiões em nosso acampamento, e se eu fosse direto para você, se fosse visto falando com você...

— Chega de desculpas. — Minha mãe rebate. — Conte-nos o que você descobriu.

Riser acena com a cabeça, seu rosto ficando solene enquanto ele volta sua atenção para o mapa.

— Assim que nossas forças chegarem aqui... — Ele circula o local na água pouco antes da costa. — Nicolai vai atacar.

— Como? — Minha mãe exige.

— Seu plano se baseia nisso. — Ele puxa um lenço do bolso e o desembrulha lentamente. Um pedaço vermelho-acinzentado do que parece ser carne de vaca fica no meio. Colocando o guardanapo na mesa, ele pega um dispositivo fino em forma de varinha de seu outro bolso e o passa sobre a carne.

— O que você está procurando? — Teagan pergunta, mas Riser gesticula para ficar quieto.

Um som de insetos enxameando corta a quietude. Meu foco se concentra no movimento em torno da carne. Aproximando-se, vejo minúsculas aranhas metálicas emergindo da carne, milhares delas.

— Inferno. — Flame respira, dando um passo para trás. — Nós quase comemos isso?

— Nanites. — Explica Riser. — Toda a carne está infectada com eles. Eles estão dormentes agora, mas o plano era acordá-los enquanto nosso exército estivesse na água. Muitos morreriam imediatamente quando os nanites invadissem seus órgãos, e os que não morressem imediatamente...



— Se afogariam. — Termino, um calafrio percorrendo minha espinha. Os nanites deixariam todo o nosso exército inconsciente. — Mas por que? — Olho para Flame, que conhece Nicolai melhor do que qualquer um de nós.

Todo o sangue foi drenado de seu rosto, seus olhos estão rodeados de branco.

— Não consigo acreditar, não consigo acreditar que ele foi tão longe...

— Ele é um louco. — Minha mãe rebate. — Claro que ele iria.

O rosto de Caspian escureceu, e ele bate os nós dos dedos na mesa, uma carranca marcando seus lábios.

— E como sabemos que Riser é confiável?

— Engraçado... — Diz Riser. — Eu estava pensando a mesma coisa sobre você. Você mudará de lado repentinamente quando entrarmos no território realista?

— Bem, tecnicamente isso é parte do território realista, e ainda assim aqui estou. Fiel à Maia. Pode dizer o mesmo? Na verdade, como sabemos que isso não é uma estratégia para dividir nossas forças e nos enfraquecer?

A tenda fica em silêncio. Riser combina a expressão azeda de Caspian com seu próprio olhar mortal.

Olho para Riser até que ele encontre meu olhar. — Confio em Riser e nas informações que ele nos dá. Eu posso não gostar do... método no qual ele enganou Nicolai fazendo-o acreditar que nos trairia, mas se não fosse por ele, teríamos comido a carne e ficado impotentes para contra-atacar.

Minha mãe pigarreou. — Chega de discussão sobre o assunto. Maia, é hora de você repassar seu plano mais uma vez.

Respirando fundo, eu aceno um braço sobre o mapa. — Nicolai acha que cairemos assim que ele ativar os nanites, mas ele não tem ideia de quantas pessoas realmente compõem nosso exército, nem seus espiões saberiam, já que

não listamos quantos ficarão para lutar. Então metade do nosso exército se encontrará com ele logo depois da muralha, como ele esperava. Mas a outra metade contornará as montanhas e, uma vez que receber o sinal, descerá do outro lado.

— Prendendo suas forças entre as nossas. — Flame diz, sua voz relutantemente impressionada.

— Exatamente.

Minha mãe me lança um olhar satisfeito.

— Os rebeldes serão flanqueados e em menor número. — Acrescento. — Eles se dobrarão rapidamente e terão uma escolha: lutar contra o inimigo real, os realistas, ou morrer.

— E enquanto o Imperador está distraído protegendo a Ilha... — Diz Max. — Nós estaremos lá dentro. — Há uma pitada de decepção em sua voz. — A menos que você possa me dispensar para lutar com o exército?

Zombo. — Sem chance. Você está conosco, Max, até que o que quer que papai tenha colocado dentro de você nos diga onde está o Mercurian.

— Então eu reclamo primeiro o imperador. — Max dá um sorriso confiante muito além de sua idade.

— Não se eu chegar até ele primeiro. — Rebate Rivet.

Estes dois. Não sei se devo rir ou revirar os olhos.

O olhar de Caspian cai no chão, e eu me lembro que estamos falando sobre seu pai, mesmo que ele seja um tirano assassino. Isso deve ser incrivelmente difícil para ele. Se não fosse pela minha intervenção, existe a possibilidade de que ele já estivesse em Hyperion, desfrutando de qualquer elegância que aquele palácio nos céus oferece.

— Se o imperador Laevus estiver lá. — Minha mãe diz, acenando com a mão distraidamente. — Os monarquistas escureceram, todas as transmissões



públicas cessaram. Minhas fontes dizem que seu êxodo em massa para Hyperion é iminente. Embora eles enviem sua corte em ondas, dependendo da classificação.

— Então devemos ir agora. — Flame rosna, sua mão batendo a adaga em seu cinto de ombro. — Não podemos vencer esta guerra sem a morte dele.

Minha mãe sorri enquanto olha para Flame, mas eu sei que o olhar não é nada doce.

— Paciência, soldado. Não exigimos sua morte para vencer.

— Eu faço. Ele matou meu amigo.

Cage. Estremeço, lembrando da alma bonita e elegante escondida sob sua máscara pintada, e o homem no final. Uma alma quebrada e desesperada.

— Ele ainda pode estar vivo. — Acrescento, mas as palavras parecem estúpidas e ingênuas no segundo que saem dos meus lábios.

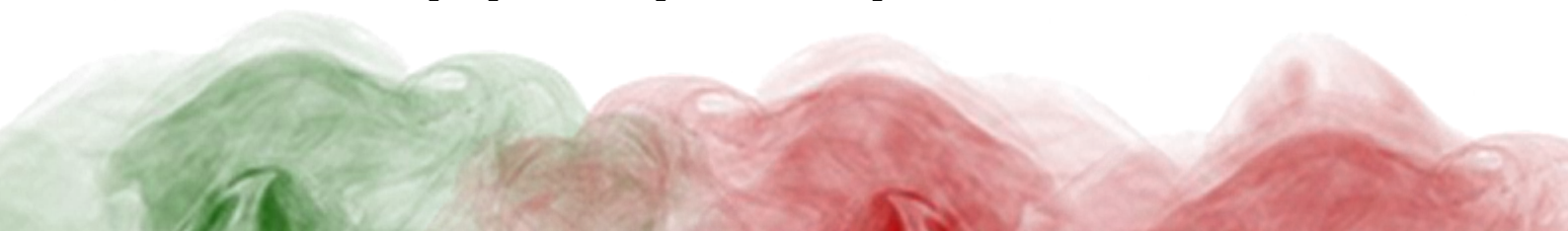
— Mesmo? — Ela me dá um sorriso flamejante que mais se assemelha a um gato mostrando suas presas. — O que é, exatamente, sobre o imperador Laevus que lhe dá a ideia de que ele manteria os prisioneiros vivos?

— Não podemos perder a esperança.

— Esperança? A única esperança que me resta é capturar o imperador e fazê-lo pagar por seus pecados. A menos que você queira me dar o filho pródigo ali em vez disso?

Lanço um olhar de advertência para ela, mas seu sangue está alto e ela encara o pobre Caspian, que parece uma galinha presa em uma gaiola com raposas.

— Tudo no seu devido tempo, soldado. — Estremeço com o tom condescendente na voz de minha mãe. Ela está interpretando Flame como um soldado raivoso que pode ser aplacado com palavras sem sentido.



Flame zomba de minha mãe. — Você não diria isso porque é um deles, não é? Eu vi as fotos de você e o imperador juntos. Uma pequena família realista feliz.

Porcaria. Espero que minha mãe morda de volta, coloque Flame em seu lugar, mas ela quase não dá a Flame um olhar irritado, como uma mosca traquina que ela está pensando em esmagar ou não.

— Assim que o asteroide for destruído e tivermos controle dos territórios dos monarquistas... — Ela explica. — O imperador e sua corte de ouro não terão um lar para onde voltar. Eles serão governantes esquecidos presos em uma nave sem futuro, destinada a flutuar no espaço por toda a eternidade. Isso quase parece mais apropriado do que a morte, você não concorda? Flame?

Flame abre a boca para discutir, mas então parece pensar melhor sobre isso, murmurando palavrões baixinho.

A mandíbula de Caspian se contrai e ele diz: — Se meu pai se for, ele terá deixado Victoria no comando. Se alguém precisa pagar pelas ações da corte, é ela.

A arquiduquesa. A maneira como minha mãe se acalma com o nome, ela a teme quase tanto quanto eu.

— Uma vez lá dentro... — Diz minha mãe. — Todos devem proteger Maia e Max. Sem eles, o Mercurian está perdido. Caspian e Flame, vocês protegerão Maia. Riser e Rivet, vocês estarão com Maximus.

Teagan franze a testa, mas minha mãe acrescenta: — Teagan e Lash, sua única tarefa é encontrar os portões do castelo e abri-los. — Seu dedo paira sobre o castelo no mapa até que se aproxime da extremidade leste, então ela circula um pequeno ponto. — Aqui está o portão. Abram isso e a batalha estará perdida para os realistas antes mesmo de começar.



Todos nós olhamos para o mapa, e quase posso ouvir os corações de todos martelando sob seus couros e armaduras quando se aproxima a hora de partir. Eu me concentro nas águas azul-escuras que marcam a borda interna do mapa e, em seguida, mais adiante. Estudando o castelo. Tentando guardar tudo na memória.

Meu foco se fixa em um grande retângulo sombreado que corre ao longo do centro do castelo até os limites externos da Ilha.

— O que é isso?

Minha mãe olha rapidamente para onde estou apontando e franze a testa, obviamente tão sem noção quanto eu sobre sua identidade.

Os olhos de Caspian se estreitam no ícone sombreado e ele parece hesitar antes de acrescentar: — Meu pai, o imperador tem um abrigo subterrâneo no local, para o caso de haver uma emergência ou os efeitos de Pandora atingirem antes do projetado e ficarmos presos lá.

Faço uma nota mental para encontrá-lo e procurar por comida e suprimentos, depois de tomarmos o castelo.

— Você gostaria de dizer mais alguma coisa antes de irmos, Maia?

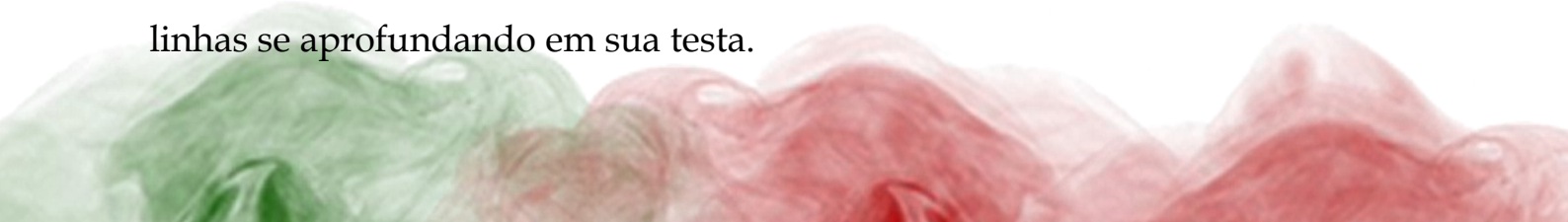
— Minha mãe pergunta. — Um discurso de mobilização, talvez?

Um discurso? Engulo. Quase posso ouvir o discurso que minha mãe faria, cheio de esperança e confiança. Mas a ideia me deixa enjoada por algum motivo. *Quem sou eu para falar?*

— Ok. — É impossível não notar a decepção na voz de minha mãe. Ela bate os dedos na mesa, com força suficiente para que todos nós fiquemos quietos.

— Mais uma coisa.

Meu coração salta uma batida enquanto leio sua expressão tensa, as linhas se aprofundando em sua testa.



— Embora eu não tenha a localização do Mercurian, eu sei que ele tem um cronograma para quando é seguro ser usado. Pelos meus cálculos, temos pouco menos de quatro dias para ativá-lo e destruir Pandora.

— Maldito Inferno. — Murmura Lash.

Expiro, tentando esconder meu choque. — Quando você ia me dizer isso?

— Quando se tornasse relevante.

— Ok, agora que é relevante, o que acontece se ultrapassarmos o prazo?

— Parte de mim não quer saber, mesmo quando me inclino para ouvir sua resposta.

— Assim que esse tempo passar, o Mercurian precisará usar um poder superior para destruir completamente Pandora.

Eu levanto uma sobrancelha.

— Esse poder vai matar quem quer que opere o dispositivo, bem como destruir a terra ao redor por centenas de quilômetros.

Um suspiro coletivo irrompe na tenda.

Impressionante. Empurro o prazo iminente bem fundo no lugar onde guardo todos os *e se* e sigo em frente. Assim que estivermos no castelo com Max, seu mapa deve ser ativado, levando-nos ao Mercurian imediatamente.

Simples e fácil. Não há necessidade de espera e prazos.

Com essa nota, todos nós deixamos para terminar os preparativos de última hora. Ambos Riser e Caspian giram em minha direção, mas minha mãe os acena e me puxa para o lado.

Sob esta luz, as linhas gravadas em sua pele pálida parecem profundas como cortes.

— Eu estou confiando em você com Max. Mantenha-o seguro.



— E quanto a mim? — Pergunto, tentando manter a dor da minha voz. — Meu corpo sangra tão facilmente quanto o dele.

— Você... viu coisas. Fez coisas. Coisas que seu irmão não. Ele não está pronto para o que está por vir.

— Coisas? Você quer dizer assassinato? — O rosto de Merida pisca em minha mente. — Não se preocupe, vou mantê-lo seguro e com as mãos limpas.

Minha garganta dói de emoção, mas eu saio antes que ela possa ver as lágrimas inexplicavelmente ardendo em meus olhos. Ela poderia muito bem ter dito que estou quebrada. Que, embora Max ainda possa ser salvo, não há esperança para mim.

Acho que a ouço chamar por mim, mas não olho para trás.

Assim que o sol atinge meu rosto, Lash agarra meu braço. Eu rapidamente limpo todas as lágrimas que escaparam.

Suas bochechas caem, os olhos brilham de fadiga e ele pisca contra o sol poente.

— Sabe, antes de conhecê-la, eu não entendia por que você nunca mencionou sua mãe.

Rio, o som desgastado por conter as lágrimas. — E agora?

— Agora, vamos apenas dizer que entendi porque você não falou sobre ela. — Ele olha ao redor. — Ela é...

— Intensa?

— Aterrorizante. — Ele faz uma careta como se apenas o pensamento de minha mãe o deixasse desconfortável, suas sobrancelhas cor de cobre se abaixando. — Por que todos os Ouros de alto escalão são tão intimidantes? Seu comportamento, a maneira como ela fala, como se ela tivesse como certa que todos a ouvem no momento em que ela fala.

— Porque eles geralmente fazem isso.



— Ela me lembra do Ouro que me chicoteou, amor. E isso não é um elogio.

— Não acho que ela seja tão ruim assim, embora quando eu tinha seis anos eu argumentasse o contrário. — Mas Lash está olhando para o espaço. — Ei, você nunca disse quem ele era, o homem que fez... isso com você.

— Eu me recuso a dizer o nome do bastardo. Ou de sua filha. Mas se eu os ver lá dentro... — Uma lufada de ar escapa de seu peito e ele limpa a garganta. — Chega de conversa. Vou pegar minhas coisas e te encontrar em dez minutos.

— Até logo. — Eu o vejo ir, mancando em sua perna rígida enquanto ele tece através das tendas, seu rosto uma careta de dor.

Não posso deixar de pensar como cada pessoa no acampamento tem uma história como a de Lash. Como Flame, Riser, Teagan. Um ente querido perdido, uma injustiça feita, uma humildade cruelmente sofrida.

E cada pessoa aqui tem um motivo para desejar que o imperador seja punido e os realistas destruídos.

— Por favor. — Sussurro para quaisquer deuses que possam estar ouvindo. — Deixe-nos finalmente nos vingar.



CAPITULO 12



O véu azul-prateado da noite caiu quando chegamos aos Swifters que nos levarão ao túnel. Todos estão estragados pelo tempo, suas cores esmeralda desbotadas pelo sol e enferrujadas, nada como os brinquedos brilhantes que Nicolai guarda.

Mas eles ronronam para a vida na primeira tentativa, seus motores como vespas furiosas pulando de seu ninho. Hesito quando noto que há apenas quatro, o resto sendo usado para os suprimentos do exército.

Olho para Max, mas ele já pulou na parte de trás da máquina de prata emaranhada que Rivet reivindicou. Teagan e Lash compartilham um Swifter que deve ter sido vermelho, mas agora lembra mais a cor da ferrugem. Ambos Caspian e Riser já escolheram os dois Swifters em extremidades opostas, e eles me observam em silêncio.

Esperando minha escolha.

Flame sorri, murmurando: — Eu sei qual Príncipe estou escolhendo. — Antes de pular na parte de trás do veículo de Riser.

Graças aos deuses, não tenho que escolher publicamente entre eles. Caspian estende a mão para mim. Enquanto eu a pego, sua carne lisa e

quente, sinto Riser nos observando. Bramble se move de seu poleiro nas minhas costas.

O Swifter preto meia-noite de Caspian ainda tem a maior parte de sua pintura, e o revestimento de laca brilhante permanece, na maior parte. Não demorou muito para que seu motor impressionante esquentasse, esquentando a carne de minhas coxas.

Ele me entrega um pequeno fone de ouvido. — Para comunicação. — Acrescenta. Aparentemente, cada um de nós tem um canal. Ele não precisa explicar o porquê.

Se um de nós for pego, os realistas podem usar um canal compartilhado para nos espionar.

Bramble se acomoda no assento atrás de mim. Ele se move, tentando encontrar uma posição confortável no espaço minúsculo antes de cantarolar seu descontentamento. Dou um tapinha no meu ombro e ele corre de volta pelo meu braço.

— Você é tão mimado. — Sussurro.

No último segundo antes de decolarmos encosta abaixo, Caspian estica os braços para trás, encontra minhas mãos e as desliza ao redor de sua cintura.

— Para sua segurança. — Ele murmura, sua voz fazendo meu coração bater ruidosamente contra sua jaula ossuda.

Meu aperto é leve até que, sem aviso, o Swifter salta para a frente e grita colina abaixo. Empurrada para trás, eu enrolo meus braços em volta de seu corpo e pressiono meu peito em suas costas. Seria mais fácil descansar minha cabeça em seu ombro, mas parece errado. Muito íntimo.

Mesmo que eu esteja resistindo ativamente ao desejo físico de me derreter nele. Sua familiaridade é estranha e atraente.

Sentimentos estúpidos de combinados.



Não usamos nossas luzes e, mesmo com a luz da lua, a paisagem é um borrão sombrio. Caspian coloca um par de óculos de proteção noturnos, a faixa escura envolvendo seu cabelo dourado. Então ele me entrega um par.

Assim que eu os coloco, meu mundo se transforma em tons de verde que variam de esmeralda a quase preto. As árvores aparecem quando cortamos a floresta. O caminho é estreito, então nos alinhamos com Riser na liderança. Além do rosnado calmante dos Swifters, a noite está tranquila.

— Confortável? — Uma voz sensual provoca através do fone de ouvido.

Riser. Eu automaticamente afrouxo meu aperto em Caspian. — Talvez.

Um pequeno rosnado. — Posso falar com você no túnel?

— Você está falando comigo agora.

Caspian inclina a cabeça para trás. — O que?

— Nada. — Digo, cortando meus olhos para Riser à frente enquanto ele vira para a direita, fazendo uma curva forte. Desse ângulo, não consigo distinguir sua expressão, apenas o lado de seu rosto. O canto de sua boca está inclinado para cima.

— Eu gostaria de falar em particular. — Diz Riser. — Sem seus braços em volta do meu irmão.

— Vou apenas fingir que ele é você. — Sussurro, minha piada falhando.

— Não finja muito. — Uma pausa. — Então? Me encontra lá dentro?

— Sim.

Parece que passa um dia antes de chegarmos à entrada do túnel, embora eu saiba o suficiente sobre adrenalina para entender como ela dobra o tempo. Faz com que passe em um piscar de olhos ou esticado como caramelo.

O buraco onde emergi depois de escapar da Ilha pela última vez, quando tive o bom senso de fugir do lugar, aparece como um semicírculo escuro como breu em meus óculos de proteção.

Nós estacionamos os Swifters dentro, puxando cada máquina pesada pelo buraco, uma de cada vez. Quando terminamos, o suor molha minha testa e peito e estou respirando com dificuldade.

— Basta pensar... — Lash diz, grunhindo enquanto ajuda a soltar o último Swifter no chão do túnel. — Em poucas horas, a guerra terminará, Pandora terá ido embora e posso tomar um banho adequado com água quente que não fede a rio.

Teagan cutuca suas costelas com o cotovelo. — Acredite em mim, Lash, todos ficaremos muito felizes com a perspectiva.

Flame e Riser verificam o cache de Armas Quentes que Riser roubou de Nicolai, tudo ainda está aqui. Enchemos nossas mochilas com uma variedade de dispositivos, cada um capaz de nos matar de maneiras terríveis e únicas se acionado acidentalmente.

Riser termina de encher minha mochila, com cuidado, então encontra meu olhar.

— Cuidado com isso.

— Sim. — Dou um sorriso triste. — Você sabe o quanto eu as amo.

Minha dica do meu fiasco com Armas Quentes na Corte de Sangue não se perdeu, e os lábios de Riser se torcem para o lado. Ele hesita, então desliza seus óculos de visão noturna pela testa até que seu cabelo se ergue em ângulos selvagens. Um lumin sai de sua palma e enche o ar com uma luz dourada e amanteigada.

— Podemos conversar? — Ele pergunta. Toda a fanfarronice desapareceu de sua voz.

Olho para os outros, que estão fazendo um excelente trabalho de fingir que não estão nos observando.

— Certo. Mas temos que nos apressar.



O lumin balança logo acima da cabeça de Riser. Ele nos segue, lançando nossas sombras sobre as paredes conforme encontramos um ponto próximo à direita da entrada, longe dos outros. Um pequeno rio corta as rochas e atravessa o chão, enchendo a câmara com o tilintar de água corrente.

— Sinto muito. — Riser começa. — Eu sei que me arrisquei quando briguei com Caspian na frente do conselho. Se houvesse uma maneira de dizer a você, eu teria.

— Eu sei. — Mexo com o zíper lateral da minha mochila. — Não estou zangada com isso.

— Eu não acredito em você. — Ele se inclina para perto, enviando meu coração palpitando para o lado no meu peito.

— Ok, claro. Eu não gosto de você usar nosso relacionamento como uma distração, ou fazer uso público de Caspian e meu... jogo anterior. Mesmo que tenha promovido nossa causa, ainda estava errado.

— Você está certa.

— E a maneira como as coisas escalaram. — Digo, me encolhendo com a memória da discussão de Riser e Caspian. — Nem tudo isso foi uma fachada.

— Oh, você quer dizer a parte em que meu meio-irmão chamou minha mãe de prostituta? — Os olhos de Riser brilham com raiva mal contida. — Ou a parte em que ele disse que eu não mereço você?

Giro na ponta dos pés, sem saber como responder.

— É isso então? — Riser persiste. — Ou há outra razão para você ter problemas em olhar para mim agora?

— Por que você discordou de mim? — Eu paro de mexer no meu zíper e passo para a bainha da minha camisa. — Quando votamos.



— Porque era o movimento certo. — A cautela alinha sua voz. — Olha, eu nunca vou ser o cara que concorda com tudo que você diz e cegamente aceita suas ordens. Se você quiser isso, meu irmão está bem ali.

— Pare. — Bramble mexe no meu ombro e eu baixo minha voz. — Eu não quero que você sinta que tem que concordar comigo, e eu não o quero.

Sua voz falha quando ele diz: — Você tem certeza disso? Você é compatível, seu DNA é perfeitamente complementar ou alguma besteira de propaganda realista.

— Eu não me importo com isso.

— Então o quê, Maia? — Suas mãos sobem, encontram meu queixo. O calor é maravilhoso, delicioso, e quero derreter nele. Um de seus polegares acaricia meu queixo.

— Eu...

Ele arqueia uma sobrancelha preta como azeviche, seus olhos suaves.

— Seja o que for, você pode me dizer.

— Eu-eu não sei. — Balanço minha cabeça. Tudo está saindo errado. — Quando estou com você, você é tão forte e sabe exatamente o que dizer. O que fazer. Você nunca hesita. Mas eu não tenho isso. Não é... Eu só preciso descobrir onde estou. Sem minha mãe ou, ou qualquer outra pessoa.

Suas mãos caem. Seu rosto poderia ser uma estátua por toda a emoção que ele está demonstrando.

— Outra pessoa? Você quer dizer eu?

— Vamos, pombinhos. — Flame rosna, sua voz ecoando nas paredes apertadas. — Tragam suas bundas de volta aqui!

Os outros estavam esperando por nós. Este é basicamente o pior momento para ter essa conversa. *Você é uma gênio, Maia.* Eu gostaria de poder



descarregar meu cérebro no dele, gostaria de poder explicar as coisas da maneira certa.

— Maia, entendo que você está passando por muita coisa, mas não vou desistir de você. Por nossa conta. — A mão de Riser está estendida. Esperando pela minha. Uma declaração de que estamos bem.

Eu hesito. — Eu não posso, eu preciso de... Tempo. Para ficar sozinha. Para provar a mim mesma que posso.

Sua mão cai.

Tenho vontade de vomitar quando mais quatro lumins preenchem o ar, afastando nossas sombras e expondo a dor estampada em seu rosto. O ar parece ficar mais rarefeito quando me afundo no túnel em direção ao castelo. Riser fica para trás, criando distância entre nós. Nossos passos se fundindo na cadência do meu batimento cardíaco acelerado.

Quando nos aproximamos da primeira parede que os realistas ergueram para manter pessoas como nós fora, a voz de Riser estala em minha frequência.

— Vou te dar todo o tempo que você precisar, Maia. Você deve descobrir quem você é, e se isso significa sem mim, que seja. Lembre-se de que o tempo é a única coisa neste mundo que nenhum de nós tem garantido.

Abro a boca para responder, mas a correspondência termina com um estalo.



CAPITULO 13



As paredes se dobram sobre si mesmas, resistindo e perfurando antes de desaparecer. Cada vez que Flame joga a Arma Quente, o mundo fica silencioso por alguns tique-taques do meu coração. E então há um estrondo e o túnel se esvazia.

Mais uma vez, sou lembrada do quanto eu desprezo as Armas Quentes.

Com os caminhos abertos, fazemos um bom tempo. Pelo relógio de bolso de Teagan, um presente de seu pai, não é nem meia-noite quando passamos pela parede final e encontramos a porta que Caspian e eu entramos há pouco mais de uma semana. Exceto que éramos inimigos e eu estava fugindo da Ilha, não correndo em sua direção.

Solto um suspiro enquanto nos achatamos contra as paredes de cada lado da porta que leva ao famoso Túnel Vermelho. Memórias minhas tropeçando em seus corredores úmidos, entre alguma sessão de tortura maníaca, torce meu estômago.

Lash se aproxima, com cuidado para não tocar no líquen e na lama que escurece a pedra.

— Tentando ficar bonito para alguém? — Provoco.



— Ei, você nunca sabe quando precisa estar no seu melhor. — Lash responde, totalmente sério. Seu olhar desliza de Riser para mim. — Você está bem, amor?

— Bem. Você?

— Deuses, não consigo parar de sonhar acordada com aquele banho. — Ele pisca, seu olhar mudando para Riser. — Pelo que parece, você pode estar livre para ajudar a me banhar, afinal.

— Fico feliz que até mesmo invadir o castelo do imperador não pode diminuir seu humor.

— É um dom... — Mas ele não consegue esconder o medo apertando os cantos de seus lábios.

Max desliza contra a parede entre nós. — Pare de cantar a minha irmã, Lash. É nojento.

Sorrindo, eu capturo Max em um abraço antes que ele possa ugir. Ele se contorce em meus braços, seu hálito quente na minha bochecha.

— Solte. — Ele rosna.

— Estou tentando dizer eu te amo, idiota. — Eu o aperto até que ele pare. — Não faça nada estúpido, ok?

Ele finalmente vence a batalha e foge, arrumando o cabelo e reajustando as armas que adornam seu corpo. Ele é quase maior do que eu, seus membros naquela fase longa demais oscilando entre a adolescência e a idade adulta.

Quando ele cresceu?

— Por que você tem que ser tão chata? — Ele murmura naquele tom meio menino meio-homem.

Eu preciso deixá-lo ir. Eu sei disso, mas não posso. Ainda não.

— Porque... — Começo, a voz rouca de emoção. — Eu sou sua irmã mais velha. Esse é o meu trabalho.



Revirando os olhos, ele toma seu lugar perto de Rivet. Os dois imediatamente trocam socos antes de começar uma conversa.

Ele vai ficar bem, Maia. Ele pode ser um idiota quando se trata de garotas e outras coisas, mas ele está pronto para isso.

Eu descanso contra a pedra enquanto Flame trabalha na porta que fica entre nós e o túnel. Desta vez, ela usa algo que abre um buraco cavernoso na porta de metal de sete centímetros de espessura.

Quando termina, a porta está parcialmente derretida, pedaços de ferro derretido pingando nas laterais.

— Bem, essa é uma maneira de abrir uma porta. — Observa Teagan enquanto passamos, cada um de nós deixando cair nossas mochilas primeiro para caber.

Nesse ponto, estamos todos quietos. Contemplando a tarefa em mãos.

O túnel é exatamente como eu me lembro, até o chão mofado, tochas gotejantes e fedor de mofo. Assim que todos nós entramos, olhamos para Max com expectativa.

Rivet examina seu rosto, examinando-o.

Ele a empurra para longe. — Eu não sou um show de horrores, Rivet.

— Desculpa. — Ela olha para mim. — O que você está procurando?

— Precisamos estar dentro do castelo para que funcione. — Digo, esperando que seja verdade. Porque dizer a verdade, que não temos ideia de como ativar seu mapa... ou mesmo se ainda estará acessível, não é exatamente um inspirador de confiança.

— Então você está dizendo que sou parte integrante do sucesso desta missão?

Golpeio seu braço. — Supere a si mesmo. Todos nós somos.



— A porta do primeiro andar é aqui em cima! — Caspian chama. Ele correu à frente e se empoleirou em uma escada íngreme, com metade do corpo na sombra. Lembro-me vagamente de subir as mesmas escadas de volta quando pensei que ia morrer.

Não que eu tenha tanta certeza de que agora algo está diferente.

Lash estala a língua, suas botas batendo contra a pedra molhada.

— O que estamos esperando? Um sinal?

— Não, só... — Um baque abafado me corta, seguido por reverberações que sacodem as paredes e chove poeira sobre nós. — Isso. Estávamos esperando por isso.

Outra explosão sacode o ar, suavizada pela camada de terra e pedra ao nosso redor. Uma imagem mental de minha mãe liderando o ataque de nosso exército vem à mente. Eles devem ter passado pela água e agora estão na costa.

— O que eu não daria para ver o rosto do Mestre das Marionetes quando ele tentou ativar os nanites. — Diz Flame.

Todos nós rimos, mas isso morre rapidamente, deixando apenas uma sensação de excitação nervosa que parece grande demais para caber no meu peito. *Você pode fazer isso, Maia.*

— Hora de ir. — Riser ordena.

Meu coração bate descontroladamente e minha boca fica seca como papel enquanto subimos correndo as escadas. Os ombros de Caspian abrem a porta com um rangido. Atrás dele, um amplo corredor aparece, as velas queimadas e as sombras espessas.

Por um momento terrível, acho que Caspian nos traiu e alguém estará esperando do outro lado. Mas não há ninguém. Apenas um trecho vazio do corredor forrado com uma passadeira puída e algumas cortinas douradas empoeiradas.



Do outro lado do corredor, vozes preocupadas gritam.

— E se eles vierem por aqui? — Flame rosna. Uma Arma Quente em forma de pirâmide cintila em sua palma, pronta para ser lançada.

— Afaste isso. — Caspian fecha os dedos sobre o dispositivo. — Em eventos como este, os civis que não podem lutar são treinados para se refugiarem nos abrigos subterrâneos. Você sabe, mulheres e crianças?

Ela relutantemente embolsa a arma e nós caminhamos pelos corredores de pedra. Algo começa a brilhar, não uma tocha... a luz é muito azul para ser luz do fogo.

Eu olho em volta, procurando pela fonte...

E congelo. Todo mundo também. Todos nós focamos em Max e no feixe de luz saindo de seus olhos. Bramble murmura, uma vez, em admiração.

— O que está acontecendo? — Max sussurra. A bravata, a confiança do soldado se foi. Ele está com medo.

Pego sua mão e aperto, meu olhar fixo na luz que emana ao redor de sua cabeça.

— Está tudo bem, Max. É apenas o mapa. Isso é o que precisávamos.

Memórias do dia em que nosso pai implantou o mapa dentro de Max me inundam. Era pouco antes do jantar. Estávamos jogando um jogo...

— Max, qual jogo era o favorito do papai? — Sua mão começou a tremer e eu a agarro com mais força, apertando até que parasse de tremer. — Lembra? Com aquela luz?

— Não. — Max respira, a sombra da memória escurecendo seu rosto. — Era um orbe. Ele costumava esconder coisas e tínhamos que desvendar quebra-cabeças para encontrá-los. A luz do orbe mudaria de cor quanto mais nos aproximássemos do objeto oculto.



— Que cor mudou quando estávamos indo na direção certa? — Eu pergunto, incapaz de tirar meus olhos da bela luz azul piscando logo acima dele.

— Azul, como o oceano. Ele disse que era da cor dos meus olhos. — Seus lábios se apertam e seus olhos parecem olhar através das paredes de pedra para algo além. — Eu acho que... Acho que estamos no caminho certo.

As paredes estremecem à nossa volta, as vidraças estalam.

— Vamos lá! — Ordeno. — O azul significa que estamos indo na direção certa.

Meu corpo vibra de excitação enquanto corremos pelos corredores. Max corre atordoado, seus olhos desfocados enquanto segue um mapa que só ele pode ver. Ele estendeu os braços e abriu os dedos, como um cego tentando encontrar o caminho.

A luz azul confirma que estamos indo no caminho certo. Cada vez que Max hesita ou adivinha a direção e vira na direção errada, o azul se transforma em um amarelo brilhante.

Uma vez, quando mudamos totalmente o curso e voltamos para o outro lado, a luz muda para um vermelho raivoso.

À medida que avançamos cada vez mais fundo no castelo, as paredes retumbando e tremendo, gritos destruindo a noite, a esperança assume o controle. O Mercurian está aqui. Está perto.

Assim que estiver ativado...

Não consigo imaginar um mundo sem a sombra sinistra de Pandora escurecendo-o. Sem a promessa de morte pairando sobre todos nós. Não posso ousar sonhar como seria.

Chegamos a uma bifurcação no corredor, e Lash e Teagan se ramificam em direção onde Caspian diz que há um pátio. Além disso, estão as portas

dentro da parede externa que permitirão a entrada de nosso exército. Aperto seus ombros antes de partirem, tentando expressar com um toque o que devo dizer em palavras.

Sejam cuidadosos. Eu não posso lutar nesta guerra sem vocês.

Nós continuamos. Cortesãos em fuga passam por nós em seu caminho descendo as escadas, mas quase não nos dão uma olhada. Nas poucas vezes que o fazem, Caspian lança um olhar firme e determinado que os convence de que estamos bem.

Eles querem acreditar, tanto que se obrigam a ignorar a luz que emana dos olhos de Max e se espalha pelas paredes.

Então, novamente, é difícil ver muito quando você está apavorado. Cada vez, tenho que desviar o olhar do medo estampado em seus rostos. Provavelmente pensaram que logo estariam em um voo para Hyperion. Esta é a última coisa que eles esperavam.

Os corredores se abrem e Max nos leva a uma parte do castelo que reconheço de nosso trote. Paramos perto da porta que leva ao grande salão, e uma onda de emoção daquele dia ameaça cair sobre mim.

Max pisca e gira um semicírculo...

Meu comunicador estala no meu ouvido, me fazendo pular.

— Estamos em apuros! — A voz ofegante de Teagan luta para se manter composta enquanto a recepção entra e sai, me dando novidades. — Centuriões... muitos... ferido.

— Quem está ferido? — Exijo. Os outros também devem ser capazes de ouvir, porque todos ficam rígidos, com a respiração suspensa.

— Lash.

Penso em todas as razões pelas quais devo manter o curso, mas mesmo enquanto penso, sei que não há nenhuma maneira no Inferno de deixar Lash

morrer. Bramble deve estar pensando a mesma coisa porque salta para o chão, alarmando freneticamente.

— Estou indo. — Digo no comunicador. — Caspian, você está comigo. — Riser estende a mão, mas eu balanço minha cabeça. — Leve Max para o Mercurian. Assim que tiver a localização, me avise.

Ele me lança um olhar inquiridor, como se avaliando minha determinação. O que quer que ele veja, ele decide que é melhor não discutir.

— Seja cuidadosa.

Tento pensar em uma réplica inteligente. Mas nada vem, e tudo que posso fazer é desembainhar minha espada e forçar um sorriso severo enquanto corro em direção ao pátio.



CAPITULO 14



Encontro Teagan e Lash no meio do pátio externo, presos por seis centuriões. Os centuriões carregam pistolas, os canos piscando enquanto atiram em meus amigos disparando em jorros erráticos que correspondem ao meu batimento cardíaco.

Cada estalo de laranja, cada baque seguinte conforme as balas ricocheteiam nos pilares de pedra, tira o oxigênio dos meus pulmões. Do outro lado da parede, gritos cortam o ar, o ocasional canhão ou tiro longe o suficiente para soar como fogos de artifício. Agacho perto de um labirinto de sebes, os sons da guerra e da morte trazendo de volta memórias indesejadas do bombardeio.

Você está bem, Maia.

Caspian agarra meu colarinho e me põe de pé. *Quando eu me ajoelhei?*

Estamos parcialmente escondidos por sebes bem aparadas que levam a um gazebo. Flores roxas pálidas de glicínias, alfazema e clematis passam pelas ripas de madeira do gazebo perfumam o ar.

Eles não podem mascarar o cheiro forte de fumaça e sangue.

A respiração de Caspian sai ofegante e rápida ao meu lado, dobrado sobre os joelhos enquanto tenta recuperar o fôlego.

— Nós temos que... espreitá-los.

Eu concordo. Claro que ele está certo. Eles têm armas enquanto nós temos espadas. E armas quentes, mas eu nem mesmo considero os pequenos dispositivos horríveis praticamente queimando um buraco na minha mochila.

Ainda não.

Abaixados, nós serpenteamos pelo jardim em direção aos Centuriões. Teagan e Lash estão a seis metros de distância dos soldados, protegidos pela tigela de uma fonte. Cavalos sobem no meio, seus cascos de mármore afiados arranhando o céu.

Eu avisto o cabelo escuro de Teagan balançando quando ela olha pela primeira vez ao redor da fonte... então salta para correr. Sua mochila está caída no pátio entre ela e os Centuriões.

Um dos soldados grita. Todos eles apontam ao mesmo tempo e atiram. Meu corpo inteiro fica imóvel, cada bala que atinge o cascalho em seus pés aparentemente em câmera lenta. Uma atinge um pavimento de pedra e rebate com um pequeno baque.

Um segundo depois, ela agarra seu braço e grita. Meu cérebro leva um momento para processar que a mancha escura que se espalha por sua camisa é sangue. Que ela está ferida, talvez gravemente.

Eu percebo que estou gritando enquanto Caspian bate a mão na minha boca. Meu lábio superior raspa meus dentes, sangue acobreado pinica minhas papilas gustativas.

Ele leva um dedo à boca e retira a mão. Aceno, o alívio me inundando enquanto Teagan tropeça nas pedras de volta para onde Lash deve estar sentado e desaparece.

Sintonizo minha frequência com a dela. — Teagan, você está muito ferida?



Um longo momento de silêncio se estende.

— Uma ferida na carne, querida. Onde você está?

Sua voz não me convence, nem de perto. — Estamos aqui, cinquenta metros, duas horas. Fique parada e espere até darmos o sinal.

— Sim, senhora. — Sua voz parece cansada. — Você não deveria estar com Max?

— Estou bem onde deveria estar. — Uma explosão de tontura altera minha visão. Eu deixo minha cabeça cair para trás enquanto exalo, tentando trabalhar um pouco de calma em meu corpo. — Como está Lash?

— Choramando e reclamando. — A voz de Lash late ao fundo, algo como *ela gostaria de levar um tiro na bunda?*

Sufoco uma risada. — Diga a Lash que vamos... apenas nos dê um minuto. Estou enviando um rosto amigável.

— Cuidado, querida.

Pressionando minha mão no peito, sinto o estouro acelerado do meu coração. Então me concentro em desacelerar até que ele pare de sacudir meu esterno e minha visão pare de dançar.

— Bramble. — Sussurro.

Bramble surge debaixo dos pés e me observa com expectativa.

— Você precisa fornecer uma distração enquanto nos aproximamos. Você pode ir para Teagan e Lash? Depois de chegar lá, você os protege até que eu te pegue.

Suas antenas piscam em verde para sim.

— Bom. Seja cuidadoso... — Lembro-me das novas atualizações de Rivet para Bramble. Ele ainda não experimentou seus lasers... mas não tenho estômago para ele ser uma arma quando se parece mais como meu filho. — E sem ferir os soldados.



Pisca em vermelho. *Não.*

— Ok, não os machuque, a menos que seja em legítima defesa protegendo Lash e Teagan.

Sem concordar, ele foge pelas pedras em direção à fonte.

Estalo meu pescoço e aponto para Caspian.

— Vamos lá!

Em nossas mãos e joelhos, deslizamos ao longo do solo de lado. Os soldados não demoram muito para avistar o corpo prateado de Bramble enquanto ele caminha até eles, a três metros de distância. O pequeno sensor para e envia uma enxurrada de chilreios raivosos e zombeteiros para eles.

Um dos Centuriões levanta seu revólver e atira.

Meu coração bate na minha garganta. *Bramble!*

Mas ele se esquiva da bala e um jato de cascalho explode a alguns metros de distância.

Bramble vira as costas para os Centuriões, balança o traseiro em desafio e depois corre para a fonte.

Esse é meu garoto.

O alívio me impele os últimos metros até um mausoléu coberto de musgo que nos esconde parcialmente de vista. Um cheiro de mofo estagnado encharca o ar. Estendendo-se das portas do prédio está uma lagoa retangular piscando com carpas, seus corpos laranja e brancos quase escondidos por nenúfares. Luzes brilham sob a água.

Caspian acena com a cabeça para a lagoa, e eu nem hesito antes de escorregar para dentro. As almofadas de lírios batem contra meus cotovelos, o koi disparando para longe de minhas pernas. A água bate na minha cintura, surpreendentemente fria. Tábuas se erguem do outro lado, mascarando nossa abordagem dos Centuriões.



Perto do fim, coloco minha mochila ao lado da lagoa e me agacho. Agachado, minha espada raspando o fundo sujo do lago, eu empurro as folhas e as taboas grossas. A respiração de Caspian assobia em meu ouvido enquanto ele segue, respirando com muita dificuldade para o meu conforto.

— Você está bem? — Sussurro.

Ele mal olha na minha direção. — Sim.

Os centuriões estão do outro lado, a menos de três metros de distância. Eu posso ouvi-los, suas vozes diminuindo de entusiasmo enquanto eles decidem quem vai acabar com meus amigos.

— Os rebeldes estão feridos. — Diz o maior deles, dando um tapinha no ombro de um centurião mais jovem. — Basta ir até lá e colocar uma bala em seus crânios.

— Você viu aquela coisa que se juntou a eles. — Diz o mais jovem. — Faz você.

Ele tem cabelos castanhos que arranham o queixo e olhos jovens e arregalados, os lábios surpreendentemente carnudos. Ele seria bonito, se não fosse por seu uniforme prateado com a insígnia da fênix.

Me viro para Caspian, mas ele está congelado. Longos cílios dourados tremulam enquanto ele pisca para os soldados.

— Eu acho que eu... eu posso conhecê-lo. Ele treinou comigo uma vez.

Merda. — Ok, Caspian. Me escute. Precisamos de uma distração para que eles possam escapar e abrir as portas.

É como se ele não me ouvisse. Seu foco se concentrou nos soldados. O bonito parou de discutir e começou a verificar se havia balas em sua pistola. Ele fecha a câmara com um movimento casual de seu pulso que sugere que ele já esteve em várias situações como esta.



Uma vozinha dentro da minha cabeça sussurra, *ele precisa ser o primeiro a morrer.*

Nós temos que fazer alguma coisa. Minha mente fica em branco. Eu não consigo pensar. Não temos tempo suficiente.

— Caspian, precisamos...

Ele se mexe como se estivesse assustado, seu cotovelo batendo contra uma pedra do tamanho de um gato. A rocha se desloca e cai na água com um *baque* alto.

Ótimo.

— O que é que foi isso? — O Centurião maior rosna. Ele se vira, seus olhos redondos se estreitam enquanto ele examina a água. Seu olhar se fixa em nós. Lentamente, o reconhecimento pisca em seu rosto.

Seguido de raiva.

Ele vem em nossa direção em uma corrida a toda velocidade, sua pistola apontada para minha cabeça. Meu corpo congela por meio segundo, então eu me abaixo por instinto. Ao mesmo tempo, um estrondo é disparado. É tão alto que sacode meu crânio, meu peito.

Acho que meus tímpanos explodem.

O lado de concreto da piscina atrás da minha cabeça entra em erupção. Estilhaços me atingem, tirando sangue. Mas a adrenalina mascara a dor, então eu só sinto uma estranha dormência. Meus ouvidos tocam e tocam.

O Centurião está levantando sua pistola novamente. Em estado de choque, concentro-me na fumaça cinza claro que sai do cano. A saliva molhando os lábios do homem.

Caspian me empurra para o lado enquanto o Centurião atira novamente. Desta vez, sinto a bala passar zunindo pela minha bochecha.

Se recomponha, Maia.



O medo quebra o transe e eu puxo minha espada para cima. Água voa de sua lâmina e forma belos padrões no ar enquanto eu executo uma série de golpes que erram as pernas do Centurião. Com o rosto vermelho e contorcido de raiva, ele aponta sua arma na minha cara.

Posso sentir o cheiro da fumaça minúscula, a pólvora.

Ouve-se um estalo quando o martelo é puxado para trás. *Oh não, não...*

Clique. Nada acontece.

Falhou.

Bato a espada em seu braço, mas ele a segura pela lâmina dentro de sua mão gigante. O sangue escorre pela borda, mas ele se mantém firme. Um uivo de dor sai de sua garganta. Tento puxar minha espada para trás, mas ele é muito forte.

Com uma torção forte, ele arranca minha espada da minha mão e a manda voando. Assassinato brilha dentro de seus olhos.

— Caspian. — Murmuro.

Mas ele está congelado, olhando de mim para os guardas. Sua boca se abriu como um peixe estúpido e sua respiração irregular e deuses, *deuses*, eu poderia matá-lo agora.

O centurião mais jovem dá um passo em direção a Caspian.

— Príncipe?

Os outros param de olhar para mim e olham para ele. Posso ver pelas expressões de choque que o reconhecem.

— Príncipe Caspian. — Diz o maior centurião. — Você está sendo mantido em cativeiro?

— Caspian. — Sussurro. Suplicando a ele. — Caspian!

Ele não olha para mim. Ele se recusa.



Max ainda está esperando por mim. Riser e os outros estão contando comigo para aparecer e ativar o Mercurian.

A raiva se abre dentro de mim, um poço de raiva profunda e ilimitada.

Eu não vou morrer hoje.

Usando seu foco no Príncipe, recuo até que a mochila esteja ao alcance. Meu coração bate na minha garganta, meu corpo inteiro entorpecido. Isso tem que funcionar. Tem *que* funcionar.

Avanço.

Ao mesmo tempo, um borrão de listras prateadas para o maior Centurião. Bramble! Ele agarra a cabeça do Centurião, cutucando e arranhando com as pernas enquanto o Centurião grita.

Em um movimento suave, eu tenho o zíper aberto e uma Arma Quente na minha mão. Um dos centuriões grita. Fico olhando para o dispositivo de aparência inócua na minha palma. Um ender, o mesmo que Flame usou para destruir as paredes.

Os centuriões levantam suas armas, mas são fracos e hesitam, com medo de acertar Caspian.

Eu não. No segundo que eu jogo a arma, o medo aparece em seus olhos. Chamo Bramble para mim e salto para Caspian, agarrando sua manga e puxando-o para trás. Quando sinto Bramble envolver meu pescoço, uso Caspian como um escudo para impedi-los de atirar.

Ele me deixa, ficando quase mole enquanto nós três afundamos na água fria.

Por um segundo prolongado, o barulho das bolhas de ar é o único som. Eu meio que espero que os Centuriões descarreguem suas armas e atirem em nós de qualquer maneira, mas graças aos deuses, eles ainda pensam que o Príncipe está com eles.



Talvez ele esteja.

Acima da água, há um whoosh. A pressão aumenta ao nosso redor. Mãos invisíveis da morte puxando, tentando nos puxar para frente. Os corpos lisos dos koi dançam em minhas bochechas e braços enquanto tentam se afastar da superfície. Quatro chegam perto demais e são sugados pelo ar. Desaparecem em um segundo.

Bramble gorjeia em alarme, suas pernas como um galho cavando em minha carne. Eu me debato contra as paredes, arrancando os nós dos dedos e machucando meus joelhos, puxando Caspian e Bramble ainda mais para o fundo. Uma explosão de luz me cega...

Então silêncio.

Uma dor enche meus pulmões. Vou engolir água se não irmos à superfície. Empurrando Caspian, eu levanto, tossindo, arfando e arfando. Caspian se puxa para o lado e cai de costas. Quando molhado, seu cabelo é cor de trigo e está grudado em todas as direções, com as pernas meio dentro e meio fora da água. Um braço envolve seu peito.

Sua mão é um punho trêmulo e com os nós dos dedos brancos sobre o coração.

Olho para onde os Centuriões estavam, procurando por qualquer ameaça remanescente. Mas eles se foram. Apenas *sumiram*.

— Sinto muito. — Caspian murmura, pegando água. — Eu não poderia.

Fico olhando para ele por um segundo, tentando recuperar o fôlego enquanto Teagan e Lash mancaram. Tentando peneirar minhas emoções o suficiente para saber como lidar com o que acabou de acontecer.

Ainda segurando meu pescoço, Bramble estremece violentamente. Suas luzes piscam em vermelho em um ritmo selvagem, pulsando na minha periferia.



— Você está bem? — Exige Teagan. Ela está propositadamente olhando para longe da grama achatada onde os Centuriões estavam.

Aceno, brincando com meu ouvido. Mas a água deve ter entrado. Puxo o dispositivo para fora.

— Teagan, o seu está funcionando?

Teagan experimenta o dela, esperando um momento antes de balançar a cabeça. Depois de um olhar penetrante para Lash, que está segurando sua bunda e mancando muito mais do que o normal, ele verifica o seu e diz o mesmo.

— Porcaria. Eles deveriam estar respondendo. — Eu olho para o castelo, não tenho certeza do que estou procurando. — Lash, me dê o seu. Vou circular de volta para onde os deixei. Talvez seja uma coisa de distância.

— Talvez. — Mas o tom de voz de Teagan me irrita.

Uma rápida sucessão de tiros salpica o ar fora da parede. Um cavalo relincha. Gritos explodem e depois morrem.

Teagan termina de enrolar uma tira de sua capa em volta do braço ferido e pega sua espada.

— Você deveria ir, Maia. Se eles encontraram o Mercurian, eles vão precisar de você.

— Você teve que vaporizá-los? — Lash geme, tocando a grama achatada. — Precisávamos das pistolas deles.

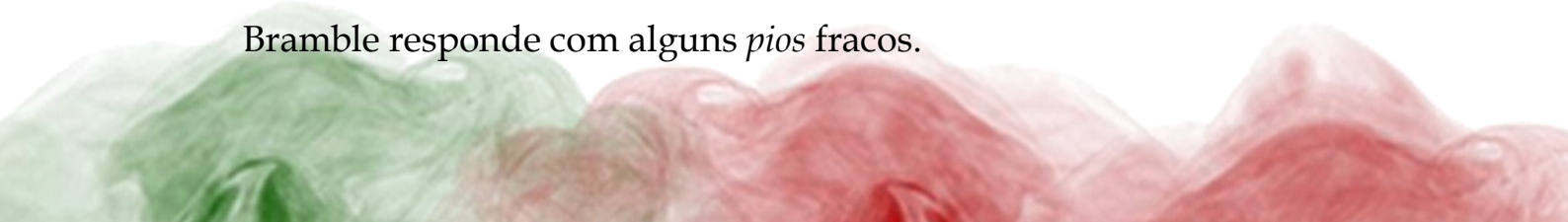
— De nada. — Murmuro.

— Desculpa amor. — Lash me olha da cabeça aos pés. — Você está machucada?

— Não.

— O que tem ele? — Lash acena para Bramble.

Bramble responde com alguns *pios* fracos.



— Ele é durão. — Acrescento, traduzindo para o sensor. — Ele vai ficar bem.

— Bom.

Todos nós olhamos para o Príncipe, que agora está sentado com a cabeça apoiada nas mãos. Sua boca está aberta, seu peito arfando, como se ele não pudesse respirar o suficiente.

Ofereço a ele minha mão.

— Caspian, você tem que se levantar. Preciso que você os ajude a abrir as portas da parede.

Ele olha para mim. Um batimento cardíaco bate enquanto espero que ele reconheça que ouviu meu comando. Finalmente, ele balança a cabeça e eu o puxo para ficar de pé.

Me inclino e sussurro em seu ouvido: — Eu confio em você.

Ele encara algo além de mim. — Talvez você não devesse.

— Eu não tenho escolha. — Num impulso, eu escovo meus lábios em sua bochecha. Talvez se ele sentir nossa conexão, se ele achar que eu sinto o mesmo por ele, ele não congele na próxima vez. Não vai esquecer de que lado ele está agora. — Você consegue fazer isso.

Algo ganha vida dentro de seus olhos e ele me fixa com um olhar determinado.

— Vou mantê-los seguros.

Quando me viro para sair, Teagan agarra meu braço.

— Querida, tenha cuidado. Sem você... não temos futuro.

— Entendi. — Forço um sorriso. — Sem pressão, certo?

Então eu corro para o castelo, com explosões como música e meu coração trovejando.



CAPITULO 15



No momento em que chego à porta do grande salão onde os deixei antes, sei que algo está errado.

O castelo está silencioso, vazio. O único som é o rugido abafado ocasional da batalha lá fora e o rangido das minhas botas molhadas contra o chão de pedra. Eu sintonizo o comunicador em cada uma das frequências rebeldes enquanto me esgueiro pelo corredor, passando por antecâmaras e salas de armazenamento.

Um grande corredor do qual não me lembro se abre e eu espio pelo batente da porta.

No momento em que meu olhar se fixa no corpo enrolado no chão, fico gelada. Uma onda de alarme passa por mim. Os olhos do Centurião olham fixamente para o teto. Sangue meio seco coagula em uma poça ao redor dele.

Outro centurião tomba de joelhos. Suas mãos ainda agarraram suas bochechas, onde vários caroços vermelhos enormes aparecem. Bramble atinge o chão com um leve toque e se aproxima, com as antenas apontadas para o corpo.



Congelando, ele emite um único bipe alto, estende o braço e agarra algo perto do Centurião morto. O corpo quebrado de um escorpião... exatamente como os usados em nós na Corte de Sangue.

Meus amigos estiveram aqui. Examino o chão em busca de outras pistas, mas além de algumas manchas de sangue seco, não há nada nesta sala que possa me dizer o que aconteceu ou para onde foram.

— Bramble — Sussurro — eles têm que estar bem.

Pela primeira vez, ele não tem uma resposta atrevida. E eu juro que posso ver tristeza e preocupação em suas feições.

Por favor, deixe-os ficarem bem. Por favor.

Eu não consigo respirar. Não consigo pensar. Terror inunda minhas veias, me enchendo de cenários horríveis. Eu me arrasto para fora do salão e continuo procurando, apertando meu estômago para não vomitar.

Um estalo me assusta. O comunicador. Palavras, confusas e frenéticas, caem em meu ouvido. Eu não consigo decifrá-las. Não consigo ouvi-las direito.

Então, como a tampa de um frasco sendo removida, elas de repente ficam claros como cristal.

— Maia, você está aí?

— Riser? — *Oh, deuses. Ele está bem.* — Riser, onde está você?

— Armadilha. Não venha. — Gritos estridentes e agudos abafam suas palavras.

O que? — Riser, diga-me onde você está

— Ocupado. — Sua voz está rouca e desgastada pela dor, e começo a correr, embora não tenha ideia para onde ir. — Fique... longe.

— Riser, por favor! — Não tenho ideia para onde ir, como ajudá-lo. Me sinto desamparada. Impotente. Eu caio contra uma parede, deslizando até a metade antes de me segurar. — Max? Diga que ele está bem.



Silêncio. Em seguida, uma palavra distorcida surge no comunicador que arranca o ar de meus pulmões.

— Arquiduquesa.

Meu corpo reage à palavra, inundando meu cérebro com memórias da minha tortura. Eu vejo um martelo caindo sobre meu joelho. Meu cotovelo. Meu estômago. Me vejo sendo remendada novamente. Sendo drogada, morrendo de fome. Ridicularizada.

Ouçó a risada cruel da arquiduquesa, e a náusea dá um soco no fundo da minha garganta enquanto eu gemo e deslizo o resto do caminho pela parede. Eu sou a garota indefesa do Fosso. A garota que ela capturou e torturou. Eu quero me esconder.

Ninguém pode me machucar se eu me esconder.

Bramble sobe pelas minhas pernas e gorjeia freneticamente, mas eu mal o ouço. Meu cérebro luta para chegar a um acordo com esta realidade nova e horrível. A arquiduquesa. A arquiduquesa tem Máx. Meus amigos.

Meus amigos estão com *problemas*.

Fico de pé. Riser disse para não ir.

Para o Inferno com isso.

— Onde eles estão, Bramble?

Me concentro nos ruídos que ouvi, no rugido de lamúrias... um motor. Incontáveis máquinas. E apenas um lugar que conheço tem tantos.

O telhado.

Minhas botas batem contra a pedra enquanto eu corro escada acima e pelos corredores, batendo as portas abertas. Um conjunto de escadas íngremes se abre diante de mim.

Tenho que encontrá-los, tenho que encontrá-los, tenho que...



Um corpo está deitado na escada. Eu olho para baixo, meu coração afunda. Reconheço o cabelo cor de mogno imediatamente.

— Ah não. — Sussurro. — Rivet!

Sem resposta. Ela está de bruços, braço estendido, e estou com medo de tocá-la, de saber se ela está ferida ou morta.

— Rivet.

Enfrentando meu medo, aperto seu ombro. Seu corpo está quente. Eu recuo antes de exalar de alívio.

— Bramble. — Ordeno. — Fique com ela e não deixe ninguém tocá-la.

Ele gorjeia em alarme, piscando seu sensor vermelho, *não*, mais e mais. Mas eu o tiro do meu ombro e o coloco no degrau acima de sua cabeça. — Isso é importante. Proteja ela. Use a força se precisar.

Tremendo, ele sobe em seu ombro e olha com orgulho para mim.

— Bom. Eu voltarei, eu prometo.

A porta do telhado é pesada, de ferro reforçado. Do outro lado, há um telhado de cascalho espesso com fedor de alcatrão e óleo queimado. Uma nuvem escura serpenteia entre as naves estelares prateadas em forma de lágrima, espalhadas em fileiras de cinco. As gavinhas esfumaçadas alcançam o céu noturno como dragões furiosos marchando pelas estrelas.

A maioria das naves está carbonizada e enegrecida além do reparo.

Algumas estão faltando.

Gritos se espalham pelo telhado do outro lado. Respirando com dificuldade, sigo os sons, meu coração batendo forte contra o meu crânio. O suor pinga em meus olhos e embaça minha visão. Limpo o suor e faço uma pausa enquanto a brisa muda, limpando uma seção de fumaça.

É como um pano úmido enxugando uma janela suja para um mundo infernal de morte.



Eu vejo Max primeiro. Seu cabelo balança suavemente com o vento, seus olhos estão brancos de pânico. Eu nunca o vi tão quieto, congelado de medo. A arquiduquesa tem uma pistola cravada em sua têmpora. Centuriões mortos espalham o telhado ao redor deles.

Meus amigos lutaram muito.

Procuro os outros, meu olhar se fixando em um corpo flexível dobrado sobre uma peça retorcida de metal que já foi parte de uma nave.

Riser.

Não. Eu suspiro com todo o sangue, meu único conforto é o aumento sutil de seu peito que sugere que ele ainda está vivo. Parte de mim fica entorpecida de terror com a posição de seu corpo, a dor gravada em seu rosto. A dor é uma coisa viva que está me partindo, abrindo uma cavidade sob minhas costelas.

Se eu não compartimentar minhas emoções, vou me estilhaçar, então enterro meus sentimentos profundamente e avalio meu ambiente.

Eu localizo Flame em seguida, posicionada em sua barriga, usando as cortinas de destroços do Riser como cobertura.

— Eu não posso fazer nada. — Ela grita para mim. — Não sem machucar Max.

Eu me forço a olhar para meu irmão. Nossos olhos se encontram. O soldado se foi, o menino que não tem medo. Ele tenta dizer algo, mas estou muito longe e não consigo ler seus lábios. Tirando minha mochila, eu rasgo os bolsos, procurando desesperadamente pelas Armas Quentes.

Sem utilidade. Elas são inúteis. Não posso usá-las contra a arquiduquesa sem feri-lo também.

Não posso fazer nada.

Mexo a boca, *eu te amo*. Repetidamente até que seja uma frase contínua e sem fim.



Um sorriso se espalha lentamente pelo rosto da arquiduquesa quando ela me vê, e algo se passa entre nós, ódio que pode destruir mundos.

Com um sorriso malicioso, ela o arrasta pela rampa até o ventre da nave estelar. A porta da rampa bate e minha boca se abre em um grito silencioso enquanto a nave dispara para o céu.

Tudo acontece em um piscar de olhos.

Por um momento abençoado, estou entorpecida com a pressão crescendo dentro do meu peito. Um buraco negro de tristeza desmoronando para dentro. Meus pensamentos se confundem.

Eu não estava aqui. Agora ele está com medo. Sozinho.

Eu fiz de novo. Eu falhei com ele. Novamente.

Você deixou o monstro levá-lo.

— Não. — Sussurro. — Por favor, apenas... não.

Eu sei que ele se foi. Sabendo que ele não vai voltar. *Nunca*. Oh, deuses. Isso dói.

Mas não consigo me mover, não consigo parar de olhar para a nave que mantém meu irmão cativo, como se pudesse ver através da massa de metal sua forma aterrorizada. Como se eu pudesse salvá-lo de alguma forma se não piscar. Não desviar o olhar.

Só depois que a nave se mistura com as milhares de estrelas piscando na névoa de fumaça e destruição, e eu finalmente desvio meus olhos, é que reajo.

Um gemido estrangulado e meio sufocado de angústia sai da minha garganta. E eu grito e grito até não poder mais gritar.



CAPITULO 16



Eu não falo enquanto os rebeldes invadem o telhado, deixados por Teagan e Lash. Não digo uma palavra enquanto dois soldados criam uma maca improvisada com um banner e me ajudam a carregar Riser escada abaixo. No caminho, encontramos Rivet. Bramble se aconchega em seu peito, ocasionalmente tocando seu rosto como se estivesse tentando acordá-la. Designo três rebeldes para carregá-la, assim como fui carregada uma vez depois das Cortes de Sangue.

Achei que Max estava ferido, talvez morto. Lembro-me de me contorcer, gritar e me enfurecer contra a agonia que perfurou minha alma. Agora quase não falo, dificilmente vou além das menores ações. Porque desta vez não há esperança de que ele consiga.

Desta vez... ele realmente se foi.

Um passo. Então outro. Agora levante a maca. Não empurre Riser. Agora pise em uma cadeira derrubada. Agora desça mais escadas. Meu corpo estremece com um calor estranho e febril, a angústia se espalhando por cada célula, cada molécula do meu corpo.

Como vou contar para minha mãe?



Não será real até então. Posso fingir que isso é um sonho, não, um pesadelo por enquanto. Mas uma vez que eu tenho que olhar minha mãe nos olhos e dizer a ela que perdi meu irmão mais novo, que o deixei novamente...

Um gemido me arranca da minha bolha de choque. Eu respiro fundo e me concentro em Riser. Um corte profundo corta seu ombro, desce pelo peito e passa pelo osso do quadril.

Ele está ferido e está morrendo. Rivet também. A necessidade de salvá-los rompe minha dor. *Controle-se, Maia. Salve os outros e chore mais tarde.*

— Ele precisa de um Recontrutor. — Digo, finalmente encontrando minha voz.

Os rebeldes, não familiarizados com a Ilha, olham em volta desamparados. Eu espio Caspian e sinalizo para ele.

Assim que ele vê o ferimento de Riser, a cor desaparece de seu rosto.

— Recontrutor. — Lato. — Precisamos de um agora. Você pode mostrar o caminho a eles?

Após uma breve hesitação, Caspian concorda. Eu os vejo desaparecer em uma esquina e procuro nos corredores até encontrar Rivet sendo carregada escada abaixo. Flame está em seus pés, enquanto outro Rebelde segura sua cintura e outro seu torso. Bramble ainda se agacha protetoramente sobre o peito, parecendo pronto para matar qualquer um que considere uma ameaça.

— O que aconteceu? — Assobio para Flame, pegando uma perna enquanto carregamos Rivet para a enfermaria.

Suas narinas estão dilatadas, o rosto pálido. Em uma palavra, ela parece destruída. — Drones. Havia tantos deles. Eles foram ativados de alguma forma, por nossos rostos ou vozes, não sei. Eles nos perseguiram até o telhado. Se eu soubesse que eles estavam nos conduzindo para uma emboscada...



— Calma. — Acalmo, tentando acalmá-la com minha voz. — Não tenha pressa.

Ela passa a mão sobre os olhos como se estivesse tentando apagar o que vem a seguir.

— A arquiduquesa estava esperando por nós. Estávamos presos entre os drones e seus soldados. Tudo aconteceu tão rápido. Rápido pra caralho.

Solto uma respiração superficial, com medo dela a próxima pergunta.

— E... o Mercurian? Você chegou mais perto de encontrá-lo?

Seus olhos embaçam enquanto ela balança a cabeça.

— Os drones nos atacaram assim que você saiu. — A vulnerabilidade em sua expressão dá lugar a uma raiva fria. — A vadia sabia que estávamos chegando. Alguém nos traiu.

Nicolai. A raiva aquece meu peito. *Eu vou matá-lo.*

O olhar assombrado de Flame se fixa em Rivet.

— Assim que a arquiduquesa pegou Max, a garota lutou como uma leoa.

Rivet. Lembro-me de como ela conseguiu seu nome. As coisas horríveis que ela já teve que suportar em sua vida muito curta. E, no entanto, ela estava sempre sorrindo. Sempre fazendo Max rir. Sempre avançando, lutando sem reclamar por um mundo melhor.

E agora... Eu me forço a considerar sua condição. Um corte inchado marca sua testa, púrpura se desenrolando da carne machucada. Seus olhos estão fechados, seu rosto da cor da neve recém-caída. O sangue forma crosta em sua couraça de couro e ainda mais escurece suas calças.

Vemos de onde está vindo depois de colocá-la em uma cama na enfermaria e, depois de garantir a Bramble que ela está bem, Flame corta sua armadura e camisa. Bolhas de sangue de uma ferida sugadora logo acima de seu coração.



Inferno. Até eu sei que isso é ruim.

Lash aparece. A dor em seus olhos devido ao ferimento se transforma em alarme ao ver o estado de Rivet. Mancando, ele encontra uma lanterna de uma gaveta e levanta a pálpebra direita dela. A pupila é pontual e não reage à luz. Nem a esquerda.

Ele apaga a luz. — Ela... não é bom.

Afasto o cabelo de seu rosto. — Ela não pode morrer, ela é uma... um bebê. E temos Reconstructores. E quando Max voltar, não posso dizer a ele que ela... não posso, Lash. Conserte ela.

Lash parece prestes a discutir — sobre o retorno de Max ou a sobrevivência de Rivet, não faço ideia — mas então ele passa a mão pelo cabelo e dá um suspiro cansado.

— Eu farei o que puder.

Dou um beijo em sua bochecha. — Obrigada.

A enfermaria é um quarto com dez camas separadas por cortinas. Os Reconstructores estão na parte de trás. Cápsulas longas e brilhantes, os caixões trazem à superfície as memórias da Reconstrução. O terror de não saber. Meu pânico quando a tampa se fechou e eu sabia que tudo mudaria.

Riser estava no caixão ao meu lado e quase morreu...

Uma garota rebelde está fechando a tampa de um, e vislumbro um lampejo de cabelo preto azeviche e maçãs do rosto salientes e claras antes de fechar.

Riser. Bramble empoleira-se na tampa, mexendo-se para frente e para trás.

Agarro o braço da garota, ela recua. Não consigo imaginar como estou, o desespero em meus olhos.

— Você sabe o que está fazendo?



Seus lábios tremem quando ela balança a cabeça. — Eu trabalhei em um em uma clínica em uma Cidade Diamante vizinha.

Apenas uma? Olho em volta, mas não há mais ninguém. — Ok. Somente... venha me buscar quando ele terminar.

Eu não digo o que sinto. Que se eu perder Riser também nunca vou me recuperar. Eu me permito uma última olhada em Riser, bebendo-o. Cada parte de mim quer ficar com ele até que ele acorde. Mas há muito o que fazer.

Mais do que tudo, preciso limpar minha cabeça e encontrar uma maneira de trazer Max de volta.

Então, com Bramble no meu ombro, vou em frente, entorpecendo-me ao direcionar os feridos. Uma longa fila de feridos que ainda podem andar se infiltrou no castelo, e eu os conduzi para as enfermarias disponíveis. Quando eles se enchem, usamos os Reconstructores pessoais nas salas do alto escalão Ouro.

Caspian ajuda e, finalmente, quando o gotejar de corpos diminui, reúno minha coragem para informar minha mãe sobre Max.

Não é difícil encontrá-la. Acabei de voltar no caminho dos feridos até estar caminhando pelo campo de batalha. O fedor de sangue e pólvora me atinge com força, despertando terminações nervosas que eu nunca soube que existiam e colocando meu corpo no limite.

Corpos espalhados pelo chão de rebeldes e centuriões. No delicado luar, é quase impossível distingui-los. Nossos soldados caminham pelas colinas cobertas de grama. A cada poucos segundos, um som estrondoso corta o ar.

Eles estão executando os sobreviventes.

Examino o rosto de cada soldado, procurando o rosto mascarado de Nicolai e a forma mutilada e encapuzada. Mas eu sei que ele nunca ficaria



depois de sua traição fracassada, especialmente depois de alertar a arquiduquesa que nossa pequena tripulação estava dentro do castelo.

O bastardo pensou que poderia fazer a arquiduquesa fazer seu trabalho sujo e se livrar de mim de uma vez por todas.

O que eu não daria para separá-lo pedaço por pedaço agora.

Minha fantasia de vingança desaparece no segundo em que vejo minha mãe. Ela está de pé em uma crista, sua capa ondulando com a brisa leve.

Enquanto imagino as palavras: “A arquiduquesa pegou Max” Saindo da minha boca, uma sensação de mal estar quase me dobra.

Ela me vê antes que eu possa pensar em uma maneira de dizer a ela e me chama. Mesmo com essa luz, posso perceber o brilho febril em seus olhos. Uma mistura de excitação, horror e fadiga.

Duas tochas ardem intensamente ao redor dela, seu brilho laranja lançando sombras profundas sobre as órbitas dos olhos e dando-lhe uma aparência macabra.

Caindo sobre um joelho, ela limpa a lâmina na grama grossa em suas botas, deixando uma mancha escura de sangue.

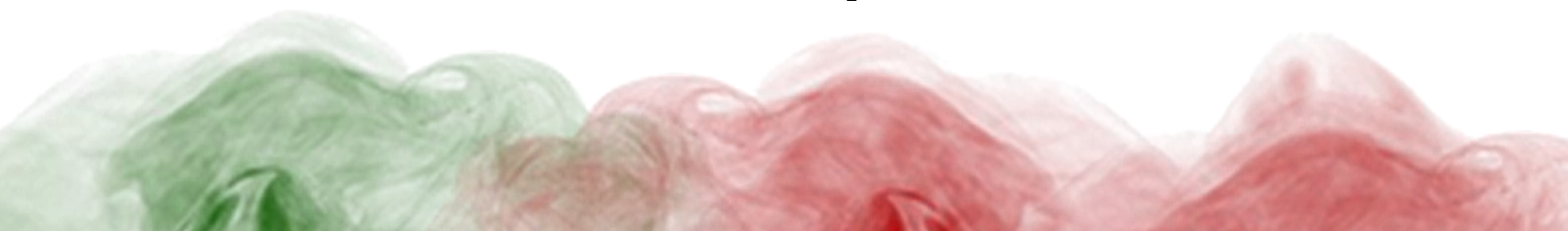
— Você achou isso?

Balanço minha cabeça enquanto o ar se afina ao meu redor.

— Com licença? Eu preciso de palavras, Maia.

— Não. — Minha garganta está fechando. Meus pulmões encolhendo. — Nós... *Eu* falhei.

Minha mãe uma vez disse que, em algum momento de sua vida, todo líder experimenta um fracasso tão desastroso que deixa uma ferida dolorida em sua alma. Eu sei que esse é o meu. Eu tenho que reivindicar isso, tenho que deixar isso afundar dentro de mim, não importa o custo.



Ela se levanta e me encara por um longo momento. Então ela faz um gesto para que os dois soldados ao seu lado se dispersem.

Eu os vejo ir, incapaz de olhar para ela. Com medo de que ela leia a culpa por perder Max em meus olhos. Como se, de alguma forma, não dizer em voz alta significasse que nunca aconteceu.

— Diga-me, Maia. — Suas palavras são suaves, e se eu não soubesse melhor, pensaria que havia bondade nelas.

Mas posso sentir o peso de toda sua condescendência logo abaixo da superfície. Esperando que eu confirme meu fracasso.

— Nós... deixei Max e os outros para ajudar Teagan e Lash perto da porta. Eles foram presos e teriam morrido.

— E?

— E quando eu encontrei os outros novamente, era tarde demais.

Um lado de sua mandíbula se contrai.

— Onde está Max, Maia?

Lutando contra a vontade de olhar para os meus pés, eu levanto minha cabeça e encontro os olhos de minha mãe. A sensação é semelhante à de ter uma adaga torcida logo abaixo do meu esterno.

— Capturado. Pela arquiduquesa.

Uma emoção cintila em seu rosto. Demoro um momento para decifrar, dor. Em seguida, afunda em sua máscara apática como se ela nunca tivesse sentido, e o escárnio substitui a dor.

— Você a deixou levá-lo? Sabendo que tipo de monstro ela é? Ele estaria melhor se você o *matasse*.

Sua voz é suave, mas há ácido nela. Uma espécie de nojo silencioso.



— Eu... — Minha voz vacila. É como se uma besta espreitasse logo abaixo do meu esterno e roubasse minhas palavras. — Mesmo se eu estivesse lá, fomos traídos por Nicolai.

— Pedi para você cuidar de Max. — Ela continua, como se não tivesse ouvido o que eu acabei de dizer. — Eu ordenei que você o mantivesse seguro, Maia. *Seguro*. O sangue sempre deve vir antes dos amigos.

— Riser ficou com ele. Mesmo se eu estivesse lá...

— Pare de inventar desculpas. Você é melhor que isso.

Eu não consigo respirar. Meu coração parece que vai se abrir e desmoronar em pedaços.

Encontrando minha voz, eu forço: — Eu posso consertar isso de alguma forma. Vou encontrar uma maneira de trazê-lo de volta.

Seus dentes brilham em um sorriso amargo.

— Oh? Você encontrará uma maneira de resgatá-lo? Como exatamente? Você vai simplesmente voar até Hyperion e pedir por ele de volta? Ele está no lugar mais seguro do universo, Maia, cercado por espaço e guardas armados e tecnologia que você nunca encontrou antes. Mas você vai... pegá-lo de volta?

Cada palavra que sai de seus lábios é uma farpa que se enrosca dentro de mim. Cada segundo que ela olha para mim assim, como se eu não fosse nada, *pior* do que nada, é uma tortura.

— Deste ponto em diante, nossos recursos devem ser focados em encontrar o Mercurian, não em alguma missão de resgate condenada. — Ela olha para o campo de batalha. De alguma forma, ela ainda parece triunfante, uma general a ser temida. Mesmo que ela tenha perdido um filho... e agora uma filha. — Deixe-me.

Me viro para fazer exatamente isso e, em seguida, giro para encará-la.



— Qual é a sensação?

— Com licença?

— Qual é a sensação de ser tão cruel ao ponto de seus dois filhos te desprezarem? — Ela abre a boca, mas eu continuo, minha raiva e dor ficando cada vez mais quentes. — Sabe, você pode aceitar que Max se foi, você tem prática em perder seus filhos, afinal. Mas eu não posso. Eu não vou. Então dane-se você e o cavalo estúpido em que você montou. Você pode montá-lo de volta para fora da minha vida por tudo que me importa.

Fujo antes que ela possa se recompor para responder. Primeiro andando, depois correndo, depois correndo a toda velocidade. Até que a única coisa que posso sentir é a queimadura em meus pulmões e o bater de meu coração e tudo o mais se transforma em um zumbido suportável.

Deuses, isso foi bom. Eu deveria ter repreendido minha mãe há muito tempo.

No momento em que desacelero, o amanhecer rasteja em asas prateadas. O suor encharca minha testa e gruda meu cabelo no crânio. Estou em um cume a duzentos metros da muralha do castelo, com vista para a beira do lago.

A batalha deve ter sido pesada aqui porque o sangue escurece a grama em longos trechos. Alguns corpos jazem espalhados nas rochas acima, obviamente mortos por suas posições. Os corvos já se juntam, e eu os enxuto.

Um lampejo de vermelho atrai minha atenção. Um Swifter, enterrado na grama alta ao longo do cume, ao lado de uma pedra do tamanho de uma carruagem. Mesmo daqui, meio submerso na grama, posso dizer que é legal. A pintura lisa e polida, brilhante como sangue.

Meu foco captura o cabelo loiro curto espirrando para fora do veículo, fragmentos de ouro sedoso. Quando me aproximo, vejo uma testa alta, um nariz empinado, maçãs do rosto arredondadas...



Santo Inferno. Eu conheço ela.

— Delphine? — Sussurro.

Seus cílios tremem e se abrem. Seus ombros flexionam enquanto ela tenta se mover, mas seu Swifter prende seus braços e torso no chão.

Arreganhando os dentes, ela rosna: — Acabem com isso, escória rebelde!

Minha atenção atraiu outros, e mais dois rebeldes no topo do cume. Uma menina e um menino. Eles empunham pistolas de Centuriões roubadas. A menina tem ossos grandes e maçãs do rosto achatadas e avermelhadas, o cabelo preso em grossas tranças laranja. Um sorriso duro torce seu rosto.

Ela alinha a pistola com o coração de Delphine.

— É a sua morte, mas eu posso fazer isso? Eu não tenho muitas ainda.

Tremendo com a excitação assassina na voz da garota, eu olho para Delphine. Parte de mim quer matá-la eu mesma. Quer aplacar a raiva fomentando logo abaixo do meu poço cavernoso de angústia.

Não se esqueça de como ela foi cruel com você. Lembra do trote? A maçã?

Eu deveria odiá-la. Mas não posso matá-la, não a sangue frio. Especialmente porque isso me faria exatamente como ela.

— Não. — Empurro sua pistola para longe de Delphine. — Estou fazendo-a prisioneira.

A garota franze a testa, me reavaliando como se eu pudesse ser o inimigo.

— Dama Graystone disse para matar todos os sobreviventes.

— Essa não. — Apesar de sentir que posso cair, encontro forças para encarar a garota.

— Dama Graystone vai ficar furiosa quando eu contar a ela o que aconteceu.

Um sorriso cansado de alguma forma encontra meu rosto.



— Boa. A propósito, sou Maia. Se você precisar de um nome para dizer a ela. Maia Graystone.

Os dois rebeldes trocam olhares desconfiados.

— Você é filha dela?

Encolho os ombros. — Não por escolha.

A garota me encara como se eu fosse louca. Então ela pragueja enquanto eles se afastam, procurando nas colinas por mais sobreviventes para assassinar.

O pensamento me deixa doente.

Delphine zomba de mim. — Olhe para você. Isso é guerra, idiota. O que você esperava?

Ignorando suas farpas, eu me curvo.

— Você está machucada?

— Machucada? — Ela está com tanta raiva que a saliva voa de seus lábios. — Você é realmente tão estúpida? Me mate. Não há razão para me manter viva. Você perdeu. O Imperador está seguro em Hyperion, e esta pequena guerra acabou.

É então que percebo que é o que ela quer. Uma morte fácil e rápida.

— Desculpe, Delphine, mas há uma cela de prisão com o seu nome.

Ela grita de raiva, esse grito se transforma em lamentos de dor enquanto eu empurro o Swifter de seu corpo e a arrasto para cima. *Ela definitivamente quebrou alguns ossos*, eu penso enquanto observo o ângulo torto de seu braço, a maneira como ela se inclina e protege suas costelas.

Na verdade, ela está ofegando agora também, seu rosto tingido de azul. *Bem, merda.*

— Você teve sorte. — Murmuro, empurrando-a em direção ao castelo. — Você está indo para a enfermaria.



Ela bufa, abraçando as costelas como se o ato fosse doloroso.

— Você está brincando comigo? Você é fraca? Você não pode me matar, e agora você quer... para me curar?

— Você pode chamar isso de ser fraqueza, eu apenas o chamo de ser humana. Agora vá.



CAPITULO 17



A enfermaria está cheia de mortos e moribundos. Algemos uma Delphine petulante em uma cama antes de correr para o lado do Recontrutor. A Rebelde de antes levanta os olhos da tampa de um caixão e encontra meus olhos. Eu recuo, com medo de que o olhar dela dê a entender que Riser se foi.

Em vez disso, seus lábios se curvam em um pequeno sorriso e ela empurra o queixo para uma cama nos fundos, perto de uma janela.

— Foi perto, ele quase morreu. A maioria das pessoas teria. Ele deve ser muito duro.

— Ou teimoso. — Murmuro, olhando para ele.

Seus olhos estão fechados, seus cílios negros como corvo são dois cortes na carne de marfim que pode ser esculpida em mármore. Um lençol cobre seu corpo até o meio do peito, revelando uma leve cicatriz vermelha onde estava seu ferimento. Sob o lençol, seu corpo treme.

Bramble pula na tampa do Recontrutor e então se enrola no peito de Riser. Eu o agarro, a casca de metal elegante de seu corpo aquecendo. Ele está tentando ajudar Riser.

— Não, Bramble. — Digo, tentando puxá-lo para longe, mas ele foge do meu alcance e se acomoda no pescoço de Riser.

Suas antenas piscam *sem* resposta para mim.

Deuses, ele é como um Max de dois anos.

Não tenho forças para discutir com Bramble, então me volto para a garota.

— Ele está frio.

— Isso é normal após uma reconstrução severa como esta. — Seu olhar voa para Bramble. — Assim que ele acordar, vai sentir náuseas e um frio anormal. Ele provavelmente vai ter febre por alguns dias também.

— Mas... ele está bem? — Persisto. Eu quero que ela diga isso. Preciso que ela diga isso.

— Qualquer outro paciente, aposto que as chances não são grandes. Seu ferimento era muito profundo. Ele já fez muitas reconstruções, o que aumenta as chances de complicações. Mas ele é um lutador. Dê a ele alguns dias. Se alguém pode superar isso, é esse cara.

Ela pula e, com um aceno de cabeça para os outros caixões, me deixa sozinha com Riser.

Talvez não seja bom o suficiente, mas essa é toda a confirmação que receberei. Eu me sento em uma cadeira ao lado dele, coloco minha mão em seu peito. Está frio e duro, com arrepios e hematomas. *O que eles fizeram com você?*

Ele se mexe sob meu toque, geme. Bramble chia em alarme. Ele não diz isso, mas sinto a pontada da verdade de qualquer maneira.

Minha culpa. Tudo minha culpa.

— O que aconteceu, Riser? — Eu coloco minha cabeça em seu ombro. — Como tudo deu tão errado?

Eu poderia ter estado lá. Poderia ter impedido.



Seus lábios se abrem, ligeiramente, como se ele estivesse tentando falar. Para me dizer algo. Mas eu tiro seu cabelo escuro da testa, parte dele colado com sangue seco, e então me levanto.

— Não se atreva a me deixar, Garoto do Fosso. Isso é um comando.

Bramble se levanta, dividido entre Riser e eu.

— Fique com ele, Bramble. Mantenha-o seguro.

Bramble afunda no travesseiro ao lado de sua cabeça, contente por ficar com Riser. Posso vê-lo vibrando, tentando criar o máximo de calor que ele pode para Riser.

Uma luz acinzentada penetra a vidraça e ilumina o rosto de Riser, puxando os azuis profundos e ricos de seu cabelo, emaranhado e espalhado pelo travesseiro. Fico olhando para seus lábios, cheios e rachados e ainda parcialmente abertos. Na tatuagem de escorpião escurecendo seu pescoço.

Eu gravo cada parte dele... apenas no caso de... Como eu faria com Max se ele estivesse aqui agora. Armazená-lo nas partes do meu cérebro que ninguém jamais poderia alcançar.

Então me forço a deixá-lo. Por mais que eu queira ajudar de alguma forma, ele tem que lutar esta batalha sozinho.

Você é forte. Você vai voltar para mim.

Estou no meio da enfermaria antes de me lembrar que deixei uma Delphine lívida acorrentada a uma cama. *É melhor eu encontrá-la antes que alguém a estrangule... ou vice-versa.*

Ela está sentada no chão, seu braço bom — aquele que eu algemei — pendurado bem acima dela. Suprimentos médicos pontilham o chão ao redor de suas botas, onde ela obviamente chutou as coisas. Dois rebeldes feridos estão se aproximando dela com armas improvisadas, parte de um polo intravenoso, uma seringa.



Ela segura uma bandeja em seu braço quebrado, dentes à mostra e olhos selvagens. Mas ela está ofegando mais forte do que antes, trabalhando para cada respiração. E eu não posso dizer se ela está a segundos de matar alguém ou desmaiar.

— Para trás, seus selvagens! — Ela grita.

Oh inferno.

Estou prestes a intervir quando, da minha periferia, vejo Lash se aproximando. Irritado com a distração, ele lança a Delphine um olhar severo que o alerta para uma bronca... e então fica rígido. Seu corpo realmente *recua* dela. Ele já parece doente, olheiras circundando seus olhos, sua pele febril e cotada. Mas no segundo que ele vê Delphine, ele é sacudido de seu sono acordado para uma estranha espécie de pânico.

— Delph? — Ele murmura, dando um pequeno passo em sua direção, mesmo quando seu corpo inteiro parece estremecer.

Seu braço ferido é levantado, prestes a arremessar a bandeja nos pacientes que se aproximam, e ela se vira para enfrentar Lash. Eu observo, hipnotizada, enquanto seu rosto vai de uma selvageria desesperada para... choque. Semelhante ao de Lash.

Depois, *alegria*.

— Brig? — A bandeja cai com um estrondo e os dois rebeldes param, olhando de Delphine para nós. — Briggan? É realmente você?

Depois de tudo o que aconteceu, meu cérebro está disparando em câmera lenta e leva um momento para descobrir como eles se conhecem. Como Lash conheceria qualquer Ouro na corte realista.

Ele já foi Prata. E uma vez ele amou uma garota acima de sua posição...



— Inferno, Lash. — Agarro seu braço. — *Esta* é ela. A garota por quem você se apaixonou, por quem você foi chicoteado até não poder mais andar? É a maldita *Condessa* Delphine Bloodwood?

Um músculo em sua têmpora se contrai. Então seu rosto endurece e posso vê-lo fisicamente desligando todas as emoções.

— Estamos tratando realistas agora?

— Estamos tratando todos os feridos.

— Não foi isso que ouvi. — Diz um menino rebelde mais velho. Ele zomba de Delphine, o olhar em seus olhos insinuando que ela não vai durar muito aqui.

— Bem, você está ouvindo agora. Lash, trate-a e então eu a levarei para a prisão.

O menino me olha de cima a baixo. — E como você saberia que há uma prisão aqui? Ouvi dizer que o Imperador executa todos à vista.

Estou muito cansada para isso. Beliscando a ponta do meu nariz, eu me aproximo até estarmos perto.

— Porque meu sangue provavelmente ainda mancha o chão de uma das celas onde fui mantida. Agora, qualquer um que tocar nesta prisioneira responde por mim. E, considerando meu humor, você não quer isso.

O menino dá um passo para trás, mas se mantém firme. — Ela é filha do general. Você sabe o que ele fez com meu irmão mais velho, quando se recusou a se tornar um centurião? Cortou sua mão dominante para que ele nunca pudesse trabalhar, nunca escrever seu nome.

— Bem, — Estalo. — Se estamos trocando histórias de terror, *ele* me forçou a colocar uma arma na minha cabeça e puxar o gatilho, fez alguém atirar uma flecha em uma maçã que segurei entre os dentes, me mandou para um labirinto de horrores, e depois tentou me matar por esporte.



O menino passa o dedo pela lâmina em sua cintura.

— E como exatamente isso me faz não querer matá-la?

Olho em volta, incapaz de controlar minha fúria. — Todos nós temos histórias como esta. Mas se você matá-la, uma prisioneira ferida, algemada e indefesa — Posso estar empurrando com *indefesa* — então você é exatamente como eles.

Eu posso dizer por seus olhos estreitos que o menino não entende minha lógica, mas ele sai pisando duro, e os espectadores lentamente encontram outras coisas para fazer.

Lanço um olhar suplicante em Lash.

— Eu sei o que ela fez com você, e sinto muito. Somente... endireite seus ossos ou o que quer que faça e então eu a levarei, e você nunca mais terá que vê-la novamente. Ok?

Delphine se joga contra a perna da cama de metal. Ela está parecendo que poderia realmente desabar em breve, seu rosto agora um cinza doentio, sua boca escancarada, lutando por cada respiração difícil.

— Eu não fiz... qualquer coisa. — Ela insiste. — Tentei parar...

Lash parece impassível enquanto pega algo de uma bandeja — uma seringa — e caminha até ela. Antes que ela pudesse olhar para cima, ele enfia a agulha em seu braço e bate o êmbolo para baixo.

— Espera... — Suas palavras desaparecem enquanto ela derrete no chão, seu braço pendurado acima dela a única coisa que a impede de cair completamente.

— Pronto. — Lash olha para mim, deixando claro seu desgosto pelas minhas ordens. — Se você insiste que eu conserte ela, então você pode me ajudar a colocá-la na cama.

— Ok... Brig.



Ele me lança um olhar assassino por baixo das sobrancelhas baixas.

— Graystone, nas últimas quinze horas, levei um tiro, fui atingido na bunda por uma bala — o lugar menos viril que ela poderia estar — e observei pacientes sangrando na minha frente. Não comi, nem bebi, nem mesmo mijei, desde que a batalha começou. Este não é o momento de trazer nomes estúpidos.

— Você está certo. Você merece uma medalha. — Lanço um sorriso cansado. — Só para constar, eu também não fiz xixi e realmente preciso. Agora, vamos lá, vamos levantá-la.

Ignorando os olhares furiosos dos pacientes ao nosso redor, Lash e eu de alguma forma conseguimos colocar Delphine na cama. Quando ela tira sua armadura e camisa, Lash pressiona um estetoscópio em seu peito.

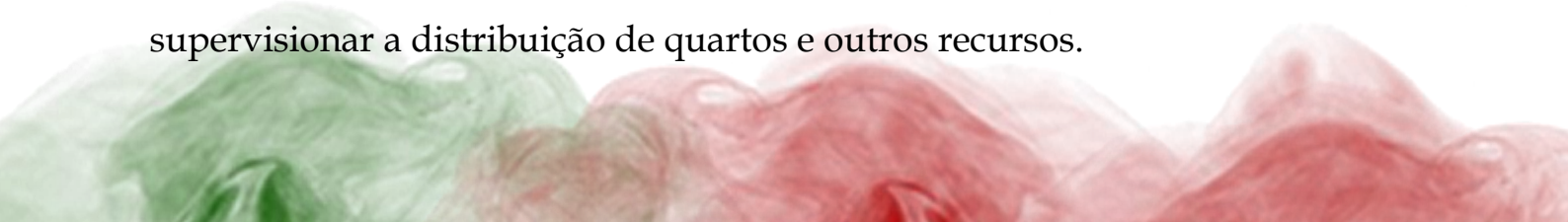
Ele ouve os pulmões e franze a testa.

— Ei, — Digo. — termine com ela e depois vá buscar um pouco de comida e descansar. Ordens médicas. E não deixe que eles a machuquem... Ok?

Ele acena com a cabeça, seu rosto solene. — Ela é minha paciente agora. A única coisa que a está matando é esse pulmão colapsado, a menos que eu possa fazer algo a respeito.

Obrigada, murmuro, antes de sair.

O sol da manhã bate nas janelas dos corredores enquanto eu caminho, aquecendo os corredores e iluminando a carnificina do lado de fora. Tento não parecer enquanto estou passando o dia. Encontro lojas de alimentos e configuro linhas de distribuição ordenadas para os famintos, basicamente todos. Seguro o arsenal com soldados em quem confio, garantindo que os rebeldes de Nicolai não tenham acesso a mais armas. Designo pessoas para supervisionar a distribuição de quartos e outros recursos.



Eu me esforço para continuar, continuar, quando meu corpo parece a um passo de entrar em colapso, tudo isso em um esforço para me distrair da verdade: Não estamos mais perto de encontrar o Mercurian do que estávamos ontem, Max se foi — provavelmente para sempre — e estamos um dia mais perto da aniquilação total.

De alguma forma, ainda de pé, entro em um quarto de Ouro de alto escalão, chocada e satisfeita por descobrir comodidades não protocoladas, como chuveiro aquecido e banheira de hidromassagem. Agradeça aos malditos deuses. É apenas o suficiente para bombear vida de volta em minhas veias.

Depois de mexer no chuveiro até descobrir como fazê-lo funcionar, fico de pé sob o riacho, minha mente perdida, desfrutando deste prazer simples mais do que jamais gostei de qualquer coisa em minha vida.

Depois, não aguento mais colocar minhas roupas sujas de volta, em vez disso, caio na cama nua e molhada. Eu preciso dormir. Preciso esquecer as últimas horas por um período. Para limpar a dor do meu corpo para que eu possa funcionar.

Mas agora que não consigo ocupar minha mente com tarefas, o horror do que aconteceu me atinge como uma onda. Cada vez que fecho os olhos, vejo Max nas garras da arquiduquesa. Veja ele tentando dizer algo. Lutando. Implorando.

Se eu pudesse ler seus lábios. Se eu pudesse entender o que ele está dizendo...

Como se de repente seu rosto entrasse em foco, posso ler seus lábios perfeitamente.

Você me deixou. Você me deixou. Você me deixou.



Então não há barulho, apenas a rampa fechando enquanto vejo seu rosto desaparecer.

Tarefa, eu preciso de uma tarefa, algo para acalmar minhas memórias. Então pulo da cama e começo a mexer no armário de quem morou aqui. Depois de uma túnica e calças muito grandes, coloco minhas botas enlameadas e saio do quarto. Há muito o que fazer, mas sinto que estou vagando pela lama invisível. Movendo-me muito devagar. Perdendo o foco.

Não há nenhuma maneira de fazer alguma coisa antes de limpar minha cabeça. Deixo o castelo pelos jardins. Assim que o sol atinge minhas bochechas, o cheiro de sempre-vivas e rosas enchendo meu nariz, o laço invisível em volta do meu pescoço se afrouxa o suficiente para que eu possa respirar novamente.

E começo a planejar meu próximo movimento.



CAPÍTULO 18



Eu não sei quanto tempo fico olhando para o lago de carpas. Eu cheguei aqui de alguma forma, atraída por minhas memórias da noite passada. Se ao menos eu tivesse me recusado a sair quando ouvi o pedido de socorro de Teagan. Se eu tivesse matado aqueles guardas mais cedo.

Existem milhares de cenários diferentes na minha cabeça que poderiam ter salvado Max. Eu deveria ter saído antes. Ou nunca mais saído. Ou enviado Caspian com Teagan e Lash em primeiro lugar.

Minha culpa.

Olho para a água, mas os peixes estão todos escondidos ou mortos. A carga deve tê-los ferido de alguma forma. Apenas um koi laranja puro se mostra, e desliza pela superfície antes de mergulhar para se esconder também.

Um rosto aparece no reflexo da água, ondulado e deformado entre os nenúfares. Mas ainda reconheço o cabelo dourado, o estranho salto do meu coração.

— Caspian. — Pareço cansada, até mesmo para meus próprios ouvidos.

— Ei. — Ele olha para o local onde os Centuriões morreram. — Se importa se eu me juntar a você?

— Certo. Aviso justo, não estou muito para conversa agora.

— Somos dois. — Ele desliza ao meu lado, tira as botas e deixa seus pés escorregarem na água. — Eu sinto muito... sobre Max.

Seu nome parece a ponta farpada de uma flecha sendo arrancada do meu peito.

— Eu... sim.

— A arquiduquesa, ela não vai machucá-lo ainda. Eles vão usá-lo para propaganda primeiro. Não que isso seja um consolo.

— Não é. — Esfrego meus olhos, tentando massagear a queimação de não dormir. — E ela vai acabar.

Inclinando-se para trás, ele solta um longo suspiro.

— Não sei como ficou tão ruim. Não consigo me lembrar como era antes.

— Antes do que?

— A minha mãe morreu. Não me lembro se meu pai era normal na época ou se sempre foi tão cruel.

Sua mãe, morta em um atentado terrorista por Ezra Croft. Às vezes, esqueço que Caspian tem seu próprio conjunto de traumas agravados. Mãe morta, irmãos assassinados. Sua própria irmã gêmea morta por seu pai.

Somos duas ervilhas danificadas em uma vagem. Outra razão pela qual nos damos tão bem.

Levanto meus ombros em um encolher de ombros.

— Eu não acho que isso importe. A quantidade de pessoas que ele feriu pode ocupar uma vida inteira.

— Não, você está certa.

A angústia em seu tom me traz de volta à realidade. Caspian perdeu tudo, assim como eu.

— Caspian, você não é responsável pelas ações de seu pai.



— Você tem certeza disso? — Um sorriso sombrio enfeita seu rosto enquanto ele olha para a água. — Olha, eu só queria dizer que o que aconteceu aqui, minha hesitação, não vai acontecer de novo.

Olho para o rosto dele. Sua mandíbula está cerrada, seus olhos sem piscar enquanto olham para algo além da água. O sangue respinga em seu cabelo loiro, pequenas manchas que podem ser dele ou de outra pessoa.

— Eu sei. — Falo ficando de pé, esperando que ele me siga de volta para o castelo, mas ele fica, ainda olhando para algo que não posso ver.



Lash me encontra perto da cozinha. Ele está mancando tanto que estou surpresa por ele não cair antes de me alcançar.

— Riser.

Meu coração dá um soco na minha garganta.

— Riser? Riser o quê?

— Ele está acordado.

Agarrando o ombro de Lash, eu o levanto enquanto corremos para a enfermaria. Assim que as portas aparecem, eu corro pela câmara lotada.

Riser se senta na cama, empurrando a garota rebelde enquanto ela tenta examiná-lo enquanto Bramble grita com ela. Apesar de Riser estar fraco, ele e meu filho-sensor traidor de alguma forma conseguem lutar com a pobre garota.

Ela vira seu olhar irritado para mim, suas bochechas rosadas de frustração.



— Diga a eles que preciso examiná-lo. — Ela diz. — Diga a eles que ele pode ter uma arritmia cardíaca ou outras complicações graves que não podemos descartar sem um exame. Diga a eles!

Riser arranca o lençol e tenta passar a perna para o lado da cama. Bramble o anima com uma enxurrada de pios. Riser deve estar muito fraco ainda porque sua perna fica presa na lateral. Ele grunhe e tenta novamente.

— Riser! — Agarro seu braço e o forço a ficar parado. Seus olhos estão selvagens quando seu olhar pousa em mim e, por um momento, temo que ele não me reconheça. Suas narinas estão dilatadas, os dentes à mostra.

Lentamente, o pânico desaparece de seus olhos, suas pupilas se contraem ao tamanho normal.

— Riser, você está seguro. — Digo, minha voz baixa e suave. — Mas eu preciso de você saudável, o que significa que você tem que fazer tudo o que ela diz.

Bramble emite um bipe para mim e eu me viro para ele.

— E você. Você não está ajudando! — Franzindo o rosto em um olhar severo, aponto para o meu ombro. — Suba aqui.

O sensor teimoso pisca uma sucessão de nãos, mas cerro os dentes e digo: — Agora mesmo.

Uma vez que Bramble desliza do meu braço pro ombro, a garota me lança um olhar agradecido antes de se aproximar de Riser.

Ela levanta as mãos em uma posição submissa.

— Vê? Não tenho nada que possa te machucar, só preciso fazer um exame adequado para verificar seu coração e pulmões.

O peito de Riser balança para cima e para baixo, mas ele balança a cabeça lentamente.



— Riser. — Pego sua mão, assustada com a frieza de sua carne. — Você está bem.

— O que aconteceu? — Sua voz está rouca, como uma lixa. — Onde está Rivet? Max?

Empurro minha cabeça para uma cama do outro lado do quarto.

— Rivet está ali. Lash está trabalhando nela, mas...

A verdade é que não sei. Não tive coragem de perguntar sobre ela recentemente.

Uma veia lateja em sua têmpora enquanto ele decifra o que eu não disse, e ele me encara. Seus olhos estão implorando.

— Max? Ela... ele está...

— Não está morto — Um alívio cauteloso cintila em seu rosto — mas... ela o levou. — Minha voz falha nas duas últimas palavras.

Enquanto minhas palavras são absorvidas, ele tenta se levantar. Os alarmes do Recontrutor começam a soar. A garota e eu o forçamos de volta para os lençóis, e então ele para de se mover e eu percebo, para meu horror, que seus olhos rolaram para trás em sua cabeça. Seu corpo estremecendo espasmodicamente como se ele estivesse possuído.

— Ele está tendo uma parada! — A garota rosna. — Ajude-me a segurá-lo!

Em estado de choque, eu hesito.

— Agora!

Suas palavras me estimulam a entrar em ação e agarro o ombro de Riser, ajudando-a a virá-lo de lado. Ela enfia um travesseiro entre a lateral da cama e a cabeça dele para protegê-lo. Seu corpo estremece e chuta, seus músculos contraem e saltam de sua carne como enguias.



Lentamente, seus movimentos se tornam menos violentos. Seus músculos se suavizam, sua respiração fica mais lenta.

Ela se inclina para trás, observando-o para ter certeza de que ele não contraia novamente.

— Ele está de lado, com a cabeça protegida. É tudo o que podemos fazer.

— É isso aí? — Exijo. — Tem que haver algo mais, um medicamento ou procedimento para interromper, certo?

Ela balança a cabeça, seu cabelo castanho opaco caindo em seus olhos.

— Seu corpo está respondendo ao estresse de tudo. — Ela tira o cabelo do rosto. — Eu acho que é melhor você não voltar até ele melhorar.

— Por quê? — Mas mesmo enquanto ela diz isso, eu sei por quê. Eu o fiz ficar estressado.

Por que eu disse a verdade a ele? Eu deveria ter esperado. Ele não estava pronto.

— Vou mantê-la atualizada sobre a condição dele. Apenas, dê-lhe tempo para se curar.

Sinto-me mal ao sair da cama de Riser e voltar para Delphine. Lash está sentado em uma cadeira ao lado dela, com a cabeça apoiada no queixo. Olhos fechados. Roncando.

Delphine, porém, está bem acordada. E ela está chateada. Ainda mais quando seu olhar pousa em mim.

— Que diabos, Maia? Tire-me daqui.

Levanto uma sobrancelha. — Você quer ir para as celas da prisão?

— Prefiro ir a qualquer lugar do que aqui. Fede, é barulhento e nojento e preciso fazer xixi.



Eu a encaro por um momento. Na verdade, tudo que eu quero é encontrar algo para comer, talvez falar com Caspian sobre tentar procurar o Mercurian, pelo menos para me manter ocupada.

— Lash, ela está saudável o suficiente para ir embora?

— Pergunto. Quando ele não responde, eu chuto sua cadeira. — Lash!

Delphine levanta as sobrancelhas com o nome, observando-o com curiosidade enquanto seus olhos se abrem e ele quase cai da cadeira.

— O que? Estou acordado! — Seu foco se fixa em mim, o branco de seus olhos tingidos de vermelho.

— Esta paciente está bem para transferir agora?

Ele franze a testa para Delphine, mordendo o canto do lábio.

— Sim. Traga-a de volta se ela tiver problemas para respirar novamente. Ou não.

Delphine não luta enquanto eu solto seu pulso da cama, algemo suas mãos atrás das costas e a levo para fora. Ela não olha para a pistola em minha mão — de um Centurião que não precisava mais dela — mas sei que ela a vê.

O silêncio preenche o ar entre nós, ambas gratas por um pouco de silêncio.

Quando nos aproximamos da torre, meu corpo começa a reagir. Meus músculos ficam tensos, meu estômago se contrai e de repente fica difícil respirar. Eu a forço a subir as escadas, andando atrás dela apenas no caso de ela tentar algo.

É difícil não pensar em como, há pouco mais de uma semana, era eu. Acorrentada e aprisionada dentro dessas celas escuras e úmidas. Este lugar horrível.

Pelo menos Delphine não será torturada, eu penso.



No topo, a porta das celas se abre e coloco Delphine dentro da primeira cela à direita. A luz jorra das pequenas janelas acima de cada cela, o lugar mais claro do que eu me lembrava. Menos assustador.

Encontro um velho chaveiro, vasculhando até encontrar a chave que acho que se encaixa. Assim que a fechadura se fecha, solto um suspiro.

— Vou mandar alguém trazer água e comida para você.

— E a outra coisa? — Ela pergunta. Seu tom condescendente de costume se foi, e quando eu não pareço entender, ela elabora: — Eu tenho que fazer xixi.

— Há um buraco no chão perto do canto. — Eu ofereço, tentando não sorrir. — Se você tiver sorte, não estará cheio.

Espero que Delphine reclame, mas ela se aproxima e começa a abrir o zíper das calças. Me afasto, pronta para deixar este lugar e a dor de cabeça que está me dando. Mas algo — um sentimento, um instinto — me faz verificar as outras celas.

Para o caso de o imperador ter deixado alguém vivo, por mais improvável que seja.

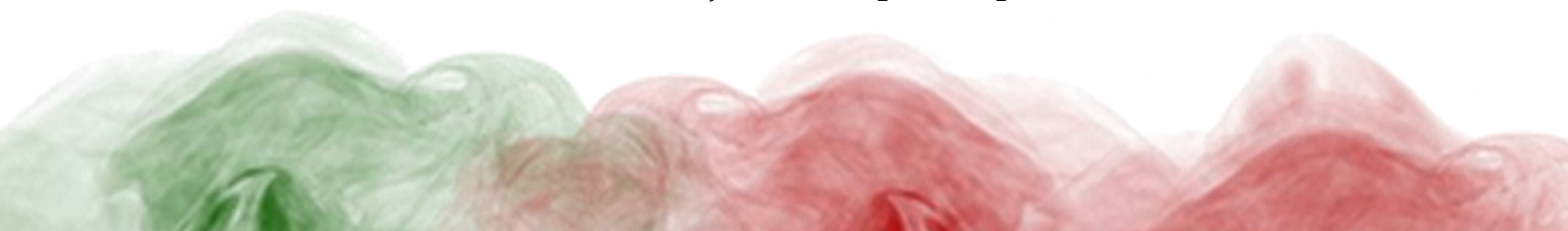
É uma esperança louca e tola. O imperador não tem o plano de manter as pessoas vivas, especialmente os rebeldes conhecidos.

Ainda...

A penúltima cela parece diferente das outras. O fedor, para começar. E a fina camada de poeira que cobre o piso foi removida recentemente. Tento a porta, mas está trancada.

Procurando as chaves, coloco quatro antes de encontrar a certa.

Por um momento, acho que a fechadura está quebrada e a chave não gira. Mas então acontece um *clique* suave e a porta se abre. Com a mão sobre o nariz e a boca, entro. O fedor de mijó e coisas piores queimam meus olhos. Esta



cela é uma das poucas sem janela, e eu olho para as sombras agrupadas perto do canto.

Algo se move. Um gemido abafado agita o ar.

— Por favor, por favor, não me machuque.

— Bramble. — Sussurro, com medo de assustar o prisioneiro. — Eu preciso da sua luz.

Uma luz branca irrompe, vencendo a escuridão. Não consigo respirar, não consigo pensar enquanto minha visão trabalha para se reajustar ao brilho.

O prisioneiro está encolhido no canto, tentando escapar da luz. Suas mãos estão erguidas, protetoras e ele está chorando. Um ninho selvagem de cabelos emaranhados se junta a uma barba igualmente emaranhada, cabelos prateados salpicando a bagunça escura.

Olhos selvagens com medo me encaram sem piscar. Brilhante contra a carne sem sangue e anêmica esticada sobre as maçãs do rosto salientes.

Oh, deuses. Uma centelha de esperança acende logo abaixo do meu esterno. Não pode ser... pode?

— Cage?

O som de seu nome quebra qualquer transe em que ele está, e ele finalmente pisca.

— Quem? Não, não, é um truque. Um truque cruel.

— Não é um truque. — Minha voz falha. — Cage, sou eu.

— Maia?

A tentativa de esperança em sua voz quase me destrói.

Eu caio de joelhos, pego suas mãos sujas nas minhas.

— Cage, sou realmente eu. A garota que você uma vez transformou em uma borboleta, lembra?



Eu posso literalmente ver a realização de que estou realmente caindo sobre ele. Que ele está finalmente seguro.

Finalmente livre.

Enquanto ele me envolve em um abraço, seus braços frágeis tremendo com o esforço, um pequeno fragmento de mim é colocado de volta. Um pedaço de mim que pensei que nunca recuperaria.

— Flame! — Murmuro. — Precisamos encontrar Flame.



CAPITULO 19



Ele está muito fraco para se mover sozinho e, mesmo magro, ele ainda é grande demais para mim sozinha, então encontro um menino do lado de fora cortando lenha e, juntos, carregamos meio que sustentamos Cage escada acima. Cada etapa é árdua. Cada pé mais perto ele leva para a luz do sol e da liberdade uma vitória.

Quando eu ofereço para que outras pessoas tragam uma maca, ele me impede.

— Esperei incontáveis horas para deixar este lugar. Estou saindo daqui, e não será carregado.

— Claro.

Quando abrimos a porta e a luz do sol atinge seu rosto, ele solta um pequeno ruído. Não exatamente um lamento, mas perto. Lágrimas brilham em seus olhos. Vacilo com a evidência de sua condição na luz. Feridas em volta dos lábios e nariz falam de desnutrição, seu corpo quase aleijado de feridas que não consigo ver.

— Quase lá.

Ele deixa escapar uma risada rouca.

— Mentirosa.

Demora uma hora para chegar à enfermaria, interrompida por períodos de descanso. Envio outro soldado para buscar caldo e água. Então eu digo a alguém para encontrar Flame.

Exceto que ela nos encontrou primeiro. Estamos chegando ao último lance de escadas para a enfermaria, Cage respirando com tanta dificuldade que acho que ele vai desmaiar. Na verdade, acho que podemos desmaiar. Estou tentando convencê-lo a descansar, mas ele está sendo teimoso.

Flame está perto da parede, repreendendo um soldado pelo jeito como eles carregam sua espada. Ela olha para nós como se fosse fazer uma piada, sorrindo para mim. Seu olhar desliza para Cage. Para suas roupas esfarrapadas, ensanguentadas e queimadas. A cara dele.

Por um momento, acho que ela não o reconhecerá. O menino que ela considera um irmão, que a levou pelas ruas, que lutou com ela contra os monarquistas e a ama incondicionalmente.

A espada cai na pedra com um estrondo e Flame — que nunca mostra suas emoções, nunca chora — começa a berrar. Ela cai contra a parede, as pernas tremendo. O rosto enrugado com ranho e lágrimas.

Cage é quem vai até ela, suas longas pernas o impulsionam em seus braços. No momento em que se abraçam, Flame afunda nele e é ele quem a está segurando, apesar de estar ferido e faminto.

Apesar de toda sua arrogância, eu percebo, Flame é exatamente como eu. Imagino o quão forte ela tinha que ser esse tempo todo, apesar de pensar que Cage estava morto.

Assim como tenho que ser agora para Max, eu percebo. Eu não posso perder a esperança.



Apesar do que minha mãe diz, preciso encontrar uma maneira de salvá-lo. Saber que Cage sobreviveu quando todos pensamos que ele tinha morrido... isso me lembrou que esperança não é boba. Não é ingênua ou fraca.

Às vezes, a esperança é a única coisa que resta. A única coisa que mantém a escuridão que tudo consome sob controle. Desistir agora de Max seria soprar a última minúscula centelha de resistência que restava em meu coração.

Como diabos, vou abandonar meu irmão mais novo?.

Olhos vermelhos e inchados encontram os meus. Flame murmura *obrigada*, e então ela e Cage mancam para a enfermaria, onde um meio adormecido Lash os encontra.

Alguns momentos depois, toda a sala irrompe em vivas. O som glorioso enche meu peito, arrancando o punho da derrota que está apertando meu coração.

Depois de tantas mortes, tantas decepções, agarramos desesperadamente qualquer vitória que pudermos para preservar a esperança.



A Queda da Sombra chega enquanto almoçamos.

Lash, Teagan e eu comemos fora, em uma mesa de pedra perto de um aglomerado de carvalhos. Tochas, ativadas pela promessa da Queda da Sombra, ganham vida ao nosso redor. Luminárias penduradas nos galhos das árvores, tochas iluminadas nas sebes e arbustos de hortênsias rosa.

Flame se junta a nós quando Cage adormece. Lash diz que está desnutrido e tem vários ossos quebrados que precisam ser restaurados, mas que ele está extremamente saudável, considerando-se.

— Ótimo. — Lash geme quando a sombra de Pandora cai sobre nós, colorindo as árvores e roseiras cinza-prateadas. — É como se hoje quisesse me punir. Eu saio e o sol desaparece.

— Pare de choramingar e coma. — Ordeno.

Ele franze a testa para os biscoitos que enfio na frente dele antes de enfiar um em sua boca inteira.

— Não se esqueça de mastigar, seu selvagem. — Flame rosna, afastando Bramble enquanto ele tenta limpar uma migalha de seu prato. — E talvez tente sentar-se como uma pessoa normal.

Lash, que está apoiado no banco de joelhos, faz uma cara dramática.

— Eu levei um tiro na minha bunda linda e única. Por que ninguém percebe como isso é doloroso?

Teagan revira os olhos e puxa o frasco. Todos nós olhamos para a coisa metálica como se fosse a última alegria na Terra.

Ela me entrega primeiro, sorrindo.

— Por encontrar Cage. Viva os pequenos milagres.

O frasco me lembra Max e Rivet, ambos implorando por um gole. Empurro a memória de lado, tomo um gole e passo.

— Para Lash e sua bela bunda cheia de balas.

Flame vai em seguida, então Lash.

Depois disso, todos nós ficamos quietos, perdidos em nossos próprios pensamentos torturantes.

— Então... — Teagan começa, mantendo a voz firme, apesar da esperança brilhando em seus olhos. — O Mercurian? Estamos mais perto?

Balanço minha cabeça. — Vou encontrar Caspian em algumas horas para pesquisar.



— E Nicolai? — Flame pergunta. Sua sobrancelha franze ao ouvir o nome do Mestre das Marionetes. — Algum sinal dele?

Novamente, eu balanço minha cabeça. — Ele deve ter escapado depois que nossas forças de reserva dominaram as dele.

— E Riser? — Flame estimula.

Lash e eu trocamos um olhar. Ele deve saber o que aconteceu antes. Pego o frasco e engulo um gole de três segundos antes de dizer: — Ele está se recuperando.

Comemos o resto da refeição em silêncio, rodeados pelas chamas dançantes e o canto dos pássaros. Quando a comida acaba - uma porção alarmante roubada por Bramble e armazenada em seu esconderijo - todos nós levantamos.

— Bem, isso foi divertido, mas... — Lash começa, mas Flame o cala. É quando eu também ouço. Crack. Perto das copas das árvores.

Olho para cima a tempo de ver a tela se solidificar. Um momento depois, um rosto aparece acima de nós. Meu cérebro cansado absorve os cachos dourados, os grandes olhos azuis...

Max

Ver seu rosto parece que alguém me atinge logo abaixo do esterno. Eu suspiro, agarrando o lado da mesa. A imagem é cristalina. Se não fosse pelo grande tamanho dele, a ocasional tela pixelada, eu pensaria que ele é real.

— Qual é o seu nome? — Uma voz feminina pergunta, e o reconhecimento retira todo o ar remanescente de meus pulmões. A arquiduquesa.

— Max Graystone. — Max diz.



Ele está olhando diretamente para a câmera, tentando ao máximo parecer orgulhoso e destemido. Mas seus lábios e suas mãos tremem... elas mexem em seu colo.

— E quem é sua irmã? — Ela cutuca.

— Maia. — Seus olhos fixam-se na tela e perfuram meu coração.

É como se ele pudesse me ver. Como se ele estivesse me implorando por ajuda.

— E o que você gostaria de dizer à sua irmã, Max?

Um músculo estremece sob sua mandíbula. Ele hesita.

Não lute contra eles, Max. Faça o que ela diz.

Mas, meu irmão bravo e estúpido de repente se levanta e grita: — Não faça isso! Eles...

Aperto minha coxa enquanto a tela corta para a arquiduquesa. Ela está lívida, um rubor vermelho e raivoso se espalhando por suas bochechas. Ao fundo, ouço um estalo e um grito de dor.

Eles o estão machucando. Oh, deuses. Eles o estão machucando.

— Ele é uma criança! — Estou gritando.

Vou matar todos eles. Deuses, vou destruí-los por isso.

— Baronesa Lillian Graystone. — Continua a arquiduquesa, alheia à minha raiva. — O imperador tem uma mensagem para você.

Eu me pergunto onde minha mãe está, se ela está vendo isso.

A tela pisca para o imperador. Ele se senta em um trono de encosto alto dentro de uma câmara opulenta. Um lustre de prata e ouro está pendurado acima dele, e cortesãos ficam rígidos em suas costas.

— Lillian. — O Imperador começa. — Você nos traiu. Você *me* traiu. Eu te dei poder, eu te dei riqueza e muito mais, e você cuspiu na cara de nossa



causa. Suas ações iluminaram suas tendências venenosas e traidoras, para as quais a pena é a morte.

Aplausos e murmúrios de aprovação crescem ao seu redor, e ele levanta a mão para acalmar sua corte.

— Na sua ausência, há apenas uma coisa a ser feita. Seu filho, Maximus Graystone, filho de um pai traidor e uma mãe mentirosa e dúbia, é condenado a um enforcamento público dentro de dois dias.

Sangue frio corre para minhas extremidades e fico dormente. Completamente, totalmente incapaz de sentir meu corpo. Dois dias?

Lash estende a mão para mim, mas eu me afasto, ainda olhando para a tela.

— Desvie o olhar, Maia. — Ele comanda suavemente.

Mas eu não posso. Eu recuso. Mesmo sabendo que há uma chance... uma chance de executá-lo ao vivo.

Não faça isso. Por favor.

Ele está tão longe, tão indefeso. A câmera volta para Max, e vejo as lágrimas em seus olhos, ele é corajoso demais para derramar. O sangue escurecendo seu cabelo dourado na têmpora onde o atingiu.

— Querida. — Diz Teagan, passando a mão sobre a minha. — Você deve...

— Não vou desviar o olhar. — Encaro meus amigos, seus rostos horrorizados. — Ele merece.

A boca de Teagan se contrai, mas ela concorda.

— Ele é um garoto durão, assim como sua irmã. Você deveria estar orgulhosa.



A arquidquesa se aproxima de Max e preciso de todas as minhas forças para não gritar de novo enquanto passa a ponta do alfinete de chapéu em sua garganta.

— Então, jovem. — Ela ronrona. — E, no entanto, ele já foi envenenado pela escória rebelde para ser um assassino. Quantos civis você matou, Rebelde?

Max olha para a câmera, seus olhos procurando, como se estivesse tentando me encontrar. Ele se recusa a olhar para ela.

— Tão corajoso. — Sussurro, fingindo que ele pode me ouvir. — Você é tão corajoso.

A arquidquesa sorri como se pudesse me ver do espaço.

— Há, no entanto, uma maneira de você salvar seu herdeiro, Lillian.

Minha respiração fica presa e eu me inclino para frente. Quase não ousando ter esperança.

— O imperador sente falta de seu único filho e herdeiro sobrevivente, Caspian. Você tem dois dias para fazer uma troca. Traga-nos sua filha e o príncipe Caspian para seu filho, Max voltar. Faça essa troca e sua linhagem terá uma chance de continuar. Se você não fizer isso, seu filho morrerá publicamente.

Em seguida, a tela brilha acima das árvores e desaparece.



CAPÍTULO 20



Eu sei que minha mãe viu o vídeo no momento em que a encontro no arsenal. Eu posso dizer pelo jeito que sua carne está dois tons mais clara, como se todo o sangue tivesse deixado seu corpo. Posso dizer pela dor que ela tenta esconder, enterrada profundamente sob uma carranca de raiva.

Assim que ela me vê, a fachada começa a desmoronar. Suas mãos tremem sobre a pistola que ela limpa e ela desvia o olhar de mim, enxugando os olhos antes de olhar para trás.

— O que é?

Minha garganta se fecha. — Você viu?

— Claro que vi. A ilha inteira viu. — Ela acena para mim como se eu estivesse pedindo para falar sobre o tempo.

— Precisamos conversar sobre isso.

— Nós? — Ela esfrega com raiva a boca do revólver, passando um pano sobre seu corpo opaco. — Por quê?

— Mamãe...

Ela desviou o olhar da arma. — O que? Você gostaria de se trocar por seu irmão? É isso?



Minha boca se abre, mas o que posso dizer? Se eu tivesse certeza de que eles fariam a troca, eu o faria. Por mais estúpido, tolo e ingênuo que seja essa decisão.

— Eu não sei, talvez.

— Não seja idiota, Maia! — Ela se encaixa. — Max se foi.

Se foi? Como ela pode pensar assim? A raiva ronca através de mim, uma raiva sombria tão forte que posso sentir o gosto, como metal e sangue.

— Desde quando você desiste tão facilmente?

Ela bate as mãos no balcão, me fazendo pular.

— Desistir? O imperador quer que ajamos irracionalmente. Mas trocar você por Max não é uma troca justa.

— Por quê? — Uma parte secreta de mim quer que ela diga porque me ama. Porque ela me valoriza tanto quanto meu irmão.

— Porque ainda há uma chance de encontrarmos o Mercurian, e você é a única pessoa que pode desbloqueá-lo. Sem você, não há absolutamente nenhuma chance de impedirmos Pandora. O Imperador sabe que, quando fizermos a troca, pode ser tarde demais para ativar o Mercurian. Ele está contando com isso como uma distração para garantir que Pandora nos destrua.

— Uau, você faz a decisão parecer tão racional e fria.

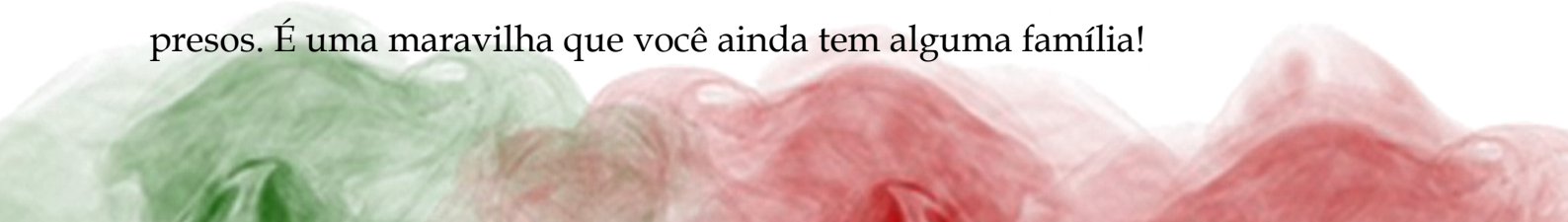
— Porque é! — Ela se encaixa. — Como você acha que sobrevivi na corte do imperador por tanto tempo?

— Bem, você pode ter, mas papai não fez.

Ela pisca para mim com raiva, seu peito arfando.

— Essa foi a decisão dele. Não minha.

— Eu não acredito em você. Você faria qualquer coisa para garantir o controle do poder. Matar seu marido. Deixar seus filhos ficarem órfãos e presos. É uma maravilha que você ainda tem alguma família!



Saio correndo antes que ela possa ver as lágrimas picando meus olhos, um sinal de fraqueza. Parte de mim está aliviada por ela não ter sugerido me trocar, mas sei que é só porque não é taticamente vantajoso para ela.

Se isso ajudasse nossa causa de alguma forma, ela o faria. Sem hesitação.

Tenho que encontrar uma maneira de salvar Max sem negociar comigo mesma e arruinar nossas chances de parar Pandora. Tem que haver uma maneira.



As últimas sombras remanescentes desaparecem quando Caspian me encontra do lado de fora, perto da amada fonte do Imperador. Pisco contra o sol reavivado, lembrando-me da noite do bombardeio, quando a fonte explodiu em pedaços. Foi aqui, neste lago, onde acendemos piras funerárias para nossos amigos antes que o mundo inteiro explodisse.

— Você está bem? — Caspian pergunta. Ele está de pé sob o brilho do sol, olhos dourados sem fendas. Meu coração dá um pequeno salto com o quão bonito ele é, mesmo manchado de tristeza.

Encolho os ombros. — Você viu?

Ele acena com a cabeça, passando a mão pelo cabelo. — Eu sinto muito. Meu pai... Eu nem o reconheço mais.

— Ele quer você de volta.

— Ele quer o herdeiro de seu trono de volta. — Um sorriso sombrio puxa seus lábios. — Sem um herdeiro viável, o trono está enfraquecido.

— Ele se parece com a minha mãe.



Caspian ri. — Eu me lembro dela da corte. Por mais curioso que eu estivesse, nunca consegui fazer uma boa leitura dela.

— Você achou minha mãe curiosa? Por quê?

— Não sua mãe, Maia. Você. Queria saber mais sobre *você* e pensei que talvez pudesse aprender mais sobre você através dela.

— Você não achou que eu fosse uma traidora?

Um canto de seu lábio levanta. — Naquela época, eu aprendi a não confiar em tudo que me diziam. Tudo que eu sabia com certeza era que você era diferente, no bom sentido. E que eu não conseguia parar de pensar em você. *Nunca*.

O calor tinge minhas bochechas e eu empurro minha cabeça em direção à floresta.

— Devemos verificar o Simulador primeiro? Caso esteja funcionando?

Eu sei que é um tiro longo, mas se a mensagem do meu pai ainda estiver embutida no Sim...

— Sim. — Ele enfia as mãos nos bolsos enquanto caminhamos, os pés minúsculos de Bramble esmagando as folhas enquanto ele nos segue. O Simulador fica a meia milha de distância, do outro lado da floresta. É difícil não pensar na última vez que vim aqui, quando tudo deu errado pela primeira vez.

Também é difícil não lembrar o quão duro Caspian lutou para me proteger, em menor número e contra seus próprios soldados. Mesmo quando ele devia saber que eu não era quem disse que era. Que eu o havia enganado.

Afasto o pensamento da minha cabeça enquanto saímos da floresta e nos aproximamos das escadas que levam à câmara subterrânea escondida. O Simulador não está na direção que Max estava indo antes de eu deixá-lo, mas



há uma pequena possibilidade de que ele possa controlar o Mercurian ou ter informações para me levar até lá.

Respiro o ar bolorento da floresta, grata por uma mudança nas ruínas fumegantes do terreno do castelo, ainda permeado com o fedor da morte. O lago brilha verde-azulado à nossa esquerda. A areia range sob nossas botas. Alguns sapos saltam na água turva quando nossas sombras os tocam, causando *pancadas* suaves.

Na parte inferior da escada, Caspian estende a mão para digitar um código no teclado, mas eu passo por ele e empurro a pesada porta de ferro. Ela se abre.

Minhas omoplatas se contraem. *Não é um bom sinal.*

A câmara do Simulador está escura e precisamos de dois lumins para iluminar a câmara. Enquanto as esferas flutuam pelas paredes, refletindo sua luz nos painéis de metal, minha esperança diminui. As áreas carbonizadas aparecem em preto e cinza, o ar diminuto com os restos de fumaça.

— Alguém já conseguiu. — Chuto a porta, assustando Bramble, que foge para as sombras.

Embora tenhamos deixado claro para todos os rebeldes que nada deveria ser destruído na Ilha, muitos deles ignoraram essa ordem. Não que eu esperasse muita moderação dos fienianos, mas ainda assim.

Com um grunhido frustrado, Caspian experimenta o painel na parede, digitando números e direções que passam despercebidos.

Finalmente, ele cede à verdade, batendo as palmas das mãos contra a parede.

— Droga! Por que eles destruiriam a única coisa que pode salvá-los?

Chupo meu lábio inferior. *Como explicar?*



— Você não pode oprimir um grupo de pessoas por séculos, Caspian, e então esperar que elas se comportam racionalmente. Elas estão com *raiva*.

Ele engole, a culpa escurecendo seu rosto.

— Eu não quis dizer você pessoalmente, apenas quis dizer... — Faço uma pausa, observando-o traçar uma linha no chão empoeirado com a bota. — Caspian, de agora em diante, você vai se deparar com as coisas horríveis que seu pai fez. Mas isso não tem nada a ver com você. Sentir vergonha por suas ações só tornará a cura mais difícil.

Seus olhos cor de champanhe saem de baixo das sobrancelhas.

— É exatamente disso que estou falando quando disse que você era diferente. A maneira como você vê as coisas...

Sua declaração me deixa desconfortável e mudo de assunto.

— De qualquer forma, valeu a pena tentar. Além disso, se fosse o Mercurian, ele teria reagido da última vez quando eu estava lá dentro, certo?

Digo isso, mas não tenho certeza. Não sobre nada disso. Mas preciso de um motivo para acreditar que o Mercurian, onde quer que esteja, não está danificado.

Caspian esfrega a testa, balançando a cabeça. — Provavelmente. Eu só... aquele era o lugar mais óbvio em que estaria. É subterrâneo, protegido, e seu pai o construiu.

— Bem, conhecendo meu pai, isso significa que definitivamente não é isso. — Rio. — Mas ainda é uma merda porque havia uma mensagem dentro do Sim. Eu ouvi parte da última vez que estivemos aqui.

Ele sorri. — Você quer dizer, quando você desmaiou?

— Sim. — Corando com a memória, cruzo para o meio do chão. — Eu acordei com você pairando sobre mim. Você foi tão gentil. Eu acho que você me deu sua capa.



Uma risada. — Eu sou um cavalheiro assim.

O sol está baixando para as copas das árvores enquanto subimos as escadas. Tremo, o ar está mais frio do que antes. Algo desliza sobre meus ombros, a jaqueta de carvão de Caspian.

— Veja, — Ele diz. — cavalheiro.

— Eu não esperaria nada menos de um príncipe. — Ignoro a maneira como Bramble puxa a jaqueta, tentando puxá-la dos meus ombros.

Caspian olha para a floresta e de volta para mim.

— Quer voltar?

Não, eu percebo. Eu não.

A mensagem da arquiduquesa ainda me assombra, assim como o rosto de Max enquanto ele tentava ser corajoso.

— Podemos ficar mais alguns minutos?

— Certo.

Há uma plataforma de cimento logo acima do local, talvez marcando-a, e nos acomodamos na laje.

Caspian esfrega os nós dos dedos nas coxas.

— Obrigado.

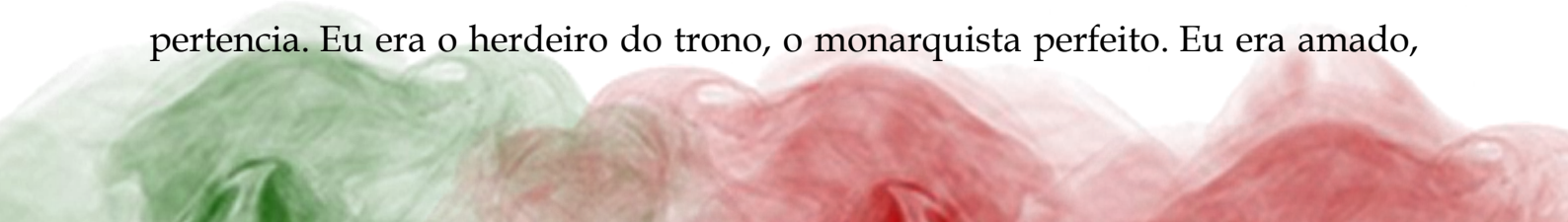
— Para quê?

— Não me tratando como o inimigo. Confiar em mim, apesar do que aconteceu ontem.

Puxo meus joelhos em meu peito e traço círculos sobre os topos.

— Isso deve ser difícil para você.

— Sim. Eu só... — Ele olha para cima como se avaliando se eu posso confiar, uma vulnerabilidade recém-descoberta puxando seus lábios para o lado. — Eu sempre soube do meu papel, sabe? Sempre soube onde eu pertencia. Eu era o herdeiro do trono, o monarquista perfeito. Eu era amado,



não por quaisquer méritos próprios, mas ainda sentia... Bem. Olhando para trás agora, tudo que vejo é esse garoto arrogante, estúpido e ingênuo.

— Você pertence aqui.

— Obrigado, mas nós dois sabemos que não é verdade. Os rebeldes me desprezam e eu não os culpo.

— Certa vez, meu pai disse que o ódio é uma condição aprendida, e que somente perdoadando os outros podemos liberar o espinho do ódio de nossos corações e mentes.

Não sei por que as palavras de meu pai de repente parecem relevantes aqui, e quase me sufocam, mas, no fundo, sei que são verdadeiras.

— Mesmo que os cidadãos pensem que odeiam você — Acrescento, — mesmo que culpem você pelos pecados de seu pai, a única maneira de todos sairmos deste ciclo contínuo de violência é perdoadando e tentando seguir em frente.

Ele chuta uma pedra. — Isso soa adorável, mas, na verdade, não sei mais quem sou ou a que lugar pertenço. Minha vida inteira é uma mentira, e só posso culpar a mim mesmo. Portanto, os rebeldes podem me desprezar, mas não mais do que eu já me desprezo.

— Caspian... Eu... eu sinto muito.

Ele dá de ombros, tentando minimizar sua dor, mesmo enquanto seu rosto escurece.

— É como se eu estivesse preso dentro de um... Eu não sei. Uma teia de sombras em movimento. Como se estivesse preso e não importa o que eu faça, não consigo encontrar a luz, não consigo encontrar uma saída.

Meu ombro encosta no dele. — Você sabe que estou aqui para ajudá-lo e você sempre pode falar comigo.



— Obrigado. O mesmo vale para você se quiser falar sobre qualquer coisa.

— Isso pode levar a noite toda. — Mas a piada cai por terra.

Ele limpa a garganta. — Maia... sobre a mensagem do meu pai.

Eu tremo de novo, desta vez não por causa do frio.

— Sim?

— Acho que você deve esquecer isso.

— O quê, você não quer voltar?

— Parte de mim quer. Mas agora que sei a verdade sobre meu pai, agora que sei que há uma maneira de impedir a destruição de nosso mundo, não posso. Não sem me odiar ou pior, matá-lo. Meu próprio pai. Você pode imaginar?

— Eu posso, na verdade. — Digo. — Eu nunca disse isso a ninguém, mas... no Fosso, costumava sonhar que, quando os Centuriões invadiram nossa casa, mataram minha mãe em vez de meu pai. E eu acordava tão feliz, tão cheia de vingança que ela finalmente pagou por seus crimes.

— Uau, isso é... — Ele passa a mão pelo cabelo.

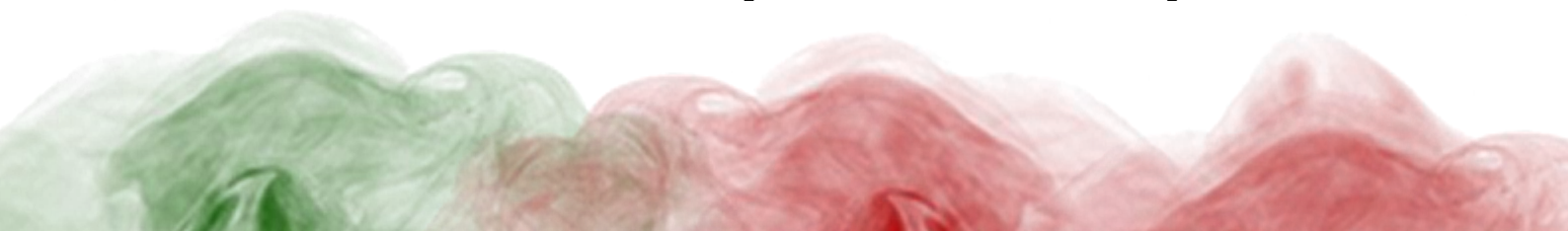
Solto um longo suspiro e estico minhas pernas.

— Vamos conversar sobre outra coisa. Ei, lembra da última vez que estivemos aqui?

Um sorriso puxa seus lábios. — Sim, nós montamos juntos em meu garanhão.

— O nome dele era Poseidon? Certo?

— Sim. Ele era um belo pé no saco. — O pomo de adão de Caspian desce por sua garganta enquanto ele engole. — Você se sentou na minha frente e eu me lembro... — Ele hesita, olhando para mim. — eu lembro que você estava



quente e macia contra o meu peito, seu cabelo desta cor encantadora, como o nascer do sol.

— Oh, deuses. — Eu me encolho. — Tenho certeza de que estava suada enojenta.

— Não. Você cheirava assim... Não sei, madressilvas e outra coisa, algo familiar. Eu queria me inclinar e descobrir o que era, mas não queria que você pensasse que eu era um canalha. — Ele se vira para olhar para mim, seus lábios entreabertos. — Quando você estava em meus braços, você era uma estranha e ainda assim tive a sensação de que a conhecia. Que... seria a coisa mais fácil do mundo amar você.

Minha garganta de repente parece apertada.

— Caspian...

— Você sente isso também, certo? — Ele se inclina mais perto até que o calor de sua respiração aquece meus lábios. Está quase escuro, as árvores balançando levemente com a brisa. — Como um vínculo entre nós?

— Eu quero, mas...

— Porque essa é a única coisa agora me mantendo junto. Saber que há uma chance... você ainda pode me amar, apesar do que eu fiz.

Eu me assusto quando seus lábios roçam os meus. Antes que eu possa organizar meus pensamentos, ele desliza o braço em volta da minha cintura, me segurando no lugar enquanto me beija. Minha boca se abre para dizer algo, mas ele toma isso como um convite, sua língua deslizando entre meus lábios.

Seu beijo é suave, mas firme. Reivindicando.

Lutando contra o puxão suave em meu núcleo, a sensação segura e quente de pertencer, fico tensa dentro de seus braços. Uma voz interior grita, *errado. Isso tudo está errado.*



Uma imagem de Riser pisca dentro da minha cabeça, e uma onda de frio extingue qualquer desejo que eu pudesse ter sentido. Eu me afasto, os lábios latejando, um turbilhão de emoções confusas me atingindo de uma só vez.

Culpa. Embaraço. Confusão.

Mas uma coisa é certa: ver o rosto de Riser enquanto beija com Caspian não é normal e não são as ações de alguém apaixonado.

Oh, deuses. Riser. Ele ainda está ferido. E eu... Eu...

Meus pensamentos se dissipam quando um barulho estridente irrompe ao nosso lado. Bramble gira em círculos na plataforma. Seus sensores piscam como alarmes, lançando luzes vermelhas sobre as rochas.

— O que está acontecendo com ele? — As palavras de Caspian saem rápidas e guturais, seu pescoço fica vermelho. Ajustando o colarinho, ele acrescenta: — Ele está com defeito?

Eu diria que sim, exceto que seus círculos são muito perfeitos. E eu poderia jurar que a cada poucos segundos um de seus sensores aponta na minha direção... o ato quase acusatório.

Traidora.

Caspian estende a mão para tocá-lo.

— Deixe-me ajudá-lo, rapaz...

No instante em que os dedos de Caspian fazem contato com suas costas, Caspian grita e puxa sua mão.

— Eu acho que ele... ele me chocou.

Bramble gorjeia, o som quase desafiador, e então foge da plataforma para a floresta.

Pulo de pé. — Bramble!



Demoro alguns minutos para encontrá-lo. Ele está empoleirado em uma rocha que atinge meu quadril, suas antenas apontadas na direção oposta, em direção a um caminho sutil na floresta.

— Você está orgulhoso de si mesmo? — Eu repreendo, com as mãos na cintura.

Bramble me ignora. Ele está disparando para frente e para trás na rocha, as antenas ainda apontadas para o caminho, fazendo uma série de chiados que reconheço.

Ah não. É exatamente a mesma música alegre que ele canta quando está perto de Riser.

— Bramble, Riser estava aqui, na floresta? — Suspiro. — Ele viu o que aconteceu?

A luz verde de Bramble pisca *sim*, continuamente. Mas não preciso que Bramble confirme o que a bola apertada em meu estômago já está me dizendo: Riser estava aqui e testemunhou tudo.



CAPITULO 21



— Ah, deixe-me ver se entendi. — diz Teagan. — Você beijou o Príncipe Laevus e acha que Riser viu você?

Estamos no banheiro do quarto Ouro, ela alegou, com uma varanda e uma enorme banheira com pés no banheiro. A beleza da porcelana ferve com água e sabão. A cabeça de Lash se projeta da espuma, seus olhos entreabertos de prazer.

— Eu *sei* que ele viu. — Eu olho para Bramble, enrolada no canto do parapeito da janela. Ele tem se recusado a olhar para mim desde que chegamos aqui.

— Você de alguma forma confundiu os príncipes? — Lash ronrona, gostando disso mais do que deveria.

— Pare com isso agora, Lash, ou direi a Teagan seu nome verdadeiro.

— Isso é simplesmente cruel.

A banheira é enorme, mas Lash a enche até a borda, seus joelhos subindo da água como montanhas ósseas. A água escurece seu cabelo para a cor de sangue velho, as mechas na altura dos ombros penteadas para trás, as pontas flutuando na água.

Enquanto eu o observo, ele mergulha as mãos nas bolhas de sabão e faz pequenas pirâmides de espuma no topo dos joelhos, em seguida, sopra-as para baixo.

— E... você não queria beijá-lo? — Lash continua.

— Não, claro que não. — Bramble chilreia para mim e eu deixo minha cabeça cair para trás, dividida entre ordenar que Bramble eletrocute Lash na banheira ou roubar suas roupas e fazê-lo andar pelos corredores nu. Ambos parecem opções lógicas agora. — Quer dizer, eu não sei. Talvez uma parte de mim quisesse experimentar, só para ter certeza.

— Certificar-se de que? — Teagan arqueia uma sobrancelha. — Ele não é um pedaço de chocolate que você possa provar.

— Eu *sei*. — Eu bato as pontas dos meus polegares nas minhas pálpebras. — Olha, foi um acidente.

Lash ri. — A menos que você tropece e seus lábios caiam nos dele, não foi um acidente.

Gemo, descansando minha cabeça em minhas mãos.

— Que tipo de pessoa eu sou? Beije seu irmão enquanto ele estava no hospital. Eu sou um monstro.

— Não! — Corrige Teagan. — Você é uma garota que passou por mais traumas nos últimos dias do que a maioria das experiências na vida.

— Isso não é uma desculpa. Não sei como vou enfrentá-lo.

— Bem, a menos que você descubra algo rápido, amor — Diz Lash — você não terá que se preocupar com isso por muito mais tempo.

Teagan e eu cortamos nossos olhos para ele, sua piada sombria pairando no ar como vapor.

— O que? — Ele espirra bolhas em nós. — Podemos não falar sobre o fato de que estamos quase sem tempo? Aquela vadia do planeta está a apenas

quatro dias de distância, e fingir o contrário é bobagem. Então, a menos que Maia tenha encontrado o Mercurian antes, enquanto ela e o príncipe amante estavam procurando e ninguém me informou, estamos ferrados.

Embora eu já tenha contado a Teagan a notícia decepcionante, ela ainda olha para mim, talvez esperando que eu diga a ela que, afinal, estamos perto de descobrir.

— Não, você está certo. — Digo. — Depois do Sim, quando não consegui encontrar Riser, Caspian e eu procuramos no castelo e não encontramos nada.

— Então é isso? — Teagan franze a testa. — Estamos sem opções?

— Quero dizer, a menos que você tenha uma maneira de voar para Hyperion, de alguma forma embarcar sem ser notado, resgatar Max e então nos levar de volta em segurança...

Inferno. Minhas palavras desaparecem quando algo me atinge. Não é uma ideia, exatamente. A promessa de uma.

Teagan estreita os olhos. — O que?

— Suponha que nós *não* iremos para Hyperion. — Digo, cuidadosamente.

Uma ideia mordisca as bordas do meu crânio, mas está solta, incorpórea. Não quero dar esperanças a ninguém ainda.

— Como, exatamente, faríamos isso e não morreríamos? — Ela cutuca.

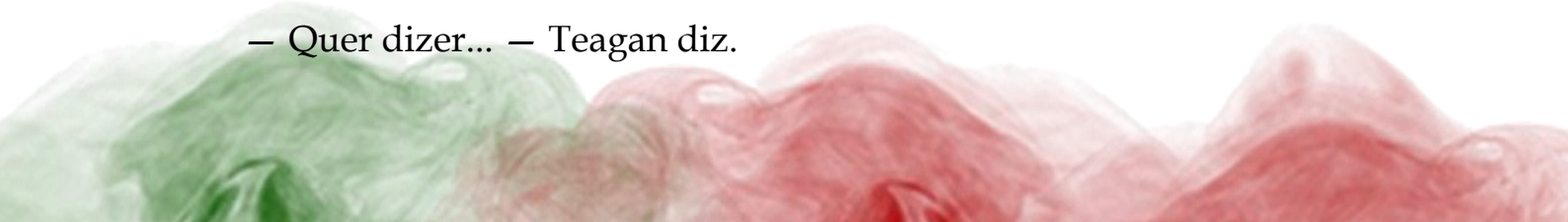
Tamborilando meus dedos sobre meus lábios, eu trabalho para organizar meus pensamentos.

— E se nós de alguma forma os fizéssemos pensar que estamos lá?

A água ondula, fazendo um barulho espirrando contra a banheira enquanto Lash se levanta até que seu peito e parte de seu abdômen apareçam.

— Eu ouvi rumores de que o Hyperion é inteiramente baseado em Sims.

— Quer dizer... — Teagan diz.



— Quer dizer, que — Eu termino, tentando não ficar muito animada, mesmo quando a adrenalina sacode meu corpo. — quando voltarmos com Caspian, poderíamos mudar nossos rostos no Sim para parecer, não sei, com realistas, talvez?

Teagan franze a testa. — Você poderia fazer isso?

— Não eu, mas talvez...

— Flame. — Interrompe Teagan.

Lash fica de pé e Teagan e eu gritamos, nos virando antes de vermos qualquer um de seus pedaços de homem.

— Não olhem, suas pagãs! — Ele repreende. — A menos que vocês queiram ficar com ciúmes pelo resto de sua existência, porque este belo pedaço de carne está fora dos limites.

— Lash! — Nós duas rosnamos quando seus pés descalços batem contra a pedra. Ele se aproxima e eu o ouço pegar uma toalha *esperançosamente* do rack.

Bramble canta com entusiasmo enquanto Teagan e eu seguimos um Lash agora coberto para o quarto. Tento não olhar para a carne mutilada e esburacada de suas costas, os músculos tortos que desaparecem na toalha enrolada em sua cintura enquanto formamos um plano para nos encontrarmos em trinta com os outros.

Apesar do meu cansaço, tenho vontade de pular. Temos um plano. É provisório, frágil e muito insano. Mas é alguma coisa.

Na saída, Teagan e eu espiamos a camisa e a calça de Lash na cama, e ela me dá um aceno conspiratório. Pego suas roupas e saio pela porta, sorrindo enquanto ele grita: — Isso é simplesmente maldade, Graystone!



— Só é cruel com quem tem que ver sua bunda nua! — Teagan provoca antes de cair na gargalhada. Eu me junto a ela, deleitando-me com o momento fugaz de felicidade depois de tanta morte e destruição.

— Uma mentira atroz, Aster! — Lash retruca. — Mesmo destampada, minha bunda ainda é um presente dos deuses.

Alguns minutos depois, aplausos chegam pelo corredor atrás de nós enquanto Lash, sem dúvida, caminha, meio vestido, pelo castelo. Aproveitando cada pedacinho de seu camafeu nu.

Sei que não é hora para piadas, mas sorrio mesmo assim. De acordo com um dos famosos ensaios de minha mãe, parte de ser um bom líder é saber quando reunir seus soldados com humor.

E eu não consigo pensar em nada mais engraçado agora do que Lash correndo pelos corredores como um belo deus antigo.

Minha lasca de alegria desaparece lentamente, levando meu sorriso junto enquanto a realidade de nosso plano toma conta. Minha mãe também disse uma vez que um plano só era bom se os cenários que levaram ao fracasso pudessem ser reduzidos a exatamente um.

No entanto, não importa o que façamos, as maneiras pelas quais esse plano pode falhar são como as estrelas no céu. Numerosos demais para se incomodar em contar.

Exceto que *tem* que dar tudo certo, pois o mundo inteiro está contando conosco.



CAPITULO 22



A sala de guerra dentro do castelo Laevus é cavernosa, uma monstruosidade de teto alto que precisa desesperadamente de janelas para iluminar a sala escura. Eu me encolho na cabeça de um javali com presas logo acima da porta. Caça de todo tipo, provavelmente caçada na floresta ao redor, alinha-se nas vigas, e mapas de couro gigantes decoram as paredes.

Duas lareiras se abrem de cada lado, as fênix douradas cobrindo os mantos. Se a maioria das salas de guerra são feitas para parecerem opostas, esta foi feita para impressionar por sua opulência e riqueza.

A capa de marfim da minha mãe desliza pelo chão, a bainha escurecida com terra e o que presumo ser sangue. Ela acena com a mão e as tochas nos lustres e nas paredes entram em erupção, iluminando a sala com uma luz tangerina.

Uma mesa oval mede o comprimento de duas carruagens no meio da sala. As bandeiras de todas as casas estão penduradas acima dela.

Estranho estar nesta sala onde o imperador planejou a morte de tantos. Mais estranho ainda, como minha mãe fica confortável nela. Como se ela tivesse estado aqui mil vezes.



Lash entra vestindo um gibão chamativo e uma túnica larga sobre calças douradas brilhantes. Ele me encara.

— Uma palavra sobre minha roupa e eu vou matar você.

— Quem está sendo assassinado? — Teagan diz enquanto entra. Seu olhar se fixa na roupa de Lash. — Uau, Lash. Você está tão... brilhante.

— Aster! — Lash levanta suas sobrancelhas ruivas em advertência.

Minha mãe olha para todos nós e nos acomodamos ao redor da mesa. Eu tomo o assento da cabeça assim que Flame e os outros chegam. Depois do que aconteceu com Caspian, eu não falei com Riser, e eu alterno entre querer encontrar seus olhos e avaliar o que ele viu e querer evitá-lo completamente.

Riser toma a decisão por mim, ignorando todos enquanto toma seu assento do outro lado, ao lado de Flame. Amarga por natureza, é estranho ver Flame radiante, seu rosto iluminado pela esperança. Encontrar Cage fez isso.

Não ousa esperar o mesmo resultado para Max, em vez disso, mantenho a possibilidade escondida, uma pequena faísca dançante de promessa. Uma arma. Pronta para exercer quando chegar o momento certo.

Para piorar a situação, Bramble sai correndo do meu ombro, cruza a mesa e pula no colo de Riser. Forçando meu foco nos outros, eu observo Flame e Teagan sussurrarem por um momento, suas cabeças pressionadas conspiratoriamente juntas, antes de arriscar um olhar para Caspian.

Assim como Riser, ele parece determinado a esconder suas emoções atrás de uma máscara fechada e apertada. Seus lábios estão apertados, sua testa franzida de forma que suas sobrancelhas douradas quase se encontram.

Sentindo meu foco, seu olhar roça o meu, demorando-se por um longo momento antes de desviar o olhar.

Eu sufoco um gemido. *Por que você deixou ele te beijar, gênio?*



Minha mãe finalmente se senta ao meu lado na mesa. Graças aos estoques de alimentos do imperador, temos comida muito melhores do que a última reunião: laranjas, peras, biscoitos amanteigados que derretem na boca e fatias grossas de presunto curado. Bramble já começou a depositar o banquete das travessas no prato de Riser, como se percebesse o mau humor de Riser e estivesse tentando consertá-lo com comida.

Inferno, se fosse assim tão fácil.

Dois rebeldes cuidam de tudo rapidamente antes que eu acene, ansiosos para começar.

— Nós temos um plano. — Digo, desistindo de qualquer gentileza.

— Nós? — Minha mãe apoia os cotovelos na mesa, falando como quem está acostumado a ouvir todos.

Teagan e eu trocamos um olhar tenso. Sob o olhar penetrante de minha mãe, meu plano de repente parece frágil e infantil.

Endireitando meus ombros, empurro minha cadeira para trás e fico de pé.

— Podemos ter uma maneira de trazer Max de volta.

— Podemos? — Ela levanta uma sobrancelha entediada. — Ou não pode?

— Posso. Nós podemos. — Meu rosto queima quando sinto o olhar de Riser de repente me perfurando. — O imperador exigiu Caspian e eu em troca de Max. Então, vamos dar a ele o que ele quer.

Minha mãe pisca para mim, o desapontamento claro em seus lábios.

— Já discutimos a loucura desse plano.

Sorrio. — Mas não discutimos o que aconteceria se eu fosse como outra *pessoa*.



— Alguém? — Ela inclina a cabeça para o lado meio centímetro, repentinamente interessada. — Quem?

— Bem, se Flame está à altura da tarefa — Ela franze a testa com a minha hesitação sobre sua habilidade. — Condessa Delphine Bloodwood pode simplesmente acompanhar Caspian. Em sinal de boa fé. Pelo que ouvimos, Hyperion é um Sim gigante. As paredes de metal são feitas para parecer de pedra, os tetos são transformados em um céu azul claro, os pisos transformados em prados extensos. Então, por que meu rosto não pode se tornar o de Delphine?

Caspian passa de inclinar casualmente para trás em sua cadeira para sentar-se ereto.

— Isso pode funcionar... com as habilidades certas. A tecnologia do Hyperion é avançada além de qualquer coisa que você já viu, com mais de quarenta programadores executando toda a operação. Uma tecnologia com código desajeitado seria notada imediatamente.

Flame zomba de Caspian. — Garoto, sou a melhor técnica de todo o país.

— Garoto? — Resposta de Caspian. — Você não quer dizer *Príncipe*?

Por um longo e prolongado segundo, todos nós olhamos para ver como Flame reagirá. Em seguida, os lábios severos de Caspian se abrem em um sorriso enquanto ele ri, e todos nós rimos, até mesmo Flame.

Todos, exceto minha mãe. Conforme o humor se dissipa, nosso foco volta para ela.

— O plano está falho — Diz minha mãe, e prendo a respiração esperando o motivo dela. — Maia, você é necessária aqui.

Meu queixo cai. Essa era a última coisa que eu esperava.

— Por quê? Não, estou entendendo. Quem mais pode jogar Delphine?



— Qualquer um, esse é o ponto. Qualquer um pode usar o rosto de Delphine.

— Não quero que seja ninguém, porque não confio em ninguém para ter Max de volta. E todos nós sabemos que mesmo depois de darmos ao Imperador Caspian e *Delphine*, ele não vai desistir de Max sem machucá-lo de alguma forma, ou fazer um espetáculo. Vou garantir que ele honre sua barganha.

— É uma ideia adorável e nobre, Maia. Mas o que acontecerá com o Mercurian se você falhar? Com você aqui, ainda há uma chance.

— Se algo der errado lá em cima, não importa se estou aqui ou não. Nunca encontraremos o Mercurian sem Max.

— Você está emocionada. — Ela acusa.

— Você está certa, eu estou. — Seguro seu olhar enquanto ando ao redor da mesa, me recusando a recuar. — Porque sou um ser humano e não posso abandonar alguém que amo só porque serve a alguma causa. Você não pode tomar todas as decisões usando números e probabilidades. Às vezes, você apenas tem que seguir seu coração e fazer o que é certo.

— E se eu não puder perder você também? — Minha mãe late, a raiva em sua voz surpreendente.

Não é minha intenção dizer isso, mas as palavras saem de meus lábios como armas quentes.

— Você me perdeu anos atrás, então o problema está resolvido.

Um longo momento de silêncio se estende, interrompido apenas pelas batidas do meu coração, e pela primeira vez, eu realmente entendo que as palavras podem ser as armas mais eficazes de todas.

Incapaz de admitir a derrota, minha mãe olha ao redor da sala, em busca de aliados.



— Vocês não podem pensar seriamente em mandar minha filha para Hyperion.

Riser se levanta lentamente. Ele não olha para mim quando diz: — Eu aceito. Na verdade, só irei se ela nos liderar.

Minha boca se abre enquanto os outros fazem o mesmo. Cada pessoa ecoando a declaração de Riser.

Meus amigos não irão sem mim.

Minha garganta aperta de emoção. Uma parte de mim se sente indigna de tal apoio.

— Pronto. — Acrescento, olhando para minha mãe. — Isso ajuda a levar este argumento adiante?

Os lábios da minha mãe se abrem como se ela fosse falar... mas então, quaisquer palavras que ela estava prestes a dizer nunca se materializaram.

Eu aperto minhas mãos em punhos sobre a mesa. — Então está resolvido.

Depois disso, nos concentramos nos detalhes, e a ansiedade se transforma em empolgação enquanto discutimos o plano bem na hora do jantar, todos nós empolgados demais para comer a comida nas travessas bem na nossa frente.

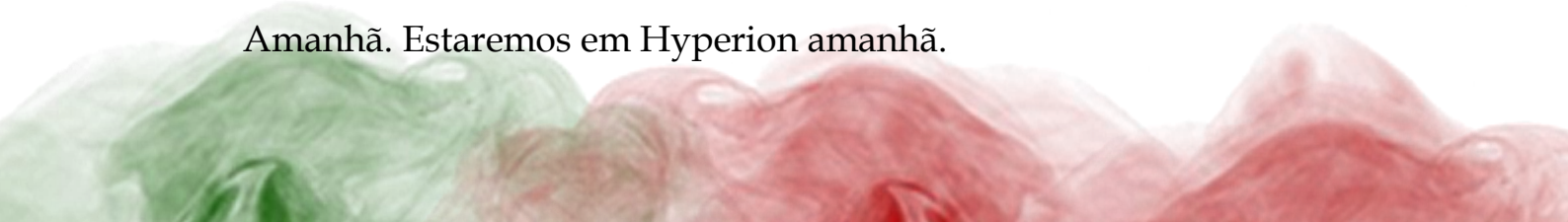
Faz sentido que se eu for passar por Delphine, ela vai se passar por mim. O maior problema vem em como silenciá-la e a sugestão de Flame de cortar sua língua não é uma opção.

Não é humano, pelo menos.

— Lobotomia química? — Flame sugere a seguir, sorrindo com orgulho cruel.

Eu nem mesmo respondo aquela, e o grupo segue em frente, com Lash jurando consertar o problema amanhã.

Amanhã. Estaremos em Hyperion amanhã.



Tudo parece muito rápido. Muito surreal. Também... É alguma coisa.

Nunca pensei que veria o famoso Hyperion. Mesmo quando lutei nos Julgamentos. E agora, em menos de um dia, estaremos dentro da cidade flutuante sem chance de escapar se algo der errado.

Terminamos de detalhar alguns detalhes, e não importa o quanto eu tente ignorá-lo, meu foco muda para Riser. Ele nunca fala. Nem uma vez.

Ele, no entanto, observa tudo com olhos de águia, acenando com a cabeça de vez em quando ou franzindo a testa para uma ideia que não gosta.

E ele nunca encontra meu olhar. Nunca responde às minhas sugestões ou mesmo reage.

Por que eu o machuquei? Apesar de sua fachada fria, sei quantas vezes ele foi ferido, decepcionado, traído. Nunca pensei que acrescentaria algo a essa lista.

Talvez seja isso o que o amor é: largar sua armadura e deixar alguém saber que acabará por machucá-lo. Que eles não podem evitar. Que somos porcos-espinhos, todos carregando esses espinhos de raiva e dor, e sempre que alguém se aproxima muito, não podemos deixar de apunhalá-lo.

A conversa vai até tarde da noite. Também há outras coisas para discutir, como fortalecer o terreno no caso de Nicolai tentar retornar ao castelo. Sua ausência é alarmante, como a calmaria antes de uma tempestade.

Quando já passa da meia-noite, finalmente temos nosso plano. E, apesar dos riscos, pela primeira vez desde que Max foi levado, deixei a centelha de esperança que guardo virar uma chama. Podemos ter uma chance. Se eu conseguir fazer isso, se tudo correr exatamente de acordo com o planejado, se eles acreditarem que sou Delphine, Max pode estar em casa a tempo de ativar o Mercurian.

E se. E se. E se.



Eu nunca amei e odiei uma palavra mais.



Teagan e eu compartilhamos uma cama. É enorme, o suficiente para caber três pessoas. Algo que Lash foi rápido em apontar antes de fazê-lo partir. Teagan dorme como uma morta. Mas eu fico inquieta e chuto uma série de pesadelos até que Bramble finalmente fica irritado e se move do meu travesseiro para o final da cama.

Quando o amanhecer entra pela enorme janela saliente, eu me levanto e me visto. Eu olho para Bramble, deitado de costas, as pernas de metal se contorcendo enquanto ele descansa na luz da manhã.

Hoje é o dia.

Encontro Flame na sala de jantar parecendo tão cansada quanto eu. Ela ficou acordada a noite toda trabalhando no código que transformará meu rosto no de Delphine dentro do Hyperion. Lash, Riser, Teagan e ela também terão novos rostos. Flame explica que ela usou os rostos de realistas que morreram no campo de batalha.

— O imperador não vai se perguntar por que estamos nos sentindo tão generosos? — Eu pergunto, descascando uma banana machucada.

Flame dá um gole no café escuro que sai de uma xícara de lata.

— Não, ele vai presumir que sua mãe realmente quer Max de volta porque ele é o último herdeiro remanescente de sua linhagem.

— Oh. — Dou uma mordida na minha banana.

— Não estou dizendo que é assim que ela pensa, é apenas como o imperador pensa.

— Certo.

Lash aparece com um punhado de muffins empilhados ao longo de seus antebraços.

— Vocês podem dizer isso, senhoras. — Ele anuncia enquanto desliza ao meu lado na mesa.

Descarto minha banana meio comida e roubo um muffin de mirtilo dele.

— Dizer o quê?

— Que eu sou um gênio.

Flame zomba. — Por que diabos diríamos isso?

— Porque, — Lash diz, dando uma mordida em um muffin queimado. Suas palavras são abafadas. — eu encontrei uma maneira de silenciar Delphine.

Levanto minhas sobrancelhas em impaciência.

— Paralisar as cordas vocais. — Ele gesticula como se estivesse injetando algo em seu pescoço. — Funciona por, oh, pelo menos trinta e seis horas para mantê-la quieta.

— Podemos testar o primeiro lote em você? — Flame murmura.

Lash estala a língua. — Sem apreciação.

— Você fez bem, Lash. — Digo, acariciando sua cabeça e arrulhando. — Bom menino.

Flame revira os olhos assim que Teagan aparece. Ela pega um pouco de café e se junta a nós.

— Por que estamos acariciando Lash como um cachorro?

— Porque ele resolveu nosso problema com Delphine, e nem mesmo envolveu cortar partes do corpo. — Digo enquanto fico de pé. — Vejo vocês na nave?



Todas as naves estelares sofreram danos na batalha e os mecânicos trabalharam a noite toda para garantir que alguém pudesse voar esta manhã.

Meus amigos me dispensam enquanto corro para encontrar minha mãe antes de partirmos. Não consigo imaginar que ela tenha palavras de encorajamento além de *não estragar tudo como você faz com tudo o mais*, mas ainda quero vê-la.

Para dar a ela a opção, suponho, de provar que estou errada.

Estou quase na sala em que ela está acampada quando a ouço falando com alguém. Eu congelo do lado de fora da porta quando a voz de um homem mais velho responde.

— Eu nunca suspeitei da sua traição, Lillian.

O Imperador. Eu reconheceria sua voz em qualquer lugar. Com o coração acelerado, me colo contra a parede e inclino minha cabeça para ouvir melhor.

— Oh, você tinha que saber que eu faria um jogo de poder eventualmente. — Minha mãe diz, casualmente, como se ela estivesse discutindo uma jogada em um tabuleiro de xadrez.

— Hmm. É isso que é? Achei que você pudesse estar apoiando a causa dos Rebeldes. Que talvez, durante todos esses anos que confiei em você, apoiei você, você estava conspirando contra mim.

A risada estridente de minha mãe irrompe.

— Sempre paranoico, Marcus. Talvez eu simplesmente tenha visto uma oportunidade e a aproveitei. Você não é o único que deseja o poder.

Ela é tão convincente que eu realmente acredito nela.

Uma pausa. — Você decidiu aceitar minha oferta?

— Eu aceitei. Estou até adoçando o negócio para você. Há algumas crianças Ouro de alto escalão que estou mandando de volta com Caspian.



— E por que, Lillian, você faria isso? — A suspeita goteja de cada palavra sua.

— Porque quero ter certeza de que Max voltará inteiro. — O tom de minha mãe ficou duro. — Incólume, Marcus. Ele é o último da minha linhagem e ele é...

— Ele é um *deles!* — Interrompe o imperador.

— Talvez, mas ele é jovem. Flexível. Ainda há uma chance de moldá-lo nos ideais realistas, de moldar sua mente aos nossos princípios.

Ao contrário de mim, não me atrevo a murmurar. Esse navio navegou há anos. O que quer que eu seja, não há como me moldar em algo melhor. Algo mais para seus padrões.

Mais silêncio. Prendendo a respiração, espio pelo batente da porta. Minha mãe se senta à direita na frente de uma tela. O rosto do imperador preenche a tela e eu recuo.

Como minha mãe lidou com esse monstro todos esses anos?

É preciso um para conhecer um.

— E você está disposto a desistir de sua filha? — Mais perguntas do imperador.

— Você aceitará o acordo sem ela?

Uma sombra passa pelo rosto do imperador.

— Você sabe que isso não pode acontecer. Não depois que ela matou centenas na Ilha. Ela é uma terrorista, e deixá-la escapar da justiça seria um exemplo terrível.

— Então me prometa que você não vai matá-la.

O imperador olha para minha mãe e fico surpresa de ainda ver afeto ali, apesar de sua traição.



— Se ela confessar publicamente, ela pode passar seus dias na prisão em Hyperion. Embora eu prometa a você, a morte seria mais gentil.

Não sei por que minha mãe insiste em dizer que será Delphine em vez de mim. Talvez porque o imperador não esperasse nada menos.

— Feito. — Os ombros de minha mãe cedem.

O imperador sorri. — Deve doer. Trocando uma criança por outra.

— Você faria o mesmo se Ophelia ainda estivesse viva. Troque-a por Caspian, mesmo que ela sempre tenha sido sua filha favorita.

O imperador nem mesmo vacila com a menção da filha que ele assassinou. Mas eu faço, especialmente sabendo que ela era sua favorita e ele ainda a matou sem hesitação.

— Você sempre teve uma queda por Maximus. Mas, pelo que me lembro, Maia nunca correspondeu aos seus padrões.

Desgraçado.

Minha respiração fica presa enquanto espero minha mãe refutar isso, meu coração martelando contra o meu crânio tão alto que mal posso ouvir sua resposta.

— As crianças são assim, não são? — A voz dela é suave, e me esforço para ouvir tudo. — Por todo o tempo e recursos que você gasta para moldá-los em sua imagem, alguns se tornam o oposto apenas para irritá-lo.

— Se sua filha é uma decepção para você, você só pode culpar a si mesma. Deveria tê-la reconstruído no útero como eu implorei e nada disso teria acontecido a ela.

Reconstruído? Caio contra a parede, lutando para impedir que a declaração envenene minha esperança recém-descoberta. Todas as palavras de reconciliação que imaginei entre nós são esquecidas.



Sei que ela está jogando o jogo dele, mas também sei, no fundo, que ela sempre se sentiu assim por mim. Ouvi-la admitir em voz alta o meu fracasso absoluto em ser algo digno de amor é como arrancar a casca de uma ferida que está infeccionando há anos.

Respirando fundo, me forço a marchar pelo corredor. Ombros para trás. Cabeça erguida.

Eu não posso controlar como ela me vê. Nem posso ser quem ela quer que eu seja. Tudo o que posso fazer é provar que ela está errada.

Posso não ser como ela: fria, calculista, capaz de usar os outros como peões para atingir meus objetivos. Mas estou determinada como o inferno e cheia de fúria justa o suficiente para derrubar o próprio Imperador.



CAPITULO 23



O telhado ainda cheira a zona de guerra. O ar estava cheio de sangue velho e óleo derramado. A luz do sol reflete em cacos de vidro empilhados nos cantos, manchas escuras de fumaça circundando as áreas onde as naves costumavam ficar. A maioria dos completamente arruinados já foi semi-desmontada para qualquer coisa útil: fios, tecnologia, metal.

Seus cascos quebrados descansam, carbonizados e enegrecidos, como os esqueletos bizarros de feras míticas.

Os outros cercam uma nave estelar perto do meio. Espremendo os soldados que trabalham nas outras naves, abro caminho pelos destroços em direção a eles. Bramble me segue, disparando em torno dos destroços que se espalham pelo telhado.

Enquanto eu me junto aos outros, o sol explodindo sobre as copas das árvores e aquecendo minhas bochechas, Lash me puxa de lado.

— Eu verifiquei Rivet antes de vir aqui.

— E? — Mas tentáculos de pavor deslizam em volta do meu coração e se apertam enquanto eu percebo a agonia velada em sua expressão. — Não, Lash.

— Eu tentei, amor. Eu realmente tentei.

Uma dor cresce no fundo da minha garganta.

— Você tem certeza absoluta?

Ele engole. — Ela não vai sobreviver.

— Você contou aos outros?

— Não. Eles não precisam saber até que retornemos.

Aceno, lutando para lidar com a dor de sua perda. Para embalar de alguma forma para torná-la administrável até que eu possa me dar ao luxo de sofrer.

— Eu só disse a você porque, bem, eu sei que você pode lidar com isso. Você é forte. — Ele aperta meu ombro antes de mancar em direção à embarcação. Eu o observo, surpresa com suas palavras.

Forte? Não me sinto forte. Sinto-me à beira do colapso, uma vidraça rompida a ponto de um vento forte poder estilhaçá-la. Eu me sinto remendada como um dos projetos escolares de Max, uma versão barata e distorcida do que eu deveria ser.

Do que eu *preciso* ser para conseguir isso.

Uma fraude. Eu sou uma fraude e se meus amigos soubessem disso... se eles soubessem o quão fraca e incapaz eu era.

Pare. Junte sua merda.

Minha vulnerabilidade repentina me faz procurar Riser, apenas para encontrá-lo já me observando.

Na gloriosa luz do meio da manhã, as diferentes cores de seus olhos estão destacadas. O ouro ao redor da pupila de seu olho verde reconstruído se reflete na luz, enquanto os azuis profundos de seu outro olho combinam com o lago à distância.

— Maia. — Ele acena com a cabeça e vai se virar.



Abaixo dele, Bramble faz sua dancinha estranha, mas Riser não vê ou não reage.

Agarro seu braço, notando a forma como sua carne parece tremer sob meu toque.

— Espera. Estou feliz que você esteja bem. Eu estava realmente preocupada.

— Obrigado. — Não há como confundir a aspereza de seu tom, e meu peito aperta.

— Olha, eu não sei o que você viu, mas... não é o que você pensa.

Um tendão em seu pescoço treme e estala, e ele se força a mais uma vez encontrar o meu olhar.

— Você disse para lhe dar seu espaço, então é isso que estou fazendo. Eu pensei que era por causa de sua mãe, mas — Ele lança um olhar para Caspian. — seja qual for o motivo, estou respeitando seus desejos.

Os outros estão todos fingindo não ouvir enquanto se concentram em qualquer coisa além de nós. Quero explicar tudo, mas não é hora de perder o foco ou me deixar distrair.

— Eu acho que devemos... falar sobre isso.

Ugh. Por que isso é tão difícil? Eu gostaria de poder derramar meus pensamentos em seu cérebro para que ele entendesse que foi um acidente. Que uma parte de mim precisava saber - para ter certeza absoluta - que Caspian e eu não deveríamos ficar juntos.

Agora eu sei, mas pode ser tarde demais.

Ele lança um olhar frio para Caspian, a promessa sombria de violência brilhando em seus olhos incompatíveis.



— Não tenho certeza se agora é uma boa hora, a menos que você queira que eu mate meu irmão antes de embarcarmos. — Os cantos de seus lábios se contraem. — Tenho certeza de que isso colocaria uma ruga em nosso plano.

— Certo. — O pânico treme através de mim, e não apenas porque posso dizer pela maneira como ele está parado, como a forma como uma pantera faz antes de atacar, que ele está falando sério. Mas porque agora percebo o quanto o machuquei. Que não há palavras rápidas para fazer isso ir embora.

Talvez não devesse haver. Talvez, quando você machuca alguém, deva sempre haver consequências. Mas agora eu só quero meu amigo de volta. Meu confidente. O garoto em quem confiava além da conta.

Como se pudesse ler meus pensamentos, ele diz: — Não se preocupe, ainda estou com você lá em cima. — Há uma corrente de solenidade em sua voz. — Jurei minha lealdade a você e isso não muda.

Isso não funciona, mas é muito mais do que eu conseguiria agora.

— Obrigada. — Administro. — E eu sinto muito. Mais do que você imagina. Quando tudo isso acabar, vou provar isso para você.

Como eu poderia não perceber que beijar Caspian machucaria Riser mais do que qualquer outra coisa? Ele viveu na sombra do Príncipe Dourado por toda a sua vida. Assistiu tudo que ele merecia - amor, respeito, admiração - ir para Caspian enquanto ele era deixado para apodrecer.

E então, quando ele descobriu que eu era ligada com Caspian...

Solto um suspiro, tentando conter a inundação selvagem de emoções correndo por mim. Ele está certo sobre o embarque. Estamos ficando sem tempo e preciso me concentrar. Eles precisam de mim para ser um líder forte.

Então eu aceno, mordendo minha bochecha para firmar minha voz.

— Somente... vá com calma, com sua reconstrução e tudo.

Se acalme? Que diabos, Maia.



Riser me encara por mais um segundo antes de se virar, deixando-me estranhamente ainda segurando seu bíceps como uma idiota.

Solte o braço dele, gênio.

Finalmente, deixo cair minha mão enquanto tento limpar minha mente de Riser e de qualquer outra coisa que não seja importante para esta missão.

Enquanto subo a rampa e entro na nave, um sussurro de pânico me percorre. Câmeras que carregam a paisagem de fora e a exibem no interior da nave fazem com que pareça como se estivéssemos dentro de uma bolha transparente. Os bancos revestem as paredes.

A última vez que estive dentro de um desses, coisas ruins aconteceram logo depois. E duvido muito que desta vez seja uma exceção.

Um piloto rebelde acena para todos nós enquanto nos prendemos. Sento-me ao lado de Lash e prendo meu arreio no lugar com um clique. Os assentos são de couro macio e flexível, muito mais bonitos do que a nave que me trouxe aqui semanas atrás para os Julgamentos. Presumo que seja porque esta é uma nave estelar que leva as pessoas ao espaço, construído para Ouros.

Espaço. Ainda não estou confortável com o fato de que em poucas horas estaremos a milhares de quilômetros no céu entre as estrelas. Também acho que, em Hyperion, o espaço é a última das minhas preocupações e, antes que eu possa impedi-lo, uma enxurrada de nervos lança cenários ruins contra mim.

E se o código de Flame não funcionar? Se o imperador de alguma forma souber que o estamos enganando? Meus amigos serão presos, torturados e executados de maneiras horríveis. E se Max já estiver morto?

E se...

Suspirando, inclino minha cabeça para trás e congelo quando Caspian cai no assento à minha esquerda.



Os olhos dourados de Caspian se iluminam quando ele diz: — Lugar ocupado?

O que posso dizer? Sim? Posso sentir meu peito formigar de calor enquanto balanço minha cabeça.

Embora Riser não olhe na minha direção, um sorriso malicioso dança em seu rosto. Adicionando sal ao fermento, Bramble sobe por sua perna, circula duas vezes e se acomoda em seu colo.

Traidor.

Flame entra em seguida, empurrando uma Delphine de aparência irritada. Depois de um dia na cela da prisão, seu cabelo loiro curto está oleoso e seu rosto magro. Manchas escuras escurecem suas bochechas e testa. A cada passo, Delphine tenta resistir, torcendo-se contra o aperto de Flame em seus pulsos algemados atrás dela.

E a cada passo, Flame a empurra para frente.

Flame olha para todos nós. — Por que eu fiquei presa com ela?

— Eu vou matar você. — Delphine rosna. — Todos vocês.

O brilho de Flame atinge Lash. — Eu pensei que você iria silenciá-la. Isso soa como silêncio para você, garoto?

O rosto de Delphine fica vermelho de raiva, mas então Flame chuta a parte de trás de suas pernas na articulação do joelho e ela cai para frente. Usando o ímpeto, Flame luta com a Realista em um cinto, por pouco evitando os chutes da garota.

Delphine de repente para de lutar, seus olhos selvagens e a língua pendentes.

— Vocês todos vão morrer! Idiotas. Ugh!

— Lash! — Flame rosna.



Cambaleando pela nave, Lash se posiciona acima de Delphine. Seus olhos totalmente brancos rolam para encontrar os dele.

Gritos de riso explodiram de seus lábios. — Olhe para você, Brig. Tão poderoso agora. Aposto que você adora isso. Aposto que você...

Ele enfia a agulha em seu pescoço, bem no meio de sua garganta. A agulha é pequena e é um golpe rápido. Dentro e fora. Um pequeno ponto de sangue aparece onde a agulha entrou.

— Por que você continua fazendo isso? — Ela se enfurece. Sua voz não soa diferente, exceto talvez um pouco mais aguda de raiva, e todos nós a observamos ansiosamente. — Por que vocês estão todos olhando para mim? Deuses, vocês são tão estúpidos. Você não tem ideia do que estão fazendo. O imperador vai matar vocês, ele vai matar todos...

Seus olhos se arregalam. Seus lábios abrindo e fechando como um peixe na terra. Mas nenhum som é emitido.

— Aleluia. — Murmura Teagan. — O demônio foi extirpado.

Percebendo o que aconteceu, Delphine de repente salta para frente. O arnês não foi clicado apertado e ela se liberta somente para ter Flame sobre ela e lutar com a primeira fivela até que se encaixe em conjunto com um sonoro *clack*. O outro lado exige um pouco mais de esforço.

Quando terminam, as duas garotas estão suadas e com o rosto vermelho. Delphine parece que vai ter um derrame.

Não que eu ficasse triste com isso.

Uma tela ganha vida no espaço entre nossos assentos e os do piloto. O rosto de minha mãe aparece e eu sinto um puxão... alguma coisa. Uma emoção ao mesmo tempo esperançosa e decepcionada.

Esperançosa, porque quero fingir que esta mensagem é para mim, um adeus adequado.



E desapontada porque sei que é um gesto humano decente de que minha mãe não é capaz.

— Lamento não poder estar lá para vê-los partir. — Ela começa, sua voz impessoal e os olhos frios. — Mas eu queria dizer o quão importante é a missão de vocês. Calculando o tempo de voo para voltar com Maia e Max, vocês tem no máximo quarenta horas para fazer isso.

A tensão enche a nave, meus ombros se contraem.

— Depois de quarenta horas, os cidadãos restantes aqui serão canalizados para os abrigos do imperador enquanto aguardamos o impacto. — Eu juro que seus olhos encontraram os meus. — Boa sorte e vão com os Deuses.

Em seguida, a tela morre e a rampa para a nave fecha com um *baque* suave. Borboletas explodem sob minhas costelas enquanto disparamos para o ar, o piloto gritando uma mistura de maldições e desculpas. Flame salta para o seu assento e se prende.

Ninguém menciona o discurso da minha mãe.

Talvez seja porque todos nós estamos tentando não entrar em pânico enquanto a nave balança pelo céu. Subimos tão rápido que derretemos em nossos assentos, carne e osso esmagados contra metal e plástico.

Um segundo, o castelo ocupa todo o fundo da nave. No próximo, dificilmente é um ponto contra o verde da Ilha.

Mais um segundo e a Ilha desaparece em uma mancha turquesa. Um sopro depois disso, não há mais detalhes sobre o terreno. Apenas faixas fluidas de verde e azul, suavizadas pela ocasional colcha de nuvens.

Se inclinar um pouco a cabeça para a direita, posso ver Pandora brilhando no céu. Chamas cercam seu corpo, e sua massa geralmente escura e pontilhada parece mais clara, salpicada de marrons e amarelos. Ela costumava

se parece como um mau-olhado nos observando. Agora ela se parece como uma fera furiosa.

De repente, a nave acelera, a força fazendo minha cabeça parecer pesada. O suor brota em minhas bochechas enquanto minha barriga se agita, e eu mordo uma onda quente de vômito.

Lash segura seu estômago, gemendo.

— Quem achou que ser capaz de ver de fora era uma boa ideia?

De alguma forma, a nave vai ainda mais rápido, prendendo-me em meu assento para que eu não pudesse me mover mesmo se quisesse. Vibrações destroem o casco, violentas, espasmódicas e assustadoras.

Com um gemido baixo, Lash se inclina e vomita.

Ninguém diz nada. Estamos todos tentando evitar o mesmo destino.

Graças aos deuses, o piloto teve o bom senso de desligar o vídeo. As imagens externas desaparecem e todos nós relaxamos enquanto nossos corpos lentamente se acostumam com o balanço. Assim que atravessamos a atmosfera, a nave se acalma e minha náusea diminui.

Caspian usa a calmaria para explicar o que esperar em Hyperion.

— Não se assustem com o que vocês verão. — Ele começa. — O Hyperion foi construído usando a tecnologia Sim mais avançada que existe. Vocês podem estar esperando uma nave espacial, mas é uma cidade flutuante de maravilhas.

— Não pode ser mais ostentoso do que a Ilha. — Comenta Flame. — Duvido que fiquemos tão impressionados.

Caspian sorri. — Oh? — Ele olha ao redor da nave. — Então eu acho que você viu enormes montanhas nevadas e oceanos que se estendem por quilômetros ao lado de salas feitas de cristal e ouro que são iluminadas por



milhares de pequenas chamas, ou câmaras que parecem ser galáxias, todas dentro da mesma nave?

Lash assobia, e Flame não consegue encontrar uma resposta.

— Depois, há as salas interativas como o observatório, onde você pode flutuar sobre as nuvens até sua mesa de jantar, ou o mundo aquático, onde você pode nadar sob o mar.

— Eu pensei que seu pai odiava tecnologia? — Aponto, minha voz mais cortante do que eu planejei.

Caspian encolhe os ombros. — Essa é a beleza de tudo. Porque está tudo dentro de um Sim, você nunca vê a tecnologia e é impossível decifrar o falso do real.

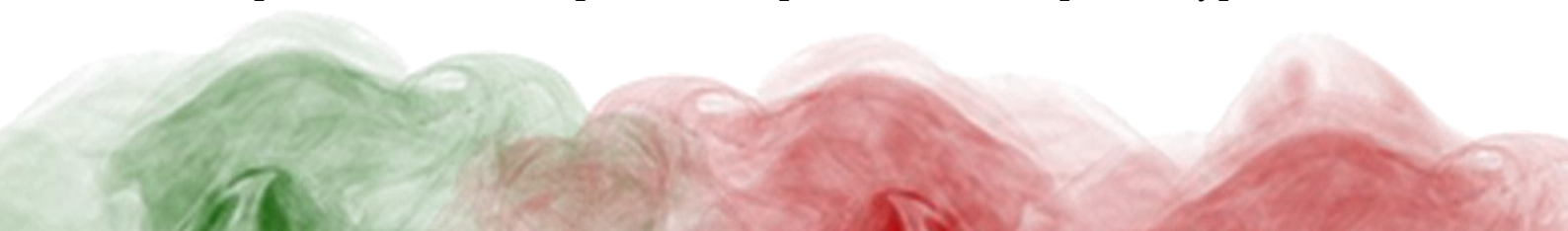
— Exatamente com o que estamos contando, querida. — Diz Teagan.

— Não estou tentando me gabar — Acrescenta Caspian. — Mas preciso que vocês saibam o que esperar para que, ao chegar, não reajam ao mundo. Todos os Ouros e seus atendentes já estiveram no Hyperion antes ou foram preparados para o que esperar. E não digam nada que vocês não queiram que apareça na tela. A única vez que você terá privacidade é no seu quarto.

— Será que vamos parecer diferentes um para o outro? — Pergunto. A ideia de que Riser pudesse olhar para mim e ver o rosto de Delphine parece errada.

Flame balança a cabeça. Ela tirou todos os piercings e tirou a cor do cabelo, e se não fosse por um lado raspado, ela quase parece inocente.

— Eu configurei onde parecemos iguais para todos em nosso grupo. — Ela tira algo de uma mochila, o corpo esguio de um uploader. — Todos vocês precisam usar isso para fazer upload de um mapa de Hyperion, bem



como nomes e rostos dos realistas a bordo. Vocês também irão precisar — Ela pega no saco. — disso.

Todos olham para a embalagem de prata com seis botões minúsculos.

— Mini-bombas. — Ela explica, praticamente ronronando enquanto acaricia as Armas Quentes. — Elas podem ser pequenas, mas têm um impacto. Cole-as em qualquer coisa que você queira destruir. Eu tenho um com o nome do Imperador nelas

Caspian faz uma careta. — Armas não são permitidas a bordo, mas como todos já foram examinados, ninguém é verificado rotineiramente. Se você tiver uma pequena adaga, guarde-a em algum lugar. Qualquer outra coisa, como pistolas, por exemplo, são grandes demais para esconder.

Flame franze a testa e relutantemente empurra a longa arma de prata parecida com um rifle sob seu assento. Em seguida, ela acena para Lash, e ele entrega uma bolsa de couro, o que quer que esteja dentro dela tilintando.

Flame abre a bolsa lentamente, puxando um frasco de vidro cilíndrico para fora. Pó branco enche o vidro como neve.

— Se você for capturado — Ela diz, sacudindo suavemente o frasco. — engula isso.

— É um sedativo. — Acrescenta Lash, sua voz assumindo um tom sinistro. — Com essa dose, sua respiração irá parar em menos de um minuto. Mas certifique-se de engolir tudo ou só vai te deixar sonolento.

Depois disso, passamos o carregador, dividimos o estoque de minúsculas Armas Quentes e cada um toma um sedativo para dormir. Em seguida, as luzes se apagam e eu me enrolo de lado, descansando minha cabeça no ombro de Lash enquanto tento dormir algumas horas.

De vez em quando, a embarcação sacode ou chacoalha. Caso contrário, o zumbido suave da viagem me deixa meio dormindo.



Vejo Max em uma plataforma de madeira como a que a arquiduquesa usava. Um laço está pendurado em seu pescoço.

— Espera! — Grito, correndo em direção a ele, mas ele está em uma colina. E não consigo passar pela multidão. Não consigo chegar até ele.

De repente, a porta a seus pés se abre e ele cai. Ouve-se um estalo nauseante quando seu pescoço estala.

Acordo com um solavanco, fazendo ruídos gorgolejantes, meio gritando...

Luzes difusas. Arnês. Embarcação pressurizada. Ainda estamos na nave estelar. Pesadelo, isso foi um pesadelo. Um realmente fodido.

A primeira pessoa que vejo é Riser, seu rosto contorcido de preocupação enquanto ele me olha.

Vai ficar tudo bem, ele murmura.

Eu aceno de volta, grata por suas palavras. Mesmo que eu não tenha certeza se acredito nelas. Bramble está de volta no meu colo e se mexe, sentindo minha agitação.

Lash boceja. — Não se preocupe, amor. Eu estou bem aqui.

— Talvez seja o seu hálito que a acordou. — Teagan brinca, esticando as longas pernas.

— Impossível. Cada parte de mim tem um cheiro divino.

Flame ri. — Lash, esqueci de mencionar que você está personificando o medonho atendente de rosto cheio de espinhas de algum rico Ouro. Faça pelo menos um esforço para representar o papel.

Lash dá um suspiro ofendido, penteando os dedos pelo cabelo ruivo, puxado para trás em um coque masculino muito bonito.

— Vou tentar muito conter meu charme e o magnetismo animal que emana dos meus poros.



— Que os deuses nos protejam. — Murmura Teagan.

O clima de luz evapora conforme as luzes principais ganham vida e a nave começa a desacelerar.

O piloto diz: — Cinco minutos até o pouso.

Meu pulso dispara e, quando limpo as mãos nas calças, minhas palmas deixam manchas de suor. Agora que estamos perto de onde Max está preso, permito-me pensar nele.

Ele está com fome? Eles deram a ele água? Ele está com frio? A arquiduquesa o machucou? Ele me odeia? Ele acha que vou voltar para buscá-lo?

Meu corpo inteiro estremece ao pensar em Max e aquela mulher sociopata na mesma sala.

Se ela o tocasse...

A nave de repente dá um solavanco para parar, o arreio cavando em meu peito e ombros. Então tudo fica quieto. Eu rapidamente coloco Bramble no modo de hibernação antes que ele possa descobrir meu plano e escapar. O modo só permite que ele acorde se for interrompido, então ele não ficará desamparado se for descoberto.

Assim que ele está acomodado em segurança sob o assento da nave, escondido da vista, encontro o olhar preocupado de Riser.

Ele acena com a cabeça, uma vez, mas não posso ter certeza se seu gesto calmante é direcionado a Bramble ou à tempestade de merda que estamos prestes a entrar voluntariamente.

— Bem-vindos a Hyperion. — Caspian diz — O imóvel mais exclusivo, luxuoso e bem guardado que existe. Estamos prestes a descobrir se o código do Flame passou na inspeção.

— Sim. — Flame insiste, assim que a rampa se abre.

E os rostos sérios de cinco centuriões nos aguardam.



CAPITULO 24



— Saiam! — A ordem dos guardas, suas vozes roucas enfiando meu corpo em pânico. Riser e eu fazemos contato visual e balanço a cabeça. Não sabemos se eles sabem ainda.

Os outros saem em fila. Eu sou a última. Enquanto eu me levanto e agarro Delphine pelos pulsos por trás, conduzindo-a em direção aos Centuriões que aguardam, eu forço meu rosto em um sorriso arrogante.

— Peguem a prisioneira. — Estalo, empurrando-a nos últimos três degraus. — Ela fede.

Delphine joga a cabeça para trás e me encara de forma assassina.

Os guardas olham de mim para Delphine, e eu sinto que a mentira está escrita em meu rosto. Hora da verdade para ver se o código de Flame funciona. Da minha periferia, vejo Riser e Flame pegando suas armas prontos para qualquer sinal de que fomos comprometidos.

— Por que há tantos de vocês? — o Centurião pergunta, seu rosto uma mistura de confusão e desconfiança.



É aqui que entra a próxima parte do nosso plano. Minha mãe já informou casualmente ao imperador que haveria mais prisioneiros. Agora temos que vender.

Com a ajuda de Caspian, encontramos monarquistas que morreram ou foram presos durante a batalha e então fizemos com que Flame usasse suas identidades. O rosto de Riser é a assistente de Delphine, cujo corpo, descobri, estava a apenas dois metros de distância de onde localizei Delphine.

A garota morreu protegendo-a, não que Delphine demonstrasse qualquer remorso.

Flame está se passando por um amigo Ouro de alto escalão de Delphine. Esperançosamente, seu status será alto o suficiente para acessar áreas restritas e descobrir onde estão mantendo Max.

Lash é seu assistente, para seu aborrecimento. Mas usar servos para Ouros poderosos tem seus usos. Como os Ouros que servem, os atendentes podem se mover livremente por todas as partes da nave. Mas, ao contrário de Ouros, a maioria dos servos não tem família na nave que possa reconhecer que algo está errado.

O Centurião ainda está me observando, seu rosto ficando mais tenso a cada segundo que eu não respondo. Então digo o que pratiquei ontem à noite.

— Eu exigi meu assistente de volta — Dou um aceno improvisado para Riser — e Caspian negociou mais alguns prisioneiros para virem conosco. Você sabe como o príncipe é bondoso.

Uma carranca se instala no rosto do Centurião. Todos nós esperamos, sem ousar respirar, meu pulso acelerado.

Finalmente o Centurião dá um passo à frente, a suspeita desaparecendo. Ele estende a mão para agarrar meu braço, mas hesita alguns centímetros de distância.



— O imperador quer ver você.

A confiança faz sua voz soar, mas por trás de sua confiança está... medo. De mim.

Não, de Delphine.

— Não me toque, porco. — Sibilo, passando por sua mão. *Demais?* Aparentemente não, porque os outros centuriões sorriem maliciosamente para seus irmãos abusados, quase como se esperassem.

Devemos estar dentro do Hyperion, mas é difícil dizer pelo hangar não descritivo. Paredes brancas atingem três andares de altura, estrelas brilhando de suas prateleiras. Cada um repousa dentro de seu próprio cubículo separado, empilhados uma em cima da outra.

Enquanto seguimos os Centuriões até uma porta, sou capaz de acessar o layout carregado o suficiente para saber que estamos indo em direção à asa oeste da nave, um orbe circular gigante cercada por sete camadas externas.

Ainda assim, o que quer que eu esteja esperando enquanto todos nós passamos pela porta do hangar para o Hyperion, nada me prepara para o mundo em que entramos. Não consigo descobrir para onde olhar porque quero olhar para tudo.

Os tetos arqueados de catedral que medem pelo menos dez andares. As paredes de marfim tão brancas, tão puras que quero tocá-las só para ver se são suaves como nuvens. Pilares dourados envolvem a sala, e lustres tão grandes quanto a nave estelar em que viemos pairam acima como nuvens de luz adornadas com joias, cada uma como uma obra-prima única de finos ramos de ouro cobertos por pássaros da cor vibrante de esmeraldas e rubis.

Eu não posso segurar um suspiro enquanto vejo rios da cor do céu cortando o chão. Os monarquistas flutuam pelo riacho sinuoso em barcos com tons de joias, suas risadas enchendo o ar.



Lembrando-me do aviso de Caspian, eu tiro meu olhar da grandeza ao meu redor e franzo o rosto em um olhar de desdém entediado. Atravessamos a enorme câmara e entramos em um corredor sinuoso que lembra uma tarde tempestuosa.

Pego Lash olhando e o belisco enquanto caminhamos. Mas todos nós não conseguimos olhar para frente ou adotar uma atitude de tédio, nossos olhares saltando descontroladamente. Graças aos deuses, os guardas mal prestam atenção.

Um disco de vidro circular fica no centro da última câmara em que entramos. Ela paira a um metro e meio do chão, degraus flutuantes de vidro que levam até ele. Eu mal hesito enquanto sigo os guardas, junto com os outros.

O que é esta coisa?

Quando o disco começa a subir, eu suspiro, antes de perceber que é um elevador.

Caspian desliza sua mão na minha e aperta. Por um momento, quase me afasto antes de lembrar quem eu sou. Delphine. Sua *prometida*. Sinto o olhar de Riser cair sobre mim, sobre minha mão enrolada com força na de Caspian.

É preciso toda a minha força de vontade para não me afastar.

Especialmente quando vejo nossos rostos espalhados pelas paredes da sala, ampliados para cem vezes o nosso tamanho. Minúsculas esferas semelhantes a bolhas balançam ao nosso redor, capturando cada movimento que fazemos de vários ângulos diferentes.

Mesmo sabendo que estamos sendo filmados, é difícil fazer minha mente perceber que a garota que estou assistindo sou eu e não outra pessoa. O rosto de Caspian parece o mesmo, mas o resto de nós todos temos rostos diferentes.



Pisco e os olhos de Delphine piscam na tela. Levanto minha mão livre e toco meu cabelo, Delphine levanta a mão na tela e toca seu cabelo loiro curto, balançando em seu queixo.

Surreal. Eu viro minha cabeça, muito perturbada com a imagem do rosto da minha inimiga no meu para continuar.

Eles devem ter telas de vídeo embutidas em todas as paredes deste Sim. Caspian aperta, e eu percebo que cada gesto entre nós será observado e examinado. Ele aperta minha mão *novamente*, duas vezes, e percebo que ele quer que eu mostre mais afeto.

O elevador está quase no topo do teto. Minha boca está seca. Ficando na ponta dos pés, eu escovo meus lábios sobre a concha de sua orelha enquanto uma onda de calor sobe pelo meu pescoço.

— Gosta... disso?

Ele dá um aceno minúsculo, quase imperceptível, antes de sorrir para as câmeras.

O som de grunhidos chama minha atenção para o fundo do disco, onde quatro guardas cercam Delphine. Sua mordada corta profundamente sua boca, seus olhos esbugalhados enquanto ela luta contra suas amarras. Um dos guardas quase não erra a bota dela quando ela cai em seu pé, sacudindo o chão.

Sem hesitar, o guarda enfia o cotovelo em sua barriga e ela se dobra, engasgando e respirando com dificuldade.

Isso dificilmente é uma fração do que ela merece. E ainda... no entanto, sinto uma pontada de tristeza por ela.

O disco para de se mover e eu mais uma vez hesito quando aparecem pavimentos flutuantes, claros como gelo. Temos dez andares de altura. Sem grades de proteção ou redes de segurança à vista.

Apenas um Sim. Apenas um Sim.



As palavras não fazem nada para o medo dar um nó em minha barriga e beliscar minha espinha, o suor escorrendo de minhas mãos. A parte lógica de minha sabe que, na verdade, esses degraus são na verdade parte de uma longa passarela com paredes de cada lado. Mas a parte covarde de mim não se importa, e Caspian vai primeiro antes que eu possa deixar a segurança do elevador.

Caminhamos pelo ar até uma nova câmara. Assim que passo pela soleira, estou caminhando sobre a terra, com a relva verde e macia sob meus pés. Atrás de mim, a terra se reduz a nada. Como se uma ilha flutuasse no ar.

Um castelo se ergue à distância e todos nós olhamos com admiração para a estrutura. As paredes são cristalinas, como profundas lajes de gelo, arco-íris voando nas curvas das quatro torres e dançando nas torres.

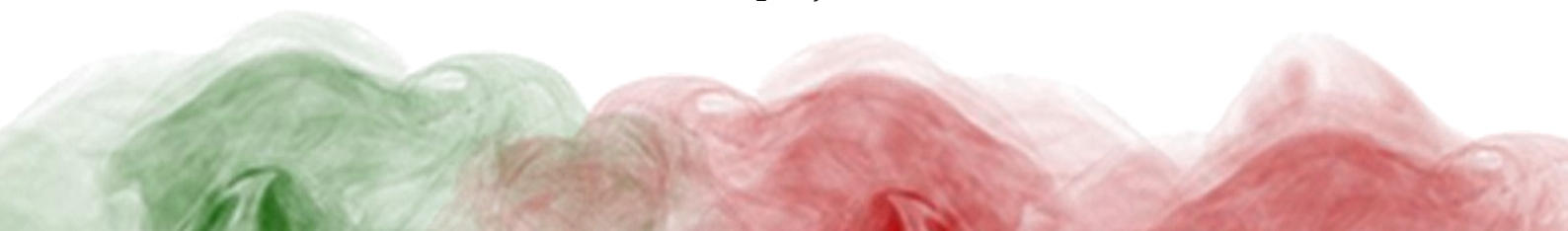
Caspian se inclina para mim como se estivesse prestes a beijar minha bochecha.

— Este é o lugar onde os Ouros de melhor classificação vivem no Hyperion, você e eu inclusive. Seu quarto fica no quinto andar.

Assim que ele diz isso, meu cérebro preenche as lacunas com o mapa carregado. Vejo o interior do castelo, um mundo cintilante de cristal e água. Mas a construção carregada não faz justiça à verdadeira experiência.

Como o imperador criou esse mundo, como ele conseguiu fazer tudo parecer tão real, não consigo entender isso.

Mesmo quando eu entro e *sinto* minhas botas cruzarem o piso liso e cristalino. Mesmo enquanto as fontes lançam jorros de água em gloriosos azuis, verdes e dourados, e o spray esfria minhas bochechas onde atinge. Mesmo com lumins do tamanho de melancias pairando ao nosso redor, lançando os mais belos feixes de luz que já vi.



— Bem-vindos à Cidade do Cristal — Diz Caspian. — Meu pai teve a coragem de dedicá-lo à minha irmã, Ophelia.

Assim que ele fala, eu a reconheço em tudo. As cortinas branco prateadas e tapetes da cor de seu cabelo, os móveis bronzeados da cor de seus olhos dourados, um tom mais escuro que os de seu irmão. Rosas como as que ela usava no cabelo no dia em que morreu sobem nos pilares, no corrimão.

É assustador e solidifica minhas suspeitas de que o Imperador é um psicopata. Somente alguém sem consciência gostaria de ser lembrado todos os dias da filha que assassinou.

Desta vez, em vez de um elevador, um conjunto de escadas em espiral nos leva ao céu. Torcendo cada vez mais rápido enquanto todos nós acendemos. A sensação é como andar em um carrossel que não para de subir, e uma bolha de náusea cresce logo abaixo do meu esterno até que preciso fechar os olhos.

Perto do topo, as escadas param de se mover de repente. Um grupo espera por nós. Enquanto examino os rostos, meu coração quase para. A arquiduquesa está ereta, boca definida em uma linha fina, usando um vestido preto com espartilho e cartola que lança uma mortalha escura sobre seu rosto.

Ao lado dela aguarda o Imperador, todo vestido de branco. O general, pai de Delphine, está do outro lado, junto com o que presumo ser a esposa do general, a mãe de Delphine. Ela tem os mesmos olhos grandes demais de Delphine que revelam uma falsa inocência. Cabelo pálido, quase sem pigmento, cai em ondas até a cintura. Uma parte de mim se pergunta se Delphine cortou o dela apenas para ser diferente de sua mãe de alguma forma.

Ao ver seus pais, a verdadeira Delphine começa a gorgolejar e se debater.

Ela tenta correr para eles, mas o guarda que a acotovelou da última vez a agarra pelo braço.



— Com tanta pressa de ser torturada, traidora? — Sorrindo maliciosamente, ele a joga contra eles e ela cai de lado. — Pronto. Você tem o seu desejo.

Quase paro de respirar quando vejo o brilho de excitação nos olhos claros da arquiduquesa. O imperador sorri para ela, quase da mesma forma que alguém olharia com orgulho para seu melhor cão de caça.

— Ela é toda sua, Victoria. Apenas lembre-se, não a mate... ainda.

Então ele mentiu para minha mãe. Surpresa, surpresa.

Os olhos de Delphine ficam brancos quando dois guardas a levantam pelas axilas e a carregam, suas botas arrastando pelo chão. Ela resiste e se contorce o tempo todo, para o deleite da arquiduquesa.

Faço outra oração rápida de agradecimento aos deuses que o código de Flame funcionou. Então os pais de Delphine estão me envolvendo em seus braços. Até o general, de quem me lembro como um homem frio e cruel, me segura com força. Lágrimas brilham em seus olhos.

Suponho que até os monstros têm coração. Não que Lash, que está olhando feio para o general e o homem que o chicoteou até ficar coxo, concordaria.

— Achávamos que você estava morta, querida. — Sussurra a mãe de Delphine, me apertando de um jeito que uma vez imaginei minha mãe fazendo quando nos reencontramos.

O general finalmente parece se lembrar de si mesmo e se afasta, enxugando os olhos com força. Vibrações metálicas ziguezagueiam na minha periferia. As câmeras. Isso tudo poderia ser para show?

Mais importante, como Delphine reagiria a tudo isso?

Ela abraçaria os pais de volta e choraria ou ficaria irritada com a atenção?



Minha decisão é fácil. Com um bufo irritado, reviro os olhos e empurro minha mãe para longe.

— Dê-me espaço, mãe. Estou bem. Veja? Agora, eu preciso de um banho depois de estar perto da escória Rebelde por tanto tempo.

A mãe de Delphine torce as mãos e me pergunto se eu exagerei na personalidade de Delphine. Mas então o general acena com a cabeça e lança um breve olhar para sua esposa.

— Rachael, é claro que ela está cansada. Você pode imaginar o inferno pelo qual ela passou? Não a sufoque.

Quase me sinto mal por sua mãe quando ela olha para mim com saudade antes de se afastar, e me pergunto se ela gostaria que Delphine fosse diferente do jeito que minha mãe gostaria que eu fosse diferente.

Todo mundo me olha com expectativa... *oh*. Eles estão esperando que eu saia correndo para o meu quarto.

Procuro as direções na minha cabeça, o mapa carregado piscando em minha visão interna. Mas está tudo confuso, meus nervos dificultando o acesso.

Então eu paro. — E o estúpido menino Fieniano, aquele que está sendo negociado por nós?

Tento fazer minha voz soar casual, como se eu pudesse me importar menos. Mas não tenho ideia se meu desespero veio.

O imperador, que está ocupado inspecionando Caspian como uma égua premiada, olha para mim. Há surpresa e... suspeita em seus olhos.

— O que tem ele?

— Eu só pensei que ele estaria aqui.



— Sério, Delphine. — Todo mundo está assistindo nossa interação agora, e posso sentir meu coração batendo na garganta. — Quando você começou a se preocupar com essas coisas?

Porcaria. Pensa rápido. — Oh, — Zombei. — eu só pensei que seria divertido ver sua expressão quando ele percebesse que sua irmã está sendo trocada por ele. — Eu sei que tenho que agir com cuidado mais longe, mas não posso deixar de acrescentar: — Talvez quando nós marcharmos com ele para mandá-lo de volta, possamos tê-la presente?

Principalmente porque, conhecendo o Imperador, tudo isso pode ser uma traição. Por mais que eu não queira nutrir a ideia, eles podem não planejar honrar sua parte do acordo.

Da minha periferia vejo Caspian relaxar, minha resposta é satisfatória.

Os lábios do imperador formaram um sorriso.

— Eu duvido muito que a arquiduquesa vá desistir de seu brinquedo agora que ela finalmente está de volta. E além. O menino não será mandado de volta por mais alguns dias. Até lá, sua irmã não será capaz de se mover, muito menos de pé.

Apesar da minha alegria em saber que Max está, de fato, vivo, preciso de toda a minha força de vontade para acalmar o arrepio no meu peito.

Isso poderia ser eu.

E o que ele quer dizer com mais alguns dias? Eu quero investigar mais, mas o olhar sombrio de Caspian me diz para não fazer isso.

— Agora — Diz o imperador, olhando para Caspian. — Você deve se preparar.

Com qualquer outra pessoa, Delphine sem dúvida perguntaria por quê. Mas este é o Imperador, afinal, e mesmo Delphine não seria estúpida o



suficiente para exigir nada dele. Então levanto uma sobrancelha recatada e questionadora.

— Por que, certamente você não esqueceu seu casamento com meu filho?

Agradeço aos deuses pela reação de Caspian, porque do contrário minha surpresa me denunciaria.

— Casamento? — Caspian sibila, e seu tom é exigente. — Hoje?

— Você não disse a ele que antecipamos a cerimônia? — O imperador me pergunta.

— Eu estava esperando até que estivéssemos realmente seguros.

O imperador estala a língua e sorri.

— Esta noite será o jantar de celebração e amanhã a cerimônia.

Atordoadada, eu marcho além da reunião. Torcendo contra a esperança de que meu batimento cardíaco não esteja sendo transmitido por toda a nave enquanto eu tropeço na direção que penso que é meu quarto. Tudo faz sentido agora.

É claro que o imperador quer que eu esteja lá para cuidar do garoto com quem fui conectada para me casar.

É o golpe final para os rebeldes. Seu líder, *eu*, amarrada e indefesa enquanto Caspian e Delphine se casam em Hyperion para que todo mundo veja.

Um sorriso irônico surge em meu rosto quando imagino a expressão do imperador quando ele perceber que não sou eu quem está amarrada e amordaçada, mas sim a futura noiva de seu filho.



CAPITULO 25



No momento em que a porta se fecha atrás de mim, caio contra a parede, jogo minha cabeça para trás contra o mármore frio e solto um suspiro.

— Eu não posso voltar lá.

— Amor. — Lash começa, seus lábios puxando em um sorriso. — Você tem um casamento para assistir. Eu acho que você meio que *precisa*.

Como a melhor amiga de Delphine, é natural que a garota que Flame personifica emprestasse a Delphine seu assistente. Já que, obviamente, um escravo pessoal não é suficiente.

Riser desliza pelo quarto como uma sombra, movendo-se de um canto a outro enquanto inspeciona o quarto... o que? Máquinas fotográficas? Armadilhas ocultas?

Depois que ele tem certeza de que o quarto está bem, seus ombros relaxam e ele ronda até mim, a pele ao redor de seus olhos comprimida.

— Limpo.

A monotonia de sua voz me deixa louca. Sem emoção. Não, *hey, então você vai se casar, vamos conversar sobre isso*.

Respiro fundo, expulsando o pânico do meu peito.



— Agora que este novo... acontecimento ocorreu, acho que precisamos acelerar o cronograma.

Antes, tínhamos tecnicamente quase dois dias para encontrar Max e escapar. Não que quiséssemos esticar isso, mas no primeiro dia aqui toda a atenção estaria naturalmente sobre nós, tornando mais difícil escapar sem sermos notados.

Lash ri, achando tudo isso um pouco engraçado demais.

— O que. Não podemos espremer um resgate entre o "sim?"

Olho para ele. — A cerimônia é amanhã à noite. O que você acha que acontece depois?

O rosto de Riser escurece, mas Lash apenas sorri aquele sorriso estúpido.

— As coisas boas?

Pelos deuses, eu poderia matá-lo agora.

— Isso se chama lua de mel. — Rosno. — Você sabe, aquela coisa que as pessoas fazem em particular? E eu duvido muito que Delphine estaria vagando pelos corredores procurando por Max quando ela deveria estar em algum lugar com Caspian.

— Ela está certa. — A apatia na voz de Riser se transformou em algo mais sombrio, mas não consigo identificar a emoção. — Precisamos começar a procurar por Max esta noite. — Nossos olhos se encontram e, por um momento, acho que ele vai dizer mais alguma coisa, mas então ele se vira em direção à porta. — Vou encontrar os outros.

Assim que ele sai, eu solto um suspiro irregular, o ar de repente respirável.

— Eu sinto que estou presa em um pesadelo sem fim que só está piorando.



— Você e eu. — Lash vai até a cama e se joga nas cobertas de seda azul. Ladrilhos de lápis-lazúli em todos os tons de azul cobrem o chão levando a uma varanda ampla. Sigo o padrão de diamante para as portas duplas, meus olhos fixos na faixa de turquesa brilhante, tingida de vermelho no horizonte.

— Um oceano? — Digo, mal acreditando. Abro a porta e uma brisa amena atinge meu rosto, salgada e real. Gaivotas crocitam e as ondas quebram e é tudo demais.

Lash não está me ouvindo, no entanto. Ele está muito ocupado olhando o quarto da ex-namorada. A garrafa de cristal de licor escuro e conjunto de taças combinando em uma bandeja dourada em cima de sua cômoda. O pente de prata ao lado deles, um emaranhado de cabelos claros presos em seus dentes de metal.

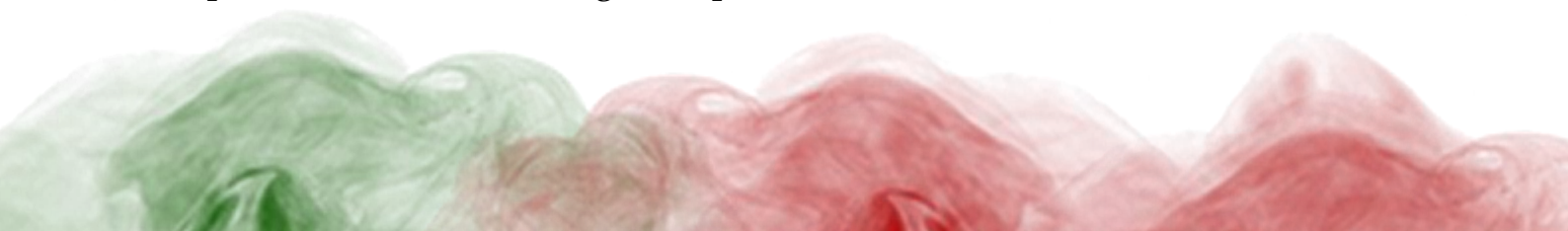
Mas principalmente seus olhos vasculham as imagens que revestem as paredes. Pinturas, principalmente dela, mas algumas de sua família também. Seus pais dominam uma pintura maior em uma alcova parcialmente cortada com cortinas douradas.

Uma pintura menor dela e Roman, seu gêmeo cruel, repousa em sua mesa de cabeceira.

Enquanto meu olhar vagueia sobre a borda áspera da mandíbula de Roman, seus olhos profundos e sobrancelha proeminente, outro fio de pânico se abre para dentro de mim.

— Oh, deuses, Roman saberá que não é Delphine no minuto em que estivermos no mesmo cômodo juntos. Temos que encontrar motivos para mantê-lo longe.

Como não pensei nisso antes? Posso enganar o imperador e os pais de Delphine, mas o seu irmão gêmeo perceberá a diferença imediatamente.



— Inferno, você está certa. — Lash, estica-se na cama com as mãos atrás da cabeça, de repente se levanta para uma posição sentada. — Roman é um bruto, mas ele possui uma espécie de astúcia que lhe permitiu sobreviver na corte por tanto tempo. Se alguém consegue adivinhar que você não é Delphine, é ele.

Lash conhece Roman. Não sei por que isso me surpreende. Eu deveria ter adivinhado quando ele revelou que Delphine era a garota cujo pai mandou açoitá-lo. Na verdade, essa coisa toda deve ser incrivelmente difícil para Lash.

— Ei, — Pergunto, sentando na cama ao lado dele. — você está bem? Você sabe, estar aqui e tudo. No quarto dela.

— Sim. — Seu olhar pousou no rosto de Delphine ao lado do de Roman. É uma pintura antiga, criada há vários anos, quando o rosto de Delphine ainda retinha uma camada de gordura de bebê que suavizava as bordas duras de suas bochechas e maxilar.

— Se você não se importa que eu pergunte, como você pôde se apaixonar por alguém como ela?

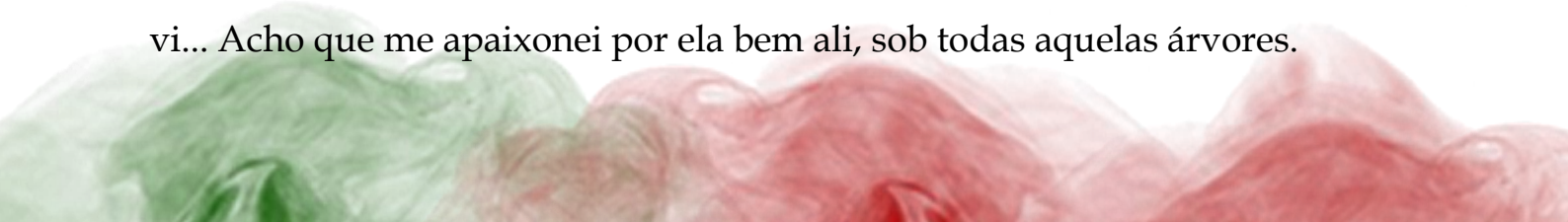
Lash solta um suspiro e cruza as mãos no colo. Ele parece abatido, como se o simples fato de pensar naquela época de sua vida tivesse aberto um abismo de velhas feridas.

— Acredite ou não, ela nem sempre foi a megera cuspidora de fogo que é agora. Ou talvez ela fosse, mas eu não vi. Eu não sei.

— Como vocês se conheceram?

Um sorriso fugaz interrompe momentaneamente a sombra em seu rosto.

— Meu pai era o médico do pai dela. Ele estava o visitando por causa de um antigo ferimento de guerra que os Reconstructores não podiam consertar e eu estava esperando no arboreto de sua família. No momento em que a vi... Acho que me apaixonei por ela bem ali, sob todas aquelas árvores.



— Quantos anos ela tinha?

— Quinze, mas ela agia como se tivesse mais. Ela era tão linda que doía. Como um caco de vidro brilhando na luz da manhã. Eu sabia que me apaixonar por ela doeria, só não entendia que isso quase me mataria.

— Você faria de novo? — Pergunto. — Sabendo como isso termina?

Um sorriso sombrio torce seus lábios.

— Provavelmente. Esses ainda são os melhores três meses da minha vida.

Pela primeira vez desde que conheço Lash, a irreverência se foi, substituída por um profundo sentimento de tristeza. A faísca de fogo em seus olhos, o humor implacável, quase desapareceu.

Toco seu braço e ele recua, assustado com alguma memória crua.

— Sinto muito, Lash.

Seus olhos brilham, uma centelha de luz. Mas as respostas normais que eu esperava dele não vêm.

Em vez disso, ele pega minha mão e aperta suavemente.

— Maia, se eu nunca te disser novamente o que você significa para mim, saiba que você é o meu mundo e eu não poderia ter pedido aos deuses uma amiga ou líder melhor.

Uma onda de emoção aperta meu peito, e luto com as palavras para responder. No final, minha garganta está muito apertada para falar, então eu o envolvo em um abraço.

— Amor, é você me dizendo que quer...

— Cale a boca, *Brig*. — Interrompo, apertando-o até que suas costelas quebrassem. — Não estrague isso.

— Você é a pior. — Exceto que sua voz diz o contrário, e quando ele se afasta para olhar para mim, seus olhos tingidos de expresso estão escuros de

emoção. — Agora, por mais que eu ame você em meus braços, não temos um jantar para prepará-la? Eu esqueci, amor, com qual príncipe você vai se casar?

— Nem mesmo brinque com isso. — Estremeço com o pensamento de hoje à noite. — Quanto a me arrumar, acho que não preciso de maquiagem, já que eles não podem ver meu rosto mesmo. Mas vou ter que colocar um vestido...

Um sorriso tímido ilumina seu rosto.

— Não na sua frente, pervertido. — Emendo, batendo em seu ombro.

A maçaneta dourada da porta de repente balança, forte. Nossa atenção muda para o som. Quando a porta não abre, batidas violentas ecoam na madeira grossa.

— Del. — Diz uma voz estrondosa. — Sou eu. Abra.

Roman.



CAPÍTULO 26



Algo pesado bate na porta, fazendo-a pular nas dobradiças.

— Acho que ele está tentando decifrar. — Sussurra Lash.

— Merda. — Deslizo para os meus pés, olhando a maçaneta da porta enquanto ela balança tão alto que acho que a fechadura vai quebrar. Olho para Lash. — Vá! Diga algo a ele. Eu não sei. Eu estou... nua.

Lash corre até a porta, diminuindo a velocidade conforme ele se aproxima. Ele espera por uma breve trégua no ataque e grita: — Del está se vestindo.

— Desde quando isso importa? — A voz é beligerante, marcada pela arrogância e raiva.

Abafado pela madeira grossa, não posso dizer se há suspeita em sua voz ou estou apenas sendo paranoica. De qualquer maneira, o pânico percorre minha espinha.

— Desculpe. — Lash diz novamente. — Ela irá encontrar você quando estiver pronta.

As batidas param. O silêncio que se segue é de alguma forma mais preocupante. Imagino os olhos profundos e redondos de Roman observando a porta enquanto ele decide se deve chutá-la ou ir embora.

— É melhor você dizer a ela que eu passei aqui, seu irritante. — Ele ordena, seu tom prometendo vingança se Lash esquecer.

Na verdade, não consigo ouvir as botas de Roman batendo no chão enquanto ele sai, mas posso *sentir* o peso do quarto subir. Como se Roman carregasse sua própria força de gravidade.

Lash afunda contra a porta, seu cabelo acobreado espalhado contra a madeira com painéis brancos como vinho derramado.

— Você vai ter que enfrentá-lo, você sabe. Eventualmente.

Ele tem razão. Um estremecimento sacode meu corpo e rouba meu fôlego. Eu sei que quando isso acontecer, seremos descobertos. Nós *poderíamos* incapacitar Roman de alguma forma... mas isso não nos daria muito tempo, e ele certamente faria falta no jantar de noivado de sua própria irmã. Eu não me oporia a matar o bruto, mas isso ainda deixaria o problema de sua ausência.

Em pânico, vasculho minha mente em busca de uma fraqueza, algo que possa usar para esconder meu segredo por mais tempo. Só por esta noite. Apenas o suficiente para encontrar Max. Algo para entorpecer sua mente para que não perceba que eu não sou Delphine.

Minhas memórias de Roman zumbem em uma torrente de imagens de Roman nos enganando. Roman rindo enquanto saímos do labirinto, queimados, traumatizados e espancados. Roman tentando me matar em seu Swifter com uma lâmina do tamanho da minha cabeça.

Pisco e a cerimônia do juramento surge como uma bolha de ar saindo de um lago. A noite em que ele machucou Ophelia na frente de todos nós, apertando seu rosto e arrancando as flores de seus cabelos. Ele era beligerante quanto ao poder e ao vinho...

— Vinho. — Deixo escapar.



— Provavelmente não é o melhor momento para levar uma surra.

— Não, vamos *deixá-lo* bêbado. — Esclareço, meu olhar caindo sobre a garrafa de cristal situada na cômoda perto da alcova. Uma janela de sacada fica acima do decantador, a gloriosa luz do sol falsa atingindo as centenas de facetas cortadas no cristal e refratando sobre a parede em prismas de fogo selvagens.

Lash segue meu olhar. — Agora?

— O mais breve possível. — Atravesso o chão. A tampa de cristal, em forma de cabeça de fênix, tilinta quando a levanto. Em seguida, retiro o pó branco e despejo metade dele no licor de cor âmbar.

— Uau, Graystone. Você está tentando matá-lo?

Encolho os ombros enquanto me aproximo dele.

— Eu só adicionei metade. Você disse que menos o deixaria sonolento.

Lash franze a testa enquanto observa o pó se dissolver, sibilando e borbulhando.

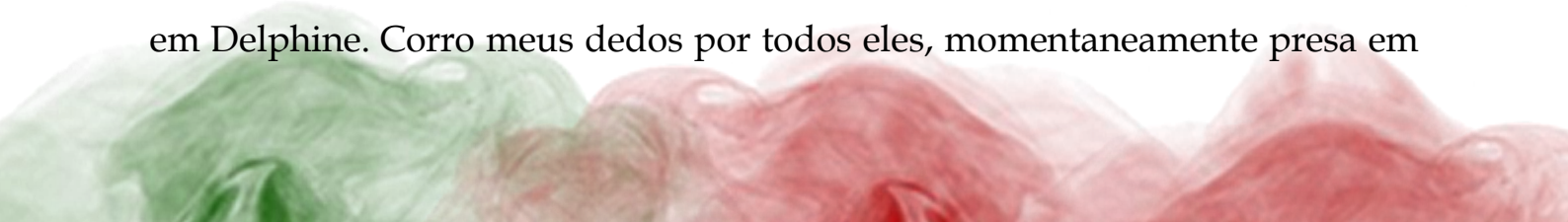
— Mas adicionado ao álcool, que é outro tipo de sedativo... Não posso prometer que ele não morrerá.

— Bem, é uma chance que estou disposta a correr. — Empurro a garrafa para ele. — Aqui, leve isso para Roman e diga a ele que quero comemorar, que já estou meio bêbada e quero que ele me atualize.

— Isso não é muito convincente.

— Acredite em mim. — Digo, empurrando a garrafa em seus braços relutantes. — Roman não precisa de muito convencimento.

Depois que Lash sai para encontrar Roman, procuro no armário de Delphine um vestido apropriado. Vestidos deslumbrantes de ouro, verde e rosa se espalham diante de mim, todas as cores que sem dúvida ficam lindas em Delphine. Corro meus dedos por todos eles, momentaneamente presa em



sua opulência absoluta antes de decidir sobre um número esbelto de champanhe incrustado com milhares de diamantes.

Assim que enfio o vestido — que é mais pesado do que parece — e consigo fechar o zíper, me avalio no espelho à direita do armário. No momento em que vejo meu rosto, eu me assusto.

Eu estava esperando o velho rosto. Mesmo que eu não consiga lembrar exatamente como aquela garota era. Esta, porém, parece estranha. Uma estranha por quem cruzei uma vez em uma multidão há muito tempo. Apenas familiarizada o suficiente para reconhecer, apenas diferente o suficiente para não confiar.

Corro dois dedos sobre as maçãs do rosto altas e redondas do meu rosto, as sardas quase imperceptíveis daqui. Passo o dedo pelo nariz reto, mais simétrico do que o antigo, mas não exatamente pequeno. Ainda assim, cabe no meu rosto, assim como minha testa alta e lábios curvados.

Meu cabelo cai pelas minhas costas, brilhante e anormalmente vermelho nesta luz. Decido não fazer nada com ele, já que todo mundo vai ver o cabelo loiro curto de Delphine de qualquer maneira.

Uma parte de mim se pergunta se as coisas teriam sido diferentes e minha combinação com Caspian nunca fosse quebrada, eu teria usado algo semelhante? O que eu faria com meu cabelo? Eu ficaria nervosa? Vertiginosa?

Eu teria assumido que o amava porque pensei que deveria?

Colocando os pensamentos de lado, coloco um par de saltos de dez centímetros que parecem estranhamente planos, provavelmente são e o Sim os faz parecer o contrário.

Desta vez, certifico-me de que tenho o layout de onde estou indo na minha cabeça antes de sair do quarto. Enquanto me concentro, vejo o Palácio de Cristal se desdobrar, cômodo após cômodos de maravilhas e

impossibilidades. Sei, sem olhar, que se andar direto dez metros pelo corredor, atingirei uma câmara onde se pode dançar nas nuvens.

Quinze pés à minha direita estão quartos ainda mais opulentos que o meu, incluindo o de Caspian. Eu sei que seu quarto tem quatro antecâmaras e uma varanda que envolve o mesmo oceano falso. Que ele tem uma cama com o dobro do tamanho da Delphine e uma piscina dentro do banheiro em vez de uma banheira.

Eu também sei que Caspian não está dentro de seu quarto, mas no andar de cima, no quarto de seu pai.

Junto com o layout carregado do Hyperion, Flame incorporou um código localizador dentro da programação que mudou nossa aparência. Este ajuste adicional nos permite ver onde todos estão dentro do layout carregado.

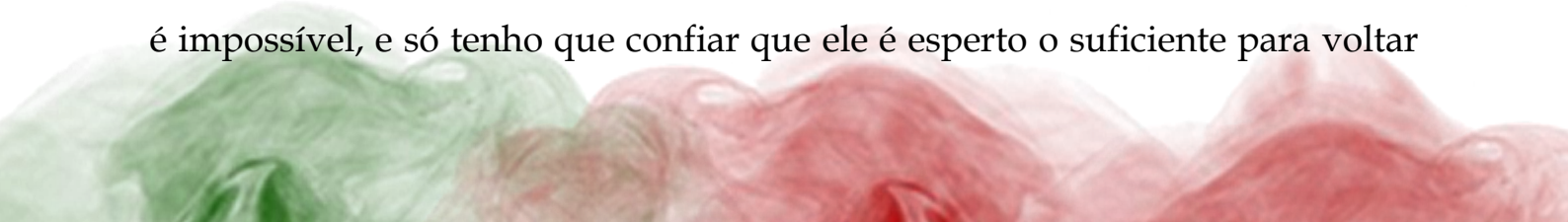
Só preciso fechar os olhos e pensar no nome de alguém e um ponto aparece no mapa interno.

É prático, mas também estranho, como se eu estivesse espionando meus amigos. Não que isso me impeça de encontrar Riser em seguida. Um ponto pulsa ao longo de um longo trecho do que eu acho que a princípio são corredores. Não, não corredores. Eles são muito altos, muito estreitos. E eles aparecem em minha mente como linhas vermelhas tênues cruzando o mapa.

Eles são dutos de ar nas profundezas do Palácio de Cristal.

Ele deve estar usando-os como uma forma de viajar pelas áreas restritas. Meu coração dispara com a ideia de ele correr tais riscos. Do que aconteceria se ele fosse pego.

Por favor, tome cuidado, peço, desejando que Flame tivesse adicionado um código para nos deixar falar um com o outro também. Talvez a distância me permitisse dizer todas as coisas que não consigo falar perto de Riser. Mas isso é impossível, e só tenho que confiar que ele é esperto o suficiente para voltar



para mim e que serei corajosa o suficiente para dizer a ele como me sinto quando ele voltar.

Com um suspiro final, eu atravesso o corredor para a esquerda, que me levará ao elevador que leva ao refeitório onde meu jantar de comemoração está sendo realizado. Sabendo que cada movimento meu está sendo gravado por câmeras, forço minha cabeça ficar erguida, educando minha expressão em uma de desdém em vez de ansiedade.

Enquanto deslizo pelo corredor, meu vestido balançando suavemente sobre o piso de mármore polido, eu faço uma oração rápida por todos nós.

Para Max aguentar mais algumas horas.

Para Riser não ser pego.

Para Lash embebedar Roman sem matá-lo.

E para eu executar o plano mais audacioso de todos os tempos.

Se conseguirmos isso, vou ficar devendo aos deuses uma tonelada de favores.



CAPITULO 27



Um atendente me encontra antes que eu chegue ao fim do corredor. Ele está vestido com um colete prateado e dourado, botões esculpidos em fênix cobrindo cada lado de sua gravata.

— Dama Delphine. — Ele murmura, me guiando através de uma infinidade de câmaras e corredores iluminados por luzes suaves no chão.

Meu estômago aperta quando nos aproximamos de um canal de três metros de largura. Gôndolas balançam na superfície das águas azuis profundas, atendentes esperando para guiar os convidados por uma arcada coberta com orquídeas amarelas e roxas. O atendente me ajuda a subir no barco de madeira, que se inclina ligeiramente sob meu peso, e então solta a corda que o prende ao lado.

Enquanto nosso barco desce o canal, passando por apartamentos acima, vejo uma figura escura pulando em uma gôndola com a graça de um gato. Uma mecha escura de cabelo cobre um olho, e quando nos dobramos em uma curva e fora de vista, nossos olhos se encontram.



Por aquele piscar de um segundo, é como se uma corda nos conectasse. Eu me pergunto se meu olhar transmite minha felicidade por Riser estar seguro, por enquanto. Ele pode ver o quanto eu sinto?

Em seguida, paredes altas de mármore com veios de ouro substituem sua imagem, carregada de tiras de orquídeas e madressilvas. E somos levados mais fundo no castelo que não é um castelo, descendo um rio que provavelmente não é um rio e um barco que provavelmente não é um barco de verdade.

Como todas essas pessoas podem concordar em morar aqui, sabendo que tudo é uma ilusão?

Outra arcada gotejando flores aparece. Eu sei que qualquer lugar que eles escolheram para hospedar o jantar de Caspian e Delphine será elaborado, mas ainda não estou esperando o que me espera do outro lado do arco. Um lago brilha, todo turquesa e vibrante, ondulações se espalhando da extremidade do nosso barco e deslizando pela água. Enquanto meu olhar desliza pelo céu azul marinho coberto de nuvens, tenho uma sensação de desencarnação.

Isso não pode ser real. Estamos dentro de uma nave espacial. E ainda... ainda assim...

O sol beija meu rosto e a água esfria meus dedos enquanto os mergulho.

Um pavilhão flutuante aguarda, as orquídeas envoltas em longos dedos roxos como estandartes perfumando o ar com uma fragrância doce enjoativa. O fundo do barco estremece ao atingir o fundo arenoso da costa, e então pavimentos de lápis-lazúli sobem da superfície cristalina.

Eu quero hesitar. Para tomar tudo por um longo tempo. Em vez disso, atravesso o pavimento e chego à margem, a bainha do meu vestido cheia de água.

O pavilhão tem aproximadamente o tamanho de um prédio pequeno, grande o suficiente para acomodar incontáveis Ouros. Eles usam roxo com

detalhes em ouro, orquídeas pregadas em seus seios e sorrisos estampados em seus rostos.

A raiva se agita dentro de mim enquanto imagino o terror lá embaixo. Enquanto a sombra escura de Pandora beija nosso planeta, os Ouros dançam e festejam.

Me deixa doente.

Caspian parece majestoso dentro de um terno roxo escuro que destaca seus olhos e cabelos dourados. Apesar do meu desconforto, sorrio ao vê-lo. Ele acena para mim e eu me lembro de escorregar na minha personalidade Delphine. Fazendo caretas e basicamente sendo uma pessoa horrível.

Um garçom se aproxima com taças de champanhe brilhantes. Pego uma das taças de haste delicada, deslizando a bandeja e rindo quando ela cai no chão. O garçom, um homem de bronze com cabelos castanhos ralos e olhos aterrorizados, leva a mão ao rosto como se para repelir golpes.

Seu medo abjeto me deixa doente.

— Você tem sorte que sua falta de jeito não estragou meu vestido. — Estalo, cada palavra odiosa como veneno na minha língua. O pobre homem inclina a cabeça e desvia os olhos enquanto arranca pedaços de vidro quebradas ao nosso redor.

Caspian pega minha mão. Seus olhos têm um brilho estranho que os faz parecer pedaços perfeitamente lisos de âmbar. Ele me puxa para um local próximo à cabeceira de uma longa mesa no meio do pavilhão.

— Você parece... — Ele engole, aperta os lábios. — Eu sei que isso não é real, mas, se fosse, eu seria o homem mais sortudo do mundo.

Algo se aglomera sob meu esterno. Não é pavor, exatamente, mas uma emoção que não consigo entender.

— Alguma sorte em encontrar... a minha pulseira faltando?



Não posso me dar ao luxo de dizer o nome de Max, caso alguém esteja ouvindo.

Caspian balança a cabeça.

— Desculpa.

Tento esconder a onda de decepção que toma conta de mim. Se eu pudesse ir procurá-lo sem ser notada.

Mordendo de volta minha impaciência, aceno e vasculho os convidados para os outros.

— Talvez eles tenham encontrado algo.

Como se fosse uma deixa, Riser salta graciosamente da ponta de uma gôndola, pousando suavemente na costa arenosa.

Tento desviar o olhar. Afinal, ele é apenas meu assistente, uma garota mansa que provavelmente não duraria uma semana com a verdadeira Delphine. Mas me sinto atraída pela familiaridade de seu rosto, os ângulos agudos de suas maçãs do rosto e o contraste abrupto de sua pele pálida contra seu cabelo preto.

Caspian limpa a garganta e eu olho para longe. Uma campainha toca, e os aglomerados desordenados de pessoas formam filas organizadas enquanto se aglomeram na mesa para se sentar.

Colocando dois dedos logo abaixo do meu cotovelo, Caspian me guia até uma cadeira perto do Imperador, que ocupa o assento da cabeça. Minha respiração fica presa quando seu olhar cai sobre mim. Astuto e avaliador. O olhar pesado de um homem que pode acabar com minha vida com um único gesto.

Eu o ignoro como Delphine faria, presa demais em seu próprio mundo para me importar. Os pais dela estão sentados na minha frente, mas eu também os ignoro, como imagino que a verdadeira Delphine normalmente faz. Faço



um show para pedir mais champanhe, mesmo que tenha que derramar disfarçadamente.

Um assento vazio espera à minha esquerda.

O olhar do Imperador salta de mim para a cadeira vazia, uma carranca contraindo seus lábios.

— Onde está Roman hoje à noite?

Lanço um olhar preguiçoso para o Imperador, forçando minha expressão a não trair meu ódio por ele.

— Você conhece Roman. Ele estará aqui.

Os olhos do imperador de repente se erguem para se concentrar atrás de mim, onde Riser deve ter tomado seu lugar como minha assistente. A respiração fica presa na minha garganta. Por um segundo, seu olhar permanece. Ele pode de alguma forma sentir que seu filho está atrás de mim?

Eu sei que isso é ridículo, mas ainda assim...

O pai de Delphine, o general, se levanta de repente. Ele está em um traje militar completo, seu cabelo grisalho penteado de forma inteligente para o lado e seus olhos penetrantes de excitação. Eu o vejo fazer um discurso sobre Caspian e minha felicidade. Assisto Caspian e eu aceno e sorrio como se estivesse vendo um filme com outras pessoas.

E então todos eles olham para nós enquanto Caspian se inclina em minha direção, seus olhos ainda brilhando com brilho, suas bochechas coradas, e me beija. Seus lábios são quentes têm gosto de champanhe. Sua respiração sai irregular e quente.

O beijo é desajeitado, embaraçoso. Provavelmente porque eu não esperava por isso e porque Riser está atrás de mim.



Segue-se um rugido de palmas. O som ecoa na água e enche meus ouvidos. O champanhe continua chegando. Torna-se cada vez mais difícil despejá-lo. É cada vez mais difícil recusar as bebidas que nunca acabam.

Estou tonta, dominada pela atenção e pelo álcool e pelo terror absoluto de estar cercada por tantos inimigos enquanto cada movimento meu é observado de cima.

Uma voz irritada e arrastada atrai meu foco para a costa, no momento em que Roman cai de uma gôndola vermelha na água. Meu coração dá um soco na minha garganta. Ele ainda está em uma boa saída, e Lash pula para ajudá-lo a chegar à costa. O tempo todo, Roman pragueja e grita.

Quando ele tropeça para a margem, suas bochechas estão em um tom violento de escarlate, seus olhos vidrados e desfocados. Ele caminha até a mesa enquanto seus pais e o Imperador assistem, usando expressões de desaprovação.

— Talvez você deva ir se deitar. — Diz o general, com nojo impregnando seu tom.

— E talvez eu deva ficar e tomar outra bebida. Estou com muita sede, pai. — Roman sacode sua cabeça enorme para Lash. — Onde está minha bebida, formiga mijada?

Lash me lança um olhar antes de correr para uma mesa cheia de taças de ouro.

Olho para trás na direção de Roman, meu peito apertado e ombros cerrados. O que Delphine faria nessa situação? Erguer Roman? Ter vergonha e tentar fazê-lo ir embora?

Antes que eu possa reagir, o olhar desleixado de Roman me encontra e seu rosto fica incrivelmente imóvel.



— Aí está você! — Ele berra. Seu corpo pesado bate na cadeira vazia com um baque horrível, seu cotovelo derrubando a taça de champanhe do homem à sua esquerda. Seus dedos apertam dolorosamente em volta do meu braço, me forçando a estremecer. — Por que você está me ignorando, irmã?

— Solte, seu idiota. — De alguma forma, faço minha voz exatamente como a de Delphine. Orgulho e aborrecimento marcando seu tom alto.

E, no entanto, Roman apenas me encara e me encara como se de alguma forma, em seu estado de embriaguez, ele pudesse penetrar o código que o fez ver sua irmã.

— Quem é você?

Encolhendo-me, pego uma taça de champanhe, esperando que ninguém mais o ouvisse.

— Saudações ao meu irmão, que nunca deixa de nos entreter.

Seus dedos gordos ainda estão em volta do meu braço e agora começam a apertar. Cada vez mais forte. Minha carne dói sob seu aperto, meu osso machucado e quente.

Roman cava suas unhas em minha carne. — Quem é você?

— Me solta. — Ordeno. Os rostos dos outros estão observando, mas é o imperador e sua atenção repentina que faz meu pulso pular em uma pirueta selvagem.

— Você não é... Delphine.

Uma centelha na minha periferia. Eu só tenho tempo de virar à minha esquerda para ver Lash segurando uma taça de vinho inclinada em minha direção. De alguma forma, ele consegue fazer parecer que Roman derruba a bebida que está lhe dando. O líquido escuro atinge meu peito e estômago antes de respingar na toalha de mesa dourada.



Minha reação é imediata. Fico de pé, a cadeira voando atrás de mim, e grito: — Seu idiota!

Roman está piscando para o gigante, espalhando manchas no meu vestido. A confusão diluindo sua suspeita meio bêbada.

— Claro que você iria estragar tudo, Roman! — Olho entre ele e meus pais, imaginando Delphine fazendo o mesmo. — Você não pode fazer algo sobre ele? Você o deixou estragar tudo!

Apontando para Lash e Riser, eu corro em direção a um dos barcos, certificando-me de fazer ruídos frustrados quando meus calcanhares perfuram a areia. Quando chego à costa, espero com os braços cruzados enquanto Riser estabiliza o barco e Lash levanta a bainha do meu vestido arruinado.

O barco balança e balança com o peso de nós três, mas nunca senti tanto alívio em minha vida. Riser e Lash remam em silêncio. E cada centímetro de distância entre o pavilhão e nosso barco afrouxa outro nó em meu estômago.

Quando o barco está longe o suficiente para que eu me sinta segura, afundo no assento e dou um longo suspiro. Só Roman poderia sobreviver a sedativos suficientes para nocautear um cavalo e de alguma forma conseguir se tornar uma versão *mais* detestável de si mesmo.

Se alguém vai arruinar este nosso plano, é Roman.



CAPITULO 28



Assim que chegamos ao cais onde ficam as gôndolas, todos saltamos. Riser olha em volta antes de dizer: — Nossos *amigos* podem ter encontrado aquilo que você está procurando, Delphine.

Meu coração salta no meu peito.

— Eles fizeram e está inteiro?

— Tudo o que sabemos é que eles descobriram uma área que não está no mapa. Alguns dos servos Bronze disseram que às vezes levam comida lá, mas que a comida é escassa, biscoitos e água, e eles são parados por guardas na parte inferior da escada.

— Como uma prisão.

Ele concorda.

— Isso tem que ser onde eles estão mantendo-o.

Ele e Lash trocam olhares. — É adorável. Mas antes de fazermos qualquer coisa, precisamos confirmar se ele está lá. Nossa melhor chance é recuperá-lo durante a cerimônia amanhã, quando toda a população estará distraída.

Sua voz capta a palavra *cerimônia*.

— Não há como fazer isso esta noite? — Mas, mesmo enquanto digo isso, sei que ir correndo esta noite é uma má ideia.

Ele balança a cabeça. — Precisamos confirmar a inteligência primeiro. Necessidade de ver quantos guardas existem, qual o tipo de lugar que estão armazenando-o.

Esfrego minha testa com raiva.

— Bem, pode estar com fome e frio. E se... e se eles estiverem machucando-o?

Riser estende a mão como se quisesse me confortar, então pensa melhor, seus dedos se enrolando a centímetros do meu ombro.

— Você sabe que eu o quero de volta tanto quanto você, mas temos que ter cuidado.

Aceno, embora eu queira gritar. — Eu posso encontrar uma maneira de ver se está lá embaixo. Talvez Delphine exija ver Maia acorrentada. Parece algo que eu faria.

— Bom. — Riser me observa mais um segundo. — Agora vá colocar um vestido novo e exija vê-la. Se isso não funcionar, vamos apenas encontrar outra maneira.

Cheia de ansiedade e esperança, rapidamente coloco o vestido verde esmeralda com uma fenda na lateral, em seguida, encontro o caminho de volta para o jantar bem a tempo da sobremesa. Roman, graças aos deuses, se foi, com sorte desmaiou em algum lugar.

Empurrando um garfo em volta do meu bolo de chocolate lava, eu dou um suspiro irritado e anuncio o quão entediada estou. Agora, o Imperador e o general estão envolvidos em uma discussão sobre recursos, e a mãe de Delphine ficou completamente bêbada. Eles mal parecem me notar.



— Que tal uma visita aos traidores? — Deixo um sorriso cair lentamente no meu rosto, como se a ideia fosse a única coisa que me faria feliz.

A mãe de Delphine acena com a mão para mim.

— Por que não dançar em vez disso, querida?

— Porque eu não quero dançar, mãe. — Olho para ela. — Esta é a minha noite, não é? E o melhor presente de casamento do mundo é ver punida a traidora que me capturou e me acorrentou.

O general lança seu olhar para nós com uma expressão mais parecida como se ele estivesse tentando mediar entre dois exércitos.

— Sobre o que vocês duas estão discutindo agora?

A mãe de Delphine bate metade de sua flauta antes de responder.

— Ela quer ver aquela garota rebelde.

— Eu *quero* vê-la punida.

O general olha para mim. Eu posso dizer pela maneira como seus olhos brilham que ele está orgulhoso.

— Não há nada mais satisfatório do que ver seu inimigo derrotado. Vá, mas não deixe seu vestido sujar de sangue.

A atenção do imperador está repentinamente na conversa, e ele acena com a cabeça para Caspian.

— E leve meu filho. Ele precisa ver o que acontece com os traidores.

— Seu olhar desliza para seu filho, algo próximo ao nojo cintilando em seus olhos. — Algum dia, a tarefa de punir aqueles que desafiam nosso reinado cairá sobre você.

Eu me sinto dolorida no estômago quando Caspian desliza de sua cadeira para me seguir. Que tipo de infância Caspian deve ter sofrido? O imperador sempre foi assim ou foi realmente diferente antes da morte de sua mãe?



Não tenho muito tempo para contemplar esses mistérios antes de partirmos, um guarda centurião liderando o caminho para onde quer que estejam mantendo os prisioneiros. De volta ao barco, passamos por baixo dos arcos, mas em vez de parar na curva de onde embarcamos antes, continuamos. Seguindo nosso caminho cada vez mais fundo na nave.

Os apartamentos dão lugar a prados repletos de flores silvestres e paisagens montanhosas pontilhadas de chalés. Caspian sussurra em meu ouvido que alguns dos Ouros de alto escalão vivem no topo das montanhas, enquanto seu próprio pai mora dentro de uma câmara que se torna uma casa nas nuvens.

Pela primeira vez na vida, considero uma possibilidade horrível. E se o imperador nunca planejou salvar nosso planeta? Por que salvar algo quando você pode apenas esperar até que a lousa seja limpa e então recriar o mundo perfeito? Um que funcione como seu próprio playground pródigo, usando tecnologia que você proibiu de usar?

Com as mortes previstas, mais da metade de nossa população terá ido embora quando o mundo estiver habitável novamente. Deixando o imperador e sua corte mergulhar e assumir o controle, exceto, que desta vez, haverá muito pouca oposição ao seu governo.

E, se milagrosamente, os bronzes restantes recusarem a escravidão, também...com a arma que meu pai criou, aquela destinada a parar o asteroide, o Imperador seria imparável.

O medo incha minha barriga com o pensamento, e solto um suspiro para me acalmar. *Uma coisa de cada vez.*

O rio fica mais lento e desembarcamos. Escadas íngremes levam a uma parte sombria e menos desenvolvida do navio. Paredes de concreto e metal cintilam na luz fraca.



O Centurião acena para uma porta no final da câmara.

Assim que a porta se abre e as escadas aparecem, levando para a escuridão, minha respiração engata. Caspian pega minha mão, me puxando para baixo atrás dele. A escada é apertada, muito apertada para andar lado a lado. Eu sigo o cabelo pálido de Caspian como um farol enquanto meu pulso acelera.

E então os degraus se achatam em um corredor longo e úmido. Luzes piscam perto do final, onde os guardas estão ao lado de outra porta. Esta porta é toda de metal com uma fechadura enorme. Meu coração gagueja em uma sinfonia selvagem de batidas enquanto um suspiro escapa dos meus lábios.

— Ele está lá. — Sussurro, desespero afiando minha voz. — Eu sei que ele está.

Meu irmão está a apenas alguns passos de distância. Demoraria muito pouco para libertá-lo. A compreensão traz uma espécie de pânico selvagem dentro de mim. Olho os guardas, as pistolas firmemente alojadas em coldres na cintura. Pensamentos malucos de dominá-los passam por mim.

Uma sombra se projeta das bordas das paredes e um rosto familiar me cumprimenta. Riser. Ele balança a cabeça, passando um dedo na minha mão.

É apenas um toque. Quase não dura um segundo. Mas esse simples gesto me afasta de minhas ideias perigosas e me planta firmemente de volta à realidade.

Se eu libertar Max agora sem um plano, todos nós morreremos nesta nave. Precisamos descobrir a localização das câmeras. Quantos guardas passam por aqui. Quantas saídas.

Seja esperta. Solto uma respiração forte e aceno, forçando meu coração a desacelerar enquanto as ideias de violência drenam de minha mente.



Em vez disso, conforme os guardas começam a abrir a porta para o que quer que esteja do outro lado, concentro-me em absorver o máximo de detalhes possível.

Um par de chaves. Quatro guardas no total deste lado da porta. Uma entrada e saída. Câmeras em todos os lugares.

Nós deslizamos pela porta para o que parece ser uma enorme câmara com piso e paredes brancas.

A primeira pessoa que vejo é Delphine. Ela está sentada no chão, os braços abraçando os joelhos. Sua cabeça se levanta e o reconhecimento lentamente se espalha por seu rosto. Seguido de raiva.

Pulando de pé, ela corre direto para nós

Uma parede invisível se acende, fios de eletricidade verde neon surgindo no espaço vazio, e ela se desmancha em uma pequena bola. Eu a vejo se contorcer por um momento horrível, pensando em como isso deveria ser eu...

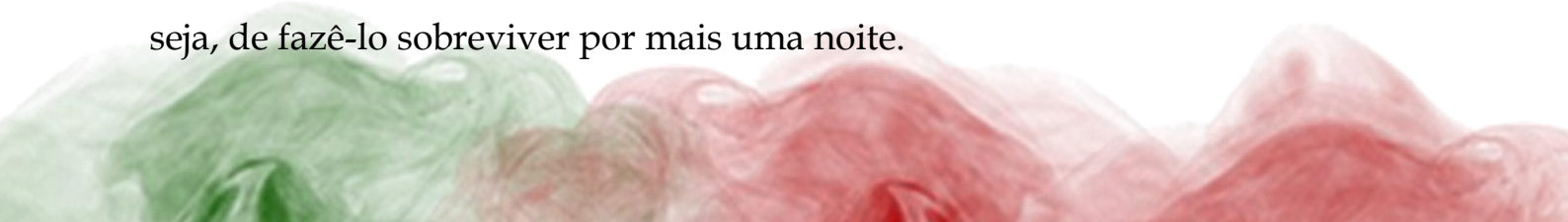
E então uma oscilação na minha periferia arrasta meu foco para o meio da sala. Uma pontada de familiaridade me atinge quando vejo os traços suaves do rosto de Max, meio homem meio menino. Seus olhos, arregalados e turvos pela falta de luz do sol e sono. Seus cachos estão presos à cabeça de um lado, como se ele estivesse descansando.

Um hematoma roxo escuro escurece sua têmpora

Desvie o olhar. Desvie o olhar.

— Eu quero ver este prisioneiro. — Ordeno, meu corpo inteiro tenso para não tremer quando aponto para Max.

Caspian e Riser lançam olhares penetrantes para mim. Estou saindo do script. Mas tenho que encontrar uma maneira de deixá-lo saber que estamos aqui. Que estamos tentando. Eu preciso dar a ele esperança, por menor que seja, de fazê-lo sobreviver por mais uma noite.



Mais dois guardas estão deste lado das celas e os dois balançam a cabeça.

— A arquiduquesa ordenou que ninguém, exceto ela, tivesse contato com os prisioneiros.

A arquiduquesa. Onde ela está? A repentina percepção de que não a vi me atinge com força.

Canalizando minha cadela interior, eu enrolo meus lábios em um sorriso rançoso.

— Estou prestes a ser imperatriz, seus idiotas. Quem vocês acham que tem mais poder aqui? Aquela vira-lata louca ou *eu*?

Eles hesitam, ambos trabalhando para determinar a resposta à minha pergunta como se suas vidas dependessem disso porque dependem. Finalmente, o guarda mais próximo balança a cabeça e entrega um círculo de metal do tamanho de uma pulseira.

— Coloque isso e você pode entrar na cela sem ser eletrocutada.

Não hesito antes de colocar a pulseira no pulso.

— Bom. — Estalo, certificando-me de que o guarda sinta meu aborrecimento por ter que esperar. — Agora corra enquanto eu jogo um pouco.

O guarda desliza para a outra sala, levando o outro com ele.

Assim que a porta se fecha atrás deles, vou até Max, me forçando a andar devagar quando quero correr. Ele ainda está sentado, franzindo a testa para nós com tanta coragem quanto ele pode reunir.

Seu olhar continua indo de mim para Caspian, provavelmente se perguntando como Caspian chegou aqui.

Uma pontada de eletricidade zumba em meus ossos enquanto atravesso a cerca invisível que o mantém prisioneiro, apenas o suficiente para saber que está lá. Cada passo que dou em direção a Max torna mais difícil para mim



manter minha fachada. Tudo que eu quero fazer é pegá-lo em meus braços, mas não posso.

Mesmo que eles estejam na outra sala, devo presumir que nossa interação está sendo monitorada.

Não posso me dar ao luxo de demonstrar afeto a Max.

Quando estou a um pé de distância dele, Max se encolhe, protegendo o rosto com o antebraço como se eu fosse inteligente demais.

— O que você quer?

Sua voz é tão corajosa, seu medo mal detectável. Minha garganta se contrai.

— Como é? — Falo lentamente, meu cérebro lutando por uma maneira de dizer a ele que estou aqui sem alertar ninguém.

Percebendo que não vou machucá-lo — pelo menos, ainda não — ele deixa cair o braço, revelando olhos azuis tingidos de vermelho e um lábio arrebitado.

— O que?

— Estar *tão* perto de sua irmã. — Digo, minha voz perdendo seu tom ácido enquanto meu foco desliza para Delphine na próxima cela. — Tão perto, mas você não pode falar. Ela não pode *confortar* você.

Ele aperta os olhos para mim, confuso. Então seu olhar segue o meu até Delphine, que está gemendo e ainda se contorcendo no chão.

Engraçado, percebo. Max não reagiu quando Delphine se machucou.

Conhecendo Max, se ele realmente pensasse que eu estava sofrendo, ele teria agido de alguma forma. O que significa...

Ele sabe que o prisioneiro ao lado dele não sou eu.

— Não acho que ela seja capaz de confortar ninguém agora. — Max responde.



— Que pena. — Levanto um canto da minha boca, esperando que ele veja o gesto. Qualquer coisa a mais seria empurrar para quem está assistindo. — Aposto que ela é uma irmã mais velha e mandona.

Max pisca. Uma vez. Duas vezes. Então algo passa sobre ele, a sombra escurecendo seu rosto iluminando-se.

— Ela é. — Ele concorda. — É irritante.

Seu rosto não mudou, mas seus olhos... lágrimas molham os cantos.

Ele *sabe*.

Reprimindo uma réplica, volto ao modo Delphine antes que alguém perceba que não estou sendo horrível.

— Eu vou me casar amanhã. Talvez eu te faça um convidado. Esteja *pronto* para o seu convite, verme.

Os olhos de Max brilham, o que espero que signifique que ele entendeu minha mensagem e não está simplesmente rindo de mim.

Então, para encerrar essa charada, ele cospe nos meus pés.

— Você é uma idiota.

É preciso um para conhecer um, quase respondo.

Mas só uma irmã diria algo tão infantil, então giro nos calcanhares e me afasto, rindo cruelmente.

— Veremos quem é o idiota quando o seu mundo inteiro queimar, verme.

Cada passo para longe dele parece uma tortura, e me forçar a arrancar o punho é quase impossível. Meu coração martela dentro do meu crânio enquanto jogo a pulseira de metal no guarda. Eu praticamente corro enquanto refazemos nosso caminho de volta através da porta e subimos as escadas. Saber que a cada segundo que não fujo aumenta as chances de atacar os guardas.



Assim que estamos perto do quarto de Delphine, caio contra uma parede. Incapaz de se controlar enquanto a alegria de ver Max colide com o estresse de deixá-lo.

— Nós o deixamos. — Murmuro. — Nós o deixamos.

Caspian e Riser correm para o meu lado.

Por um momento tenso, eles se encaram e acho que haverá uma briga. Mas então Riser deve se lembrar que, para qualquer um que olhe, ainda sou Delphine, porque ele para, por pouco, seus olhos incompatíveis encontrando os meus por um instante antes de partir.

Caspian pega minha mão enquanto Riser desliza para as sombras. Eu mordo meu lábio para não gritar por ele.

Agora que estamos tão perto, agora que vi Max e sei que é possível resgatá-lo, não podemos arriscar.

Mesmo se eu quisesse Riser em meus braços agora, não Caspian. Mesmo se eu quisesse abrir meu coração para Riser. Para dizer a ele que sinto muito. Que eu o escolho.

Ele, não seu irmão mais novo.

Só mais uma noite. Então essa fachada acabará e podemos conversar. Descobrir as coisas como um casal normal.

Casal.

Mas a palavra parece muito normal para o que temos, muito otimista, e meu coração teme que Riser esteja se esvaindo.

A mão de Caspian está quente na minha enquanto ele me leva para o meu quarto e fecha a porta. As luzes estão apagadas. A delicada luz da lua entra pelas janelas. A porta da varanda está aberta alguns centímetros e o som do mar agitado enche o quarto.



— Deuses lá em cima. — Murmuro, caindo na cama. — Não sei o que estava pensando ao falar com Max.

Caspian me segue, seu cabelo dourado pálido ao luar. A cama cede com seu peso quando ele se apoia no cotovelo para olhar para mim.

— Como ele parecia?

Um sorriso orgulhoso levanta minhas bochechas. — Forte. Bravo. Minha mãe ficaria orgulhosa. — Rolo em minhas costas, surpresa ao ver uma paisagem de estrelas no teto. É uma ilusão, claro. Estou começando a achar que tudo aqui é. Mas ainda é lindo e me encontro olhando para ele e desejando poder mostrar a Riser.

A cama se move e eu olho para Caspian a tempo de vê-lo inclinado sobre mim. Seus dedos roçam minha bochecha.

— Deuses, você é linda.

Sua declaração rouba minha resposta, e ele deve considerar meu silêncio como algo mais, porque ele se inclina para frente. O toque quente de seus lábios nos meus me acorda do meu feitiço e eu atiro, empurrando minhas mãos em seu peito.

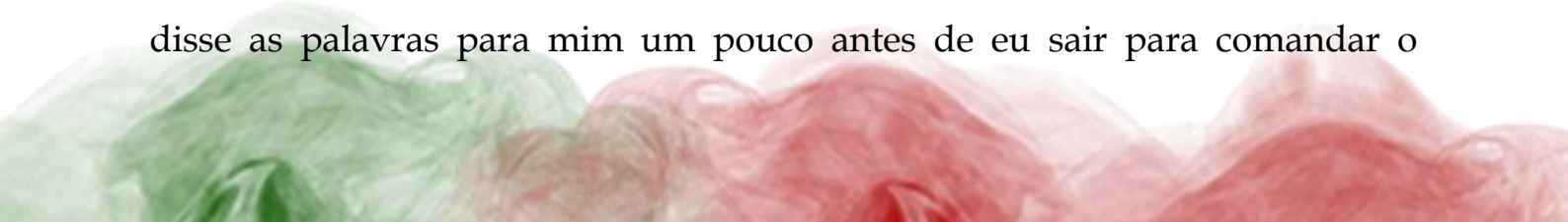
— Não — Murmuro. — Caspian, eu...

— Desculpa. — Ele passa a mão pelo cabelo. — Eu pensei que... eu não sei.

Meu coração bate contra minhas costelas e o calor sobe em minhas bochechas.

— Caspian, você sempre terá um lugar no meu coração. Sempre. Mas... Eu... eu acho que amo Riser.

Assim que digo as palavras, sei que são verdadeiras. Eu amo o Garoto do Fosso, mesmo que nunca tenha dito isso a ele. Eu me lembro de quando ele disse as palavras para mim um pouco antes de eu sair para comandar o



exército. Inferno, eu não disse isso de volta. Mas agora, tudo que quero fazer é encontrá-lo e contar a ele.

É impossível perder a forma como a luz dentro dos olhos de Caspian se esvai.

Sua mandíbula se contrai e ele esfrega a testa.

— Eu sei que você e meu irmão têm uma história, mas com o tempo isso pode desaparecer. Você e eu, Maia, somos emparelhados. Posso não acreditar em todas as coisas que meu pai disse, mas acredito nisso. — Sua voz suaviza para um sussurro. — Fomos feitos um para o outro.

— Caspian... — O que posso dizer sobre isso? Eu sei que Caspian não quis dizer isso. Ele está preso entre o seu mundo e o meu, perdido. Para ele, sou uma âncora.

— Apenas me diga que há uma chance, Maia. Isso é tudo que preciso. Só para saber que talvez, depois que isso acabar, você cuide de mim como eu cuido de você. Se eu não tiver isso... Eu não tenho nada.

Se eu pudesse dizer a ele que sim, eu o faria. E parte de mim quer porque é mais fácil. Uma pequena mentira para nos ajudar neste plano incrivelmente volátil. Mas eu sei agora, sem dúvida, que nunca vou sentir por Caspian o que sinto por Riser, e dizer a ele o contrário seria uma crueldade.

Talvez agora, apesar de tudo - ou por causa disso - a verdade seja a única coisa que nos resta.

— Sobre o que você fala, Caspian, sobre nós nos sentirmos conectados. Eu sinto isso, eu sinto. Acho que nosso passado compartilhado, além de ser geneticamente compatível, nos dá um vínculo que poucos terão. Mas... Sinto muito, amo Riser de uma maneira que nunca poderei sentir por você.



Pronto, a dura verdade. Enrijeci, esperando por sua raiva, ou talvez mais protestos de que eu poderia amá-lo. Em vez disso, seu rosto fica frouxo. Ainda. Uma sombra ondula sobre sua expressão, seus olhos cheios de tanta tristeza que não consigo imaginar que ele já sorriu ou riu antes.

Eu sei que não sou a única razão para suas emoções. Que eu era simplesmente a coisa que ele segurou para não se afogar, e agora que ele não tem isso...

— Obrigado. — Ele murmura em uma voz desgastada pela emoção. — Por me respeitar o suficiente para ser honesta comigo. É incrível como essa qualidade é rara.

Ele se levanta e atravessa o chão antes que eu possa pensar no que dizer. Na porta, ele hesita, olhando para mim uma última vez. Mas quaisquer palavras que ele queira dizer morrem em seus lábios e ele desliza para fora, fechando a porta silenciosamente atrás de si.

Caio de costas na cama, segurando meu peito. Se eu pudesse ter dito algo diferente. Se eu pudesse ter mentido e dito que havia uma chance... mas cansei de mentir. Caspian merecia a verdade, por mais dolorosa que fosse.

Uma leve batida na porta me assusta, e pulo de pé, preparando minha mente para mais uma vez rejeitar Caspian.

Então abro a porta.

Assim que vejo o rosto de Roman, tento fechá-la, mas uma bota passa pela porta e o rosto feio de Roman aparece.

— Olá, *irmã*.



CAPITULO 29



Uma dor quente dispara pela minha têmpora enquanto a porta bate na minha cabeça. A força me envia cambaleando para trás, mas me endireito antes de cair. O corpo de Roman ocupa toda a moldura da porta.

Ele desliza para dentro e fecha a porta silenciosamente - tão silenciosamente.

— Isso vai ser divertido. — Ele sussurra, e dedos gelados de pânico percorrem minha espinha.

Mesmo que sua voz seja suave e arrastada nas bordas, a malícia transparece. Sua respiração rola sobre mim em uma onda nojenta de conhaque e saliva rançosa.

Recuo, procurando uma arma no quarto. Não posso usar as minibombas amarradas à minha coxa, e a pequena adaga escondida na minha outra coxa dificilmente perturbará Roman.

Algo duro pressiona a parte de trás das minhas pernas, o baú no final da cama. Pulo em direção à cômoda e pego a bandeja de prata que continha a garrafa. A bandeja balança em minhas mãos enquanto a seguro, pronta para bloquear os avanços de Roman.



— Oh, *irmã*, você sabe como eu adoro quando brigamos. — Seus olhos redondos brilham quando um sorriso brutal transforma sua mandíbula. Ele se aproxima, suas botas batendo no chão com força suficiente. Eu me pergunto como eles não racham. — Agora, quem é você realmente?

— Por que você não se aproxima e descobre? — Rosno, circulando para a minha esquerda. Se eu puder apenas alcançar a porta.

O chão geme sob o peso de Roman enquanto ele se lança. Eu mal tenho tempo de arremessar a bandeja antes que ele bata em mim. Meu braço dói quando a borda da bandeja de metal atinge o osso. Roman rosna e agarra a testa acima do olho esquerdo. O sangue jorra com o impacto, sua pele se rompendo até o osso.

— Vadia! — Ele grunhe.

Algo me atinge com força no estômago, forçando o ar de meus pulmões. Antes que eu possa me recuperar, ele bate com o punho na minha bochecha. Flores vermelhas dentro do meu crânio. Tento levantar a bandeja para bloquear seus punhos, mas ele a arranca da minha mão. Outro lampejo de luz surge em meu crânio quando ele acerta um forte gancho de direita na minha bochecha.

O golpe quase me obriga a ficar de joelhos, mas no último segundo lembro do meu treinamento. Salto para trás e mergulho de suas mãos, batendo em um peito. A mobília se espalha, assim como eu.

Pulo de pé para ver Roman avançando pesadamente em minha direção.

O ódio brilha em seus olhos. Ódio cego e bêbado.

— Onde você vai?

Estendo a mão, agarrando cegamente. De alguma forma, consigo pegar uma taça de cristal. Eu chego para trás, miro e jogo o vidro. Atinge seu rosto, desviando de seu nariz largo. O sangue jorra de seu rosto e ele tropeça.

Agora!

Correndo pelo quarto, aponto para a porta. Minha mão apenas roça a alça...

Algo agarra meu cabelo e minha cabeça é jogada para trás. A dor explode em meu pescoço enquanto eu caio para trás. Aquele lindo teto de estrelas piscando em minha visão. Então estou nas minhas costas. Roman elevando-se sobre mim, bloqueando as estrelas falsas. Ele está em toda parte, um câncer das trevas do qual não posso escapar.

Rolo para o meu lado

Sua bota bate nas minhas costelas, a dor é indescritível. Grito, um som agudo e suplicante. O aço brilha na ponta de sua bota.

Inferno, isso explica a dor.

Ele me chuta de novo, sem parar. Sinto uma costela estalar, o barulho surpreendentemente alto e oco. Ondas de dor caem sobre mim.

Posso vomitar.

Enrolando meus joelhos até meu peito, jogo minhas mãos para bloquear o golpe, sabendo que o aço ao redor de seu dedo do pé vai quebrar meus dedos como gravetos. Mas eu não me importo. Não posso dar outro chute no estômago.

Exceto que nada acontece. Percebendo que fechei meus olhos, eu os abro. Roman está olhando para mim, seus olhos enormes. Seus lábios se abrem como uma ferida, tremendo e bocejando, mas nenhum som sai. Ele está agarrando algo em volta do pescoço, seus dedos grossos cravando em um... braço.

Eu vejo o rosto de Riser atrás do de Roman e então Roman está desabando no chão. Seus joelhos batem na pedra, seus olhos rolam para trás e



ele cai de lado. Riser libera seu estrangulamento em Roman e Roman atinge o chão com força.

No segundo em que Roman está fora dos braços de Riser, ele corre para mim.

— Você está bem?

Aceno, tentando me empurrar para cima. A dor na minha costela é como um fogo explodindo dentro do meu peito. Incapaz de conter a angústia, eu grito.

— Devagar. — Ele ordena, deslizando a mão por baixo do meu braço. — Eu acho que o bastardo quebrou suas costelas.

Tremo com a raiva enlaçando suas palavras. Ele me ajuda a ficar de joelhos e depois me verifica, a raiva apertando seus olhos lentamente dando lugar à ternura. Seus dedos são gentis enquanto pressionam meu rosto onde o punho de Roman se conectou.

— Estou bem. — Consigo dizer, estremecendo. — O que tem ele? Ele está?

— Morto? Não, mas ele merece a lâmina. — Algo sombrio pisca dentro de seus olhos enquanto seu olhar corta para Roman. — Dê-me a palavra e eu acabarei com ele. Ele merece. Pelo que ele fez a você, pelo que ele fez a incontáveis outros.

Parte de mim deseja matar Roman. Para acabar com sua vida violenta e vingar todos aqueles que ele feriu, e todos aqueles que ele sem dúvida irá ferir no futuro. Os deuses sabem que uma morte horrível e dolorosa não chegaria nem perto de vingar todas as vítimas de Roman.

E ainda... a ideia de Riser matá-lo enquanto ele está indefeso não me parece bem. Seria o golpe final de Roman, empurrando Riser um passo mais perto de seu lado selvagem.



— Não. — Imobilizo minhas costelas enquanto me movo em torno de Roman para avaliar o quarto. — Mas não podemos deixá-lo ir. Podemos incapacitá-lo de alguma forma. Talvez... mantê-lo amarrado e amordaçado na banheira.

— Ele não fará falta? — Riser pergunta.

— Provavelmente. Mas ele estava perdido esta noite. Se tivermos sorte, eles pensarão que ele desmaiou em algum lugar.

Riser suspira, obviamente desapontado por não deixá-lo acabar com Roman de uma vez por todas.

— Terá que servir.

Roman é muito grande para Riser e eu movermos sozinhos, então Riser encontra Lash e Teagan. Juntos, amarramos os pulsos e tornozelos grossos de Roman atrás de suas costas com tiras dos meus lençóis de seda. Três tiras largas vão ao redor de sua boca, com uma extra enrolada e enfiada no meio da garganta.

Há uma chance de que ele possa sufocar, mas estou além de me importar. Não vou assassiná-lo abertamente enquanto ele estiver indefeso, mas se o universo quiser ajudar a tirar Roman dessa espiral mortal, não ficarei triste com isso.

Tento ajudar, mas Lash me obriga a sentar na cama enquanto Teagan me examina. Fazendo uma careta por causa da dor ao meu lado, os vejo levantando Roman no chão.

Eventualmente, os dois conseguem transferir um Roman amarrado e amordaçado para a beleza de porcelana.

— Que bruto. — Teagan rosna, olhando para a forma inerte de Roman visível através da porta aberta. — Mas acho que você tomou a decisão certa de não matá-lo.



Mordo meu lábio, observando enquanto Lash prepara algum tipo de sedativo injetável e dá a Roman o dobro da quantidade normal.

— Por muito tempo, eu só queria fazer todos que me machucaram pagar.

— Admito. — Mas agora acho que só quero ter certeza de que não sou como eles. Que o mundo não é como eles. Isso é o que meu pai queria.

— Ele parece um homem maravilhoso. — Seus olhos suavizam, perdem o foco. — Meu pai costumava dizer que há algumas pessoas neste mundo que merecem morrer.

— Você não acha que isso é verdade? — Pergunto suavemente. Ela nunca falou muito sobre seu pai.

Ela balança a cabeça. — Eu acho que se você disser isso a si mesmo, você pode justificar qualquer coisa. Mas todos nós fazemos coisas terríveis uns com os outros, e se seguirmos essa lógica, um ciclo interminável de violência e vingança vai corroer nosso mundo até que não haja mais nada. Olhe para o imperador. Ele usou os assassinatos de sua esposa e bebê nas mãos de Ezra Croft para justificar seus próprios atos monstruosos durante anos.

O pensamento me atinge com força, e fico mais do que um pouco aliviada quando Lash e Riser saem do banheiro e o peito de Roman ainda está se movendo.

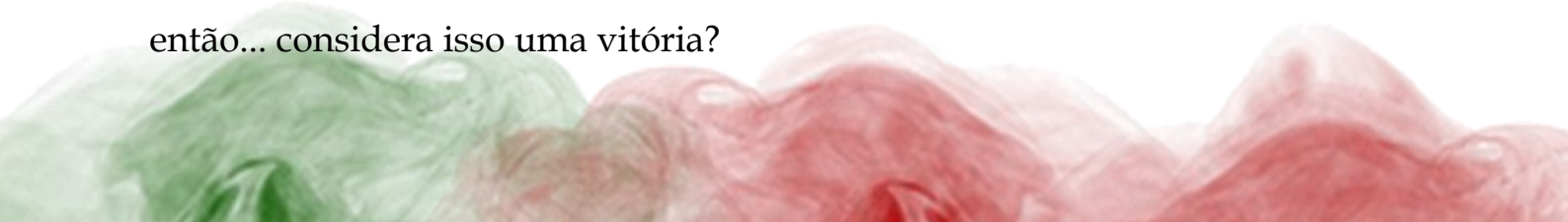
Lash faz uma avaliação mais completa do meu corpo dolorido.

— Graças aos deuses, todos verão as feições imaculadas de Delphine. — Diz ele. — Porque todo o gelo do mundo não derrubaria esses hematomas.

Gemo, segurando meu lado.

— E minhas costelas?

— É difícil dizer. — Ele admite. — Provavelmente fraturadas. Mas a área tem baixa probabilidade de perfurar seu pulmão se o osso se deslocar, então... considera isso uma vitória?



Depois que o quarto está arrumado, meu rosto limpo e costelas enfaixadas, Lash e Teagan saem para dormir algumas horas antes do amanhecer.

Sem hesitar, pego a mão de Riser na minha.

— Eu tenho que falar com você.

— Engraçado. — Diz ele, olhando para mim com uma expressão ilegível. — Eu ia dizer a mesma coisa.



CAPITULO 30



Depois do ataque violento que acabou de acontecer, fico surpresa com minha necessidade de dizer a Riser como me sinto e me explicar dos últimos acontecimentos. Mas, no mínimo, o ataque de Roman me lembrou o quão perigoso é todo esse plano.

Se eu não contar a Riser como me sinto, talvez não haja chance amanhã. Ou nunca mais.

Mesmo assim, sinto necessidade de me afastar do quarto de Delphine e da memória de alguns minutos atrás, então levo Riser até a varanda. O ar está ameno e úmido, a brisa salgada do mar limpando o cheiro de sangue do meu nariz.

Caminhamos ao longo da balaustrada de ferro forjado franjada com glicínias, algumas das minúsculas pétalas roxas soprando em torno de nossos pés. Abaixo, o mar quebra e espuma no ritmo da minha respiração dolorosa. Uma lua gigante paira logo acima do horizonte, emprestando sua luz prateada.

— Não posso acreditar que isso não seja real. — Digo, passando a mão pelo corrimão. Está frio e úmido sob meus dedos. — O oceano, o palácio, — Aperto uma flor de glicínia entre o polegar e o indicador. — isso.

— Eu desprezo este lugar. — Diz Riser. — Eu prefiro viver dentro da feiura do Fosso do que ficar preso aqui. Pelo menos no Fosso os monstros não se escondem atrás de ilusões.

Estremeço com a memória, mas também me lembra o quão longe chegamos. Juntos.

— Riser — Começo, e é impossível disfarçar o nervosismo em minha voz. — Sinto muito por beijar Caspian.

Sua garganta balança, mas ele permanece em silêncio. Me deixando falar.

— Acho que só precisava saber se era possível... entre nós. Talvez porque minha mãe estava me pressionando, ou porque eu sou fraca. Amar Caspian seria a escolha mais fácil.

Ele acena com a cabeça, um músculo salta em seu pescoço.

— E?

— E eu soube assim que o beijei que não sentia nada por ele. Não *sinto* nada. Pelo menos, nada como eu sinto com você. Com Caspian é como quando estou com Max.

— Então, — Riser murmura. — ele é como um irmão para você?

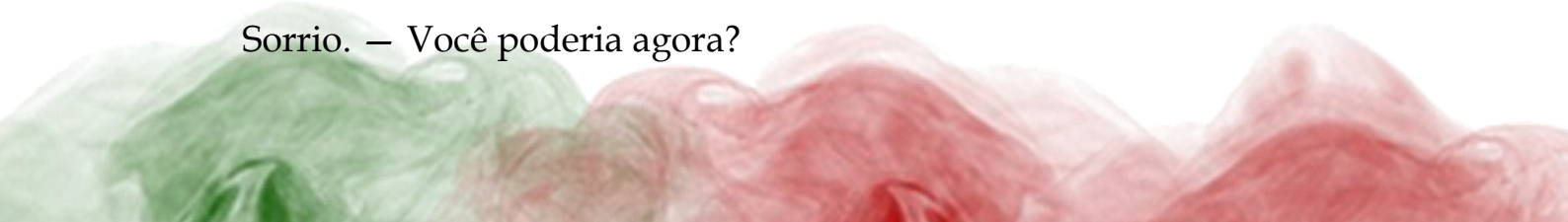
Concordo.

— Não posso dizer que estou chateado com isso. — Um sorriso triunfante curva seus lábios. — E comigo? Eu sou um irmão para você?

Balanço minha cabeça, segurando seu olhar. Seus olhos ficam sérios quando ele me alcança, deslizando as mãos em volta da minha cintura. Ele é cuidadoso com meu lado ferido, suas mãos segurando minhas costas e me puxando para ele enquanto ele me pressiona contra a parede.

— E, você ainda precisa de uma pausa para descobrir as coisas? Porque se você fizer isso, eu darei a você.

Sorrio. — Você poderia agora?



— Eu não disse que ficaria feliz com isso.

Uma pequena risada escapa dos meus lábios.

— Sei que tentar ser forte sozinha não funciona. Eu preciso de você, todos vocês. Lash, Teagan, Caspian, até mesmo Flame. Além disso, já provei minha força no Fosso, e centenas de vezes desde então. Não preciso mandar você embora para provar isso novamente para minha mãe ou qualquer outra pessoa.

— Então — Ele brinca, sua voz tremendo com humor sombrio. — Você só estava fraca quando beijou meu irmão?

— Sim.

Seus lábios descem nos meus, e o beijo não é nada como o que Caspian e eu compartilhamos. Há uma suavidade nisso, mas também uma possessividade. Seu corpo duro e exigente enquanto seus lábios se chocam com os meus. Nossos dentes raspam. Eu separo meus lábios, sua língua quente roçando a minha. Ele pressiona mais profundamente e eu gemo, prendendo minhas mãos em seu cabelo, tentando puxá-lo para mais perto.

Quando ele se inclina para trás, seus olhos estão derretidos de desejo. Ele passa dois dedos pela minha bochecha, traçando a parte inferior da minha mandíbula. Sua expressão está cheia de admiração enquanto ele me olha.

— É estranho. — Pergunto. — Está me vendo agora sabendo como eu era?

Ele não hesita antes de balançar a cabeça.

— Você tem a mesma aparência agora que tinha no Fosso. Seus olhos ardem com algo que nenhuma reconstrução poderia apagar. Essa é a parte de você que eu amo.

— E o que meus olhos estão dizendo agora? — Murmuro, meu olhar caindo em seus lábios.



Ele exala e, com um sorriso felino, me levanta em seus braços. Seus lábios roçam a concha da minha orelha enquanto ele me carrega para o quarto de Delphine.

— Está tudo bem? Você não está com dor?

O acalmo com um beijo. A dor está lá, uma pulsação persistente, mas também está minha necessidade por ele. Essa dor está ficando mais profunda, mais insistente a cada toque de seus lábios nos meus.

O conhecimento de que este poderia ser nosso único momento juntos anula qualquer outro sentimento, incluindo dor.

Eu quero estar com ele. Agora. Não há mais tarde.

Seus braços se apertam ao meu redor. E então ele está me colocando na cama de Delphine, gentilmente, muito gentilmente.

Enrolando meu dedo, eu o chamo para mim. Enquanto ele se abaixa sobre o meu corpo, eu sussurro: — Eu não vou quebrar.

Ele para. Um ponto aparece entre suas sobrancelhas grossas e pretas.

— Eu não quero machucar você.

— Então não faça isso.

Minhas palavras cortam a última corda de restrição que o continha. Ele explora meu corpo com seus lábios e mãos. Eu tinha esquecido o quão forte ele é, até mesmo seus dedos, todos tendões e ossos enquanto correm ao longo de minhas costas, meu pescoço. Pressionando suavemente sobre minha carne machucada...

E com menos suavidade em outros lugares.

Minhas mãos escorregam por baixo de sua camisa, percorrendo seus lados até os músculos tensos de suas costas. Os nós de sua coluna são duros e afiados como pequenas adagas.

Rindo, ele arranca a camisa. Os botões estouram e se encaixam na parede.



De joelhos, ele paira acima de mim por algumas respirações. Tempo suficiente para eu memorizar as linhas e curvas de seu corpo. As cristas musculares, conectadas por ossos e tendões. As cicatrizes que atravessam seu torso, finas como prata e seda de aranha.

Estendo a mão e rastreio a maior, um sulco de meia polegada de largura que vai da clavícula ao umbigo. E o tempo todo ele me observa com aqueles olhos incompatíveis. É estranho, pensando em como ele parecia no Fosso com seu único olho e cicatrizes. Eu pensei que ele era um monstro e talvez ele fosse.

Talvez ele ainda seja.

Mas ele é *meu* monstro...

De repente, ele se abaixa...

— O que você está fazendo? — Sussurro.

— Shh. — Seus lábios percorrem meu queixo primeiro. Eles escovam o hematoma na minha bochecha.

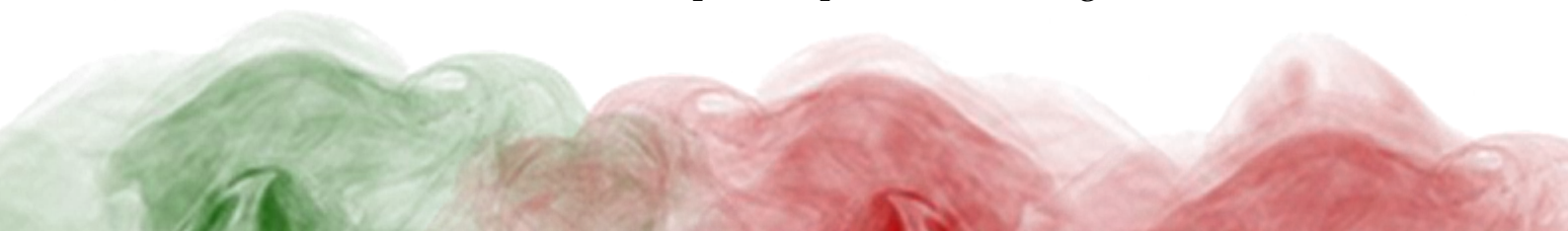
Eu vejo seus músculos se estremecerem e tremerem enquanto ele se move, hipnotizado pela arte dele. A perfeição em sua imperfeição. Suas cicatrizes e olhos de cores diferentes, as bordas afiadas que provavelmente nunca irão suavizar. A energia caótica que irradia de seu corpo que vem de anos vivendo no fosso.

Espero que ele me beije novamente, mas ele não se move. Congelado acima de mim. Seu rosto solene e imóvel.

— O que você está fazendo? — Repito.

— Olhando para você.

Tremo enquanto seus dedos percorrem meus ombros. Na minha barriga. Levemente no início. A maneira como você toca em algo para ver como é macio. Mas então seu toque se aprofunda em algo mais. Ele traça os



dedos sobre minha clavícula, meu nariz, minhas costelas, do jeito que você passa o dedo sobre o gume de uma espada.

Cuidadosamente. Reverentemente.

— Porque você faz isso? — Me pergunto em voz alta. — Rastrear meu corpo?

Sem tirar os olhos do meu estômago, ele responde: — Quando estávamos na Fosso, não havia luz. Então, aprendi a mapear as coisas mais importantes pelo toque, a construí-las em minha mente.

Acho graça. — Então... você me mapeou?

— Ainda não... — Um sorriso tortuoso encontra sua mandíbula. — Nem toda você.

— Oh? Por exemplo?

— Por exemplo, eu sei como sua mandíbula parece afiada, mas suave, seu queixo fendido no meio. — Uma mão vai até o osso do meu quadril, o calor de sua carne escoando pelo fino tecido do meu vestido. — Mas eu ainda não descobri a curva de seus quadris. Eles são macios ou...ossudos?

— Por que você não descobre? — Provoco.

Minha voz sai de um estranho. Quem diabos sou eu?

Me encontro pressionando em suas mãos. Querendo mais. Uma dor se abrindo dentro de mim com tanta ferocidade que não consigo me concentrar em mais nada.

Minha reação parece quebrar um feitiço sobre ele porque ele solta um longo suspiro. Então ele recua e se estica ao meu lado.

— Por que você parou? — Sussurro, desapontada.

Ele ri, o som tanto provocador quanto frustrado.



— Maia, não quero que nossa primeira vez esteja na cama de Delphine com o irmão desmaiado no banheiro e com as horas do casamento iminente. Para não mencionar que você está ferida.

— Eu não me importo com isso. — Insisto.

Mas ele ri de novo e me acomoda nele, seu peito pressionado quente e forte contra minhas costas, um braço jogado sobre meu estômago.

— Isso é importante para mim. Quando chegar a hora, quero ser capaz de tocar em você sem causar dor.

— Mas... e se...

— Não diga isso. — Ele ordena, lendo minha mente normalmente. — Vamos resgatar Max e de alguma forma conseguiremos voltar. Então vamos consertar tudo, e você e eu podemos nos tornar duas pessoas normais ou seja lá o que for.

Inexplicavelmente, as lágrimas ardem em minha garganta. Diante de tudo que posso perder, de repente percebo quão pouca chance temos de conseguir isso.

Pela primeira vez, posso imaginar um futuro. Posso realmente sentir a doçura de como minha vida poderia ser em um mundo diferente. Um mundo melhor.

— Aconteça o que acontecer no casamento — Digo, virando-me para encará-lo. — prometa que ficará seguro.

Ele nem hesita antes de responder: — Eu prometo que vou mantê-la seguro, porque sem você, não há futuro, para mim ou qualquer outra pessoa.

— E sem você, eu não tenho nada. — Aperto sua mão para dar ênfase.

Ele sorri, mas seus lábios se prendem nas bordas de uma forma que faz meu coração apertar.



— Você é a pessoa mais forte que conheço, Maia, e não precisa de mim para tornar este mundo um lugar melhor.

Digo a mim mesma que suas palavras não significam nada, mas quando caio em um sono cansado, parece que um abismo está se dividindo entre nós e não há nada que eu possa fazer para impedi-lo de flutuar para longe.



CAPITULO 31



— Olha você... — A voz de Lash desaparece enquanto ele me encara, e eu dou um giro idiota, a organza cobrindo o vestido marfim pesado que eu uso farfalhando contra o chão de ladrilhos enquanto a cauda grossa se enreda em meus calcanhares. Esmeraldas e rubis brilham do conjunto, o espartilho fazendo minhas costelas feridas latejarem como fogo.

— Não fique toda sentimental conosco agora. — Diz Teagan enquanto puxa as fitas nas minhas costas, puxando o espartilho ainda mais apertado.

— Ugh. — Agarro meu lado. — Se minhas costelas não foram quebradas antes, estão agora.

— Você vai passar três dias quase sem dormir. A dor a manterá em alerta. Vamos precisar de mentes claras para conseguir isso. — Seu olhar muda para mim, suaviza. — Você está linda, querida. Uma princesa da vida real.

Incontáveis espelhos pendurados acima dos balcões de mármore devolvem minha imagem para mim. Estamos no grande camarim adjacente ao teatro principal a bordo. As capas e fantasias dos atores Prata trazidos para se apresentar no teatro estão penduradas em ganchos na parede.

De certa forma, é perfeito, considerando que estou prestes a atuar no maior palco conhecido pelo homem. Só que, se minha atuação for terrível, eles não vão vaiar. Eles vão me amarrar e assistir a arquiduquesa me desmontar pedaço por pedaço.

— Obrigada. Tem certeza que ninguém pode ver meu rosto?

— Murmuro, amassando os caroços e hematomas escuros manchando minhas bochechas e testa.

— Só seus amigos — Insiste Lash. — e deixe-me dizer, mesmo espancada, você é uma noiva encantadora.

— Falando em espancamentos, você verificou nosso *amigo*? Aquele que está tomando um banho demorado?

Lash acena com a cabeça. — Dormindo como um bebê.

— Pena que o sono não é mais... permanente. — Acrescenta Teagan.

Lampejos da violência que Roman me infligiu na noite passada invadem minha mente. Massageio um ponto sensível na minha mandíbula antes de respirar fundo para limpar a memória.

Uma vez que minha cabeça está reta, eu repasso o plano. Enquanto eu caminho pelo corredor para me casar com Caspian, Flame e Teague vão libertar Max. Não deve ser difícil. Existem apenas quatro guardas, um com uma chave. E todos estarão focados no casamento. Flame já cuidou das câmeras.

A única coringa é a arquiduquesa. É claro que o imperador gosta de mantê-la nos bastidores da sociedade, provavelmente porque ela é uma psicopata impenitente com tendências assassinas, para não mencionar uma maligna. Mas eu sei que ela está aqui. Eu posso praticamente sentir seu ódio venenoso por mim infiltrando-se no ar filtrado.

Talvez isso explique parcialmente por que, no último minuto, ordenei a Riser que ficasse comigo. Ele espera do lado de fora da nossa porta. Faz sentido

que eu mantenha minha atendente por perto para qualquer correção de maquiagem necessária e, além disso... Não consigo reprimir o núcleo de desconforto que sinto quando penso em perdê-lo.

Depois que eles libertarem Max, teremos um pequeno intervalo de tempo antes que a fuga seja descoberta.

Há um momento após os votos em que temos privacidade em uma sala separada para assumir os símbolos um do outro, em uma tradição de casamento que muitos realistas ainda favorecem. Se tudo correr conforme o planejado, receberemos o sinal de Riser assim que entrarmos naquela sala, e iremos embora antes que alguém perceba.

Quando o fizerem, já estaremos dentro da nave estelar, em segurança.

Tudo parece extremamente fácil, fácil demais.

A porta mais distante se abre e Flame chega segurando a tiara ornamentada que Delphine tinha feito especialmente para hoje. Ela e Teagan trocam um breve olhar, ambas trocando sorrisos tímidos.

Então Flame empurra a coroa para mim e pisca.

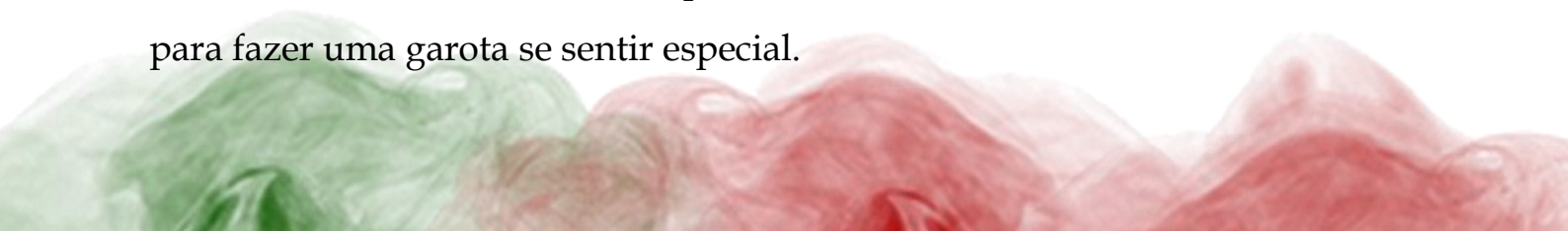
— Fiz algumas modificações como discutimos.

Solto um suspiro e aceito sua oferta. — Está... perfeito.

— É mais que perfeito. É *matador*.

Segurando minha risada com seu jogo de palavras, examino a peça. As esmeraldas em forma de pêra contrastam fortemente com meu cabelo ruivo brilhante. Tento não pensar como esse acessório sozinho poderia alimentar uma cidade inteira por uma semana, especialmente porque Flame conseguiu inserir minúsculas Armas Quentes na borda, me dando uma moeda de troca poderosa se tudo der errado.

Não há nada como usar explosivos incrustados de esmeralda na cabeça para fazer uma garota se sentir especial.



— Há algo mais. — Flame diz.

Só quando ela desliza o dispositivo de metal na palma da minha mão e reconheço as pontas afiadas que compõem a pirâmide é que entendo o que ela está me entregando. Teagan franze a testa para a arma, refletindo minha inquietação.

— Não. — Balanço minha cabeça, a coroa explosiva deslizando ao longo da minha testa. — Eu não quero isso.

Escorpião-Fogo. O nome evoca um medo angustiante. Lembro-me de como era a sensação de ser picada por centenas de minúsculos escorpiões mecânicos. As chamas terríveis e implacáveis. Somente pessoas como os Redgraves usariam armas tão horríveis.

Reconhecendo minha hesitação, o tom de Flame se suaviza.

— É uma ferramenta, só isso. Você pode precisar.

Ela está certa. Ainda assim, enquanto coloco o dispositivo em um dos bolsos escondidos sob o monte de organza, rezo para não ter nenhum motivo para usá-lo.

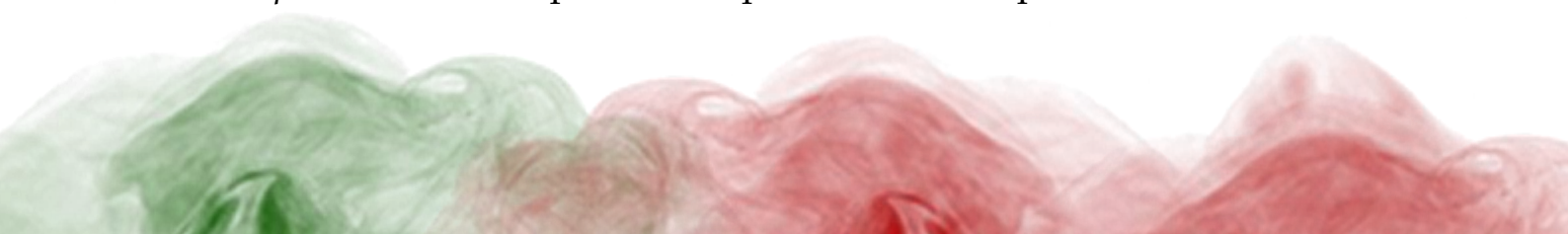
— Boa menina. — Flame diz.

Espero que ela vá embora, mas ela apenas me olha com aquele olhar calculista que acho tão enervante.

Então ela fica na ponta dos pés e...

Me *abraça*. A Fieniana me abraça.

Não esperando afeto dela, fico rígida, mas ela mal parece notar quando diz: — Só para você saber, sou sua soldada até o fim. O que você passou... e ainda assim você consegue esperar por um futuro melhor... — Ela limpa a garganta. — Se você tivesse matado seu *prisioneiro*, nunca teríamos encontrado o outro *prisioneiro*. — Eu posso dizer por sua inflexão que ela está falando sobre



Delphine e Cage. — Sempre achei que sua humanidade a tornava fraca, mas agora vejo que é o que a torna forte.

Eu a abraço de volta, seu corpo minúsculo me lembrando o quão jovem ela é. Como em qualquer outro mundo, ela seria uma adolescente normal, não uma demolicionista especialista com sangue nas mãos.

— Aconteça o que acontecer, — Ela continua calmamente. — espero que saiba que irei segui-la em qualquer lugar.

Uma onda de emoção bate em mim, tirando as palavras da minha garganta.

— *Veremos* você do outro lado. — Ela sussurra antes de deslizar dos meus braços e sair pela porta.

— Pronto, amor? — Lash estende o braço.

Aceno, e ele me leva a uma antecâmara menor. Rosas pálidas de inverno enchem vasos de cristal em cada balcão, seu perfume inebriante torcendo meu estômago já apertado.

Riser espera por mim perto da porta. Como meu assistente, ele deve consertar qualquer guarda-roupa ou problemas de cabelo de última hora.

— O que você acha? — Murmuro, tentando brincar com meus nervos. — Eu pareço bem?

Riser, que não tirou o olhar de mim, exala lentamente.

— Sempre imaginei esse momento... mas eu nunca... — Ele balança a cabeça, engole. — Eu não acho que seja possível que haja alguém mais bonita do que você agora.

Estou um pouco surpresa. Riser parece mais perturbado do que o normal, suas palavras não estão certas. Então me lembro que ele está me observando caminhar pelo corredor para me casar com seu meio-irmão. O que eu esperava?



Calor tinge minhas bochechas, e murmuro.

— Obrigada. — Antes de lembrar minha parte. Eu jogo minha cabeça para trás e acrescento: — Além disso, como poderia haver com a fortuna que meu pai deixou neste vestido?

A emoção se esvai do rosto de Riser enquanto ele veste a máscara de assistente, e então ele corre atrás de mim para levantar a cauda extravagantemente longa do meu vestido.

Respire, eu me ordeno enquanto começamos a curta procissão pelo corredor até a multidão que espera. *Estamos quase lá.*

No momento em que vejo o que eles fizeram com o teatro onde o casamento de Delphine é realizado, meu peito se contrai, o ar fica mais rarefeito e sou forçada a trabalhar a cada respiração. Um oval de mármore claro está centrado no meio da câmara, flutuando em um mar de estrelas gordas. Algumas brilham, outras emitem um brilho radiante tão forte que pode iluminar todo salão.

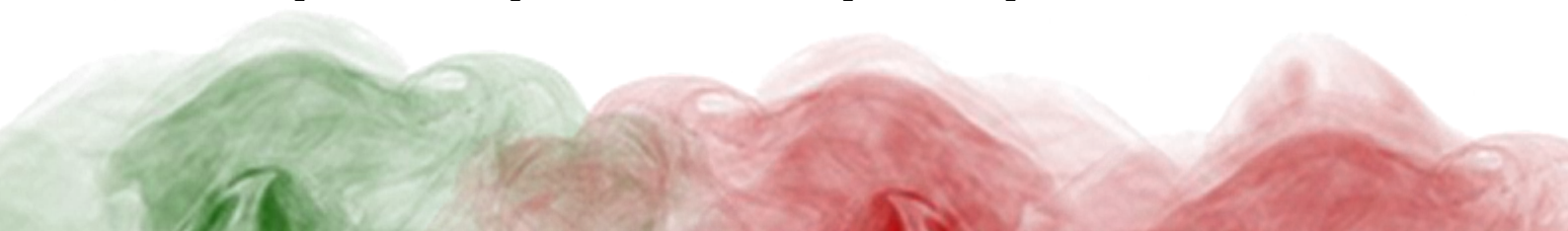
E algumas caem em padrões estonteantemente belos que ameaçam roubar o que resta do oxigênio em meus pulmões.

Um corredor corta o meio do oval, cadeiras repletas de monarquistas impecavelmente vestidos flanqueando os dois lados. Enquanto o pai de Delphine, o general, estende o braço para me guiar, e dou meu primeiro passo pelo corredor, noto que o chão logo abaixo dos meus pés está nadando em estrelas, quase como se alguém pegasse o céu noturno e o derretesse.

O general me dá um sorriso conspiratório.

— Você está prestes a obter tudo o que sempre mereceu, filha.

Merecia? Preciso de toda a minha força de vontade para não bufar. Especialmente quando a mãe de Delphine se aproxima, radiante. — Seu



pai prometeu que faria de você uma imperatriz, e agora olhe para você. Lembre-se disso quando estiver no poder.

A náusea envolve minha barriga. Eu tiro meu olhar da mãe de Delphine e coloco minha mão no braço do general, tentando muito não pensar nas promessas de meu próprio pai. Como ele uma vez olhou para mim com o mesmo orgulho e adoração. Como, se ele estivesse aqui, ele me giraria e me diria que eu era tudo para ele.

Como ele foi assassinado pelas mesmas pessoas no salão que estão me observando agora, a maioria presunçosamente pensando que enganou o mundo inteiro para deixá-los governar como deuses.

A raiva me enche, endurecendo meus nervos. Minha mão está firme. Meus saltos de cinco polegadas mal fazem barulho contra o chão.

Nas minhas costas, sinto o olhar de Riser.

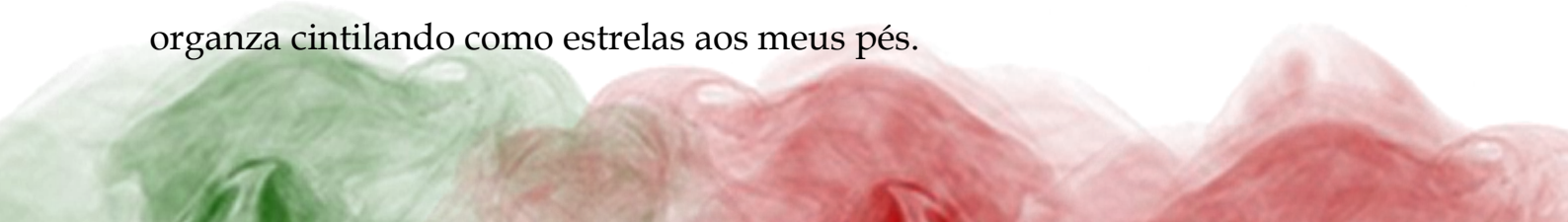
Não se vire.

Mas eu o. E por um momento, me pergunto como eu me sentiria se ele esperasse por mim em vez de Caspian. Definitivamente, ainda não estou pronta para me casar, mas meu estômago ainda se agita com a possibilidade, embora pequena, de que meu futuro possa trazer algo tão normal quanto o casamento.

Depois de tudo que suportamos juntos, todos os pesadelos e horrores, algo tão bonito parece uma ilusão.

Seus lábios puxam para cima. Há algo em seus olhos que não consigo nomear. Uma emoção que, em meu estado de adrenalina, me escapa.

Então estou avançando, certificando-me de balançar meus quadris e andar devagar o suficiente para que todos percebam meu vestido caro, a forma como a seda se acumula ao longo da passarela celestial, as joias cobrindo a organza cintilando como estrelas aos meus pés.



Monarquistas ficam de pé quando eu passo, seus murmúrios reverentes se misturando à música orquestral fluindo em alto-falantes ocultos. Os Escolhidos estão espalhados pela plateia, muitos dos quais reconheço, e quando encontro seus olhares, não posso deixar de pensar nos Adormecidos olhando através de seus olhos. Eles odeiam Delphine e tudo o que ela representa, ou eles acreditaram na mentira do imperador?

O suor alisa minhas mãos enquanto sou lembrada de quantas vidas dependem desse estratagema funcionando, e olho para a frente, minha atenção se voltando para Caspian, de pé e orgulhoso ao lado de seu pai.

Um conjunto preto acentuado com ouro mostra os ombros largos e a cintura estreita de Caspian, e ele usa uma rosa branca na lapela. Seu cabelo foi despenteado para o lado para a ocasião, e eu poderia jurar que parece mais comprido do que ontem.

Em uma palavra, ele parece resplandecente e quase vacilo. Em qualquer outro mundo, em qualquer outra vida, eu não pensaria duas vezes antes de me casar com Caspian. E eu sei agora, enquanto fico olhando para o homem com quem mil testes me corresponderam, que se a garota que entrou no Fosso estivesse aqui agora, ela ainda o amaria.

Assim como ele sabe, olhando para mim, que não sou mais aquela garota.

Caspian e eu trocamos olhares, e minha ansiedade se esvai quando vejo o propósito em sua mandíbula cerrada e olhos determinados.

Isso tudo é uma grande distração com um propósito: salvar Max e depois o mundo.

Se alguma vez houve um motivo para casar com alguém que você não ama, é esse.

Erguendo o queixo, deixo o braço do general e caminho em direção ao meu futuro marido. Quando eu fecho a lacuna, os olhos de Caspian me

absorvem, e ele não consegue esconder o olhar fugaz de desejo que escurece seu rosto.

O imperador, por sua vez, está me avaliando também. Mas não há afeto em seu olhar, apenas o olhar astuto de um empresário avaliando um ativo que está prestes a comprar. Uma união entre as duas casas realistas mais poderosas reforçará o poder do imperador e não haverá ninguém que possa detê-lo.

Você não sabe... Penso, arriscando um rápido olhar para o homem que assassinou meu pai e colocou minha mãe contra mim. O homem que roubou minha infância. Meus sonhos.

Ele pisca preguiçosamente para mim, e eu pisco de volta preguiçosamente, dois manipuladores astutos reconhecendo um ao outro e como planejam usar seu filho. De alguma forma, agora o ódio ainda mais, se é que isso é possível.

Contra meu melhor julgamento, eu lanço um sorriso lento e triunfante, e ele consegue um sorriso cauteloso em troca, provavelmente presumindo que estou me gabando de estar prestes a me tornar a futura imperatriz. Esperançosamente, em menos de uma hora, ele se lembrará deste olhar e ficará cheio de raiva.

Um atendente pega minha mão e a coloca sobre a de Caspian. Ficamos um de frente para o outro, ambos mal respirando, os olhos do mundo observando enquanto repetimos os votos realistas que parecem veneno na minha língua.

Prometo servi-lo fielmente e zelosamente.

Eu prometo honrar os ideais do império.

Prometo não ter ninguém além do imperador acima de você em todas as coisas.



Falo devagar, meu olhar disparando para Riser mais do que gostaria. Nossos votos terminarão em breve. A qualquer minuto, ele deve me dar o sinal de que eles libertaram Max.

A qualquer minuto, podemos parar com essa farsa e escapar desse mundo horrível e fingido. Meu coração está acelerado, minha cabeça tonta de tentar respirar através das minhas costelas quebradas, o peso da minha tiara armada ficando mais pesado a cada segundo.

E então algo - um movimento, um sentimento - atrai meu foco para Riser e ele me dá um aceno rápido.

Max está livre.

Ele está livre. A esperança que surge em mim é quase dolorosa, da mesma forma que o calor queima os dedos congelados quando eles começam a derreter. Meu peito fica vermelho de excitação nervosa, e inclino meu corpo para longe da multidão para que eles não possam ver as manchas de raiva.

Caspian está olhando para mim com expectativa

Oh. Os votos estão cumpridos. É hora de receber nossas marcas de casamento.

O contorno de uma porta aparece contra o fundo estrelado, e eu sigo Caspian. Do outro lado, há uma sala simples com algumas cadeiras espalhadas. Uma mulher segura um pequeno dispositivo oblongo com pontas na ponta.

— Estendam os pulsos. — Ela diz, seu rosto quase sem emoção enquanto se prepara para tatuar nossos corpos e legitimar essa farsa de casamento. Sua marca a marca como Prata, e eu me pergunto se ela é a única em sua família que foi trazida a bordo. Provavelmente.



Caspian capta meu olhar e eu aceno, estremecendo enquanto o faço. Teremos que incapacitá-la de alguma forma, de preferência *antes* que o casamento seja finalizado, mas não gosto de machucá-la.

O som da porta se abrindo tira meu foco dela. Assim que vejo o rosto do Imperador, a dureza em seus olhos, um abismo de medo se abre em minha barriga.

— Caspian, Delphine, vocês podem voltar aqui? Houve uma... complicação.

O tom furioso em sua voz confirma o que meu instinto está me dizendo: algo está errado. Caspian alcança o cabo de sua espada cerimonial, mas seu pai balança a cabeça, seus olhos nunca deixando os meus.

Impelida pelo terror, arrasto meu olhar do Imperador para a cena logo além, e sou consumida pelo horror.

A arquiduquesa está parada no meio do corredor, entre o belo rio de estrelas, uma pistola em cada mão.

Ambas as armas estão apontadas para as cabeças de Flame e Teagan e no segundo em que vejo Max de joelhos, seus olhos passando rapidamente sobre a multidão enquanto ele procura por mim, sinto o mundo se abrir abaixo de mim.



CAPITULO 32



Não há como fugir disso, não há como esconder. Apesar do meu medo, levanto minha cabeça e deixo minha máscara cair para que a única emoção que resta seja minha raiva ardente. Quando saio para encontrar a multidão de monarquistas, meu rosto está desafiador.

— Você sabia — O imperador começa a conversar — que a arquiduquesa tem uma microimplante dentro de seu crânio que lhe permite monitorar os prisioneiros? Na época, achei desnecessário, um capricho para que ela pudesse se alimentar da agonia dos prisioneiros mesmo quando ela não estava lá. Ela tem um apetite desagradável por crueldade, como você provavelmente sabe.

Uma nova onda de repulsa se abate sobre mim enquanto imagino a arquiduquesa gozando com os gritos de dor e medo de Max.

— Mas eu vejo agora, atendê-la foi inteligente, afinal.

Eu viro meu olhar sobre o salão. Onde estão Riser e Lash? Eu não os vejo com os outros, então os realistas não descobriram que eles estão conosco ainda.

Mas eles vão. Não vai demorar muito, se é que ainda não o fizeram.

— Claro, assim que descobrimos os traidores, fiquei curioso sobre a prisioneira, Maia. Especialmente porque a arquiduquesa ainda não tinha feito

com que ela pronunciasse uma única palavra... e conhecendo Maia, ela simplesmente não era tão corajosa.

Qualquer esperança que me resta de tirar Max disso - de levar todos nós para casa em segurança - se evapora quando Delphine aparece ao lado da arquiduquesa. O cabelo de Delphine é selvagem, projetando-se em ângulos estranhos, seu rosto magro e assombrado com a aparência de alguém que foi torturado.

Ela está mancando e respirando com dificuldade, e assim que me vê usando seu vestido de noiva, a fúria toma conta de sua expressão.

Mas mais condenatório do que qualquer coisa é que seu rosto não é mais meu, mas seus verdadeiros traços. E ao lado dela, vacilante, mas de pé e bem vivo, está Roman. Seus olhos estão totalmente pretos, brilhando com assassinato enquanto se fixam em mim.

Eu vou matar você, ele murmura.

— Nós descobrimos o código usado para mudar o rosto de Delphine para o seu, Maia, e então uma busca em seu quarto revelou uma surpresa interessante. — O imperador me olha como se pudesse ver através da minha ilusão. — Não vai demorar muito para encontrar e remover o código usado em seu rosto e nos outros.

Meu batimento cardíaco bate contra meu peito e corre pelos meus ouvidos. A sensação de estar quase sem corpo toma conta de mim, seguida por uma calma enervante.

Arranco a coroa da minha cabeça, arrancando mechas do meu cabelo, e avanço para Caspian. Meus dedos se fecham em torno do punho de sua espada cerimonial. O chiado do metal quando a lâmina sai da bainha de couro em sua cintura divide o ar.



Antes que alguém possa reagir, estou posicionada atrás dele, a lâmina em sua garganta. Eu o sinto tenso, mas fora isso ele está extremamente calmo.

— Sinto muito. — Murmuro.

O imperador desliza o olhar para a espada no pescoço de seu filho, a coroa em minha mão, pronta para atirar, e depois para mim. Ele recua lentamente, sua expressão ainda tão altiva, tão certo de que está no controle.

A tiara na minha mão treme, jogando cacos de luz esmeralda contra o pescoço e a mandíbula de Caspian.

— O que, exatamente, você planeja fazer com isso? — O Imperador pergunta baixinho.

— É equipado com explosivos, então use sua imaginação. — Assobio.

— Vocês, Fienianos, e seu amor por bombas. — Ele tosse, seus lábios se curvam como se ele sentisse algo nojento.

Na minha periferia, vejo Centuriões se aproximando.

— Deixe-os ir — Ordeno. — ou mato seu filho.

Espero que o imperador recue, para mostrar até mesmo um mínimo de preocupação que a vida de Caspian esteja em jogo. Em vez disso, seus olhos permanecem calmos, um pequeno sorriso brincando em sua boca.

— Não, eu não penso assim. Você é muito fraca. Uma garotinha assustada brincando de ser rebelde. — Ele considera Caspian e, finalmente, uma emoção ondula em seu semblante, mas não é a que estou esperando. — Além disso, você estaria me fazendo um favor. Meu filho provou ser um traidor. Você acha que eu não descobriria que ele está te ajudando? Embora eu ache interessante que Caspian soubesse que Victoria monitorava constantemente a prisão. Por que ele não avisou você, você não acha?

E assim, o imperador tirou a última moeda de troca que me restava. O ar foge dos meus pulmões em uma lufada. Os Centuriões se aproximam.

Caspian, por sua vez, está extremamente quieto. Sua respiração regular. Seu olhar firme, inabalável. Ele nos traiu? Não tenho tempo para resolver esse ângulo, nem meu coração pode suportar as consequências se isso for verdade.

Algo se move ao longe, um movimento rápido que chama minha atenção atrás da arquiduquesa. Riser.

Não, não, *não*.

Ele deveria fugir. Não há como ele enfrentar a nave inteira.

— Ela pode estar brincando de ser uma rebelde. — Diz Riser, sua voz ecoando pelo salão. — Mas eu não sou. E ele também não.

Suspiros confusos enchem o salão quando o pai de Delphine, General Bloodwood, caminha em direção ao Imperador na frente do corredor, um dispositivo preto do tamanho de um charuto segurado firmemente em sua mão estendida.

— General Bloodwood, o que é isso? — O imperador late, mas pela primeira vez desde que o pesadelo começou, há verdadeiro medo em sua voz.

O general sorri e então seu rosto começa a mudar, pixelando, transformando-se até que as feições mutiladas se tornem familiares e meu cérebro reorganize as peças em...

Ah não. Não pode ser.

— Nicolai? — Suspiro quando as palavras do general mais cedo - *you* *are* *about* *to* *get* *everything* *you* *deserve* - ganham um novo significado.

Nicolai ainda sorri, seus lábios arruinados tensos como se estivessem presos daquela forma.

— Senhoras e senhores, não entrem em pânico, mas vocês deveriam saber que embaixo de cada assento neste salão há uma bomba grande o suficiente para atomizá-los em menos de um segundo.

Algumas explosões fortes agitam a multidão. Nicolai balança a cabeça.

— Eu esqueci de mencionar que ficar em pé dispara as bombas? Meu erro. Também posso pressionar este pequeno botão prático e todas elas explodem ao mesmo tempo.

Alguém grita, mas não sei se é em resposta ao rosto desfigurado de Nicolai ou à sua declaração. Sua estranha voz eletrônica o faz parecer ainda mais monstruoso de alguma forma.

O Imperador me encara com um olhar perplexo, como se ele simplesmente não pudesse acreditar no que está vendo.

Minha mente está zumbindo enquanto tento colocar essa nova realidade em conjunto. O treinamento das naves estelares. Ele estava planejando isso o tempo todo. Não foi uma invasão.

É uma missão suicida.

Os centuriões que estavam se aproximando de mim se espalharam para verificar os assentos. Depois de abrir caminho pelas fileiras, todos olham para o imperador, e antes mesmo de eu ver seus acenos, posso dizer por seus rostos de cera e olhos vazios que Nicolai está falando a verdade.

— Como você entrou a bordo desta nave? — O imperador exige.

— Oh aquilo. — Nicolai permite que seu olhar se volte para Riser. — Alguém teve a gentileza de me dar uma espiada, mas não sem antes me dar alguns detalhes curiosos. Como o esconderijo de bombas inteligentes, o general manteve flutuando em uma posição não muito longe daqui?

Riser... deixou Nicolai entrar no Hyperion? Impossível!

Procuro seu rosto, silenciosamente implorando para que olhe para mim, para refutar essa traição de alguma forma, mas seu foco nunca deixa o Imperador.



O imperador empalidece, finalmente tendo o bom senso de parecer abalado. Ele olha para a mãe de Delphine, cuja expressão de culpa quase confirma a veracidade desse novo conhecimento.

— O que, você achou que alguém como o general não teria um plano para tirar o controle de você eventualmente? Mas você está com sorte. Eu o matei. De nada.

A mãe de Delphine dá um grito silencioso antes de cair em sua cadeira. Delphine e Roman trocam olhares nervosos.

O imperador balança a cabeça repetidamente, como se não pudesse compreender tudo o que acontecia.

— O que você quer? Dinheiro? Um lugar em Hyperion? Títulos? Tenho certeza de que podemos resolver alguma coisa.

Nicolai sorri. — Oh, eu tive a maioria dessas coisas. Elas não são tão satisfatórios quanto se espera. Eu aceitaria uma coisa de você, no entanto.

O triunfo faísca dentro dos olhos do imperador. Ele pensa, como sempre, que pode usar seu poder e riqueza para sair dessa situação.

— Continue.

— Devolva minha irmã, aquela que você jogou na Prisão do Reno para apodrecer e morrer, e eu pegarei minhas bombas e irei embora.

Uma onda fria de choque congela minhas veias. Irmã dele... Prisão do Reno...

E de repente tudo se encaixa.



CAPITULO 33



O imperador chega à mesma conclusão que eu, e algo muda em sua expressão, em seu comportamento.

— Você... você não pode ser...

— Ezra Croft? O mais prolífico e notório líder rebelde Fieniano assassinado? — Nicolai faz uma reverência, todos os olhos fixos no polegar sobre o detonador em sua mão. — Na carne ou o que sobrou dela.

— Não. — O imperador aponta um dedo trêmulo para ele. — Eu... eu matei você.

— Você tentou muito, devo admitir. — Sua voz estranha e estridente transborda um humor que não atinge seus olhos. — Mas eu prometi que faria você pagar pela morte de minha irmã, e sou um homem de palavra. Então, você vê, eu simplesmente não poderia lhe dar a satisfação de morrer.

Cada pessoa está congelada, paralisada em um turbilhão opressor de terror e choque. Ezra Croft foi o homem mais temido da história, seus crimes horríveis. E porque o imperador insistiu em repetir as imagens horríveis desses crimes para o público quase diariamente, todos neste salão podem imaginar exatamente o que acontecerá se Nicolai levantar o polegar alguns milímetros.

Sem mencionar o que as bombas farão ao precioso Hyperion do imperador. Uma explosão desse tamanho seria... devastador. Isso destruiria a nave inteira.

Aproveitando o silêncio repentino, Riser se aproxima de Nicolai.

— Cumpri a minha parte do trato, agora vou levar Maia e os outros e vamos embora.

Nicolai pisca. Não posso deixar de perceber que, como Ezra Croft, isso faz de Nicolai tio de Riser.

— Sinto muito, sobrinho, mas mudei um pouco as coisas. Maia fica comigo.

Com tudo o que aconteceu, quase esqueci completamente sobre Caspian, que se afastou do meu abraço. Ele está observando tudo, seu corpo imóvel. Mas assim que Nicolai anunciou seus planos para mim, ele mudou. Comecei a estudar a cena e Nicolai de uma forma que me diz que ele vai fazer algo violento em breve.

Como tudo isso escapou de mim tão rapidamente? Eu preciso agir, fazer alguma coisa, mas o quê?

Se isso salvasse meus amigos, eu de boa vontade me entregaria por eles. Mas e o Mercurian?

Riser balança a cabeça. — Por que mantê-la? Ela não é nada.

Nicolai realmente teve a audácia de parecer arrependido por essa traição ao dizer: — Você está certo. Ela não é nada, mas a coisa dentro dela... Não posso deixá-la destruir Pandora.

— Por quê?

— Você não vê? A única maneira de salvar nosso mundo é destruí-lo. Apenas a aniquilação total acabará com os ideais dos monarquistas. Para



matar um câncer, você deve extirpar cada pedaço de carne corrompido junto com o tecido circundante.

A indignação explode como uma bomba dentro do meu peito, e eu corro escada abaixo, apenas parando quando Nicolai acena o detonador para mim.

— Você é um louco. Você está falando sobre eliminar até noventa por cento da população.

Nicolai encolhe os ombros. — Isso depende da mãe natureza, mas sim, é provável. Mas aqueles que permanecerem, eles vão se lembrar de nós. Eles vão se lembrar do nosso sacrifício. E eles vão começar de novo.

Ao meu lado, sinto a presença de Caspian, todo o seu ser focado em Nicolai. Pego Caspian olhando para Riser, e algo se passa entre eles. Um plano que não consigo decifrar. Eu me preparo para tudo. Chegando mais perto de Nicolai enquanto eu faço.

— Você é um monstro! — Alguém grita, e meu estômago aperta quando eu reconheço a voz refinada de Lash.

Ele está fornecendo uma distração, eu percebo, quando Nicolai se vira ligeiramente para encarar Lash, que está mancando passando pela arquiduquesa.

Os olhos de Roman se estreitam quando ele vê Lash, talvez se lembrando dele como o prateado que ousou amar sua irmã. Um sorriso cruel esculpe sua mandíbula grossa.

Eu vejo uma centelha de raiva e intenção um momento tarde demais. A lâmina na mão de Roman brilha enquanto ele ataca.

Um grito sobe pela minha garganta enquanto a lâmina bate em direção ao peito de Lash.

Delphine se move tão rápido que mal entendo o que ela está fazendo. Não até que ela bloqueie a arma com seu corpo.



Roman empurra a mão para baixo em um esforço para parar o golpe, mas ele estava se movendo muito rápido e a adaga afunda em seu estômago.

Delphine tropeça. Suspiros. Uma mancha vermelha brilhante floresce sobre sua túnica. Roman recua quando a compreensão do que ele fez o atinge.

— Del, por quê? — Ele diz, olhando para ela como se ela fosse uma estranha.

Ela balança a cabeça, aparentemente tão confusa quanto Roman, e então cai nos braços à espera de Lash.

Precisamos agir agora enquanto Nicolai está distraído. Algo pisca na minha periferia. Eu sigo o movimento até Caspian, uma pequena lâmina segura firmemente em sua mão.

Ele ataca com a velocidade de uma cobra. Uma vez. Duas vezes. Tão rápido que acho que Nicolai nem sabe que foi esfaqueado. Antes que o Mestre das Marionetes possa entender o que aconteceu, eu fecho a distância entre nós e aperto minhas mãos sobre o detonador, forçando seu polegar a segurar a pressão.

— O que você está... — A voz de Nicolai diminui, e então ele solta uma risada baixa. — Ah eu vejo. Esperta.

Sua mão enfraquece sob a minha. Seus dedos soltam o detonador, e meu polegar consegue ocupar o lugar do dele antes que o pequeno botão vermelho possa nos deprimir totalmente e matar todos nós.

Com o polegar tremendo, eu levanto minha mão bem alto, enviando os Centuriões que estavam se aproximando correndo de volta. Max corre para o meu lado, minhas costelas quebradas praticamente gemendo com o contato. Mas a dor não é nada comparada ao meu alívio, e jogo meu braço livre ao redor dele, apenas segurando as lágrimas que ameaçam cair.



— Você está machucado? — Exijo antes de perceber que é uma pergunta estúpida. Claro que ele está ferido.

Ele ri, o som é doloroso. — Nada que eu não pudesse lidar.

A bravata em sua voz, tingida com o medo subjacente que ele está tentando esconder, me corta por dentro.

— Eu voltei por você, Max. Eu voltei desta vez.

Um soluço soa em sua garganta e ele o enterra.

— Eu sabia que você iria. Agora podemos ir para casa, por favor? Eu quero ver a mamãe.

Casa. A perspectiva de repente parece tão próxima, e ainda...

Olho por cima do ombro e vejo Caspian baixando Nicolai no chão. O sangue goteja do colete de Nicolai para o chão. Seus olhos estão vidrados, seus lábios separados. Suas mãos se curvam para dentro como garras, como se o esforço de segurar o detonador as tivesse tornado inúteis.

Pela primeira vez desde que o conheço, seu rosto arruinado não está contorcido e tenso de dor. Ele parece tão pequeno, quase uma criança e não o líder rebelde que aterrorizou uma nação. Não o homem que assombrava meus sonhos, o Mestre de Marionetes que parecia saber tudo.

Agora ele é simplesmente um homem quebrado, dando suas últimas respirações.

Mudo meu foco para os outros.

Roman está pressionado contra a multidão, seus olhos vazios e fixos em Delphine, que está sentada contra uma cadeira, sendo atendida por Lash. Flame e Teagan estão sussurrando com Riser. Seus olhos vão para mim.

— Precisamos sair. — Digo, olhando ao redor. A arquiduquesa está desaparecida e sinos de alarme tocam dentro da minha cabeça enquanto tento



formar um plano. — Posso segurar o botão até que estejamos longe o suficiente e então...

O que? Liberar?

Riser se aproxima, os outros não muito atrás. Ele acena para mim.

— É um bom plano, mas não funcionará.

— Por quê?

Flame capta meu olhar, seu rosto sombrio de uma forma que não entendo muito bem.

— O detonador tem um alcance de sinal baixo. Nem chegaríamos ao hangar antes que o sinal fosse perdido... e com esse tipo específico de configuração, uma vez ativado, é programado para detonar se o sinal piscar.

Balanço minha cabeça.

— Bem, então, vamos pensar em algo.

— Não temos tempo para isso.

O que significa...

— Não. — Minha mão aperta com mais força em torno do detonador. — Vamos todos para casa.

— Alguém tem que ficar, querida. — Acrescenta Teagan, e a suavidade de sua voz torna tudo ainda mais real.

— Eu não posso... eu não posso perder nenhum de vocês.

Flame estende a mão. — Dê aqui e eu posso verificar se há falhas. — Não mexo, então ela acrescenta: — Às vezes, há um botão que permite a desativação.

Eles estão todos me olhando. Na minha visão periférica, noto que Nicolai ficou imóvel.

— Maia — Max diz. — Dê a ela. Estamos ficando sem tempo.



Olho para a multidão de Monarquistas nos observando, o peso de milhares de Adormecidos assistindo para ver o que farei caindo sobre mim como uma avalanche.

Aceno e estendo a mão para entregar o detonador para Flame...

Antes que eu possa reagir, Riser desliza sua mão sobre a minha.

Tento me afastar, mas não consigo puxar com muita força, com medo de meu polegar escorregar para fora do botão.

— O que você está fazendo? — Eu imploro, estranhamente sem fôlego.

— Eu nunca vou esquecer o quão bonita você estava esta noite, Maia. — Riser diz, sua voz pesada com arrependimento. — Nunca.

E então braços deslizam atrás de mim e me puxam para trás enquanto Riser tira o detonador da minha mão suada.

— Não! — Meu grito chia pela nave. Caspian e Flame me seguram com força e estão me arrastando para longe do salão das estrelas. Longe de Riser. — Riser! Por favor, eu não posso fazer isso sem você!

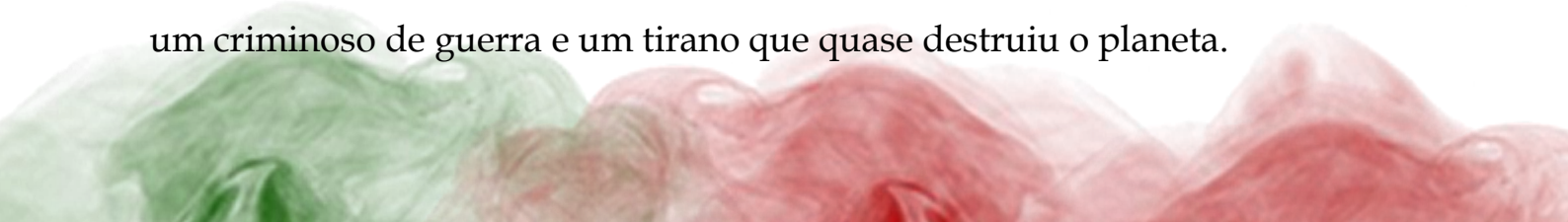
Um sorriso triste mostra os dentes perfeitos de Riser. — Você nunca precisou de mim ou de ninguém, Maia. Você e só você pode salvar nosso mundo.

Me viro para olhar para Caspian.

— Me deixar ir. Isso não vai funcionar. Assim que sairmos deste salão, o Imperador ordenará aos Centuriões que peguem Riser. Ele prefere morrer do que nos deixar ir.

— Não, ele não vai. Porque em sua própria mente doente e demente, ele ainda pensa de alguma forma comigo vivo, seu nome viverá na história.

— Sobre minha cabeça, Caspian lança um olhar duro para o Imperador. — Não é verdade, pai? Bem, eu prometo a você, a história vai se lembrar de você como um criminoso de guerra e um tirano que quase destruiu o planeta.



A raiva brilha nos olhos do imperador... mas ele não ordena que os centuriões avancem sobre Riser. E eu sei agora que Caspian está certo.

— Você pode dizer o que quiser sobre mim, filho. Mas você sempre será *minha* criação. *Meu* legado.

Caspian encara seu pai, magoado e com ódio contorcendo seu rosto.

— Podemos estar ligados por sangue, mas nunca serei seu filho. Nunca. Seu legado morre com você.

Caspian se vira para mim. — Maia, eu carrego você se for preciso.

Mas não posso deixar Riser sozinho para morrer. Eu não posso. Não depois de tudo que ele fez por mim. Não depois de tudo que passamos. Não depois que finalmente percebi o que ele significa para mim.

Eu seguro o olhar de Riser.

— Riser, *por favor!*

Riser olha para mim, realmente olha para mim, como se estivesse me bebendo pela última vez.

— Eu descobri como me redimir. Vai ficar tudo bem agora, Maia, eu prometo. Eu nem estou com medo.

A confusão torce meu rosto. — Você não está fazendo sentido, Riser.

— Caspian, — Riser ordena, tirando o olhar do meu rosto. E eu sei. Eu sei que é a última vez que ele vai olhar para mim. — Proteja-a acima de tudo. Prometa-me.

Caspian concorda. — Até meu último suspiro.

— Obrigado. Agora vá. Por favor.

Caspian e Flame gentilmente, mas com força, começam a me arrastar para longe. O pânico tem me agarrado ao ar, tentando me desvencilhar de suas mãos. Caspian está tentando me acalmar, sua voz sussurrando em meu



ouvido, mas não consigo ouvi-lo. Não através das batidas frenéticas do meu coração, minha respiração irregular.

Ao nosso lado, Lash apoia Delphine, sangue pingando no chão. Eu vagamente escuto o som de Flame e ele discutindo, mas eles devem concordar em levá-la porque a discussão para.

As palavras de Caspian entram e saem de meus ouvidos.

— O que ele queria... pare de lutar... por favor escute...

Mas está confuso e tudo misturado e eu quero gritar. Eu quero matar Caspian por me fazer deixar Riser. Quero matar Riser por pensar que teve que se sacrificar. Eu quero derrubar esta nave inteiro com minhas próprias mãos.

Luzes piscam dentro do hangar, as naves estelares elegantes todas alinhadas em fileiras organizadas. Conforme nos aproximamos da nave estelar que nos trouxe aqui, toda a vida se esvai de mim, e eu caio nos braços de Caspian. Parece que meu peito vai explodir, apenas se abrir.

Eu não posso deixar Riser.

Caspian me ajuda a subir a rampa e entrar na nave. O mundo gira. Sinto algo deslizar pelo meu corpo e ouço um clique quando Caspian me coloca no cinto. Pela porta aberta, vejo Flame deslizando de embarcação em embarcação, plantando pequenas bombas que vão desativar a tecnologia da máquina e torná-las inoperantes.

— Eu peguei a maioria deles. — Ela grita enquanto desliza para dentro, a rampa fechando com um whoosh atrás dela. — Agora vamos. Já estamos atrasando o cronograma.

Caspian trabalha nos mostradores e botões do painel enquanto programa a nave para o nosso voo de volta, mas estou com raiva demais para encontrar seu olhar. Raiva e tristeza giram dentro de mim, uma nuvem negra e venenosa.



Só consigo pensar em Riser sozinho. Cercado por um pai que nunca o amou, por inimigos que o veriam puxado e esquartejado, por um mundo que nunca o aceitou.

Ele deve estar sozinho, tão sozinho e com medo. Mesmo que ele seja teimoso demais para temer a morte, ele deve lamentar pelo futuro do qual desistiu. O futuro que ele e eu planejamos há menos de um dia.

Curvando-me, coloco a mão sobre a boca. Eu vou vomitar. Eu não posso. Eu não consigo pensar sobre isso. Sobre ele...

Rangendo os dentes, me forço a sentar bem a tempo de localizar Lash ajudando Delphine a sentar-se à minha frente. Sua mão pressiona um lenço de seda encharcado de sangue em sua ferida, e uma nova onda de raiva queima por mim.

Dane-se o perdão. Ela deveria morrer, não Riser.

Ela deve sentir minha raiva, ou talvez finalmente um senso de moralidade tenha se apoderado dela, porque ela mantém os olhos fixos no chão, o rosto desprovido de seu desdém usual.

Ou talvez ela esteja simplesmente morrendo. Pelo sangue pingando no assento de metal, é uma possibilidade.

Max se curva à minha esquerda. Ele brinca com algo em seu colo e, em seguida, um chilrear familiar rompe minha bolha de agonia...

— Bramble?

O sensor corre para o meu colo, seus movimentos suaves, como se ele pudesse sentir minha dor no coração.

— Eu pensei que você poderia usar Bramble agora. — Max diz, pegando minha mão na sua. — Está tudo bem, Maia. Estou seguro, Bramble está seguro. E Riser...



— Riser o quê? — Eu interrompo, fazendo com que Bramble se mexa desconfortavelmente no meu colo. — Nós o deixamos lá para morrer.

Com a minha declaração, os gorjeios de Bramble se tornaram frenéticos, suas antenas chicoteando na direção de Caspian.

Enquanto a nave dispara para fora da porta do hangar, esvaziando meu estômago, eu fecho meus olhos, tentando imaginar o rosto de Riser quando saí. Tentando manter sua imagem. Para me agarrar a ele como se fosse o último suspiro em meus pulmões.

Esse último sorriso. Esses dentes perfeitos...

Exceto...

Meus olhos se abrem. Riser não tinha dentes perfeitos. Ele tinha um chip pequeno, mas perceptível.

Bramble ainda está bipando alegremente e gesticulando em direção a Caspian. Talvez esteja viajando em alta velocidade, ou talvez sejam as circunstâncias, mas o mundo parece desacelerar enquanto me concentro em Caspian na minha periferia.

Terminada a programação, ele se senta à minha direita. Seus movimentos são fluidos e furtivos, assim como...

Não. Estou vendo o que quero.

Fechando meus olhos, trago o programa rastreador com minha mente. Mesmo a esta distância da nave, ainda é acessível. Eu procuro o nome Riser, prendendo a respiração, até que o ponto com sua localização aparece no meu mapa mental, bem ao meu lado.

Minhas pálpebras se abrem. Como isso é possível?

Seus dedos são quentes e de alguma forma familiares enquanto deslizam sobre os meus.



— Eu tentei dizer a você, tentei explicar, mas para nosso plano funcionar, o imperador teve que acreditar que eu era Caspian.

Expiro, com medo de entender o que ele está dizendo. O que meu coração está dizendo. Com medo de que não seja verdade. Com medo de piscar e tudo isso vai embora.

— Garota Escavadora. — Diz ele, implorando-me com sua voz. — Eu não deixei você. Como você pode pensar que eu faria?

Eu sei antes mesmo de olhar. Mas isso não impede o caos de emoções de bater em mim quando me viro e deixo meu olhar percorrer as características de...

— Riser?

Eu bebo em seu rosto real com o dente lascado e os olhos incompatíveis e o fantasma de uma cicatriz aparecendo logo acima de sua camiseta. Mas é só quando Bramble pula em seu colo que tenho certeza de que é ele.

Minha esperança se transforma em uma onda de alívio. Eu jogo meus braços em volta dele, saboreando seu calor.

— Eu pensei... oh, deuses, eu pensei que você tinha morrido. — Sussurro, enterrando minha cabeça em seu pescoço. — Mas então...

A compreensão bate como uma bomba. Se Riser estava fingindo ser Caspian, então...

Não. Oh, não.

— Caspian. Ele trocou de lugar com você?

Riser acena com a cabeça, sua expressão solene.

— Eu não entendo.

— Deixe-me explicar. — Riser aperta minha mão enquanto seus olhos me imploram para perdôá-lo. — Mas primeiro, ele pediu uma chance de falar com



você se algo desse errado. Flame, você pode trocar todos os comunicadores para que eles tenham privacidade? E ative o microfone.

Um estalo baixo soa na minha cabeça, seguido pela voz de Caspian, ainda vibrando com aquela elegância rica, apesar de tudo.

— Ei, Maia — Ele começa. — Peço desculpas pela dor que sei que acabei de causar a você.

— Caspian, não me importo com isso. Estamos mudando...

— Não. Maia, por favor, deixe-me tirar isso do meu peito.

Algo em sua voz me faz concordar.

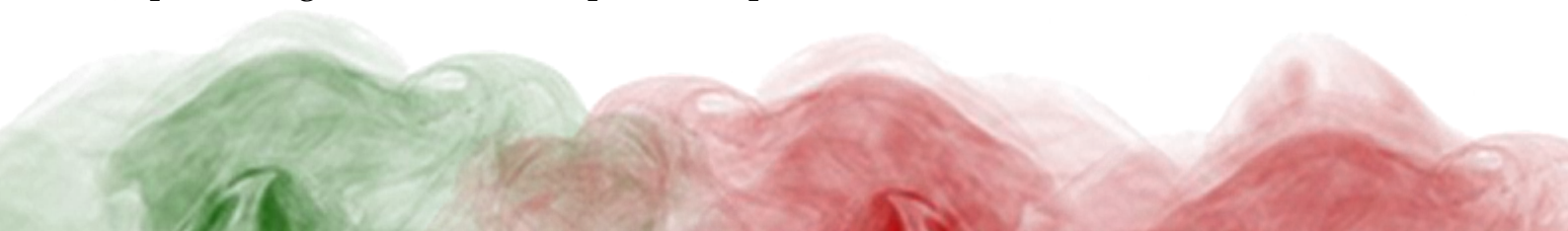
— Ok, Caspian. Diga-me o que você quer dizer e então vamos... vamos descobrir juntos.

— Primeiro, não se culpe. Não é porque você escolheu meu irmão em vez de mim. É verdade, eu te amo, acho que vou te amar até morrer, o que provavelmente não vai demorar muito a partir de agora. — Uma risada irregular sussurra em minha cabeça. — Desculpe, isso foi cruel, mas o tempo de se esconder atrás de mentiras acabou. — Ele solta um suspiro. — Em segundo lugar, quero que saiba, você sempre foi a pessoa certa para mim. A garota com quem sonhei, a garota que me fez querer ser melhor...

— Pare, Caspian. — Minha voz falha. Os outros só conseguem ouvir minhas palavras, mas é o suficiente para entender o cerne da conversa, e todos, até Delphine, parecem tomados de tristeza.

— Por favor, — Caspian implora. — Estamos ficando sem tempo e ainda há muitas coisas que quero dizer a você.

Pisco, reprimindo minhas palavras, me perguntando como ninguém jamais me preparou para a dor excruciante de saber que você está prestes a perder alguém e não ser capaz de impedir.



— Maia, mesmo que você não tivesse escolhido Riser em vez de mim, vejo agora que não mereço você, e fico envergonhado quando penso em quanto sofrimento esqueci, em quantos de meu próprio povo assisti a esta corte oprimir e massacrar. — A dor pesa em sua voz e rezo para que o imperador possa ouvi-lo. — No fundo, Maia — Continua ele. — no fundo, eu sabia que estava errado. Todos nós sabíamos. Acho que foi o maior crime de todos.

— Você tentou. — Puxo a alça do meu cinto de segurança, desejando que ele me ouça. Para entender que ele está perdoado. — Uma vez que você entendeu tudo o que estava acontecendo.

— Não foi o suficiente. Nunca será o suficiente.

Fecho meus olhos. — Você não tem que fazer isso. Você ainda pode tentar chegar a uma nave estelar...

— Não. — A finalidade em sua voz quase me quebra. — Meu pai vai nos seguir. Ele fará o que for preciso para continuar seu reinado corrupto. Além disso, eu entendo agora o que você disse sobre o perdão. É por isso que dei a Ezra, o homem que matou minha mãe e minha irmã, a chance de fazer o que era certo e se absolver desses crimes.

Engulo enquanto a compreensão se encaixa.

— Você sabia que havia uma possibilidade de que ele não nos deixasse ir. Você... você sabia que havia uma grande probabilidade de que esse fosse o resultado.

— Eu não quero morrer. — Caspian esclarece, e eu ouço essa verdade em seu tom, a tristeza pelo que poderia ter sido. — Você tem que saber disso. Eu quero viver. Quero passar o resto da minha vida tentando provar que mereço você.

— Então faça. Viva.



— É a minha vez de fazer o que é certo, Maia. Certamente você entende isso?

Balanço minha cabeça, teimosamente me recusando a aceitar que ele tem que morrer.

Ele limpa a garganta. — Então... sobre o que devemos conversar enquanto espero sua embarcação atingir a marca de segurança? Espere, eu sei. Conte-me a história de Orion e as sete irmãs. Aquela que tem o seu nome. Eu sempre amei aquela.

Engulo, minha garganta doendo, cada palavra raspando como uma lixa.

— Orion, o caçador gigante, se apaixonou perdidamente pelas sete filhas de Atlas. Quando seu pai morreu, as irmãs acabaram com suas vidas, mas Zeus teve pena delas e as transformou em estrelas. Até hoje, se você olhar para o céu, verá Orion, ainda perseguindo-as. Ainda apaixonado por aquilo que não pode ter.

Ele suspira. — Eu me lembro quando você escreveu aquele poema. Roman e os outros zombaram de mim, mas Ophelia me chamou de lado. Ela disse: “Cas, eu gosto dessa garota. Ela tem coração.” — Ele faz uma pausa, então acrescenta: — Eu deveria ter adivinhado que eu era o Órion nesta história, amando alguém que estará para sempre fora do meu alcance.

Minha garganta aperta, minha resposta confusa desmoronando na minha língua.

— Eu finalmente entendi que você nunca poderia me amar quando você caminhasse pelo corredor. A maneira como você olhou para mim quando pensava que eu era Riser... você nunca me olhou assim, Maia. — Ele suspira, mas é tão suave que mal ouço. — Eu sei que aquele psicopata vai cuidar de você. Diga a ele... diga a ele que foi uma honra lutar ao lado dele, como iguais. Como irmãos. Diga a ele tudo isso.



A emoção sufoca minhas palavras.

— Volte e diga você mesmo.

— Teimosa até o fim. Deuses, vou sentir falta disso.

Outra pausa de parar o coração. Meus dedos giram em torno das joias bordadas em meu vestido de noiva.

Ainda não. Por favor, ainda não.

— Então, você ultrapassou o ponto de segurança, o que significa que é hora de eu desligar. Adeus, Maia das estrelas. — Outra pausa e então ouço sua voz, abafada e distante, como se ele estivesse falando com outra pessoa. — Isto é por Ophelia.

O comunicador da microplanta está morto. Cavo meu punho em meu esterno, presa na agonia de esperar pelo inevitável enquanto oro por apenas mais uma palavra dele. Todas as coisas que não disse se acumulam dentro de mim, todas as memórias de nosso tempo fugaz juntos brincando em minha visão como uma tela rachada.

A primeira vez que vi Caspian como uma criança assistindo o assassinato de sua mãe e irmãzinha. O esboço que ele desenhou de mim. A primeira vez que o encontrei perto do telescópio.

Deuses, ele era lindo, lindo, mas tão confuso sobre quem ele era, seu propósito nesta vida.

E ele me amava desde então, embora tenha demorado até este momento para entender a profundidade desse amor.

A explosão é abafada, o som quase um sussurro. Dificilmente a cacofonia que eu esperaria do pedaço de imóvel mais caro e cobiçado do mundo sendo destruído em nada. Um estrondo abafado balança a nave, e eu abro meus olhos para uma chama crescente de laranja na distância onde Hyperion flutuava.

Todas aquelas pessoas se foram. Desapareceram.



A enormidade de tal destruição é demais para compreender. Talvez um dia eu chore as almas que pereceram. Talvez um dia não importe que eles fossem inimigos, apenas seres humanos.

Mas, neste momento, só tenho a capacidade de fazer o luto de uma pessoa.

O príncipe Caspian Laevus, realista que se tornou rebelde, meu antes pretendido e quase marido, meu amigo, aliado e uma das pessoas mais corajosas que já conheci, está morto.



CAPITULO 34



No caminho de volta para a Terra, ouço, entorpecida, conforme explica Riser.

— Caspian veio até mim esta manhã antes da cerimônia. — Diz Riser, os olhos distantes enquanto ele lembra o que parece ter sido dias atrás para mim. — Eu pensei no início, quando ele sugeriu que eu fizesse Flame adicionar outro código para trocar seu rosto pelo meu, que era algum truque. Mas ele implorou que eu confiasse nele, irmão para irmão, e me fez prometer que não importa o que acontecesse, eu aceitaria a estratégia para protegê-la.

— Por que você não me contou? — Pergunto, minha voz estranhamente sem emoção.

— Não houve tempo. — Riser passa a mão pelo cabelo escuro. — Eu nunca o vi assim. Ele apenas dizia que nós dois te amávamos, e era nosso trabalho mantê-la segura, não importa o quê.

Lágrimas pinicam nos cantos dos meus olhos, mas eu as pisco de volta. Uma parte de mim está furiosa com Caspian. Nossa conversa pouco antes de ele me acompanhar até a cerimônia, quando pensei que ele era Riser, vem à mente.

As coisas que ele disse.

Ele estava se despedindo.

— O imperador disse que Caspian sabia sobre o monitoramento constante da arquiduquesa na prisão — Acrescento, tentando descobrir seus últimos pensamentos e motivos. — ele deve ter imaginado que nosso plano de tirar Max de sua cela estava condenado, não importa o que fizéssemos.

— Se eu tivesse *percebido* que o plano incluía trazer Nicolai a bordo armado com um esconderijo de explosivos... — Exclama Flame, olhando Riser incisivamente: — Eu nunca teria concordado com a troca de rosto no último minuto.

— É por isso que ele não podia contar a ninguém. — Acrescento. — Ele deve ter descoberto de alguma forma que Nicolai planejava embarcar em Hyperion, deve ter percebido quem Nicolai realmente era e que Riser era a única pessoa em quem Nicolai confiaria. Ele sabia que Nicolai poderia traí-lo, mas também estava preparado para isso.

— Bravo idiota! — Riser rosna, e estou surpresa com a emoção por trás de sua rispidez. — Espero que nosso pai tenha percebido que era Caspian antes da explosão. Espero que aquele bastardo olhe para o rosto de seu filho, um filho que era dez vezes o homem que ele era, e chorasse.

Com isso, todos nós ficamos quietos enquanto esperamos para entrar em um novo inferno. Não verifiquei a hora, mas temos que estar próximos do limite de corte para parar o asteroide. Meu peito aperta quando percebo que, quando voltarmos, há uma possibilidade de nos atrasarmos apenas alguns minutos. Se for esse o caso, seremos forçados diretamente para o bunker subterrâneo abaixo do castelo.

Mas mesmo isso está à prova de falhas, não tem caixões suficientes para que todos possam fazer o upload e sobreviver.



Fechando meus olhos, empurro o pensamento de lado e me preparo para pousar.

Por favor, eu oro a qualquer um dos deuses antigos que possam estar ouvindo, que o sacrifício de Caspian valha alguma coisa.



Eu vejo a forma encapuzada de minha mãe antes de pousarmos. Ela espera por nós no telhado do palácio, sua figura esguia inclinada contra o vento, cabelos castanhos trançados chicoteando atrás dela.

A noite já caiu, os jardins do palácio estão cobertos de sombras. Não me atrevo a olhar para Pandora ao sair da nave, Bramble aninhado em meu ombro e pescoço. Não ousa tentar ler o rosto de minha mãe - ou o que ela vai me dizer - até que eu consiga me recompor.

Mas ela não está focada em mim de qualquer maneira. Ela está congelada, presa na agonia de esperar enquanto seu olhar passa pela porta...

Ela está procurando por Max.

E quando ela o vê, quando ela solta o fôlego que ela está segurando pelos deuses sabem quanto tempo e a percepção de que ele está seguro, a máscara que minha mãe usa desde que eu consigo lembrar se desfaz para revelar o pânico.

Do tipo que tenta se afogar e só uma mãe pode sentir por seus filhos.

Um barulho estranho sai de sua garganta e então, a mulher que nunca corre, nunca mostra um sinal de emoção, corre os poucos metros até onde Max está, trêmulo e cansado, mas vivo. Ela o puxa para si e, pela primeira vez, percebo como seus braços ficaram magros. Como suas têmporas estão

vazias. As linhas gravadas em sua testa eram tão profundas que podiam ser marcas de garras.

Ela não chora, não que eu esteja esperando que ela o faça. Mas seu corpo estremece e, mais de uma vez, ela o inala do jeito que imagino que uma mãe faria com um bebê.

Talvez tenha sido a tortura, mas Max não luta contra sua atenção. E quando ela se inclina e sussurra algo, as lágrimas molham seus olhos, e ele responde a ela.

Luto contra uma onda de ciúme, o lembrete de que ela sempre o amou mais. Que não importa o que eu tenha feito, não importa o que eu faça, nunca será o suficiente.

Os últimos a sair da nave são Lash e Delphine. Enquanto eles descem a rampa mancando, minha mãe se afasta de Max, pega Delphine, a ex noiva do falecido Caspian, e então coloca sua máscara dura mais uma vez.

— Não há tempo para explicar o que aconteceu acima. — Diz ela. — Precisamos colocar Max dentro do castelo agora. Assim que ele nos levar ao Mercurian, todos, exceto Maia e eu, devemos refugiar-nos no abrigo subterrâneo abaixo.

Riser se posiciona na minha frente, nem mesmo tentando esconder sua vontade de lutar com ela, se necessário, para me proteger.

— A linha do tempo passou.

É menos uma pergunta do que uma afirmação, e meu coração aperta enquanto me lembro do que acontece quando ultrapassamos o prazo.

Alguém precisa operar o dispositivo manualmente.

Minha mãe hesita antes de balançar a cabeça.

— Ainda temos alguns minutos. Quase todos os civis já desceram.



— Então Maia também precisa se abrigar — Interrompe Riser, seu semblante de aço nem um pouco diminuído pela presença iminente de minha mãe. Bramble, sentindo a tensão crescente, se agita em alarme, suas antenas alternando entre Riser e minha mãe.

— Não. — Fico entre eles. — Eu sacrifiquei tudo para chegar a este momento. Se houver uma chance de conseguirmos, eu vou.

Riser e eu trocamos olhares e ele balança a cabeça, aceitando meu pedido sem lutar. Bramble se acomoda no meu pescoço, cantando baixinho.

Não há mais discussão. Ordeno que Teagan, Flame e Lash guiem todos os civis restantes para um abrigo. Riser virá conosco e quando a parte de Max terminar e encontrarmos o Mercurian, o trabalho de Riser é garantir que Max chegue em segurança.

Assim que descemos as escadas do telhado e entramos nas paredes do palácio, os olhos de Max se iluminam, uma luz azul inconfundível perfurando a escuridão. Um tipo estranho de silêncio paira pesadamente nos corredores, as luzes que revestem as paredes piscando.

Minha mãe me apimenta com perguntas enquanto começamos a correr, Riser guiando Max quase cego. A agonia perfura minhas costelas a cada passo. A preencho o melhor que posso, grunhindo e ofegando por causa da dor e da adrenalina. O tempo todo segurando a cauda estúpida do meu vestido para não tropeçar.

Mal quebrando seu passo, Riser pega uma lâmina e corta o tecido pesado de minhas coxas para baixo, me libertando.

Em qualquer outro momento, eu faria uma piada sobre como ele sempre quis fazer isso ou algo parecido. Mas agora tudo parece sombrio, o peso dos próximos minutos esmagando todos nós.



Isso, é claro, não impede minha mãe de perguntar sobre o vestido de noiva que estou usando. Eu a informo da cerimônia inesperada. A chegada e a revelação de Nicolai. Ela nem pisca ao saber que ele é Ezra Croft, o que reforça minha suspeita de que ela sempre soube.

Há tantos mistérios envolvendo minha mãe, tantas perguntas sobre o que ela sabe e seus verdadeiros motivos, e eu entendo agora, enquanto corro pelos corredores ao lado desta mulher, que talvez nunca a conheça de verdade.

— E o príncipe? — Minha mãe pergunta baixinho enquanto deslizamos por outro corredor escuro.

— Morto. — Respondo, a frieza em minha voz combinando com a dela para esconder minha dor.

Suas narinas dilatam-se delicadamente.

— Na explosão?

O que ela deve ter pensado quando testemunhou o destino de fogo de Hyperion? Ela temia que todos nós tivéssemos morrido?

— Era ele. Ele nos salvou, se sacrificou e tudo que ele sempre acreditou para fazer isso.

Seus lábios finos se estendem em um sorriso sombrio.

— Eu sempre soube que aquele garoto tinha bondade por dentro, não importa o quanto Marcus tentasse apagá-la dele.

Uma nova torrente de dor invade meu peito, e me concentro na luz de Max refletindo sobre as cortinas e outros adornos ao longo das paredes, em vez de sentir a dor me consumindo.

Mas Riser percebe e passa um dedo pelo meu braço. Um gesto rápido e calmante.

Seus olhos incompatíveis dizem: *estou aqui até o fim e nunca vou deixá-la. Nós podemos fazer isso.*



As luzes azuis fluindo dos olhos de Max começam a pulsar cada vez mais intensamente.

— Estamos perto. — Murmura minha mãe.

É então que começo a reconhecer onde estamos. À minha esquerda, a porta do grande salão onde fomos surpreendidos pelos Escolhidos está aberta, o salão escuro. Minha respiração engata, meu batimento cardíaco acelera com cada passo que dou, cada memória que pisca em minha mente.

— Eu sei para onde estamos indo... — Minhas palavras ficam presas na garganta quando entramos no longo corredor onde os retratos da família real ainda estão pendurados. As imagens são maiores do que a vida, quase divinas enquanto nos observam passar, suas molduras douradas mais ornamentadas do que eu me lembro...

— Salão da esfinge de três cabeças, enjaulada em ouro. — Murmuro.

Minha mãe faz uma pausa.

— O que?

— Papai sussurrou isso para mim em um dos Sims. Foi um enigma. Eu não entendia na época, mas entendo agora.

As pinturas - três gerações da família realista governante - emolduradas dentro de suas gaiolas douradas ornamentadas. Parece tão simples agora.

Mas onde ele esconderia o Mercurian?

Por um breve segundo, deixo meu olhar demorar em Caspian, onde ele está sentado em seu trono branco, sua coroa torta, aquele meio sorriso irreverente curvando seus lábios.

Não posso deixar de pensar como, assim como eu deveria ser uma garota Escolhida obediente antes que o Fosso me transformasse, Caspian deveria ser um governante grande e atencioso antes de ser remodelado pela guerra e tirania em outra coisa.



Mas ele está errado em pensar que algo mais era menos do que ele deveria ser.

Forjado por tanto sangue e morte, ele se tornou um herói rebelde que lutou contra tudo que ele já conheceu, sua própria família, em nome da justiça, e seu nome representará para sempre a liberdade.

— Vou me certificar disso. — Sussurro para ele ao passar, tentando ignorar o resto das pinturas e os tiranos lá dentro.

Não me falha que, apesar de todos os esforços do imperador, o único de sua casa que permanece é a única pessoa cujo retrato não aparece: Riser.

A luz das estrelas jorra das janelas do observatório abobadado e projeta um brilho etéreo na área. Os feixes azuis que Max está projetando para cair no telescópio alto do meio. O cilindro prateado chega a quase seis metros de altura, e me pergunto se ainda está apontado para a nebulosa de Órion... onde Caspian e eu o deixamos da última vez que estivemos aqui.

E então me ocorre. — O telescópio.

É o Mercurian. A coisa que meu pai criou e escondeu bem debaixo do nariz do imperador. Nossa salvação.

E ele estava tentando me dizer, mesmo então, quando minha presença o fez mudar sua localização para a espada dentro da nebulosa de Órion.

Bramble emite uma série de bipes rápidos e desce pelo meu braço. Suas pernas de metal clicam suavemente contra os ladrilhos de pedra enquanto ele corre para examinar o telescópio.

Olho para minha mãe e descubro que ela está sem palavras, com o rosto tomado por tanta tristeza que dou um passo para trás.

— É claro. — Ela murmura, sem tirar os olhos do telescópio. — Eu deveria ter adivinhado.



Agarro o corrimão de ferro que leva à plataforma onde está o telescópio antes de me lembrar de Max. Olhando por cima do ombro, vejo o olhar de Riser. Aguarde. Não consigo definir o que se passa entre nós, a emoção uma mistura de tudo que passamos, tudo que suportamos e superamos, as recentes revelações de nossos sentimentos um pelo outro, e algo mais profundo, algo que não posso explicar com palavras.

— Vá! — Digo. — Leve meu irmão para um lugar seguro. Prometa-me que não importa o que aconteça, você o levará para o subsolo.

Riser sorri. — Você tem minha palavra.

— Bramble, — Chamo. — vá com eles.

Um guincho desafiador vem do sensor teimoso, onde ele hesita no topo da escada, perto do telescópio.

— Por favor. — Digo. — Eles precisam de sua proteção, e eu não confio em ninguém para fazer isso. Depende de você, Bramble.

Riser sorri para mim. — É verdade. Precisamos de você, garotão, para proteção.

Somos como dois pais tentando enganar nosso filho para fazer o que queremos.

Emitindo uma série de bipes frustrados, Bramble desce correndo as escadas e vai para os braços de Riser. Enquanto Riser, Bramble e Max correm para sair, e eu subo as escadas de dois em dois, uma nova safra de preocupações entra em meu cérebro.

Isso vai funcionar? E se eu não conseguir descobrir como ativar a chave? E se...

— Você vai ficar bem! — Riser grita por cima do ombro. — Agora corra e nos encontre para que possamos relembrar o quanto amamos os espaços subterrâneos.



Sorrio apesar do meu nervosismo.

Ok, você pode fazer isso. A parte difícil está fora do caminho.

Endireitando meus ombros, eu me aproximo da arma que cativou o chefe dos monarquistas e dos Fienianos por anos.



CAPITULO 35



Minha mãe se junta a mim na plataforma de ferro que eleva o telescópio. Qualquer traço de sua dor desapareceu sob um verniz de controle absoluto.

— Você precisa olhar para o telescópio e então ativarei o interruptor que lê a chave.

— Como você sabe que há uma mudança?

— Porque eu conheço seu pai. — O orgulho em sua voz está em desacordo com a maneira condescendente com que estou acostumada a ouvi-la falar sobre ele, mas eu empurro a estranheza de lado, deslizo de costas e olho sob as lentes ligeiramente curvas do telescópio.

Quando meus olhos se ajustam e eu observo aquele círculo de gás hidrogênio rosa-avermelhado centrado no berçário de estrelas, meu peito se contrai.

O telescópio está exatamente onde o deixamos da última vez. Ainda apontando para a pista que deveria ter marcado como o Mercurian desde o início para mim.

Acima, minha mãe mexe na base até que eu ouço sua respiração parar, e então ela solta um suspiro triunfante.

— Exatamente onde eu pensei que estaria. Agora, você está pronta?

— Sim.

O clique de um botão pressionado corta o ar. Mal tenho tempo para refletir sobre o que acontece a seguir quando os lasers de um brilho ofuscante saem da armação da lente. Um calor suave se move sobre minha bochecha esquerda enquanto os lasers me examinam, traçando caminhos metódicos e agitados primeiro sobre o lado esquerdo e depois...

— A chave estava escondida à vista de todos o tempo todo. — Respiro. — No meu rosto.

— Suas... sardas?

— Sim. — *As que têm a forma de constelações*, não digo, a ironia corta fundo quando também percebo que é a única coisa que eu costumava odiar em mim mesma, e também a única coisa que Flame decidiu deixar durante a minha reconstrução.

— Todo esse tempo — Continuo enquanto o calor dos lasers se espalha pela crista da minha bochecha até minha têmpora. — presumimos que a chave estava escondida bem dentro de mim.

Lembro-me da prisão quando a arquiduquesa olhou diretamente para minhas sardas únicas. Todas as vezes tive que cobri-las com base. Lembro-me do esboço que Caspian me enviou quando ele ainda era um menino e eu, uma menina *ingênua* e insegura.

As sardas que ele transformou em estrelas.

— Isso é tão parecido com o seu pai. — Diz minha mãe. — Se eu pudesse falar com Philip agora, deuses, eu o estrangularia.

Não posso deixar de notar a maneira como a voz da minha mãe balança como se ela estivesse chorando. Exceto que minha mãe não chora. E ela certamente não lamenta a perda de meu pai.



Um pensamento repentino e horripilante me ocorre. E se, assim como o telescópio e minhas sardas, minha mãe verdadeira estivesse escondida de mim, esperando que eu a encontrasse de verdade?

O calor sobe de minhas bochechas. Ao mesmo tempo, um zumbido alto começa a emanar do telescópio, de toda a câmara, como as entranhas da terra se mexendo.

A arma mais poderosa já desenvolvida acaba de ser ativada.

Enxugando as palmas das mãos úmidas de suor contra o corpete, deslizo para fora da arma e fico de pé.

— E agora?

Uma sombra cai sobre a expressão de minha mãe, lá e vai, e eu tenho a repentina percepção de que há algo que ela não está me dizendo. Algo ruim.

— Maia, eu... — Suas palavras cortam bruscamente enquanto ela puxa seu olhar para o céu além dos painéis de vidro. — O que é isso?

Eu sigo seu olhar para o céu do norte. Ao mesmo tempo, ouço o suspiro monótono de uma nave estelar acelerando pela atmosfera em alta velocidade. Meus olhos pegam o disco prateado crescendo a cada segundo.

Vindo direto para nós.

— Algum monarquista saiu antes da explosão? — Minha mãe pergunta.

Antes que eu possa responder, seus dedos agarram meu braço enquanto ela me arrasta escada abaixo com força sobrenatural.

— Maia!

— Não, eu não sei. A chama destruiu todas as outras naves estelares.

Mas ela não disse. Não havia bombas suficientes. Minha mente se lembra daqueles últimos momentos depois que Roman esfaqueou Delphine e desarmamos Nicolai. O caos.

E depois...



A arquiduquesa.

Não me lembro de vê-la depois que Caspian tomou posse do detonador.

Caímos no chão no momento em que uma sombra eclipsa a luz das estrelas iluminando a câmara, nos jogando em uma escuridão assustadora. As vidraças da janela batem acima, cada vez mais forte, até que tenho certeza de que vão quebrar.

O som de choramingo tornou-se um grito.

— O Mercurian! — Grito. Se for destruído...

— Corre! — Minha mãe rosna.

Mas é muito tarde.

Eu me viro ao mesmo tempo que minha mãe. Um violento tremor balança o prédio, sacudindo o chão abaixo de nós. Me inclino para o lado. Se não fosse pelo punho de ferro de minha mãe, eu teria desabado com o impacto.

Jogando meus braços para fora para me equilibrar, eu vejo em câmera lenta horrorizada como a borda prateada da nave rasga os rostos das pinturas...

A percepção de que estou prestes a morrer me atinge com uma estranha espécie de clareza.

Pega no caos de sons e explosões e pânico, eu não sinto minha mãe me empurrar até que eu já estou caindo no ar.

Por uma única batida do coração, meu mundo se torna o grito de metal e o rugido de fogo.

O chão tira o ar dos meus pulmões. A força contundente do impacto da nave sacode meus ossos com tanta força que acho que eles vão quebrar.

Minha visão estremece. Minha cabeça gira. O mundo cai para longe de mim, e eu não consigo entender.

Uma pontada de dor incandescente apunhala meu lado esquerdo, me empurrando de volta à realidade. Minhas costelas. Eu corro minha língua ao



longo dos meus dentes, está com gosto de sangue de um lábio arreventado. Nada mais parece ferido, mas em algum lugar no fundo eu sei que minha adrenalina está mascarando muito.

Um zumbido surdo inunda meus ouvidos. Gemendo, segurando meu flanco, eu tropeço em meus pés. Apoio meu corpo contra a parede enquanto me esforço para juntar os últimos momentos e entender o que está acontecendo. Para *respirar*.

Uma sensação de urgência me domina. Eu estava no meio de... alguma coisa.

Tirando a poeira dos meus olhos, examino meus arredores. Conforme a escuridão poluindo minha visão clareia, eu vejo o abismo aberto de céu tremeluzindo onde a parede de pinturas ficava há poucos segundos. O luar inunda o buraco, poeira de argamassa e fumaça negra e oleosa agitando-se dentro dos prismas prateados. Pilhas de entulho se acumulam ao redor da câmara.

Minha atenção se volta para a coisa que está fechando o corredor. Pequenas fogueiras cintilam ao redor, mas a estrutura em si parece quase intacta. Observo o caminho irregular que a nave esculpiu no chão depois que bateu no palácio.

Inferno, ela bateu no palácio. Intencionalmente.

Tudo volta em uma onda de terror. O telescópio. Minhas sardas o ativaram e então...

Minha mãe!

Um gemido arrasta meu foco para os escombros a alguns metros de distância. Minha mãe está apoiada nos cotovelos, de frente para mim, as pernas abertas em um ângulo estranho e parcialmente cobertas por pedaços de pedra e detritos.



Nunca na minha vida minha mãe não esteve completamente composta, sua roupa, seu cabelo meticulosamente arrumado.

Mas agora, vendo-a desta forma, seu rico cabelo castanho emaranhado de um lado e escuro com sangue, sua capa coberta de poeira e...

— Maia. — Ela engasga, sua voz cortada pela dor me estimulando a agir.

Corro para o lado dela, procurando feridas em seu corpo. O sangue escorre de seu nariz e um grande corte sangra de sua testa.

— Você está muito ferida?

Seus olhos mudam para os meus. Se eu tinha alguma dúvida sobre a gravidade de seus ferimentos, sua expressão sombria as afasta.

— Não consigo mover as pernas, o que significa que provavelmente minhas costas estão quebradas. Sem dúvida, também tenho uma concussão grave, hemorragia interna e vários ossos quebrados.

Uma parte de mim cambaleia com essa notícia.

Seu olhar astuto desliza para onde eu agarro meu lado.

— Você também está ferida. No mínimo, você sofreu uma concussão e possivelmente uma fratura, mas vai ter que lutar contra isso. Você entende?

A naturalidade em seu tom me assusta.

— Eu posso fazer isso - apenas me diga o que fazer. Como faço para operar o Mercurian?

Pressionando a palma da mão no ferimento na testa, ela me olha diretamente nos olhos e diz: — Primeiro, você vai ter que lutar, Maia, usando todas as lições que já lhe ensinei sobre esgrima e batalha.

Assim que as palavras saem de sua boca, um suave whoosh soa da nave enquanto a rampa se abre e começa a descer. A nave deve estar mais danificada do que parece porque a rampa apresenta mau funcionamento antes de ser totalmente abaixada, deixando um espaço de três pés para alguém sair.



— Pegue minha espada. — Minha mãe ordena calmamente, sua voz firme em contraste direto com a tensão em torno de sua boca e olhos.

Olho para a adorada lâmina de minha mãe, um presente de seu avô. Eu estaria mentindo se dissesse que não senti nada além de repulsa ao vê-la. Crescendo, a bela guarda dourada, em forma de duas pombas enroladas, representou incontáveis momentos de auto-aversão e derrota.

Cada vez que sua ponta afiada acertava em mim, cada vez que a lâmina provava, mais uma vez, que eu era muito lenta, muito pouco habilidosa para pará-la, parecia que outro pedaço de minha mãe tinha sido levado embora.

— Maia. — Minha mãe encontra meu olhar hesitante. — Pegue.

Minhas palmas estão escorregadias quando puxo o florete da bainha de couro. O cabo parece estranho em minha mão, como se eu nunca tivesse segurado uma lâmina antes em minha vida.

— Se meu instinto estiver correto, — Minha mãe continua. — você está prestes a enfrentar a espadachim mais letal da corte do imperador. Ela não tem fraquezas, não se cansa e é fisicamente a mulher mais dominante que já conheci.

A arquiduquesa. Um pico de pânico me atinge, e eu me fixo na rampa enquanto meu corpo inteiro fica frio.

— Então, como vou vencê-la?

— Exatamente como eu te ensinei. — Ela responde, como se fosse a resposta mais simples do mundo.

Arrasto uma respiração instável. Eu estive tão longe daquela garota que se escondeu na Fosso, e ainda... Não posso derrotar a arquiduquesa. Não quando se trata de esgrima.

Reconhecendo meu medo, minha mãe se apoia nos cotovelos, ignorando a dor, e diz: — Limpe o medo da sua mente e lembre-se de quem você é e pelo

que luta. Quer você saiba ou não, você se preparou para esse momento durante toda a sua vida. Você enfrentou obstáculos maiores com menos e venceu. Lembre-se disso.

Por algum motivo, lembro-me da única vez em que consegui vencer minha mãe em um duelo. Estávamos praticando por mais de uma hora sem nenhuma pausa. O suor encharcava cada pedaço de minha roupa e eu mal conseguia segurar minha folha de alumínio.

Não me lembro quando, exatamente, mas algo dentro de mim estalou e eu olhei nos olhos dela, minha raiva e humilhação escorrendo por todos os poros, e fervilhei: — Eu te odeio.

Ela piscou, sua espada se acalmando, a boca entreaberta como se não tivesse certeza de como responder. Um lampejo de dor percorreu seu semblante.

E naquele momento, usei sua surpresa e dor para atacar. A ponta do meu papel alumínio pressionou a carne macia de seu pescoço, logo acima de seu colarinho alto. Seus olhos se arregalaram ligeiramente e eu sabia que tinha batido nela.

Mas isso foi uma vez. Uma vez na vida de duelos.

Esticando meu pescoço, posiciono meu corpo em uma postura defensiva, trabalhando para soltar meus músculos tensos e clarear meus pensamentos. Gavinhas escuras de fumaça enrolam-se no aço chanfrado do florete de minha mãe.

Expiro. Uma vez duas vezes. Limpando minha mente enquanto me preparo para a batalha.

E então uma forma escura desliza da abertura da rampa e salta graciosamente para o chão, e eu encaro os olhos meio malucos da arquiduquesa.



CAPITULO 36



Uma nova onda de terror me envolve enquanto meu corpo reage à arquiduquesa. Seus movimentos deslizantes e desumanos. A maneira como ela reivindica o espaço ao seu redor, sua espada cortando o ar com uma facilidade que nunca saberei. Ela ainda está vestida para a cerimônia, mas tirou a saia, a calça de couro mostrando suas longas pernas e botas pretas de cano alto.

— Você realmente achou que eu não iria seguir você, verme? — Seus olhos têm um nada aterrorizante.

— Por quê? — Rosno, tolamente tentando dar sentido ao seu ódio intenso por mim. — O imperador está morto. Não há mais razão para me matar. Por que você me odeia tanto?

Ela pisca. Então seu foco muda para o telescópio.

— Deve doer, morrendo a poucos metros do motivo pelo qual sua família sacrificou tudo.

Recusando-me a ceder ao seu jogo emocional, eu ergo minha espada.

— Quem disse que vou morrer?

Ela estala a língua. — Por que você está prolongando o inevitável? Largue a sua arma e só vou prolongar o seu sofrimento um pouco.

Olhando para ela, eu aperto o punho dourado e frio da espada.

— Como o inferno.

— Você realmente acha que é páreo para mim, verme? Sempre estive três passos à sua frente. Como você acha que eu te encontrei?

Rastreador, eu percebo. Ela deve ter implantado um dentro de Max, para a chance de ele escapar.

— Bem, você errou.

— Eu fiz? — A arquiduquesa provoca, seus lábios vermelhos se abrindo no que eu imagino ser uma tentativa de sorrir enquanto seu olhar desliza para minha mãe. — Olá, Lillian. Você está horrível... quebrada.

Minha mãe olha para a arquiduquesa com sua arrogância de costume.

— Victoria. Vejo que você ainda é o cão de ataque do seu pai.

Pai? Engulo. Pisco. Tentando recuperar o atraso.

Os olhos da minha mãe encontram os meus.

— Victoria era a primogênita de Marcus, filha de uma humilde serva Bronze. Isso foi antes de ele colocar seus olhos em Amandine, é claro.

— Cale a boca. — Rosna a arquiduquesa.

— Estou surpresa por você não ter assassinado Riser quando ele estava na prisão. Ou você não sabia que tinha um irmão bastardo? Ah eu vejo. — Se eu não soubesse que minha mãe estava ferida, o sorriso que ela me dá me faria pensar o contrário. — Você pensou que era especial?

Meu choque ao saber que a arquiduquesa é a filha ilegítima do imperador, cede à decisão quando o jogo de minha mãe se torna aparente.

Para ela, tudo é uma arma. Eu aprendi isso da pior maneira.

Agora ela está usando esse conhecimento para entrar na cabeça da arquiduquesa. Para desequilibrá-la, fazê-la agir de forma imprudente, movida pela emoção.



Minha mãe está tentando me dar uma chance.

— Se você fosse uma herdeira legítima de uma mãe Ouro, seu pai nunca teria permitido que eles realizassem a Reconstrução Experimental em você. —
Minha mãe continua.

A arquiduquesa está paralisada de raiva, as narinas dilatadas, os olhos selvagens.

Está funcionando.

— Você nasceu um monstro, Victoria, um Maligno, como seu pai acabou chamando sua espécie. A única razão pela qual ele não abateu você junto com o resto das crianças malignas foi porque ele sabia que você seria uma arma perfeita, o cão leal para cumprir suas ordens. Sempre implorando por seu elogio. Lambendo-o como...

Um grito cheio de raiva irrompe dos lábios zombeteiros da arquiduquesa enquanto ela se lança contra minha mãe...

Pronta para agir, salto sobre uma pilha de pedra e bloqueio seu ataque. O clangor de aço em pedaços de aço a noite, o impacto reverberando em meu pulso e braço. A força de seu golpe me alarma, mas consigo derrubar sua lâmina e então contra-atacar com meu próprio ataque.

Se eu possuísse as habilidades letais de minha mãe, aquele erro teria custado tudo à arquiduquesa.

Em vez disso, ela desliza para fora de seu alcance, movendo-se sem esforço, seus pés dançando no chão e ao redor das pilhas, seus horríveis lábios vermelho-sangue zombando de mim.

O Mercurian zumba nas minhas costas, minha mãe presa e ofegante à minha direita. Eu tenho que proteger os dois.

A arquiduquesa percebe isso imediatamente e começa um jogo assustador de gato e rato.



Ela dirige sua espada em direção a minha mãe.

Corro para defendê-la, mas a arquiduquesa se lança em direção ao Mercurian com uma velocidade impossível. Meus pés descalços escorregam sobre a poeira que cobre o chão enquanto eu me viro para conter o novo ataque, desajeitadamente, grunhindo de esforço e dor.

Nossas lâminas mal se encontram antes de ela deslizar para a minha direita novamente, seu longo alcance diminuindo a distância entre minha mãe e ela. Pulo e consigo impedir que sua arma corte o pescoço de minha mãe com apenas alguns centímetros de sobra.

Fazemos isso repetidamente, uma dança lenta e surreal, acompanhada pelo ronronar do Mercurian e minha respiração irregular. Meu coração bate cada vez mais alto dentro da minha cabeça. O suor escorre em meus olhos.

Meu tempo de reação está diminuindo. Meus movimentos estão ficando mais desajeitados.

Ela está me cansando. Catalogando minhas fraquezas como ela faz. Observando a forma como eu me encolho quando me movo muito rápido, minha mão livre voando para minhas costelas feridas. A maneira como eu vacilo ligeiramente durante a tontura esporádica causada por minha concussão ou falta de sono.

Ou talvez ela esteja simplesmente enrolando isso por tempo suficiente para garantir a janela para usar o Mercurian e impedir os passes de Pandora.

Eu não posso deixar isso acontecer.

Reunindo toda a minha energia, eu me arremesso ao redor de um entulho espalhado em sua direção.

Ela defende minha rajada de ataques desajeitados com uma facilidade que considero assustadora, sua respiração suave e sem pressa, seu rosto plácido.



— Olha como ela está fraca. — A arquiduquesa ronrona enquanto lentamente começa a avançar sobre mim. — Quão trêmula e assustada. Ela sempre foi uma minhoca trêmula, com tanto medo de ser transformada em pó como todas as outras minhocas. O que quer que eu seja, pelo menos meu pai sabia que poderia contar comigo, enquanto você, Lillian, será forçada a ver sua filha fracassar e depois morrer.

— Eu não sou a garota que você tirou do Fosso. — Rosno, forçando o medo da minha expressão.

— Não? O terror em seus olhos diz o contrário. — A arquiduquesa ri, um barulho melancólico, como um robô que aprendeu a imitar as emoções humanas. — Só para você saber, depois que eu acabar com você, vou fazer sua mãe assistir enquanto ligo o Mercurian contra os cidadãos que você, sem dúvida, escondeu embaixo do palácio.

A raiva queima meu peito, cegando em sua intensidade. Tento reorientar, acalmar minhas emoções e firmar minha mente.

Ela se aproxima, e eu finjo e avanço, um renovado senso de urgência correndo pelas minhas veias.

Eu sou tudo o que resta. Eu tenho que encontrar uma maneira de impedi-la. Eu tenho que...

Não a vejo se mover até que sua lâmina fina já esteja perfurando meu flanco esquerdo. Um grito sai dos meus lábios. Quase não sinto dor, apenas uma pressão surda, como se tivesse levado um soco.

A arquiduquesa mostra os dentes com um sorriso triunfante. Seus olhos horríveis mudam para minha mãe, incapaz de resistir à tentação de se alimentar do terror de minha mãe.

Agora!



Ignorando a dor surda em meu lado, eu corro para a arquiduquesa, minha arma pronta para perfurar seu estômago.

Mas ela se move com a velocidade da luz, meu impulso me levando para frente.

A dor sobe pelo meu braço quando sua lâmina se conecta com a minha em um barulho terrível. Eu vejo como minha espada sai de meus dedos. Observe-a tombar e desaparecer no buraco que segue abaixo.

Há um eco abafado quando minha arma atinge o chão abaixo da nossa. Então silêncio.

Ofegando contra a punhalada de dor em meu lado, eu pego um pedaço de pedra do tamanho de um punho e jogo em seu rosto. Ela estende a mão da espada, bloqueando o impacto com o antebraço. Seu outro braço não se move.

Eu luto para outro pedaço de entulho, e lanço para ela novamente.

Mais uma vez ela bloqueia meu lançamento com o braço da espada, nunca quebrando meu olhar, seu sorriso nunca vacila enquanto ela fecha a distância entre nós. E, novamente, ela nunca move o braço esquerdo onde ele fica pendurado ao lado do corpo.

Recuando, eu olho para minha mãe. Ela está congelada, indefesa, seu rosto de alguma forma conseguindo esconder o terror que eu sei que ela deve sentir.

A decepção.

A parede bate nas minhas costas. Eu não tenho para onde correr. Sem armas óbvias. A arquiduquesa diminui o passo enquanto avança em minha direção. Agora que não sou mais uma ameaça, ela está puxando para fora. Fazendo uma demonstração horrível de seu triunfo para minha mãe ver.

Quando ela está a trinta centímetros de mim, ela para, a espada um pouco voltada para o lado.



— Na verdade, estou desapontada com a forma como você lutou mal. Já vi crianças com mais habilidade. Para pensar, Lillian Lockhart, uma das estatísticas mais brilhantes em nossa corte, tem uma filha tão patética. — Seus lábios finos se torcem cruelmente enquanto ela olha para minha mãe. — Se ao menos seu marido tivesse nos deixado levá-la em vez de morrer para protegê-la, toda essa dor de cabeça poderia ter sido evitada.

Essa percepção me atinge no estômago. Sempre pensei que o assassinaram por causa do trabalho. Mordendo minhas lágrimas, eu encontro o olhar de minha mãe, apenas para respirar. Vejo a dor dentro de seus olhos castanhos, mas também a fúria.

— Você está certa. — Concordo, voltando-me para a arquiduquesa. — Nunca fui tão brilhante quanto minha mãe. Nunca fui tão boa com uma espada. Mas eu bati nela uma vez.

A arquiduquesa ri, suas estranhas pupilas dilatando-se. — Ela deixou você vencer, verme.

— Certa de novo. — Depois que pressionei a ponta da espada na garganta da minha mãe todos aqueles anos atrás, parei para me gabar, como ela sabia que eu faria. — Ela me deixou chegar mais perto, tão orgulhosa de mim mesma por finalmente conseguir o melhor dela. Deixando-me pensar que ganhei. Mas não foi para me dar um falso impulso de confiança. — Eu me aproximo um passo, me preparando. — Era para me ensinar uma lição.

Antes que a arquiduquesa possa reagir, bato meu punho em seu braço esquerdo, rezando para que minha observação - que ela não tenha usado aquele braço uma vez, nem mesmo para bloquear a pedra que eu joguei nela - esteja certa.



Um uivo de dor sai de sua garganta. Ela tenta manobrar sua espada para acabar comigo, mas ela se deixa chegar muito perto e eu consigo envolver meus dedos em torno do punho da espada.

— Seu braço. — Rosno, batendo em seu ombro novamente.

Seu rosto estremece de dor.

— Você quebrou durante o acidente.

Um grito animalesco sai dela enquanto ela bate a mão da espada para frente, tentando torcer do meu aperto. Minha mão treme onde aperta a arma, sua força sobrepujando a minha. Não vou conseguir segurá-la por muito tempo, mesmo ferida.

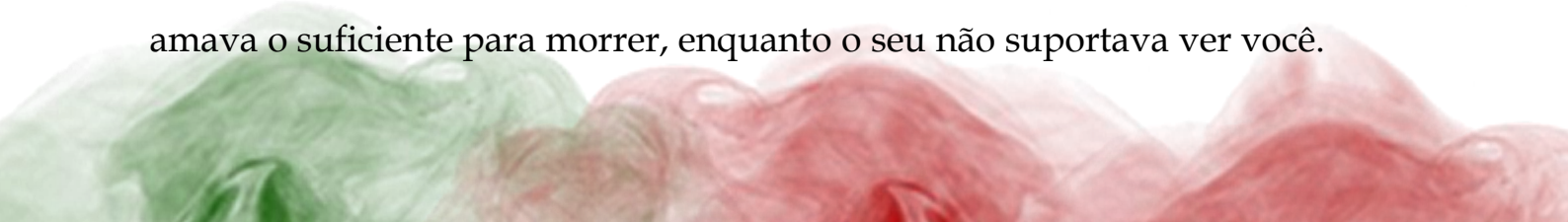
Bato em seu braço novamente e novamente, forçando-a a gritar de dor enquanto ela luta com a espada. Bato até que a dor atinge sua boca em um buraco aberto.

— A lição que minha mãe me ensinou? — Rosno, cavando minha mão livre no bolso escondido do meu espartilho. — Sempre saiba quantas armas seu oponente tem antes de baixar a guarda.

A caixa Escorpião-Fogo parece tão pequena em minha mão, tão inútil contra um monstro como a Arquiduquesa. Usando meu polegar para comprimir o botão que libera as bestas de metal venenosas, eu enfio o dispositivo na boca entreaberta da arquiduquesa e aperto sua mandíbula fechada.

Seus olhos se arregalam quando a compreensão toma conta. Soltando a espada, ela se agarra ao meu braço, aquele que mantém sua boca fechada. Sua garganta convulsiona, a carne abaixo se contorcendo e se agitando enquanto os escorpiões surgem dentro dela.

— Eu entendo agora. — Digo. — Você me odiava porque meu pai me amava o suficiente para morrer, enquanto o seu não suportava ver você.



Em algum lugar nos recônditos profundos de sua mente distorcida, posso ver a verdade de minhas palavras tomar conta.

Largo minha mão e dou um passo para trás. — Isso vai doer muito.

Tropeçando para trás, a arquiduquesa agarra seu pescoço, sua boca escancarada. Ela está sufocando, tentando vomitar as criaturas nojentas, seu rosto ficando roxo.

Ela cai de joelhos. Nossos olhos se encontram.

— Isso é por Brogue. — Digo, me aproximando. — Pelo meu pai. — Outro passo me puxa para perto o suficiente para que eu possa ver o inchaço de sua carne por causa de todas as picadas. — E cada pessoa que você já machucou.

Uma lufada de dor escorre de seus lábios e acho que ela vai responder. Mas seu rosto fica branco. Seus olhos estão ficando turvos e desfocados. E então, a mulher que assombra meus sonhos, cuja única obsessão nos últimos sete anos foi me encontrar e me matar, desmaia.

Morta.

A gaiola de Escorpião-Fogo cai no chão. Pressionando a mão em meu lado para estancar o sangramento, ajoelho-me ao lado de minha mãe. Os pedaços de entulho que esmagam suas pernas são pesados, mas consigo deslizá-los o suficiente para libertá-la.

— Leve-me ao Mercurian, — Ela sussurra. — Depressa. Não nos resta muito tempo.

Abaixando-me, deslizo minhas mãos sob suas axilas e tento levantá-la, mas sem usar suas pernas, ela está muito pesada.

Eu tento de novo. A dor ao meu lado aumenta, mas eu continuo lutando, continuo trabalhando para movê-la.



Quando isso não funciona, eu afundo e a arrasto, mas nós só andamos alguns metros antes que a câmara ao meu redor gire descontroladamente e eu tenha que sentar antes de desmaiar.

Estou prestes a começar a arrastá-la novamente quando Riser aparece do topo da nave destruída.

— Preciso de ajuda?

Deuses, por favor, não deixe isso ser uma alucinação.

Quando vejo o corpo metálico de Bramble disparando em minha direção, sei que é real e caio ao lado de minha mãe, tomada de alívio.



CAPITULO 37



Riser observa toda a cena. O alarme arregala seus olhos e ele salta da nave e está ao meu lado antes que eu recupere o fôlego para dizer uma palavra. Seu olhar escuro cai sobre meus ferimentos, a arquiduquesa e depois minha mãe.

Sua boca se aperta.

— O Mercurian foi ativado?

Os olhos castanhos de minha mãe estão alarmanamente desfocados quando encontram Riser.

— Não. Você tem que... carregue-me lá.

Sei o quanto é difícil para minha mãe pedir ajuda, especialmente de alguém como Riser, e um pavor crescente toma conta de mim.

Riser a levanta em seus braços. Nunca vi minha mãe parecer tão pequena. Tão indefesa.

— Isso está bem? — Ele pergunta, gentilmente.

Ela concorda. — Pare de ser um cavalheiro e apenas me leve para essa porra de máquina, Príncipe Thornbrook.

— Sim, senhora.

Os sigo escada acima, Bramble tecendo nervosamente em volta dos meus pés. Riser a coloca na plataforma e eu o ajudo a colocá-la sob o telescópio.

— O que agora? — Pergunto, de joelhos. Estou pronta para fazer qualquer coisa, tudo o que ela pedir para acabar com isso, para que eu possa levá-la a um dos Reconstructores no abrigo abaixo.

— Agora — Diz minha mãe calmamente enquanto desvia o olhar do telescópio para mim. — Você sai.

— O que? Não. Nós temos tempo, apenas faça o que você tem que fazer e Riser e eu podemos carregar

— Pare, Maia, apenas pare. — Ela estende a mão e pega minha mão, sua pele assustadoramente fria. — Assim que ultrapassamos o primeiro prazo, tudo mudou. O poder necessário para parar Pandora é muito grande. No momento em que eu ativar o Mercurian, a força da explosão vai me matar.

— Não. — Puxo minha mão. Esse era seu plano o tempo todo?

— Estou morrendo, Maia.

Eu mal a ouço. — Você não pode fazer isso. Eu não disse as coisas que queria dizer. Eu não tenho...

Lágrimas ardem em meus olhos. Eu me recuso a olhar para ela. Recuso-me a ver a verdade em sua expressão.

— Maia. — Diz minha mãe, e apesar do estado em que se encontra, sua voz nunca soou mais afetuosa do que agora. — Não temos tempo. Você tem que me deixar.

— Não posso fazer isso sem você.

— Você já tem feito. Você não vê isso?

Ela se atrapalha com algo perto de sua clavícula - o broche de capa de pombo que ela sempre usa - e o pressiona em minha mão. — Pegue isso. Há algo armazenado dentro do pino. Assista mais tarde, quando estiver segura.



Seus olhos mudam para Riser.

— Lamento ter duvidado de você, Príncipe. Às vezes é mais fácil ver o quebrantamento nas pessoas do que o lado bom. Mantenha-a segura, por favor. E não a deixe ser muito dura com Max.

Riser acena com a cabeça, pressionando a mão contra o coração.

— Eu juro.

Minha garganta dói. Eu penso em todas as coisas que não foram ditas entre nós. Todas as transgressões ainda não foram perdoadas. Os argumentos não foram resolvidos.

Com cuidado para não empurrar seu corpo ferido, eu me inclino, passo meus lábios sobre a bochecha de minha mãe. Está fria, sua respiração vibrando contra meu ouvido em rajadas curtas e irregulares.

— Espero que no final... Eu tenha sido boa o suficiente.

Ela agarra minha mão novamente, apertando com força, seu rosto pálido repentinamente animado com determinação.

— Nunca, você entende? Nunca fiquei desapontada com você, nem por um único momento de sua vida. — Sua mão libera a minha. Ela segura meu olhar por um momento, seus olhos de alguma forma transmitem o que as palavras não conseguem, e então ela volta seu foco para o Mercurian. — Chega um ponto em que o trabalho de uma mãe está feito. Me solte, Maia.

Eu quero ficar e discutir com ela. Quero mandar Riser pegá-la para que eu possa tomar seu lugar. Eu quero prolongar este momento até que esteja emocionalmente pronta para dizer adeus.

Em vez disso, eu me inclino e sussurro em seu ouvido.

Então eu me levanto, observo minha mãe enfraquecida quando ela começa a digitar as coordenadas, sua mandíbula cerrada contra a dor, empurrando-se além do que qualquer pessoa normal poderia suportar, e a

deixo finalmente terminar o que meu pai começou naquele dia fatídico quando deixou-se morrer para dar uma chance ao mundo.

O sangue escorrendo do ferimento em meu flanco cobre minhas mãos, tornando a escalada sobre o casco escorregadio da nave traiçoeira. Riser me ajuda, Bramble agarrado a seu ombro, e então corremos por incontáveis corredores e escadas. A adrenalina queimando minhas veias é a única coisa que me mantém de pé.

Uma porta abobadada no nível mais baixo do palácio se abre para um túnel subterrâneo. Mais escadas, uma quantidade aparentemente infinita, nos aguardam.

Meu mundo está reduzido às batidas do meu coração, o esforço cada vez mais difícil de levar ar suficiente para meus pulmões. Não posso dizer quantas vezes Riser praticamente me carregou. Quantas vezes eu desmaiei apenas para acordar em seus braços.

Quando entramos na porta final para o bunker subterrâneo, à prova de falhas do Imperador, tropeço para dentro. Centenas de cidadãos estão reunidos em grupos ao redor das telas afixadas nas paredes cavernosas. Apesar da incerteza, eles confortam uns aos outros, distribuindo rações e ajudando os idosos e feridos enquanto assistem à alimentação ao vivo do terreno do castelo.

Uma das telas mostra Pandora, a tirana que criou o caos e a destruição desde o momento em que se deu a conhecer. Na tela de vídeo, ela aparece escura como a noite, a coroa vermelha em torno dela como chamas famintas.

Vasculho a multidão em busca de Max e os outros, o desespero restringindo minha visão.

— Eles estão seguros. — Insiste Riser. — Agora precisamos levá-la a um Recontrutor.



— Espera. Eu tenho que ver isso.

Ele entende imediatamente, ajudando-me enquanto empurro meu corpo enfraquecido em direção à imagem de Pandora. Nós mal entramos na área lotada, espalhada com prateleiras de metal totalmente abastecidas com suprimentos, antes que um silêncio assustador desça.

Enquanto eu olho para o objeto inanimado que pairou sobre nós desde que posso me lembrar, nos mantendo como reféns com medo e incerteza, a raiva cegante que senti por Pandora sangra.

É verdade que ela lançou uma sombra em nosso mundo, mas fomos nós que esquecemos que as trevas só podem existir na presença da luz.

Riser, ainda me segurando, pega minha mão.

— Está quase acabando. — Ele me promete.

— E se minha mãe falhar? — Murmuro. — E se chegamos tarde demais?

— Então nós sobrevivemos, juntos. Ajudamos o maior número de pessoas possível. Mais importante ainda, nunca perdemos a esperança.

Balanço minha cabeça, a palavra - esperança - de repente parecendo uma coisa distante e inatingível.

Seu braço aperta suavemente em volta da minha cintura.

— A primeira vez que te conheci, estávamos no subsolo. Você era uma garota apavorada se escondendo dos monstros que governavam o Fosso e eu era um desses monstros, me escondendo da dor do meu passado. A esperança nos uniu e a esperança por um mundo melhor nos trouxe até este momento. Aconteça o que acontecer nos próximos segundos, quer o Mercurian cumpra ou não a sua promessa, agarramo-nos a isso.

Max aparece à minha esquerda junto com meus amigos. Ele encontra meu olhar, observando meu rosto, a dor crua espreitando por trás dos meus olhos.



Ela se foi, eu digo com tudo menos minha boca.

Mas depois do que passamos, não precisamos de palavras para comunicar desgosto, e um lampejo de compreensão brilha dentro de seus olhos antes que ele reprima suas emoções com uma eficiência que um garoto de sua idade não deveria possuir.

Nós estendemos as mãos e pegamos as mãos uns dos outros, todos nós, pessoas de todas as cores, classes e idades, enquanto observamos a tela piscar, ficar branca e brilhante e depois morrer. Nós não desistimos. Não enquanto o chão treme sob nossos pés. Não enquanto as paredes rugem, a poeira caindo suavemente no chão, e a terra inteira parece gemer.

Nem mesmo quando falta energia e a escuridão nos consome. Se qualquer coisa, nós apertamos mais forte, segurando um ao outro pela primeira vez.

Luzes de emergência embutidas nas paredes ganham vida quando a energia reserva assume.

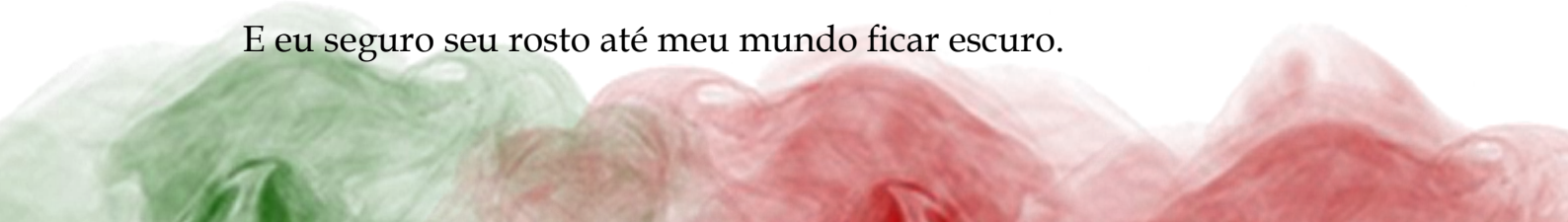
Ao meu lado, posso sentir a atenção de Riser voltada para mim. Por algum motivo, a lembrança de quando ele me deixou no Fosso para ser sacrificado vem à mente.

Como, secretamente, naquela semi-escuridão, ele afrouxou minhas amarras para que eu pudesse escapar, apesar do que aquele ato lhe custou.

— Maia, — Ele murmura. — Você fez tudo que podia, agora é hora de deixar ir. Se não levarmos você a um Recontrutor, posso perdê-la. E eu nunca vou deixar isso acontecer.

Aceno, uma imagem de minha mãe antes de eu deixá-la, aquela ferocidade brilhante queimando por dentro, seus olhos enquanto olhavam para os meus, sem medo e cheios de amor, passam pela minha visão.

E eu seguro seu rosto até meu mundo ficar escuro.



CAPITULO 38



SEIS MESES DEPOIS

O papel em minha mão está amassado, as palavras escritas à mão manchadas de suor. Fico olhando para o discurso, escrito e apagado e reescrito ao longo de meses, e franzo a testa.

Quando terminei o discurso, me senti bem. Mas agora, com o barulho de mais de mil pessoas esperando no gramado do lado de fora do palácio, minhas palavras parecem vazias. Incapaz de transmitir nem mesmo uma pequena porção do que está em meu coração.

Riser para ao meu lado, Bramble afundado em seu ombro. Nos seis meses desde que saímos do bunker subterrâneo para um novo mundo, ele deixou o cabelo crescer. Os lados não são mais cortados no estilo rebelde, exceto por uma linha vermelha tingida recentemente por Flame, para que ele não esqueça suas raízes rebeldes, ele poderia se passar por um monarquista.

Às vezes, tenho que me lembrar que não há mais rebeldes e monarquistas. Sem cores também, foi a primeira coisa que abolimos. Não há inimigos, nem lados opostos, apenas aqueles de nós que estão gratos por ter recebido uma segunda chance.

Riser olha para as minhas palavras, seus lábios se contraem.



— Não vejo qualquer menção a um psicopata arrojado e caolho em seu discurso.

Deixo escapar um sorriso. — Guardei essa parte para o final.

— Hmm. — Ele arqueia uma sobrancelha escura enquanto me olha. — Vejo que você não deixou Flame perfurar seu lábio como ela queria?

Rio, lembrando de como ela ficou irritada quando eu resisti.

— Ela acha que não sou fieniana o suficiente.

Cage e Flame estiveram aqui antes para me ajudar a preparar para o evento. Parecia um pouco como nos velhos tempos quando Cage passou uma variedade de pincéis no meu rosto, cada um brilhando com pigmentos e pó. Mas em vez de cobrir minhas bochechas, como antes, ele destacou cada uma das minhas sardas com ouro metálico.

Flame, por sua vez, me convenceu a fazer um penteado rebelde, e agora um lado do meu cabelo está enrolado em uma elaborada coleção de tranças que serpenteiam ao longo do meu crânio.

— Eu acho, — Riser murmura, seu olhar caindo para meus lábios. — você não é Fieniana ou Realista, você é apenas... você. E isso é uma coisa boa.

Deslizando um braço nas minhas costas, ele me puxa para um beijo. Eu me perco em sua gentileza, encontrando conforto em seu abraço protetor, a familiaridade de seu cheiro.

Bramble gorjeia em aborrecimento, como uma criança assistindo seus pais mostrarem afeto, e nós dois rimos enquanto nos afastamos, sem fôlego. Mesmo depois de todos esses meses na superfície, nosso relacionamento ainda parece novo.

Após a guerra, somos como duas pessoas completamente diferentes se apaixonando novamente.

Ele ajeita meu nariz.



— Pare de se preocupar. Eles já te amam. Inferno, acho que até fariam você imperatriz, se você aceitasse.

Nos meses que se seguiram à nossa emergência, conseguimos forjar um governo. Algumas pessoas propuseram que elegêssemos um imperador para governar como antes, mas a ideia deixou um gosto amargo na minha boca.

— Ninguém deveria ter tanto poder nunca mais. — Digo. — Até eu.

Ainda estamos trabalhando para encontrar o caminho certo para este mundo futuro, e imagino que levará muitos anos para consertar a bagunça que o imperador nos deixou.

Mas não preciso me preocupar com isso hoje. Hoje é para lembrar os heróis caídos desta guerra. A fonte do imperador foi destruída e um gigantesco monumento de mármore erguido dos escombros. Estrelas interativas ficam incrustadas na pedra, formando as duas constelações que acabaram sendo a chave: o Órion e as Plêiades.

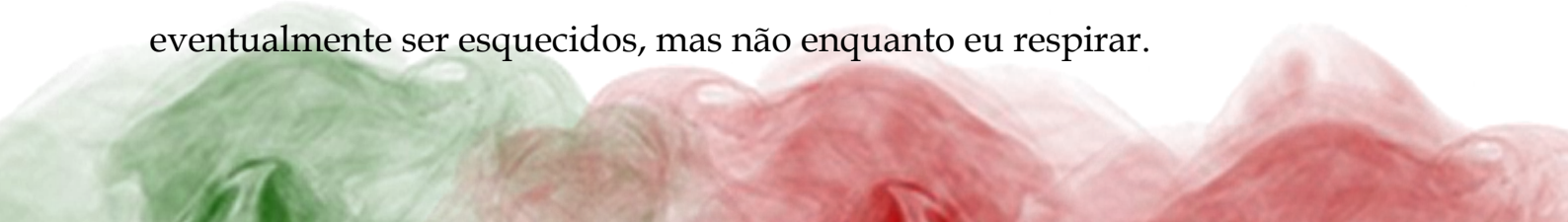
Cada estrela representa um dos rebeldes que morreu. Os espectadores podem pressionar uma estrela e um holograma aparece com a imagem e informações sobre a pessoa. É uma sensação estranha condensar os seres humanos brilhantes e complexos que conheci em fragmentos de cinco minutos.

Meu pai e minha mãe estão lá. As estrelas de Ophelia e Caspian repousam lado a lado, duas esferas de luz brilhantes e pulsantes, como na vida real.

E Brogue... ele consegue um lugar especial na espada de Orion, perto da ponta. Digo a mim mesma que ele teria gostado de ser parte de uma arma.

Não é o suficiente, nem de perto. E minhas palavras hoje dificilmente podem preencher essa lacuna.

Mas vou *tentar*. Aqueles que deram tudo pelos sobreviventes irão eventualmente ser esquecidos, mas não enquanto eu respirar.



Depois do meu discurso, vou ler seus nomes em voz alta, um por um. Não vou precisar olhar meu artigo para essa parte.

Cada nome, cada rosto, cada voz está gravada em meu coração, uma caligrafia assustadora que me deixará com uma cicatriz para sempre.

— Ei, — Riser diz, percebendo minha mudança de humor. — você consegue fazer isso. Eu vou te encontrar depois do seu discurso, ok?

Aceno e solto uma respiração irregular. Lá fora, meus amigos estão esperando na multidão. Cada um morreria de boa vontade por mim e alguns quase morreram.

Eu vejo Riser sair, deslizando pela porta como fumaça. Ele ainda se move com a furtividade enervante de um predador. Pés em silêncio. Movimentos eficientes e suaves. Mas parte da letalidade diminuiu, como se, neste novo mundo, estivéssemos todos mudando. Ajustando-se provisoriamente à possibilidade de uma vida melhor.

A porta mal se fechou atrás de Riser quando ela se abre e meu irmão entra correndo. Quando nossos olhos se encontram e eu observo seus cachos loiros bem penteados e sua jaqueta vermelha, o escudo de escorpião dos rebeldes fienianos preso em seu peito, meu peito se enche de orgulho.

— Pronto? — Ele pergunta.

Aceno e coloco meu braço em volta dele. Então eu recupero o alfinete do manto de pomba que minha mãe me entregou antes de morrer. O que eu não fui capaz de assistir até agora.

Como suspeito, o pino se separa, revelando um interceptor escondido.

Eu pressiono o pequeno botão e um holograma em tamanho real do meu pai preenche o espaço à nossa frente. Max pega minha mão. Um zumbido baixo e quase imperceptível emana do dispositivo.



Nós dois decidimos não assistir a mensagem que minha mãe deixou até hoje. Por vários motivos que dançavam em torno da verdade: sou uma covarde.

O holograma se solidifica. A forma ondulante e flexível é tão natural que preciso de toda a minha força de vontade para não pular e abraçar meu pai. Ele parece tão jovem, recém-saído da faculdade, seu cabelo castanho macio, cheio e mais comprido do que eu me lembrava, desajeitadamente puxado para o lado como se ele estivesse muito ocupado para mexer nele. Seu rosto ainda não foi marcado com as linhas de preocupação e cansaço de que me lembro, seus olhos ainda não sombreados com a ansiedade que ele tentava esconder de nós.

Max endurece ao meu lado, seu rosto espelhando minhas próprias emoções conflitantes, uma mistura de felicidade e dor.

Meu pai dá aquele sorriso estúpido e brilhante, como se pudesse realmente ver o futuro neste exato momento. Ele ajusta os óculos empoleirados muito para baixo em seu nariz longo e fino, o hábito inconsciente abrindo uma pontada de saudade dentro do meu peito.

— Este é o testamento em vídeo do professor Philip Graystone. — Ele começa. — A partir de hoje, estou declarando o Imperador um inimigo do povo e estarei trabalhando contra ele para encontrar uma solução para o asteroide. Há uma grande chance de morrer em vão, meus esforços perdidos na máquina de guerra realista.

Ele tira os óculos e suspira, e imagino todas as preocupações passando por sua cabeça. Meu pai não era um homem violento, ele era gentil, um ser humano racional e brilhante, cujo maior desejo era criar sua família.

Enfrentar o imperador deve ter sido a decisão mais difícil de sua vida.

Após uma breve pausa, ele continua olhando para frente, como se pudesse nos ver.



— Aos meus filhos, que são tão pequenos. Espero que algum dia esta mensagem encontre vocês. Espero que, quando isso acontecer, seu mundo será mais uma vez preenchido com a esperança e a oportunidade que vocês merecem. Acima de tudo, oro para que vocês se lembrem do quanto sua mãe e eu te amamos. Vocês são a razão pela qual estamos lutando. A razão de estarmos arriscando tudo por um mundo melhor.

A estática corta sua imagem quando ele começa a desaparecer.

O eu racional sabe que não posso tocá-lo, não posso mantê-lo aqui, mas meus dedos se contorcem para agarrar sua carne inexistente, de alguma forma puxá-lo através do espaço e do tempo para que eu possa segurá-lo mais uma vez. Sentir a segurança constante em seu abraço gentil, o cheiro reconfortante de seus casacos de veludo cotelê gastos e sua loção pós-barba.

Outra imagem aparece sobre o mini-interceptor. Ao ver minha mãe, uma versão mais jovem e feliz, minha garganta se aperta.

— Ela parece um pouco mais velha do que nós. — Max sussurra.

— Esta mensagem é para meus filhos pequenos, Maia e Max. — Começa minha mãe, e fico maravilhada com o quão suave sua voz é, tão diferente do comportamento confiante que sempre tive.

Seu cabelo castanho está preso em um coque bagunçado, sua pele brilhante e maçãs do rosto cheias, olhos castanhos cheios de uma luz que eu nunca vi.

Em contraste com a mulher de que me lembro, a mãe endurecida, fria e analítica, esta versão parece uma estranha.

De repente, percebo que essa é a mulher de quem o imperador me roubou. A mãe que ela teria sido se as coisas fossem diferentes.

— Meu nome é Lillian Graystone — Continua ela. — e hoje decidi me infiltrar na corte do imperador como espiã dos fienianos. Ao fazer isso, corro o



risco de perder tudo. Meu marido. Minhas crianças. *Tudo*. Mesmo assim, não posso ficar parada enquanto uma injustiça tão grave está sendo infligida à nossa nação por um tirano louco. Se eu não fizer nada, nunca poderei olhar meus filhos nos olhos.

Eu caio contra Max. Todo esse tempo, eu assumi que de alguma forma ela estava jogando dos dois lados. Esperando para ver qual era mais vantajoso.

E o tempo todo... o tempo todo ela estava trabalhando para os rebeldes bem debaixo do nariz do imperador.

Ela deve ter vivido esses anos como uma espiã com tanto medo. Com medo de um único passo em falso. De ser descoberta e executada, sua família punida.

Ela torce os dedos. Lembro-me de vê-la fazer o mesmo naquele vídeo de propaganda. Como eu nunca vi através de sua fachada inabalável para a mulher real por baixo?

— Nunca vou me arrepender dessa decisão, mas me preocupo com meus filhos e com o que vou precisar fazer para prepará-los. Doce e engraçado Max e teimosa e gentil Maia. — Uma mão bate em seu rosto. — Ela... ela é a que mais me preocupo. Não porque minha filha não esteja à altura da ocasião. Muito pelo contrário. Vejo que ela possui o coração mais nobre que já conheci e as raras qualidades de uma grande líder. Ela é a chave para consertar este mundo, e ainda assim, temo que os realistas irão extinguir essa bondade a menos que eu a prepare com uma casca externa de força.

Ela faz uma pausa, pressionando os lábios enquanto ela encara algo que eu não posso ver.

— A pessoa que devo me tornar, a pessoa que devo transformá-la... Temo que minha filha acabe me odiando.

Sufoco a dor que borbulha em meu peito. Max me abraça com mais força.



Minha mãe endireita os ombros e levanta o queixo delicado, aquele que é muito parecido com o meu. Meu coração aperta quando percebo que ela está encerrando isso.

— Minhas últimas palavras são para meus filhos. Max, sempre vou te amar. Sempre. E Maia. — Ela engole. — Eu vejo a maneira como você olha para mim, mesmo agora. Por favor, saiba, eu sou mais dura com você não porque você é deficiente... mas porque o seu brilho interior tem o potencial de colocar fogo no mundo inteiro.

Antes que eu tenha tempo para processar minha onda de emoções, a próxima imagem aparece.

Meus lábios se abrem em um sorriso quando reconheço Brogue, seu antigo eu pré-reconstruído, um homem bonito e atlético com olhos gentis e um sorriso maroto.

— Devo apenas olhar para o dispositivo e falar? — Ele pergunta a alguém fora da câmera antes de se virar para nós. — Eu sou Gabriel, Protetor Ouro de Maia e Max Graystone, e estou fazendo um pacto com Lillian e Philip Graystone para parar o Imperador, custe o que custar pessoal. Não tenho muito a dizer e, provavelmente, quando eu partir, ninguém vai sentir minha falta. Mas, uh... Max, Maia... — Ele inclina a cabeça. — Se vocês estão crescidos agora, espero que tenham dado um trabalho ao Imperador. E se eu não estiver por perto para ver, não fiquem tristes. Todos nós temos nossa parte a desempenhar, mas alguns de nós só conseguem algumas falas. Nunca fui muito para falar, de qualquer maneira.

O interceptor desliga e fica em silêncio, encerrando as últimas palavras das três pessoas mais importantes da minha vida.



Os olhos de Max estão escuros de tristeza, mas, como eu, não há lágrimas. Talvez, depois de passar de certo ponto, seu corpo não consiga chorar.

— O que a mamãe disse para você? — Pergunto, tirando um de seus cachos dourados de sua testa. — Quando você voltou de Hyperion e ela sussurrou algo em seu ouvido.

Seu olhar fica sem foco e ele limpa o nariz.

— Ela disse que me amava e que sentia muito.

— Por nos abandonar?

Ele balança a cabeça, ainda olhando para o local onde os hologramas estavam.

— Por fazer parecer que ela te amava mais.

Eu pisco com isso, confusão roubando minha resposta.

— Você tinha que saber como eu estava com ciúmes, Maia. Todos aqueles anos que ela passou com você, treinando você, preparando-a para este grande papel.

— Eu... Eu não tinha ideia, Max. Eu pensei... eu pensei que ela era tão dura comigo porque eu não era boa o suficiente.

Max balança a cabeça. Antes que ele possa dizer mais alguma coisa, a porta se abre e Lash enfia a cabeça no escritório.

— Hora do discurso, amor. Eles estão todos esperando por você.

— Estou indo. — Aviso enquanto começo a embaralhar meus papéis. Lash fecha a porta. Quando eu olho para cima, vejo que Max está olhando para a primeira página. — É o nome *dela* aí?

Eu faço uma pausa. Rebit. A dor de Max perdura pela perda de sua melhor amiga. Às vezes, ele chama o nome dela durante o sono. Ter que dizer



a ele que ela não conseguiu foi uma das coisas mais difíceis que já fiz na minha vida.

Com a garganta apertada, eu me inclino e o envolvo em um abraço gigante.

— Claro.

— Você acha que a dor irá embora? — Ele pergunta de repente.

— Não sei. — Minto, com medo de dizer o que sinto.

Que a dor de perder tantos com quem me importava agora faz parte de mim. Uma coisa viva que respira e sussurra em meu ouvido tarde da noite quando não consigo dormir ou nos momentos em que estou muito feliz para seu gosto.

De todos que perdi, é Caspian com que mais sonho. Talvez porque éramos combinados, ou porque ele era tão jovem, ou simplesmente porque minha mente é uma idiota.

Max limpa o nariz e, em seguida, luta contra meu aperto.

— Quase na hora. Você precisa ir lá, tiro quente. O mundo inteiro está esperando.

Eu quero recusar para me esconder atrás dessas paredes. Mas a garota que se encolhe se foi, então sigo Max porta afora para a luz do sol.

Teagan já está no meio do gramado, bonita em um terninho cor de carvão e um chapéu preto e dourado. Quando seu olhar se fixa em mim, ela acena em direção a um grande pódio de madeira à distância, recém-erguido, perto da margem do lago.

O tempo do meu discurso deve começar ao mesmo tempo que a Queda da Sombra costumava começar.



Anseio por vasculhar as nuvens em busca de Pandora. Seis meses ainda não apagaram o mal-estar que sinto sempre que meus olhos vagueiam para cima.

Mas agora não é hora de ter medo. Endireitando os ombros do jeito que minha mãe fazia, marcho até o pódio, para grande alívio de Teagan, e encontro o microfone. Um vento leve bagunça meu cabelo ruivo, cor de laranja-sangue sob o brilho do sol.

— Quero contar uma história para vocês. — Digo, olhando para o mar de rostos incontáveis, muitos dos quais já estiveram dentro da minha cabeça. — Uma história que começou anos atrás, quando uma mãe e um pai decidiram que era seu dever se levantar contra um tirano.

Minhas palavras passam em um borrão. Quando chega a hora de dizer os nomes daqueles que homenageamos, eles arranham minha garganta, pesando em meus lábios.

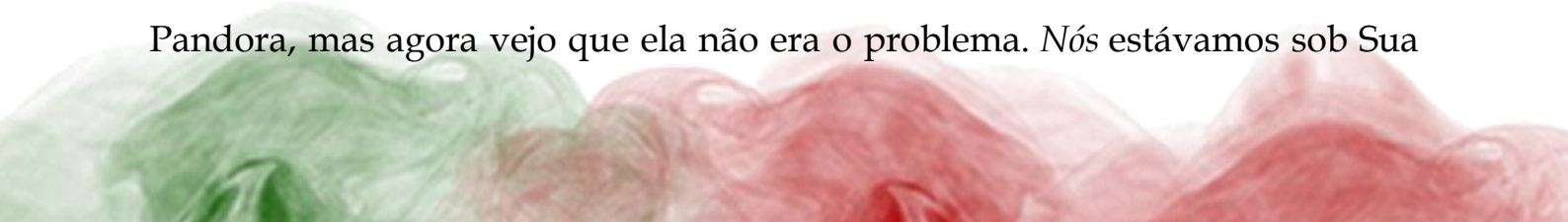
Cada um pessoal, doloroso e definitivo.

Terminado, coloco meu discurso no bolso, mas algo não me deixa sair. Mesmo enquanto meu corpo dói para fugir, minhas palmas suadas, olhos correndo de um rosto para outro, eu resisto.

Um por um, encontro meus amigos na multidão. Teagan, Lash, Flame, Cage, Riser e Max. Bramble se mexe no colo de Riser, infeliz por Riser não deixá-lo correr para mim no palco. Até Delphine está aqui, sentada ao lado de Lash, seus olhos baixos.

Optamos por perdoar seus crimes passados e deixá-la começar de novo. Não porque ela merece, mas porque nosso mundo precisa de uma segunda chance agora mais do que nunca.

Meu foco muda para o céu azul claro e digo: — Eu costumava odiar Pandora, mas agora vejo que ela não era o problema. *Nós* estávamos sob Sua



sombra sinistra, esquecemos a verdade universal. As sombras não podem existir sem luz.

Tirando meu olhar do céu, eu o direciono para as pessoas, sobreviventes de todo o país. — Agora, assim como aqueles que homenageamos hoje, temos uma escolha: agarrar-nos àquela escuridão ou atizar nossas chamas e nos tornar um céu cheio de estrelas cuja luz viverá muito depois de nosso desaparecimento.

O aplauso sacode o ar, tão alto que parece abalar o palco sob meus pés. Olhando para o mar de pessoas, cada uma sem cor ou rótulo, nenhuma melhor que a outra, um sentimento avassalador me invade.

Esperança.

Pela primeira vez desde que emergimos do bunker e percebemos que minha mãe teve sucesso e a fúria do asteroide não nos atingiu, as lágrimas molharam os cantos dos meus olhos.

Não muito depois, fujo da multidão e encontro Riser perto do Sim subterrâneo, aquele que meu pai criou. Nós nos relaxamos em uma colina gramada logo acima dele.

Por muito tempo, nenhum de nós fala. Riser me segura em seus braços enquanto Bramble tropeça em torno de nossos pés, recolhendo gravetos e outros itens inúteis. Os pássaros cantam nas árvores, o zumbido ocasional de insetos agitando o ar.

Nós dois observamos em silêncio o sol se arrastando pelo céu até que a névoa rosa do crepúsculo apareça.

— Obrigado. — Ele finalmente diz. — Por adicionar minha mãe ao seu discurso.

Ela foi o primeiro nome que falei. Marquesa Amandine Croft. Senhora do imperador, irmã do líder terrorista rebelde e mãe do homem que amo.



— Diga-me que o sacrifício deles valeu a pena. — Sussurro. — Diga-me que a humanidade não vai bagunçar nosso mundo de novo.

Riser ri baixinho. — Eu não posso. Isso é com eles. Mas se alguém como eu pode mudar, certamente há esperança?

Levantando minha cabeça de seu ombro, eu olho em seus olhos incompatíveis. Um fala dos horrores do Fosso, o outro da redenção. Olhar para eles parece um pouco como olhar para o passado e o futuro ao mesmo tempo.

Roço meus lábios nos dele. — Por falar em mudança, como você se sente em relação a assumir um dos governos que discutimos?

— Eu?

Rio sem quebrar seu olhar.

— *Você*. Afinal, você é tecnicamente um príncipe e o rosto da rebelião. E, de alguma forma, as pessoas amam você.

— Flame e Bramble não contam...

— *Eu* te amo.

Ele pisca, refletindo o choque que sinto com a minha explosão, mas é verdade, e se essa capa da vida me ensinou alguma coisa, é que só temos poucas chances de dizer o que sentimos àqueles que amamos.

Um sorriso lento ultrapassa seu rosto arrogante.

— Eu ficaria honrado. Especialmente se você disser isso de novo, Garota Escavadora.

— Pouco provável, Garoto do Fosso.

Mas eu quero, é claro, e ele diz isso de volta. Nós nos beijamos, passando a hora mágica do crepúsculo nos braços um do outro. E quando nós dois nos afastamos e nos olhamos, ele diz: — Não sei como você se apaixonou por alguém como eu, mas vou passar o resto da minha vida ganhando o seu amor.



Ele me puxa para seu colo. Com seus braços fortes em volta da minha cintura, nós relembramos, contando histórias sobre aqueles que perdemos até que o ar esfria e o céu se encha de estrelas.

Na hora de sair da Ilha, hesito, apesar de todas as coisas terríveis que aconteceram aqui. Todas as memórias que ainda assombram meus sonhos.

Esta será a última vez que visitarei a Ilha Esmeralda, o playground do maior criminoso de guerra de nossa história. Eventualmente, depois de reconstruirmos o mundo, a Ilha se tornará um museu para que nunca repitamos este passado horrível.

Penso nas pessoas que algum dia poderão visitar este palácio do terror. Eu as imagino caminhando por esses corredores, seus passos espelhando os meus enquanto visitam as masmorras e caminham pelos jardins.

Elas entenderão os sacrifícios que fizemos? Os perigos que enfrentamos?

Como a maioria das histórias inacreditáveis, eventualmente, a nossa vai se desvanecer em um conto diluído do bem contra o mal, onde os vilões e heróis foram definidos desde o início.

As pessoas vão esquecer.

O *mundo* vai esquecer.

E outro imperador se levantará para repetir os pecados do passado.

Quando essa hora chegar, espero que elas ouçam as palavras que sussurrei para minha mãe antes que ela se sacrificasse para nos salvar, o mesmo mantra que todos aplaudimos quando saíamos do bunker há seis meses, sem saber se enfrentaríamos a vida ou uma lenta sentença de morte.

Escudos levantados, punhais lançados, cabeça erguida.

E espero que lutem com tudo o que têm.

